MARIA CELESTE ARANTES CORRÊA

**A leitura e a escrita no silêncio das mulheres –
uma intersecção entre psicanálise e cultura**

Tese apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo para
obtenção de título de Doutora em
Educação.

Área de concentração: Linguagem e
Educação

Orientador: Prof. Dr. Claudemir Belintane

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Corrêa, Maria Celeste Arantes.

A leitura e a escrita no silêncio das mulheres – uma intersecção entre psicanálise e cultura / Maria Celeste Arantes Corrêa; orientador Claudemir Belintane. – São Paulo, 2009.

245 f. : fig.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Linguagem e Educação) – Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: 1. Leitura feminina. 2. Escrita feminina. 3. Sublimação. 4. Perversão 5. Psicanálise. 6. História da leitura. I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Celeste Arantes Corrêa

**A leitura e a escrita no silêncio das
mulheres – uma intersecção entre
psicanálise e cultura**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutora.

Área de Concentração: Linguagem e Educação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico

ao Jamir,

ao Fábio e à Renata

e ao meu neto Vinícius;

ao Cesar e à Débora.

E à memória de meus pais

Aureliano e Francisca,

sempre presentes.

AGRADECIMENTO

Por todas as contribuições inestimáveis, sugestões de leitura, disponibilização de material de pesquisa, compartilhamento de idéias, enfim, por toda a generosidade com que me acolheram em suas disciplinas, quero expressar à Profa. Dra. Cláudia Vianna, ao Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto, à Profa. Dra. Leny Magalhães Mrech, à Profa. Dra. Helena Maria Sampaio Bicalho, ao Prof. Dr. Nelson Schapochnik, assim como ao meu orientador, Prof. Dr. Claudemir Belintane, meu sincero agradecimento.

À memória do Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira rendo a homenagem de uma profunda gratidão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Claudemir Belintane, agradeço de modo particularmente especial pelo incentivo, pela presença constante, pelos produtivos grupos de estudo que organizou e em que discutimos educação, psicanálise e literatura, e pelo saber imenso do qual costuma fazer semblante para melhor oferecer o dom de sua acolhida generosa.

Aos colegas de grupos de estudo, agradeço a freqüente interlocução e colaboração, que ajudaram este trabalho a avançar explorando diferentes caminhos.

Agradeço também de coração aos professores – sobretudo às professoras do ensino fundamental, e de modo especial às professoras da sala de leitura, interlocutoras fundamentais na ponte necessária entre a sala de aula e a biblioteca.

E agradeço emocionada aos pequenos leitores, meninos e meninas que anos seguidos me permitiram o privilégio de acompanhar seus primeiros deslumbramentos com o universo dos livros.

Ao meu marido Jamir e aos meus filhos Fábio e Cesar, fico profundamente grata pela participação intensa, colaborativa e amorosa em todos os momentos. Ao Cesar, deixo um agradecimento a mais, pela leitura atenta e pela paciência infinita com que me ajudou em todas as fases do trabalho e na sua elaboração final.

Muito obrigada a todos.

“Que vista bonita!”, gritava Sofia, rindo e apertando as saias nos joelhos quando chegava àquelas alturas. Mas Carlos afirmava que havia outros meios de alcançá-las, mais perigosos, atacando o maciço de embalagens pela outra banda, e trepando com truques de alpinista, até chegar ao topo, de bruços, estirando o próprio corpo com o nobre esforço de um cão são-bernardo. Nos caminhos e planícies, esconderijos e pontes, cada um se entretinha lendo o que preferisse: jornais velhos, almanaques, guias de viagens, ou mesmo uma *História Natural*, alguma tragédia clássica ou um romance novo, que se roubavam, às vezes, cuja ação transcorria no ano 2240...”

(Alejo Carpentier, *O Século das Luzes*)

RESUMO

CORRÊA, M. C. A. **A leitura e a escrita no silêncio das mulheres – uma intersecção entre psicanálise e cultura**. 2009. 245 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Este trabalho investiga como um processo de silenciamento imposto historicamente às mulheres foi capaz de inseri-las parcialmente no mundo da cultura e ao mesmo tempo segregá-las em modos específicos de apropriação, por um triplo processo de apolitização, dessexualização e tutela intelectual, que ao mesmo tempo restringiu-a a campos marginais do consumo e da produção cultural. Analisa também como a via emancipadora da psicanálise, liberando a sexualidade mas privilegiando a lógica fálica obscureceu o papel da mãe, filiando-se ao dispositivo foucaultiano da aliança e suas estratégias de poder, especialmente a histerização do corpo da mulher. A inserção feminina no processo de aculturação ressentiu-se de uma aprendizagem e de um ensino excessivamente investidos na escrita e na ausência de oralidade. Ao mesmo tempo surgia uma pretensão à escrita literária não submetida aos processos formais de pertencimento a escolas e a uma sólida tradição na escrita. Esse modo específico de apropriação delimitou para as mulheres gêneros, temas e estilos específicos, tal como aconteceu historicamente em suas práticas de leitura. Desse modo, pela lógica da distinção e pelas suas condições de possibilidade específicas de produção, coube às mulheres produzir diários, correspondência privada, literatura de viagem e romances em profusão de teor sentimental e social, lidos especialmente por mulheres. A escrita feminina inscreveu-se primeiro pelos rodapés dos jornais, com seus *fait-divers* e os romances-folhetim. A produção literária encontra na teoria psicanalítica sua forma de sublimação por excelência. Cotejando a história da leitura e da produção literária das mulheres e as interpretações freudianas e lacanianas dos processos psíquicos associados à sublimação, este trabalho aponta para duas vertentes: de um lado, em uma abordagem ontogenética, propõe que se pense a sexualidade, a educação e a sociabilidade das meninas – futuras mães – sob uma ótica da maternação não exclusiva, centrada nas relações de objeto. De outro, de um ponto de vista sociogenético, conclui que as lentas transformações nas estruturas psíquicas do superego feminino conducentes à sublimação estão diretamente associadas às transformações culturais implicadas na ordem do sexo/gênero.

Palavras-chave: leitura feminina, escrita feminina, psicanálise, história da leitura, sublimação, perversão.

ABSTRACT

CORRÊA, M. C. A. **The reading and the writing at women's silence – an intersection between psychoanalysis and culture.** 2009. 245 f. Thesis (Doctoral) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This work investigates how a muting process historically imposed to women was capable of partially introduce them in the world of the culture and at the same time to segregate them in specific ways of appropriation, by a triple process of apoliticization, asexuation and intellectual guardianship, in a way that restricted them to secondary fields of consumption and cultural production. It also analyzes how psychoanalysis' emancipatory trend, liberating the sexuality but privileging the falic logic, overshadowed the paper of the mother, joining itself to the foucaultian alliance's device and its strategies of power, especially the histerization of women's body. The feminine introduction in the aculturalization process resented a learning and an education processes excessively invested in writing and in the absence of orality. At the same time, appeared a pretension to a literary writing not submitted to formal processes from specific literary schools and neither to a solid tradition in writing. This specific way of appropriation delimited for women specific themes, subjects and styles, as well as it has happened historically with their practices of reading. In this manner, for the logic of the distinction and their specific conditions for literary written production, it remained to women the production of daily, private correspondence, literature of trip and a profusion of sentimental and social romances, read especially by women. The feminine writing was firstly enrolled by periodicals baseboards, with its fait-divers and the *feuilleton*-romances. The literary production finds in the psychoanalytic theory its form of subliming by excellence. Comparing women's history of reading and literary production to freudian and lacanian interpretations of psychic processes associated to the subliming, this work points to two directions: of one side, in an ontogenetic approach, it proposes that sexuality, education and sociability of girls - future mothers – should be considered under an optics of non-exclusive mothering, centered in the object relations. In the other hand, from a sociogenetics point of view, it concludes that the slow transformations in the psychic structures of feminine superego that conduces to the subliming are directly associated to the cultural transformations implied in the order of sex/gender.

Key-words: women's reading, women's writing, psychoanalysis, history of reading, sublimation, perversion.

Sumário

1. Mulheres e Representações

1.1. Introdução	10
1.2. Breve histórico	17
1.3. Mitologias	26

2. Repressão

2.1. A pena das Preciosas	47
2.2. A mulher existe?	60
2.3. Silêncio e loucura	81
2.4. Manuais e prostituição	98
2.5. Rabelais e o cerrar da cortina	114
2.6. O mal-estar na cultura	127

3. Sublimação

3.1. Lágrimas e gozo	142
3.2. Pedagogia da contenção e estética da perversão	156
3.3. Verdades provisórias da ciência	173
3.4. Os três pais de Hans	184
3.5. O livro como fetiche	205
3.6. “A irmã de Graciliano Ramos”	216

4 Conclusão	230
-------------	-----

Bibliografia	237
--------------	-----

1. Mulheres e representações

1.1. Introdução

O objetivo desta tese é investigar por uma abordagem histórica e psicanalítica alguns aspectos marcantes relacionados à leitura e à escrita das mulheres e tentar compreendê-los do ponto de vista de sua alfabetização tardia e do grau de influência que a repressão sexual e intelectual possam ter desempenhado no processo.

Meu interesse se intensificou a partir da constatação da divisão nítida que adolescentes de ambos os sexos manifestaram na escolha de seus objetos de leitura no ensino fundamental, trabalho que à época documentei sem a intenção, ao menos consciente, de utilizá-los em um trabalho de pesquisa. As escolhas de meninos e meninas, numericamente consistentes, eram passíveis de associar-se a atitudes mais e menos afirmativas em direção ao conhecimento, implicando áreas de interesse (línguas, informática, zoologia, jogos, matemática, música, poesia, romance, ciência, arte, religião, mitologia), diversificação ou reiteração de assuntos, leituras centradas de modo mais ou menos intensivo em ficção e não-ficção, predominância na preferência por determinados gêneros literários. Foi possível obter um indicador confiável de preferências ou tendências por sexo.

Percebi que seria necessário, para compreender o fenômeno, examiná-lo sob a perspectiva da cultura, cotejando momentos importantes da história da leitura e da história das mulheres. A partir desse encontro, meu objetivo era tentar submeter alguns pontos de entrelaçamento a uma análise do ponto de vista da repressão sexual e intelectual, utilizando a teoria psicanalítica em torno da sexualidade e ao mesmo tempo a teoria de Foucault sobre os controles institucionalizados sobre a sexualidade pelos discursos da medicina, da pedagogia e do direito, e mesmo da psicanálise.

Eu desejava estudar, do ponto de vista histórico-cultural, os limites paradoxais de um discurso liberador como o da psicanálise, ter que assumir em alguns pontos cruciais algumas premissas da medicina positivista e ver-se na necessidade de negar ou ao menos obscurecer a sexualidade feminina, e, como consequência do disposto por Freud e reafirmado por Lacan – a sublimação se fazer sem recalçamento – ter que afirmar nas mulheres uma capacidade menor de sublimação.

A historicização do discurso médico feita por Laqueur ajuda a compreender como a partir do século XVIII a necessidade de controles por meio de uma normatização da sexualidade aboliu, junto com a associação entre concepção-orgasmo, gradativamente, o modelo do sexo único – a mulher conhecida a partir do modelo canônico masculino – para o modelo de dois sexos, incomensuravelmente diferentes. Essa diferença “biológica” socialmente construída se constituiu no comportamento social compreendido pela lógica da dupla moral. Tento apontar pontos de consonância entre os dois processos, de dessexualização e marginalização cultural.

No primeiro capítulo, passo por um breve histórico do processo de aculturação das mulheres e em seguida examino como os efeitos dos discursos sobre os corpos e o psiquismo feminino se inscrevem no pensamento a partir de um sistema de crenças e mitos, legitimados muitas vezes pela ciência. O processo formal de educação das mulheres será aprofundado no tópico 2.3 do capítulo 2 – *Silêncio e loucura*, e os efeitos psíquico-culturais do silenciamento das mulheres serão estudados na perspectiva de Perrot e Duby. O efeito das coerções sociais e psíquicas será retomado e desenvolvido em maior amplitude no tópico 3.2. do capítulo 3 – *Pedagogia da contenção e estética da perversão*.

No segundo capítulo, analiso a repressão intelectual e sexual às mulheres sob a ótica psicanalítica freudiana e lacaniana, investigando como historicamente o processo tardio de aculturação e as formas específicas pelas quais se deu o processo formal na educação das mulheres produziu modos específicos de apreensão do mundo, da leitura, e da escrita. Situo comparativamente, sob a perspectiva de Norbert Elias, a pedagogia do século XVI de Erasmo e Morisot em relação à pedagogia positivista do século XIX, para demonstrar como o recalcamento das mulheres pode ser historicamente rastreado pelo confronto explícito de pedagogias que sob o ideário iluminista e positivista submeteram-se aos discursos dominantes da moral religiosa, da medicina, do direito. Analiso ainda como a intervenção da psicanálise foi decisiva para a despsiquiatrização da histeria feminina, ao mesmo tempo que aponto alguns impasses e limites.

No terceiro capítulo, a questão cultural é abordada sob o regime de uma dupla moral fundante de uma pedagogia da contenção para as mulheres, de um lado, e de uma estética da perversão, de outro, anunciada já nos espaços definidos em que progrediram a produção e o consumo dos romances sentimentais e dos eróticos. Estudo então seus efeitos sobre as diferentes

possibilidades de sublimação nos homens e nas mulheres, tentando situar a fetichização do objeto de culto que é o livro – lido e escrito – do ponto de vista do psiquismo e da ordem cultural. Exponho o enfoque do complexo edipiano do ponto de vista de Chodorow, ao valorizar os efeitos duradouros na menina em sua relação pré-edípica com a mãe, sob o regime de uma maternação exclusiva. Na linha lacaniana do conceito de perversão e fetiche, proponho uma perspectiva teórica na qual o livro como mercadoria fetiche de consumo e produção se coloca diferentemente para homens e mulheres.

Opto por usar os termos sexo e gênero de maneira indistinta, escolhendo entre um e outro à medida que prevaleça o contexto sexual ou o cultural na argumentação, valendo-me também dos termos sexo-gênero, uma vez que adoto a perspectiva de Laqueur e de Chodorow, ao considerá-los indissociáveis. Como Laqueur, penso que os progressos nas teorias científicas sobre o corpo (sexual) feminino, a descrição de sua anatomia, a nomenclatura dos seus órgãos e funções, as crenças da Antiguidade sobre migração uterina e a crença mágica de médicos do século XIX sobre o sangue menstrual já vêm informados sobre as teorias das diferenças sexuais. São produzidos, como o demonstra o caminho percorrido pelo discurso médico, a partir do conceito de gêneros sexualmente hierarquizados. Daí Laqueur afirmar que “quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre o gênero”.

Desse modo, cumpria examinar como a psicanálise abordava a questão e avaliar, a partir dos textos sobre a feminilidade e sobre a cultura, em Freud e Lacan, como os impasses da sexualidade e da sublimação femininas poderiam ser compreendidos sob um enfoque cultural. A teoria de um superego sociogenético de Elias contribuiu para relativizar a visão de um psiquismo perene, imutável, em sua estruturação. A teoria de Chodorow põe em evidência a mãe, figura ora ausente, ora excessiva, no triângulo edípico centrado no pai, no falo paterno. Chodorow aponta para um caminho possível, ao enfatizar os inconvenientes da reprodução da maternidade exclusiva nas meninas e mães. Considero este um ponto central a ser analisado na aprendizagem e na sociabilidade das meninas, na relação direta da expectativa com que os adultos as colocam na linguagem e lhes informam seus papéis, interferindo em seus interesses e curiosidades, em suas carreiras, em suas escolhas adultas, em suas leituras, em suas produções culturais. Tais incitações operam-se nos níveis consciente e inconsciente.

O silêncio imposto (e auto-imposto) às mulheres é central. Ao longo da exposição sobre os impasses no controle da leitura, na restrição ao acesso a uma instrução plena, a dissuasão à fala pública, ilustro os efeitos desse conflito mostrando os dilemas vividos por mulheres bem informadas, testemunhas diretas do cotidiano do personagem histórico que mudaria nossa visão sobre o mundo: as filhas de Marx. Como tantas outras mulheres anônimas, elas foram beneficiadas pela abertura que pouco a pouco lhes permitiu entrar em algumas áreas restritas, como o jornalismo, as traduções, o magistério.

A estética do amor cortês transmite seu legado sob várias formas ao Romantismo, perpetuando o ideal sublimatório masculino em torno da Mulher. É possível pensar em uma sublimação feminina, tendo em vista o contexto histórico de coerções sexualmente e intelectualmente impostas e o conceito psicanalítico de perversão, a pulsão agressiva de ver-e-saber, o “crime de pensar” de Laplanche e Kristeva? Como acolher ou como recusar a hipótese de Kristeva de que a escrita feminina carece da perversão necessária a retirá-la do limbo do reiterativo e do convencional?

Por outro lado, como explicar o fenômeno Clarice Lispector na total ausência de uma tradição literária feminina? Como explicar a relativa proliferação de escritoras inglesas universalmente conhecidas, formando já uma espécie de cânone feminino consolidado? O que liga Rachel de Queiroz à “irmã de Graciliano Ramos” ou à “irmã de Shakespeare”, imaginada por Virgínia Woolf?

Essas são algumas das questões que tento responder neste trabalho. Seus limites são óbvios, dada a complexidade do tema e a interdependência de eventos que considere necessário articular. Acreditando como Barthes que gozo e desejo podem ser apenas momentos diferentes da leitura (e da escrita), tão legítimo um quanto o outro, busco em alguns postulados da teoria da recepção uma explicação plausível para que as mulheres, por tanto tempo historicamente silenciadas, tenham dado um salto tão notável na crítica, em particular a literária, no ensaio, na pesquisa acadêmica – mas ainda se mantenham relutantes no salto literário.

Prazer e gozo

O prazer e o gozo podem assumir na leitura momentos alternativos: em um momento o prazer, a literatura de evasão de si mesmo que nos transporta à grandeza dos heróis

imaginários, a estranheza de um gótico ou de um oriente distante temporalmente e espacialmente, que afasta de si o familiar e abraça o desconhecido, tal como pode ser lida a visitação e a mobilidade estática da percepção proustiana. Leitura necessária, e não apenas nos inícios, ou nos aprendizados da leitura, mas leitura da infância sempre retomada como jogo, psiquicamente necessário:

Deixo às pessoas de bom gosto fazerem de seus quartos a própria imagem de seu gosto e de entulhá-lo somente com as coisas que seu gosto aprove. Para mim, não me sinto viver e pensar senão num quarto onde tudo é criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de um gosto oposto ao meu, onde eu não reencontre nada de meu pensamento consciente, onde minha imaginação se exalte e sinta mergulhada no seio do não-eu; (...) ¹

É possível fazer da percepção de Proust desses lugares do não-eu na leitura a evocação do imaginário como a leitura essencialmente de prazer – dela quem há dela abrir mão sem o risco de alienar-se na loucura? É nossa necessidade e saciedade de ficção que suportam o Real. De outro lado, há o momento do retorno ao eu, pois do contrário essa literatura do prazer se me tornaria insuportável, não posso abarcar temerariamente a infinitude do não-eu.

Esse tornar a si – não é mais a literatura do íntimo, de que expulso o meu eu e o meu cotidiano para abrigar o oposto de mim, o diferente e o maravilhoso, mas a literatura do êntimo, se posso emprestar o termo lacaniano. É de um espaço de extimidade que enfrento o meu eu em retorno, submetido ao desconforto de ter que apreender-se em um real insuportável: daí vem que essa literatura apresenta um espelho do intolerável do gozo, da estranheza de si, do deslocamento impossível para o não-eu e da permanência impossível no eu. É o estranho intolerável descrito por Freud e criado literariamente por Wilde. Esse momento da leitura corresponderia às intermitências do gozo de que fala Barthes, em oposição, não dicotômica, mas circunstancial, à literatura-prazer.

Quando situo a escrita de Rachel de Queiroz e a escrita de Clarice Lispector, a de Graciliano e a de Guimarães Rosa, nos capítulos finais, em todos os casos é possível falar indistintamente em escritura, no sentido literário. É na sua recepção que situaremos no entanto prazer e gozo. A leitura de Rachel de Queiroz pode ser feita sob o estatuto do prazer, abstraindo o Real da mulher subjugada e colocando em seu lugar a normalista intelectual Conceição, que se

¹ M. PROUST, *Sobre a leitura*. Campinas, Pontes, 2003.

inquieta com a alienação do vaqueiro Vicente (ele entenderá Machado de Assis, haverá diálogo?), que supõe na mulher culta um poder ilusório que gratifica a leitora. Não que tal ilusão seja inútil, na formação leitora de homens e mulheres. Essa gratificação é a leitura-prazer, em que pese o final melancólico. Leitura necessária, leitura-prazer necessária a reajustar nossos juízos sobre o mundo. E sonhar transformá-lo.

Em Graciliano e Clarice, a leitura deixa de ser prazer para acercar-se sempre dos limites intoleráveis do gozo, no encontro insustentável consigo mesmo, com o inominável cotidiano, o irreconhecível estranho: o pio da coruja em Graciliano, os ovos quebrados no ônibus, o ‘olhar’ cego impossível. Em Guimarães Rosa, há uma pluralidade de prazer e gozo, prazeres imediatos, como o da alíngua, nos jogos com o nonsense à semelhança de Alice, de Carroll. Ali o significante é literalmente degustado, no prazer infantil da repetição, a leitura é puro prazer significativo; há os prazeres não imediatos, mediatizados pela descoberta progressiva, nos limites da ilegibilidade que a suspensão do gozo propõe, situando-a ora na ordem temporal e temporária do prazer, ora já investindo nela (na enunciação textual) o incognoscível do gozo, essencial à dinâmica da leitura.

Não será possível examinar a leitura e a escrita femininas, inscrevendo-as em seus momentos próprios de prazer e gozo? Não bastaria para isso instaurar uma nova dicotomia e inserir as mulheres preferentemente no texto-prazer, seja na fruição, seja na produção, interligadas que sejam, pois estabelecer tal divisão seria naturalizá-la. No máximo, poderíamos dizer que as mulheres se demoram tempo demais, fruto da aculturação tardia, em seus textos-prazer.

Pois não é apenas no nível da leitura e da escrita – ou do discurso – que o prazer se presentifica, de modo geral, às mulheres. A ética dos costumes (e não só da linguagem) das Preciosas permanece de algum modo ativa, em seu desejo de tudo higienizar e dessa limpeza extrair os seus pequenos prazeres. Por que não na recepção e na produção artísticas? Guerras, genocídios, torturas, vísceras à mostra, vísceras como alimento, sangue, a angústia orgânica ou existencial mais brutal habitam a estética do pensamento e da criação naquilo que as misérias fisiológicas e psíquicas têm afinidade com o intolerável do gozo, o seu próximo mais distante, ali onde o perfume e o cheiro do ralo se tornam radicalmente indistintos.

Essa intermitência fugidia do gozo na produção literária produz certamente cintilações momentâneas na escrita feminina, inesperadas e corajosas, como o curto romance de Marie

Darrieussecq². Sem pestanejar, como se retirasse às Preciosas a relutância entre sentidos e significantes possíveis em meio a uma cambiante cadeia significativa intermediária entre o cheiro do ralo e o *Channel* mais cobiçado, a autora põe a heroína do romance atrás do balcão de uma perfumaria e acompanha a lenta transformação da vendedora em uma porca, porca amorosa e cativante, que o prodígio da literatura faz amar, como os insetos horripilantes de Clarice e Kafka.

Aberto em qualquer página, a escrita de Marie Darrieussecq surpreende e sufoca, na abdicação que faz do texto-prazer. Mas faz mais do que isso: é literária, portanto, generosamente polissêmica para abrir diferentes possibilidades de sentidos, algumas remetendo mesmo ao texto-prazer, no semi-dizer do riso inquisitivo do *nonsense*, uma forma já de recepção reflexiva. Outras ao gozo impossível que pode reenviar por sua vez ao esgotamento do próprio modelo de escrita feminina: morna e açucarada, rapidamente consumida.

Acho, como é que eu posso dizer, que eu comeria o bebê de bom grado, cravar meus dentes naquela carne bem rosada, ou então que a mulher me desse o nenê e que eu levasse o nenê comigo. Ele estava tão cheiroso, parecia tão fácil de rolar pelo chão, igual a um grande joão-teimoso. A mulher berrou e saiu em disparada com a cadeirinha nos braços. Deixou todas as suas tralhas no chão. Comecei a bisbilhotar com o nariz. Tinha uma mamadeira prontinha, esvaziei em dois segundos, estava morna e açucarada.

Na metáfora dos dentes cravados no bebê rosado se inscreve o pleno distanciamento do enfoque sentimental, afogado sob a máscara da perversão. Para além da perversão dolorida e dolorosa do narrador em Graciliano (“e o pequeno continuava a arrastar-se, caindo, chorando, feio como os pecados”, p. 160), a perversão risonha da narradora abre frestas para o prazer, jogando com Medeia e o canibalismo, para melhor administrar e fazer tolerar os limites do gozo. Desse modo, a perversão polimorfa esperada por Kristeva pode não estar tão longe quanto supúnhamos.

² *Porcarias*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

1.2. Breve histórico

É necessário iniciar assinalando que a subordinação intelectual do sexo feminino não tem fronteiras. A penúria cultural absoluta das mulheres prosperou até as portas do século XX sem poupar o mundo desenvolvido, as regiões privilegiadas da Europa esclarecida ou dos Estados Unidos. Com diferenças mais ou menos notáveis de grau, a segregação civil e intelectual das mulheres, seguida de sua relativa superação, deu-se simultaneamente em países ricos e países pobres, em metrópoles e suas colônias, em estados monárquicos e republicanos, valendo-se aproximadamente dos mesmos instrumentos de ação. Um exemplo dessa nivelção geográfica “por baixo” que coloca as mulheres universalmente no mesmo plano de dependência é a instituição do sufrágio universal feminino, que aconteceu tardiamente em todos os países, na França em 1944, no Brasil em 1932.

A inserção inicial das mulheres na esfera pública da produção cultural aconteceu principalmente pelas páginas dos jornais, com o surgimento simultâneo de muitos jornais femininos na França e no Brasil. Daí a repercussão em um jornal de Paris do trabalho da educadora Nísia Floresta, fundadora de escolas para meninas no Brasil e amiga de Augusto Comte e dos positivistas lá fora.

Surpreendentemente, graças ao que Pallares-Burke³ chamou de uma “travessura literária”, Nísia Floresta “traduz” em 1832 o tratado feminista “A Vindication of the Rights of Woman”, escrito por Mary Wollstonecraft em 1792. Se, do ponto de vista do conteúdo “traduzido”, a gravidade maior da travessura está na omissão do antifeminista Rousseau, onipresente no

³ M.L.G. PALLARES-BURKE. *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta*. In: _____. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 167-193. Nísia, cujo trabalho foi bastante elogiado à época e continua justamente citado em obras feministas, traduziu na verdade um opúsculo de 1739 (Woman not Inferior to Man: a Short, and Modest Vindication of the Natural Right of the Fair-Sex to a Perfect Equality of Power, Dignity and Esteem, with the Men), de autoria desconhecida, supostamente uma discípula (ou discípulo: pseudônimo Sophia) que plagiara o texto de Poulain de la Barre, defensor do direito das mulheres já no século XVII, no livro *De l'égalité de deux sexes*. Ignoram-se as razões da substituição por Nísia do texto de Wollstonecraft (no qual a crítica a Rousseau era central) pelo de Poulain (ou Sophia), bem mais radical em sua crítica ao patriarcalismo e ao determinismo na diferenciação dos papéis sociais dos sexos. Seria porque Nísia se identificaria melhor com a seguidora de Poulain do que com Mary Wollstonecraft? Teria pressentido a dificuldade da aceitação de uma crítica direta a um Rousseau, a cada dia mais prestigiado pelos leitores brasileiros? Teriam Poulain e sua discípula produzido a idéia adequada aos propósitos de Nísia e teria ao mesmo tempo Mary Wollstonecraft o apelo promocional necessário à ampliação dessas idéias, já que era bastante conhecida – Macedo se refere a ela no seu romance mais popular, ao ironizar os arroubos feministas da Moreninha –, e assim Nísia Floresta tomara a decisão de reunir essas duas circunstâncias em sua “tradução”? Pallares-Burke, que desvendou magnificamente esse mistério, ainda não tem a resposta que explique sua motivação.

tratado original, por outro lado, o “plágio-tradução de outro plágio” recuperou obra mais radical e antiga, de Poulain de La Barre⁴, e terá merecido colher os louros pelas revoluções de pensamento que terá produzido em suas leitoras e seus leitores desde então. Em que pesem as restrições de Antonio Candido⁵ às concessões de Macedo à facilitação, é a ele e ao seu romance açucarado, e à menção que faz de Wollstonecraft, que muitos de nós devemos os primeiros sopros de conscientização de que um universo de outra ordem podia abrir-se também às mulheres.

As peripécias macedianas permitiram espreitar um dilema, uma sombra de inquietação atravessando uma literatura que mostrava um mundo dividido nitidamente entre as fanfarronadas masculinas repletas de ações, ainda que pueris, e a tagarelice suave das meninas eternamente à espera do príncipe encantado, ainda que sob cacoetes revolucionários. Tais leituras pedem uma avaliação mais precisa sobre os efeitos de sentidos que elas terão provocado na sucessão das gerações, bem como as críticas à obra, os comentários das críticas, os movimentos de rejeição e de reabilitação da obra, sob novos formatos editoriais e novas mídias, de modo a tentar uma análise interpretativa sobre sua importância e a de outros romances igualmente legitimados pelo cânone tradicional, na transformação dos costumes relativos à diferença entre os sexos.

Dentre os países em que a história da aculturação feminina ofereceu dados à análise, a Alemanha conheceu um fenômeno que confirma que sua evolução não se fez de forma progressivamente linear, mas através de avanços e recuos. De um lado, o século XVIII significou, em certos estados alemães, com a escolarização obrigatória, uma promoção excepcional da escolarização das mulheres, sob a influência da fé luterana e do pensamento das luzes voltado à pedagogia.⁶ No ducado de Oldemburgo, que fazia parte daquelas zonas rurais pouco afetadas pela guerra ou pela miséria, 98,5% das mulheres sabiam ler, 43,8 conseguiam ler e escrever e 6,6% eram também capazes de fazer contas.

⁴ S. BEAUVOIR. *O segundo sexo*, v. I: *fatos e mitos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 139-40. Poulain de La Barre escreveu *De l'égalité des sexes* em 1673, defendendo desde então uma sólida instrução para as mulheres.

⁵ A. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, v. I e II. 9.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

⁶ Os dados que se seguem estão em M.C. HOOK-DEMARLE. *Ler e escrever na Alemanha*. In: G. DUBY; M. PERROT; G. FRAISSE. *História das mulheres no Ocidente*, v. IV. Lisboa: Afrontamento, 1993, p. 170-197.

Esses números se aplicam às outras classes, incluindo filhas de camponeses abastados ou de pequenos funcionários. Ainda mais: 64% das criadas também sabiam ler e 2% eram, além disso, capazes de fazer contas. De outro lado, no entanto, como que para universalizar, na ordem da longa duração, a pobreza na condição da aculturação feminina, essa situação promissora das alemãs sofreu um retrocesso, ou ao menos se estagnou, no século XIX, com o início de um processo de interdição à “fúria de ler”, nos centros europeus amedrontados pelos excessos da leitura, especialmente nocivos à mulher. O que fez com que no século XIX, com a grande mobilização social da massa urbana se fixando nas periferias, o quadro fosse outro na Alemanha: um elevado número de crianças, especialmente meninas, ainda não freqüentava a escola elementar, mesmo obrigatória. O ensino secundário para as moças surge apenas em 1872 e a universidade se abre a elas somente a partir de 1900.

Na França, Lyons⁷ registra a expansão de um novo público leitor no século XIX, formado por mulheres, crianças e operários, com a popularização do romance, a publicação de seriados mensais a baixo preço, a publicação em série pela imprensa, as revistas ilustradas de “um tostão”, com histórias seriadas, anedotas, cartas de leitores, quebra-cabeças, receitas, vendidas aos leitores das classes baixas. As mulheres leram bastante nessa época, tanto empregadas domésticas e balconistas como jovens senhoras ociosas. O surgimento de uma vigorosa indústria de revistas para as mulheres foi um fenômeno do século XIX, assim como o aparecimento desse outro fenômeno apontado por Lyons: a mulher com pretensões literárias.

As novas leituras femininas começavam então a deixar de lado as Vidas dos santos, os Livros de horas e as Coletâneas de cânticos para abrigar gostos mais mundanos, como os romances populares baratos, as revistas, os livros de cozinha. As revistas femininas (geralmente de oito páginas, totalmente ilustradas), traziam receitas e conselhos de etiqueta, ao mesmo tempo que o *Jornal das Damas*, que abrigava causas como o divórcio e a educação das meninas, mudava seu nome para *Jornal das Mulheres*, para abranger um público mais popular.

Vem dessa época a decisão editorial de produzir obras definidas pelo público leitor e não por seu conteúdo temático. Esse filão editorial encontraria no século XX um poderoso aliado no consumo de revistas pelas mulheres. As antigas revistas ilustradas modificaram-se, intercalando imagens aos textos e produzindo uma diagramação atenta às interrupções de uma

⁷ M. LYONS. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários*. In: R. CHARTIER; G. CAVALLO (org.) *História da leitura no mundo ocidental*, v. 2. São Paulo: Ática, 2002.

leitura fragmentária tipicamente feminina, no espaço doméstico. O modelo teve sua eficácia comprovada. Leitura do efêmero, tanto quanto os romances, exigindo pouco trabalho da leitora e procurando distraí-la em seu tempo ocioso, esses objetos de leitura fortemente demarcados como leitura para mulheres contribuíram para firmar preconceitos dominantes sobre o caráter e o papel femininos.

Enquanto na Alemanha a história da leitura feminina já sofria um retrocesso, no Brasil católico do século XIX a tônica era o analfabetismo geral denunciado pela ficção e pela crônica da época. A penúria do sistema de ensino herdado do esfacelamento das escolas jesuíticas era a regra – o incipiente sistema escolar estava pulverizado em aulas particulares em escolas improvisadas, em regimes de decúrias. Ainda assim, excluía as meninas, que muito lentamente foram inseridas no sistema. Um anúncio de 1835 divulga a abertura de uma escola de primeiras letras para meninas, e ao mesmo tempo aulas particulares para meninos em uma casa “onde também se vendem dois escravos”. Louro⁸ se pergunta se o regime de escravidão em toda a sua iniquidade não teria servido de *anteparo negativo* para a percepção da opressão ou da indiferença pela instrução das mulheres. Afinal, era sobre os escravos da casa que elas exerciam um domínio que de outra forma não poderiam ter, compartilhando com eles ao mesmo tempo os cuidados domésticos.

De qualquer forma, mesmo a carência de livros e de escolas não impedia de perceber a atenção dos editores-pedagogos voltada aos meninos, pelos títulos dos manuais impressos: *Coleção de cartas para meninos*, *Regra para a educação dos meninos*, *Tabuada para meninos*. Na evocação dos tempos escolares na infância, a memória de grande parte dos autores brasileiros registra os terrores dos métodos de aprendizagem, ou a dificuldade com o latim ou o português clássico. Em Machado de Assis, Raul Pompéia, Graciliano Ramos, um e outro desses terrores são revisitados intensamente: um universo masculino por excelência que centrava no mestre barbudo a grandiloquência, a vociferação de verbos e tabuadas aos discípulos paralisados no silêncio.

A tradição de disciplina e castigos herdada dos jesuítas perdurou nos colégios de padre até fins do século XIX. A “tática terrível, porém sutil” dos educadores jesuítas, ao chamar para si e incentivar a precocidade literária nas mentes mais ilustres dos filhos do patriarcado, e

⁸ G.L. LOURO. *Mulheres na sala de aula*. In: M. DEL PRIORE (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

colocá-los contra os próprios pais, se não foi totalmente bem sucedida, ao menos contribuiu para abalar os alicerces do patriarcalismo. Os jovens bacharéis cheios de saber e de retórica impressionavam suas famílias e começavam a questionar a autoridade paterna. Pai e filho começavam a ser rivais. *O adulto respeitável já não era apenas o patriarca velho: também o seu filho, (...) o senhor-moço retórico, polido, urbano.*⁹ Ao lado disso, D. Pedro II modificava a estrutura do poder, ao substituir por jovens bacharéis as antigas autoridades sempre representadas por homens bem mais velhos, o que contribuiu também para minar ao menos em parte o poder patriarcal no Brasil.

Os primeiros letrados brasileiros, que se tornaram *os primeiros bacharéis, os primeiros juízes, padres, desembargadores*, os poetas, oradores e escritores da época colonial foram quase todos alunos dos jesuítas; a aprendizagem de Gramática, Latim e Retórica conferia aos estudantes que usavam a beca a mesma nobreza especial que mais tarde seria oferecida aos bacharéis que deixariam os colégios de padres, ali adquirindo seus títulos à custa de muito castigo e muita disciplina.¹⁰

Portanto, impregnada de ambigüidade em seus contornos, a lembrança do mestre brutal persiste na memória – registrada ou não – dos *homens*. A violência do contato discípulo-mestre já se havia atenuado quando um imenso contingente de meninas e mulheres, em seus respectivos lugares de alunas e futuras professoras, começaram a freqüentar as salas de aula.

Por mais metaforicamente que os poetas e escritores se referissem às suas escolas de primeiras letras como uma prisão de cuja infâmia era urgente se libertar, o certo é que para praticamente a totalidade deles essa *prisão* oferecia sem dúvida os indispensáveis meios para a sua libertação, já que mostrava os caminhos que levariam à sua autonomia intelectual. Às leituras propriamente escolares, obrigatórias, juntavam-se as leituras extramuros, clandestinas. Se por um lado estas garantiam espaços de liberdade que permitiam vislumbrar outros mundos – espaços excitantes, proibidos, imaginários –, adicionalmente, por outro, as leituras escolares ordenavam e hierarquizavam todo um sistema de conhecimentos, regras e disposições que possibilitavam um controle primeiramente heterônomo e em seguida autônomo de seu próprio processo de aquisição e de práticas de leitura. Nesse aspecto é que a

⁹ G. FREYRE. *Sobrados e mucambos*. 1º. tomo. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968, p. 67-88.

¹⁰ Ibid.

“febre de ler”, bem como os controles sobre a leitura que provocou, afetaram diferentemente os dois sexos.

A evocação das leituras da infância na ficção dos autores do cânone nacional centra-se nos clássicos europeus da aventura: Julio Verne, Daniel Defoe, Stevenson. Trata-se aí da literatura confessada, clandestina em relação à leitura escolar, mas ainda assim, leitura canônica, ainda que não edificante. Nada sabemos de fato, com raras exceções¹¹, sobre as leituras clandestinas desses autores, objeto do semi-dizer nas entrelinhas de sua ficção, processo mais explícito em Raul Pompéia¹², para quem os tormentos do sexo assomavam proporções autodestrutivas devastadoras.

Se para a grande maioria desses autores-leitores os textos áridos dos compêndios davam lugar em certos momentos à leitura deleitosa das aventuras clássicas, como revelam algumas vezes em sua própria ficção, é bem provável que também se abria todo um universo de leituras inconfessadas àqueles olhos interessados: por aí penetravam além do misterioso e do aventureiro, o íntimo, o sensual, o libidinoso, o libertino. A pesquisa de El Far¹³ mostra que no século XIX livros proibidos, eróticos e filosóficos eram contrabandeados pela Europa, traduzidos em Portugal e recebidos no Brasil, fazendo sucesso de vendas, às vezes traduzidos ou imitados por autores nacionais. Um comércio efervescente de *romances só para homens* se apoiava em anúncios de jornais cada vez mais vistosos e explícitos, burlando a vigilância da censura da época.

Segundo o que Freud desenvolveu a partir das teorias sexuais infantis, esse querer saber sobre o sexo é indissociado sobre o querer saber sobre o mundo – a vida sexual funcionando como um protótipo para o exercício das outras funções. Se as mulheres liam os romances de sensação, ou os romances só para homens, é provável que o fizessem raramente e às escondidas. A educação das mulheres, desde o berço, projetava-as para os espaços fechados da interdição tanto da sexualidade como dos espaços públicos da cultura. Bibliotecas e gabinetes de leitura lhes estavam vedados, assim como os espaços formais da aprendizagem.

¹¹ É conhecido o poema erótico de Bernardo Guimarães, autor que compõe uma dessas exceções. Veja-se R. DARTON. *Sexo dá o que pensar*. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 jul. 1995. Caderno Mais, p. 4-7.

¹² *O Ateneu*. São Paulo, Publifolha-Ediouro, 1997.

¹³ A. EL FAR. *Páginas de sensação: romances para o povo, pornografia e mercado editorial no Rio de Janeiro de 1870 a 1924*. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Meninas aprendiam rudimentos de leitura em casa, no melhor dos casos. A interdição desses espaços foi correlata da interdição do seu pensamento.

Ao começar a freqüentar as escolas, meninas e moças encontraram o rigor do sistema educacional já bastante afrouxado pela pedagogia dos reformadores. Sua inserção substantiva no processo formal de ensino deu-se no mesmo século pelas duas pontas: a professora de primeiras letras entrava pela mesma porta que a menina das primeiras letras, a quem cabia ensinar. Nem professora nem aluna conheceram, portanto, a violência ou o excesso dos métodos.

Portanto, quando as meninas deixaram o aprendizado doméstico das lições para ocupar os bancos escolares, já havia uma convicção formada de que era necessário “afrouxar a mão”, reduzir a intensidade dos castigos, atenuar o rigor. A disciplina humilhante aplicada a toda a população escolar, crianças e jovens, através de vigilância, delação e castigos corporais, dos séculos XV ao XVII, fora já atenuada no decorrer do século XVIII. A figura da professora do século XIX começava seu trabalho então sob o signo do que poderíamos chamar o *terceiro* sentimento da infância.

Ariès¹⁴ já apontara o primeiro sentimento da infância – a *paparicação* –, que evoluiu no meio familiar e social a partir da percepção da infância como um período diferenciado dos demais, por volta do século XV. Antes disso, o sentimento da infância era desconhecido na forma tal como o conhecemos hoje. O segundo sentimento – o uso da *disciplina* – surgiu fora do meio familiar e exerceu seu poder através dos eclesiásticos, dos homens da lei e moralistas do século XVII. O terceiro sentimento eu situaria no afrouxamento da disciplina, quando a opinião pública francesa repudiou os castigos corporais, culminando no término do regime disciplinar escolástico. A este sentimento eu chamaria de *distensão*, para melhor situar o período em que a escola se abriu para as meninas e mulheres. Quer isso dizer que o sexo feminino não foi submetido a vigilâncias e punições? Sim e não. Não da forma objetiva e estratégica como o foram os rapazes.

A vigilância do segundo sexo se fez de forma mais sutil e ao mesmo tempo mais eficaz. Isso não se deu contudo por uma estratégia diabólica da História, mas por uma conformação

¹⁴ P. ARIÈS. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

inconsciente ao *habitus*: parecia anormal que o conhecimento fosse tão importante para as mulheres como para os homens, uma vez que nunca havia sido assim. Desse modo, o desempenho escolar, com todas as limitações impostas no currículo e nas disciplinas, se fazia apenas suficiente e adequado à *educação* e apenas secundariamente à *instrução* das meninas e moças, na forma de um verniz cultural necessário à sua admissão no meio social que lhe reservava – e talvez ainda lhe reserve – a perspectiva universal do casamento; ou, alternativamente, à opção por carreiras ou ocupações temporárias, de tempo parcial ou desvinculadas de uma formação específica, pressupondo ainda exigências inferiores nos requisitos de qualificação.

Diferentemente da França, em que as práticas de leitura algumas vezes precederam a alfabetização formal, graças a práticas culturais de divulgação e circulação do escrito, como a proliferação dos livros e impressos da *bibliothèque bleue*¹⁵, a formação dos leitores brasileiros estava diretamente condicionada à aprendizagem escolar. Diante disso, podemos supor a atuação de um processo de leiturização possibilitado pela escola, favorecendo essencialmente o desenvolvimento de uma leitura escolar. A alfabetização tardia das meninas, embora parcialmente neutralizada no contexto geral – população de 84% de analfabetos no final do século XIX¹⁶ –, nem por isso é fator descartável no processo de diferenciação, uma vez que é preciso considerar a presença de uma população escolar nascente nos centros mais desenvolvidos do país: além da capital federal, a população do Recife. Esses primeiros freqüentadores dos bancos escolares consistiam no primeiro núcleo de uma massa dispersa de leitores que pela tradição não-livresca do país jamais daria conta de absorver toda uma produção editorial oriunda de uma elite de funcionários públicos letrados, profissionais do romance e do jornal. O folhetim, ligando-se ao primeiro por vocação e ao segundo por conveniência, tornou-se rapidamente a leitura feminina por excelência, fazendo herdeiros bem-sucedidos em duas gerações sucessivas: a do radioteatro e a da telenovela.

A história da leitura das mulheres se fez portanto tardiamente e por meio de objetos e práticas específicas, sob controles e incitações que a fizeram passar das leituras de devoção para a leitura romanesca. Sua produção escrita aconteceu também de modo marginal, pela correspondência, pelos diários íntimos e pelo romance popular, ou pelo romance social. E

¹⁵ R. CHARTIER. *A História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

¹⁶ H.S. GUIMARÃES. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial; Edusp, 2004.

especialmente pela inserção nos rodapés dos jornais. O excesso de leitura que se impôs após um longo período de interdição e que coincidiu com a popularização do romance e de seus subprodutos romanescos constituiu para as mulheres uma aprendizagem da leitura por meio de uma prática espontânea, à margem de instrumentos formais de saber que as fizessem capazes de controlar sua própria leitura, estabelecer hierarquias, selecionar autores e gêneros, criar e ultrapassar novos horizontes de expectativa, enfim, tornar-se leitores mais exigentes. As mulheres que historicamente escaparam a essa limitação fizeram-no pelas margens do processo, apesar das interdições, às vezes assumindo como tema para seus escritos a própria leitura e a escrita femininas.

No próximo capítulo, veremos como a história das mulheres precisou ser reconstruída sobre pilares resistentes de um imaginário que encontrou na mitologia propriamente dita e na mitologia da ciência alicerces vigorosos para a sua perpetuação.

1.3. Mitologias

Diferentes mitologias cercam os modos como as mulheres têm sido historicamente representadas, desde os mitos da Antigüidade até os mitos que compõem o conjunto dos saberes que se impõem pela via mesma da transmissão científica e das crenças arraigadas no senso comum. Entre uma e outra, a literatura e as formas populares da tradição oral e escrita, assim como os costumes, contribuem para restabelecer e reforçar mitos antigos.

Na tradição mais arcaica, os mitos em torno do tabu sexual cercaram as mulheres especialmente em três momentos particulares: a menstruação, a gravidez, a amamentação. A impureza pela contaminação menstrual exigia ritos purificadores, as meninas não podiam ser tocadas, o sangue menstrual tinha o condão de corromper a carne, pretejar o açúcar. Como também de secar o leite das mães que estivessem amamentando. A maldição, o “curse” era o mais rigoroso dos tabus, que proibia terminantemente as relações sexuais. Sempre na dimensão do mágico, ora se lhe atribuíam virtudes positivas como a cura e a cicatrização, ora virtudes maléficas como a paralisação e destruição da força vital. O afastamento sexual do homem nesses momentos em que o papel reprodutor se pronuncia – menstruação, gravidez, amamentação – explica de certo modo o caráter universal do tabu do incesto.

Outro mito essencial é o tabu da virgindade e a ambivalência que o cerca na ordem mítica. De uma recusa a comunidade dos homens passou a uma exigência da virgindade. Havia comunidades em que as práticas sexuais se iniciavam na infância. Houve outras em que a mãe e mulheres mais velhas praticavam o defloramento nas meninas, ou nas adolescentes púberes. Existiram casos em que a jovem púbere era entregue aos homens para uma iniciação selvagem. E um dos ritos mais freqüentes era a entrega da virgem ao estrangeiro de passagem – funcionando aqui um certo princípio mágico da exogamia, pelo qual o risco da defloração recairia sobre o “outro”. O costume mais freqüente nessas sociedades “primitivas” era o sacerdote, ou o homem médico, cacique, chefe da tribo, desvirginar a noiva à véspera das núpcias. Em Malabar, na Índia, o costume era entregar-se as noivas aos brâmanes, que por salários elevadíssimos, encarregavam-se a contragosto desse “trabalho”. Acontece que chefes e sacerdotes, por serem consagrados, não correm perigos ao manejar objetos sagrados, ou submetidos a tabus.

Isso nos leva a pensar que nem sempre, portanto, a virgindade foi desejada pelo homem. A partir da inversão clássica do mito foi que a virgindade tornou-se um símbolo propício, um valor desejado e exigido. Isso aconteceu na sociedade patriarcal, para a qual a virgindade das jovens anexadas por via do casamento era a garantia de uma riqueza intacta e a castidade da mulher casada era a garantia de uma transmissibilidade legítima dos bens.

Norbert Elias¹⁷ chama a atenção para a lentidão com que se modificam as estruturas mentais que determinam alterações no comportamento humano no processo civilizador. Um exemplo peculiar coletado pelo autor é a resposta a um questionário (em 1916/1917) a 150 moças bem educadas no trabalho intitulado “O tabu sexual institucionalizado.”¹⁸ Perguntadas sobre o que consideravam *indelicado, poluidor e uma coisa inteiramente fora dos conhecimentos de uma senhora*, responderam, entre outros temas:

1. *Coisas contrárias aos costumes, freqüentemente classificadas como “más” e “imorais”.*
2. *Coisas “nojentas”, como funções corporais, tanto normais como patológicas e todas as implicações de falta de higiene.*
3. *Coisas sobrenaturais, que “dão arrepios na gente”, e coisas suspeitas.*
4. *Muitas formas de vida animal, que moças geralmente temem ou consideram sujas.*
5. *Diferenças de sexos.*
6. *Diferenças de idade.*
7. *Todos os assuntos referentes a um duplo padrão de moralidade.*
8. *Todos os assuntos ligados a casamento, gravidez, e parto.*
9. *Alusões a qualquer parte do corpo, exceto à cabeça e às mãos.*
10. *Política.*
11. *Religião.*

¹⁷ N. ELIAS. *O processo civilizador, v. 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

¹⁸ Peters KNIGHT, *The institutionalised Sex-Taboo*, in P. Knight; Blanchard. *Taboo and Genetics*, p. 181 apud N. ELIAS, op. cit., p. 265.

Respostas como essas, atravessadas por tabus sexuais, apontam o descompasso entre uma psicanálise nascente, cercada por sua vez por tabus sexuais de pessoas e instituições¹⁹, e a instrução precária das jovens, submetidas a interdições mentais de toda ordem. Ao mesmo tempo que os assuntos da esfera pública, a religião e a política, já eram em si mesmos inacessíveis às jovens, as dicotomias sujo x puro, bem x mal, moral x imoral incitavam claramente as moças a uma tomada de posição bem específica, inspirada nos ditames da decência. Os tabus sexuais (corpo, órgãos genitais) remetiam diretamente ao que não podia ser dito, por não convir a uma moça de bons costumes.

Freyre²⁰ expõe a situação vivida pelas mulheres no Brasil do século XIX, de total submissão e desconhecimento de seu próprio corpo, que se quer em qualquer caso de uma beleza mórbida: a jovem pálida, franzina, que se alimenta de *caldo de pintainho, de doce, de confeito*, à espera de um casamento que a transformará em matrona gorda, de ancas largas, propensa aos ditames da reprodução. Nessa moldagem do corpo feminino, comprimido pela cintura e alargado e arredondado nas ancas pelo efeito de um amolecimento sedentário e uma alimentação pesada, atuam fatores de ordem econômica, social e cultural, tipicamente patriarcais.

Solteiras como casadas, as mulheres viviam reclusas, fechando-se no quarto quando chegavam visitas, o que chocava os observadores estrangeiros: “As mulheres das classes altas ainda vivem numa espécie de prisão domiciliar”. Também impressionava esses visitantes que as jovens solteiras vivessem confinadas nas camarinhas das casas-grandes ou nas alcovas dos sobrados, quando não nos conventos. No extremo oposto da submissão, especialmente no Rio de Janeiro, em Minas e em Recife, multiplicavam-se os casos de mulheres voltadas à prostituição, crescia o número de enjeitados, aumentava a incidência dos crimes passionais, solicitando medidas de higiene que uniram autoridades médicas, jurídicas, religiosas, políticas. Maria Ferreira Mendes Tourinho e Hercília de Paiva Legey²¹ foram no início do século XX as perpetradoras locais dessa onda de crimes cometidos por mulheres que encontrou na França as suas irmãs Papin²².

¹⁹ A teoria da sexualidade infantil, hoje aceita por todas as correntes psicanalíticas, afastou do grupo freudiano Jung e Adler. Ernest Jones divergiu de Freud em relação à sexualidade feminina. P. GAY. *Freud – Uma Vida para seu Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 180, 191, 205 et seq.

²⁰ G. FREYRE. *Sobrados e mucambos*. 1º. tomo. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

²¹ M. ENGEL. *Psiquiatria e feminilidade*” In: M. DEL PRIORE. *História das Mulheres no Brasil*, p. 322-361.

²² E. ROUDINESCO. Jacques Lacan. esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Refletindo o discurso da ciência, a literatura naturalista privilegia em seus enredos, ao lado da prostituta, a histeria e a loucura femininas, ao mesmo tempo que a medicina psiquiátrica privilegia o útero como sede da histeria. Esses dois discursos diferiam no entanto na indicação da cura terapêutica. Se os romancistas prescreviam por meio de seus personagens o imperativo do casamento como via à sexualidade, para os psiquiatras o casamento poderia servir tanto como cura como um estimulante da histeria. Centrando no útero e nos fenômenos menstruais as origens da histeria e da loucura, o discurso médico-higienista terçava forças também contra os excessos sexuais desviantes, não conformes aos desígnios da maternidade.

Vivendo sob tais condições, não admira que as mulheres fossem consideradas pelos representantes da ciência e do direito um ser no mínimo estranho, ora incapaz, ora nocivo, mas sempre dependente de cuidados, que cabia ser protegido de seus impulsos fisiopsíquicos e de seus desejos inquietantes. Seu corpo e sua alma foram objeto da preocupação do moralista e do médico, que deliberaram ao mesmo tempo sobre seus vapores, seus nervos, e sobre seus devaneios e leituras. A psicanálise finalmente as libertou das internações psiquiátricas, das hipnoses, das exhibições de Charcot. Mas o saber da histérica era o saber *sobre* a histérica. Por mais que ela entusiasmasse os surrealistas e que a ela Breuer e Freud tenham oferecido a palavra, era à ciência psicanalítica que caberia sobre ela dar a *última* palavra.

Considerando a história do ponto de vista da longa duração, não decorreu o tempo necessário para avaliar o grau dos efeitos da repressão sexual examinados sob a luz da descoberta freudiana. Meninas e mulheres em camarinhas, alcovas, gineceus e conventos habitavam um mundo estreito, no qual às pequenas alegrias da domesticidade o saber ler e escrever pareciam não fazer falta e o saber sobre o sexual pareciam impensáveis. Essa estreiteza de limites estava na origem das exaltações que culminavam nos acessos de histeria, tanto sob a devoção católica quanto sob o ideário vitoriano. Os suicídios de homens e mulheres em Viena traduziam a situação limítrofe de um país que uniu a opressão mais crua às mulheres com ardores artísticos fortemente passionais, sob a inspiração conservadora do reinado de Francisco José, mas também com formas artísticas de uma vanguarda radical que acabaram por quebrar algumas correntes poderosas do conservadorismo. Foi assim com Schnitzer na

literatura, Klimt e Schiele na pintura, Frank Wedekind²³ no teatro. Otto Wininger suicida-se à época aos 23 anos, após haver escrito *Sexo e Caráter*, radicalizando a divisão da personalidade feminina entre os únicos opostos possíveis: mães ou prostitutas. Seu capítulo sobre a histeria fora desaprovado por Freud e seu antifeminismo e anti-semitismo haviam sido recebidos sob silêncio constrangedor.

À mesma época e na mesma Viena Wedekind denunciava as condições da mulher, ao mesmo tempo que exortava as mulheres à luta contra o *feudalismo no amor* (...) Dizia que o medo do homem aos seus próprios sentimentos ligava-se às superstições mais arcaicas, milenares, oriundas da barbárie *que expulsa a inteligência* e se reflete no absurdo inaceitável de *três formas de vida bárbara*: a segregação violenta da *prostituta*, a destruição psíquica e mental da *solteirona* e a virgindade interessada da *jovem casadoira*, obediente aos costumes.

Mas havia ainda um longo caminho a percorrer, e é bem possível que a representação cinematográfica do tipo feminino como a Eva mortífera, que proliferou no cinema, tal como a representação literária de adúlteras punidas com a degradação e a morte, tenham contribuído como freio à assimilação da sexualidade feminina à ordem natural das coisas, de modo a retardar o processo e deslocá-lo a uma solução de compromisso sob a mediação do Imaginário. A proliferação de histórias convencionalmente conservadoras, com algumas pitadas de erotismo, na literatura e no cinema, especialmente o americano, mantinha a sexualidade sob controle. A obsessão pelo sexo, recalcada nas mulheres, alimentada pelo desconhecimento do corpo e do sexo, camuflava-se nas mulheres na eterna *demanda de amor*, nas histórias da carochinha *hollywoodianas*.

Essa recém-criada imagética do galanteio e da idealização era também tributária do ideal cortês, mantendo a divisão dos papéis sexuais e o ideal da domesticidade feliz. Mas promoveu transgressões e produziu subversões para além do que disse e mostrou, criando desejos de autonomia, ao acenar com uma igualdade possível, ainda que ilusória, fundada no *exclusivo*

²³ C. BERTIN. *A Mulher em Viena nos Tempos de Freud*. Campinas, SP: Papirus, 1989. Para que se tenha uma idéia da importância de Wedekind e das contradições na sociedade vienense, sua peça *A caixa de Pandora* foi produzida por Karl Krauss em 1905 e encenada apenas uma vez para uma platéia seleta, uma vez que o público ainda não estava preparado para a sensualidade da protagonista. Apenas 25 anos depois o cinema de G. W. Pabst com o filme *A caixa de Pandora*, tornará conhecida a história de *Lulu*, que Alban Berg adaptará em sua ópera. Mais importante que a ambigüidade que aprisiona a figura feminina à fatalidade do mito grego, o filme escancara uma libertinagem feminina e por isso mesmo trágica sobre a qual não se falava abertamente.

amor. Ao menos para essa forma de discursividade, a violência contra as mulheres parecia um pesadelo distante.

Santos²⁴ traça um retrato do imaginário social a partir dos anos 50, marcando a evolução feminina na “arte de ser mulher”, apresentando excertos da abundante literatura dos tempos pré-psicanalíticos nas revistas femininas, na forma de conselhos sentimentais. Penso que o conjunto das revistas, juntamente com o cinema americano das primeiras décadas, forneceram, muito mais que os livros, contornos bem perceptíveis de forma e conteúdo para um ideal de feminilidade que foi aos poucos se constituindo e transmitindo de mãe para filha. Quando o excesso de idealização do amor é censurado pelos conselhos da consultora, não é o princípio da autonomia que rege o reproche, mas uma razão de ordem prática que apenas confirma as expectativas sociais e familiares da preparação para o casamento: dificilmente a mocinha sonhadora se tornará uma boa esposa, objetivo que requer perspectivas ajustadas à realidade. Esse jogo, abusivo nas publicações femininas, configura o que entendo como *reformulação* da subordinação feminina, para melhor mantê-la, não sem privilégios, na dependência parental e marital.

A proliferação das revistas femininas cada vez mais midiaticamente atrativas, até os dias atuais, especializadas em setores que se dividem como extensões da intimidade e da domesticidade em uma perspectiva útil e acrítica, centralizadas no propósito da ilusão e da sedução; o sucesso livresco dos nichos sentimentais específicos para moças e adolescentes, as comédias românticas cinematográficas repetindo o enlevo adolescente das películas em preto e branco dos contos de fada americanos, o sucesso das novelas de inverossimilhança e artifícios folhetinescos do século XIX provam que essa incitação à ilusão amorosa continua em pleno vapor, mesmo depois de Barthes haver dito que *o coração é o órgão do desejo (o coração se dilata, falha etc., como o sexo) tal como ele é retido, encantado, no campo do Imaginário*.²⁵

Os mitos do sexo feminino submetido à ordem masculina percorreram caminhos tortuosos mas seguros, porque impregnados de uma verdade mítica irreduzível, inacessível à razão. Penetraram na arte popular, na medicina, nos manuais de comportamento, no ensino religioso.

²⁴ T.C. SANTOS. *Quem Precisa de Análise Hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

²⁵ R. BARTHES. *Fragments de um Discurso Amoroso*. 16. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

A misoginia que vem de Tertuliano, centrada na aversão à carne, e que considerava a mulher o Portão do Diabo, se flexibiliza na Igreja da encarnação no mito da Mãe de Misericórdia. Mas os mitos que produziram repugnância e idolatria não compuseram apenas o imaginário moral-religioso, mas se inscreveram explicitamente na forma de uma verdadeira mitologia científica, atestada no grande número de livros e teses de medicina que avançaram estabelecendo verdades sobre o corpo feminino, suas funções e propriedades, até o século XX.

É surpreendente indagar por que se passou a falar tanto de sexo, nos manuais dos pedagogos, nas teses médicas, nos discursos jurídicos, com maior força a partir do século XIX. Essa explosão discursiva afasta Foucault da hipótese da repressão sexual, com o que é absolutamente impossível concordar quando se pensa a sexualidade feminina. As mulheres não produziram discursos sobre o sexo, mas dele foram objeto constante em todas as instâncias em que dele se falou.

Um dado intrigante desses discursos é o surgimento de debates intensos e polêmicos sobre o orgasmo feminino, sobre sua existência (ou não), sua localização (clitoridiano, vaginal ou difuso), sua incidência, (particular ou geral), intensidade (forte ou fraca), ou necessidade (ausente ou presente). É como se o orgasmo feminino começasse a existir a partir das discussões entre psicanalistas e feministas, quando, ao contrário das interrogações recentes, ele faz parte como dado insofismável do conhecimento médico há muito tempo. Tanto é assim que desde os tempos de Hipócrates, passando por Galeno, a libido não tinha sexo. A libido passou a ser masculina, literalmente, a partir dos escritos de Freud. Galeno, cinco séculos depois de Aristóteles, afirmava que “o pênis masculino, (...) assim como o colo do útero e outras partes pudendas”, são ricamente dotadas de nervos porque precisam de sensação durante a relação sexual”. Sob controvérsias – a de Havelock Ellis por exemplo – e o silêncio das mulheres, algumas vozes médicas do século XIX confirmam a hipótese de Galeno.

Até o século XVIII, o orgasmo era considerado condição para a concepção. Colombo²⁶ afirmou que sem essas protuberâncias, não haveria como as mulheres sentirem prazer e portanto não conceberiam fetos. É nesse sentido que o discurso médico de Ambroise Paré estimula as técnicas da concepção, instituindo as leis do flerte, da carícia, da excitação, de

²⁶ COLOMBO apud T. LAQUEUR. *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

modo a *arrancar* a semente da mulher. Essa crença atravessou todos os séculos desde a Antigüidade, desaparecendo no século XIX, quando foi necessário legislar sobre a condição de filhos concebidos em situação de estupro. A antiga idéia que relacionava concepção-orgasmo deixava os juristas na estranha situação de absolver todos os estupradores. Libertado assim das amarras da concepção, o orgasmo caiu nas amarras do discurso sobre o sexo, arregimentando vozes favoráveis e contrárias, como se de suas afirmações e denegações no campo da psicanálise pudesse brotar uma nova espécie de prazer de dizer e de ouvir, prazer discursivo tomado de empréstimo ao sexo.

Desse modo é possível que a *scientia sexualis* da moral positivista possa funcionar como uma espécie de *ars erotica*, ao inventar um novo prazer: “o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exhibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer.”²⁷ Daí ser possível perguntar se essa infinidade de discursos de produção de verdade sobre o sexo não teria se multiplicado a ponto de produzir em si mesma seus prazeres intrínsecos.

Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo e aos outros, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado (não sem algum tremor) por seu dever de verdade, a irrupção de fantasias secretas, cujo direito de murmurar para quem sabe ouvi-las se paga tão caro, em suma, o formidável “prazer da análise” (no sentido mais amplo deste último termo) que o Ocidente desde há vários séculos fomentou sabiamente, tudo isso forma como que fragmentos errantes de uma arte erótica, veiculados em surdina pela confissão e a ciência do sexo²⁸.

Mas se o “prazer da análise” fomentou essa proliferação discursiva sobre o sexo, foi para retirá-lo à exclusividade de um discurso médico fechado, ao menos no que se refere à sexualidade feminina. A parte interessada não tinha voz e mesmo se a tivesse não saberia como falar, como tampouco ler os textos médicos escritos em latim. Em caráter excepcional, a sexualidade e a reprodução foram objeto da escrita das parteiras. Louise Bourgeois, a parteira de Luís XIII, Jane Sharp e Madame de la Marche, quando escreveram na Renascença sobre partos e reprodução, associaram o prazer, o orgasmo e a procriação.

²⁷ M. FOUCAULT. *História da Sexualidade*, v. 1, p. 69.

²⁸ Ibid., p. 70.

Entre a sugestão de Galeno no século II e as reticências denegatórias dos médicos do século XIX, a Renascença constituiu, do ponto de vista da medicina e da cientificidade, um período em que as mulheres, mesmo ausentes, estiveram presentes como sujeitos de desejo. A descoberta de Colombo do clitóris e sua afirmação do desejo feminino ficam claramente explicitadas:

Se você tocar nessa parte do útero quando as mulheres estão ansiosas por sexo e muito excitadas, como que num frenesi, desejando ardorosamente um homem, verá que essa parte se tornou um pouco mais dura e oblonga...²⁹

A mudança de um modelo de sexo único – a mulher como um homem invertido –, que perdurou até o século XVIII, para o modelo de dois sexos, incomensuravelmente opostos, suscitou uma discursividade sem precedentes sobre as diferenças sexuais, particularmente acirradas no contexto político pós-revolucionário do século XIX. O que a impulsionou não foi nem a teoria do conhecimento nem o progresso científico. Se Aristóteles não precisou basear-se na diferença sexual para afirmar a inferioridade feminina, como causa material e não eficiente da procriação, o saber sobre a diferença anatômica no século XIX serviu para *justificar* a condição social das mulheres e ao mesmo tempo para investi-las como seres *sem paixão*.

A mulher considerada sem paixão era uma das muitas manifestações possíveis desse novo sexo recém-criado. O orgasmo feminino, o sinal do corpo para uma geração de sucesso, foi banido para as fronteiras da fisiologia, um significante sem significado. Anteriormente inquestionada, a rotineira culminação do orgasmo no coito tornou-se um grande tópico de debates. A afirmação de que as mulheres não tinham paixão, ou a proposição de que elas – como seres biologicamente definidos – possuíam uma capacidade maior que a do homem de controlar sua fúria bestial, irracional e potencialmente destrutiva durante o prazer sexual, e o novo questionamento sobre a natureza e qualidade do prazer da mulher e da atração

²⁹ *Hanc eadem uteri partem dum venerem appetunt mulieres et tanquam oestro percitae, virum appetunt, ad libidinem concitae: si attinges, duriusculam et oblongam comperis...*In: T. LAQUEUR, *Inventando o sexo*, 2001, p. 135.

sexual, tudo isso fazia parte de um grande esforço para descobrir as características anatômicas e fisiológicas que distinguiam o homem da mulher³⁰.

Laqueur refaz metodicamente o trajeto de uma mitologia científica sobre a sexualidade para demonstrar que as teorias da diferença sexual contribuíram para determinar o que a ciência afirma saber, e não o contrário. E essas teorias pré-estabelecidas sobre o gênero influenciaram desse modo o curso do progresso científico. Além disso, assim como o modelo biológico canônico pesquisado foi sempre o masculino – o primeiro esqueleto feminino foi produzido no século XVIII –, assim também a linguagem designava os órgãos femininos a partir dos masculinos. Quando as diferenças sexuais foram cientificamente registradas pela dissecação anatômica, elas o foram já fortemente marcadas pela política de poder do gênero, conforme o indicam as formas de representação feminina do nu casto, na figura 1, ou do nu erótico, nas figuras 2 e 3.

³⁰ T.LAQUEUR, 2001, p. 190.

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Os princípios de divisão da razão androcêntrica determinaram “descobertas” socialmente construídas. A História Natural do século XIX contribuiu significativamente para a naturalização social das diferenças sexuais. Conforme registra Schiebinger³¹, os naturalistas atribuíam a fêmeas animais as virtudes desejáveis para suas esposas e filhas, por exemplo: “modesty”, significando pudor. Seguindo a mesma lógica, a fisiologia celular de Geddes³² no final do século XIX diferenciava os sexos a nível celular, de modo que as células femininas eram anabólicas, conservando e armazenando energia. A partir desse dado celular o cientista explicava por que as mulheres eram “mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis”.

Compreender a gratuidade dos mitos da origem, sua função na poesia e na arte, é simétrico a apreender a existência de toda uma mitologia científica do corpo feminino, legitimada pelo tempo necessário até que seus pressupostos não resistam mais à prova de realidade. Por exemplo: *a propaganda*³³ do aleitamento materno dos filósofos moralistas do século XVII, que Rousseau universalizou no século XVIII, foi sustentada por razões que extrapolam de muito o campo da medicina e encontram ressonância no discurso político e econômico. As teorias psicanalíticas centradas no trauma do desmame também tiveram papel decisivo. No século XIX, o aleitamento natural é um conflito entre médicos, parteiras e a tradição feminina. Laura Lafargue, uma das filhas de Marx, se culpabiliza pela morte do bebê que ela insistira em amamentar ela própria, contra a opinião do marido³⁴, no século de grande mortalidade infantil e da morte prematura das mulheres.

Rousseau, o apóstolo que difundiu a necessidade do aleitamento natural pelas próprias mães, nutria-se de tradições convencionais, que remontavam a Quintiliano, como esclarece Ariès³⁵. O costume de enviar as crianças às amas de leite persistiu nas famílias de posses, até porque as condições higiênicas da coleta de leite na época desaconselhavam o uso do leite de vaca, fonte alimentar que à época as pessoas abominavam. A amamentação pelas amas de leite

³¹ L. SCHIEBINGER. *Nature's Body*, Boston, Beacon Press, 1993, apud P. BOURDIEU. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

³² GEDDES, apud LAQUEUR, *Inventando o sexo*, 2001.

³³ Termo usado por Ariès ao revelar o impasse entre o aleitamento natural, saúde das mulheres, técnicas de esterilização, mortalidade infantil e materna, questões às quais poderíamos acrescentar políticas demográficas, a divisão sexual do trabalho e a divisão do trabalho sexual. P. ARIÈS. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, p. 163.

³⁴ M. PERROT. *As filhas de Marx: cartas inéditas*. In: *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 55.

³⁵ P. ARIÈS, 1981.

continuou nos meios burgueses até o fim do século XIX, quando o leite animal pôde ser aproveitado sem riscos, protegido pela esterilização e pelas novas técnicas de assepsia³⁶.

É importante ressaltar como os discursos da Ciência Natural e da Medicina estão submetidos a uma formação discursiva fundada na ordem jurídica, política, econômica e social, que encontram ressonância nos meios científicos e no senso comum do seu tempo. A Psicanálise faz um duplo movimento em relação a essa formação discursiva: de um lado avança em relação ao discurso biológico substituindo o isolamento e a medicalização da loucura pela palavra; por outro, invoca o mito judaico do domínio da intelectualidade, representado pelo pai, sobre a sensualidade, representativa da mãe. A teoria lacaniana refundará sob o Nome do Pai³⁷ esse aporte civilizador conferido por Freud³⁸ à paternidade, invisível e irrepresentável por imagem, como o Deus judaico, contrapondo-a à maternidade, denunciada pelos mais baixos sentidos.

A formação discursiva a que me referi acima encoraja o surgimento e o fortalecimento de mitologias científicas que reforçam preconceitos e estereótipos de gênero e de raça, como é possível perceber na teoria dos climas de Montesquieu³⁹, contemporâneo de Rousseau, em sua obra *O Espírito das Leis*. Nessa obra é possível encontrar referências a “povos efeminados, preguiçosos, tímidos” da Ásia e da África, onde “nascem mais meninas do que meninos”. Também se pode ler que “as mulheres são núbeis, nos climas quentes, com oito, nove e dez anos; assim, a infância e o casamento ocorrem ali quase sempre juntos (...)” E ainda: “Os homens do Norte são ‘ativos’, ‘viris’, ‘guerreiros’, ao passo que os do Sul estão destinados à ‘servidão’, à ‘sensação’, à ‘imaginação’. Consequentemente, será no Norte que haverá um excedente de rapazes (princípio da atividade) e no Sul um excedente de moças (passividade).

Através da oposição entre masculino e feminino a mitologia de Montesquieu combina “fantasias sociais e fantasias sexuais socialmente instruídas”⁴⁰.

³⁶ P. ARIÈS, 1981, p. 163.

³⁷ Segundo Roudinesco, a primeira abordagem do Nome do Pai em Lacan foi na exposição de 04.03.1953, “O mito individual do neurótico”, em seguida na conferência de 08.07 sobre “O simbólico, o real e o imaginário”; em seguida, em setembro, no discurso “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Mais tarde, o conceito prolongou-se nos dois seminários: “Escritos técnicos de Freud” e no “Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, completando-se na conferência em Viena em 1955, “A coisa freudiana ou o sentido de um retorno a Freud.” E. ROUDINESCO, *Jacques Lacan*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 222.

³⁸ S.FREUD. *Moisés e o Monoteísmo*, Edição Eletrônica das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

³⁹ C. MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

⁴⁰ P. BOURDIEU. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. 2. ed. São Paulo, Edusp, 1998.

As fantasias sociais que o inconsciente cultivado do escritor engendra estão garantidas pela cumplicidade e pela docilidade de uma língua e de uma cultura que são o produto acumulado ao longo do tempo de um mesmo inconsciente social. (...) A tradição letrada faz parte das condições sociais de possibilidade do mito erudito, de sua forma, isto é, da linguagem de aparência científica de que se reveste, e, sem dúvida, de sua própria existência, (...) A submissão e a complacência que as obras legítimas reclamam e o rebaixamento da vigilância lógica que se observa sempre que o inconsciente social prevalece unem-se para impedir que se possa encarar como objeto de ciência aquilo que se apresenta como objeto de culto e como tema de conhecimento.⁴¹

Uma pesquisa etnográfica junto à sociedade cabila, na Argélia, realizada nos anos 60 por Pierre Bourdieu⁴² (1999) demonstra como a construção da diferença entre os sexos se faz na conformidade da visão mítica, hierarquizando os gêneros. O trabalho do etnólogo forneceu instrumentos para a compreensão de relações de dominação nas sociedades contemporâneas mais desenvolvidas, levantando a questão sobre se as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas de uma sociedade androcêntrica particularmente bem conservada como a dos cabilas poderiam encontrar analogia nas estruturas de sociedades como a nossa. Suas observações permitiram formar um quadro bem nítido de divisões sexuais, expressas na ordem sexual, social e mítica, manifestadas nos trabalhos, nos ritos e tabus.

O tabu da virgindade se manifesta na comunidade cabila pela cintura amarrada das mulheres. Na aprendizagem das meninas, a maneira correta de amarrar sua cintura (e cabelos) está implícita, como um “cerco invisível” à vagina. As moças aprendem por imitação e por obediência uma série de cuidados com o corpo e posturas corporais, que protegem essa região da cintura para baixo. Também as roupas, a amarração correta da cintura, prevêm essa proteção. Para constatar como o órgão reprodutor feminino continua até os dias de hoje objeto de tabu, é suficiente pensar nos cuidados com que o médico que o examina se cerca. Na rotina do exame, primeiro olha para a mulher vestida. Já despida, a cintura para cima é protegida por um lençol de modo que ele veja o órgão, mas não a mulher, socorrendo-se também da presença de uma enfermeira. Terminado o exame, o médico pode então olhar diretamente nos olhos a mulher já vestida à sua frente.

⁴¹ P. BOURDIEU, 1998, p. 185.

⁴² Id., *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Para Bourdieu (1999) “a vagina é fetiche da ordem do sagrado, do segredo, do tabu” até os nossos dias, o que permite compreender a estigmatização da prostituição, tanto no senso comum como no Direito. Associada ao dinheiro, a busca do gozo visa o exercício brutal do poder sobre um corpo tornado objeto, gozo obtido duplamente pelo sacrilégio de transgredir uma lei que determina que o corpo, como o sangue, deva ser doado. A mercantilização do corpo o destitui do seu erotismo sagrado.⁴³

As posturas corporais são nitidamente separadas, na sociedade cabila, pela divisão sexual nos usos legítimos do corpo, evidenciando o vínculo entre *falo* e *logos*, e ao mesmo tempo diferenciando os “usos públicos e ativos”, da parte alta, masculina, do corpo: fazer frente a, enfrentar, frente a frente, olhar no rosto, tomar a palavra publicamente; dos *usos privados e passivos*, pelo afastamento dos lugares públicos, ocultamento do rosto e silenciamento da palavra, caminhar de olhos baixos, uso da única expressão “não sei”, que é antítese da palavra viril, assertiva, cortante, “ao mesmo tempo refletida e calculada”.⁴⁴

Os mitos se diferenciam singularmente dos ritos de instituição: A ingenuidade risonha do discurso mítico desaparece nos ritos de instituição, que instauram operações de diferenciação e são realizados na presença de toda a coletividade, destacando sempre os *signos exteriores*, que convêm a cada sexo, estimulando-os a deles se valerem quotidianamente, proibindo e desencorajando práticas esperadas do sexo oposto. As meninas estão excluídas dos ritos e o mais importante deles é o que separa o menino de sua mãe.

A cerimônia é o primeiro corte de cabelos (pelo pai), de modo a abolir laços e vínculos com a mãe, com a terra, a umidade, a noite, a natureza. Durante o ato ficam expostos objetos: faca, punhal, relho, pente de cardar lã, uma pedra do lar etc. O menino de 6-8 anos, em trajes novos, turbante de seda na cabeça, espada, cadeado e espelho na mão, um ovo fresco colocado por sua mãe no capuz do seu gorro, deixa a casa com seu pai. Na porta do mercado quebra o ovo, abre o cadeado e se olha no espelho. Seu pai o guia no mercado, mundo exclusivamente masculino, apresenta-o aos outros homens, na volta compra uma cabeça de boi.

⁴³ G. BATAILLE. *O Erotismo*. São Paulo: Editora Arx, 2004.

⁴⁴ P. BOURDIEU, 1999, p. 35.

Os símbolos da virilidade, dos atos viris do defloramento, o espelho como limiar e operador de inversão, o símbolo fálico na cabeça de boi, todos os detalhes passo a passo do rito de instituição não deixam escapatória, qualquer fio solto, nenhuma possibilidade de desvio.

Quanto às meninas, são entidades negativas definidas apenas por sua falta, pela dupla negação. Todo o trabalho de socialização é no sentido de lhes impor limites, todos relacionados ao corpo, considerado sagrado. Então sua tarefa é interiorizar a arte de viver feminina, conduzir-se bem corporal e moralmente, aprender a vestir-se de acordo com a sua idade e condição: menina, virgem núbil, esposa, mãe de família. Esse aprendizado do corpo e da postura é automático, “tanto por um mimetismo inconsciente quanto por obediência expressa”, e se dá por uma disciplina que opera ininterruptamente, através da coação dos trajes e penteados.

Esses princípios antagônicos que disciplinam os corpos tão estritamente se fazem como *a naturalização de uma ética*, pela qual a submissão feminina se traduz nas posturas curvas, no inclinar-se, abaixar-se, curvar-se, submeter-se. A educação elementar inculca as maneiras de postar o corpo e suas partes nas posturas curvas, flexíveis, na docilidade que convém à mulher.

Isso fica bastante evidente em certos momentos da divisão sexual do trabalho: na tarefa de matar o boi, ou na colheita das azeitonas. Aos homens ficam reservadas as tarefas breves mas espetaculares situadas “do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo”: matar o boi. As mulheres, situadas do lado do “úmido, do baixo, do curvo e do contínuo”, realizam os trabalhos domésticos, *privados e escondidos*, ou mesmo *invisíveis e vergonhosos*, - cuidar de crianças e animais, como ainda os trabalhos exteriores destinados pela razão mítica, ao lidar com a água, a erva e o verde – arrancar ervas daninhas e cuidar da jardinagem –, e o leite e a madeira, além de outros trabalhos mais sujos e monótonos.

Tais observações desagradaram parte do feminismo, que não assimilou a associação da aprendizagem da submissão das mulheres cabilas com as mulheres européias e americanas, relativamente à tecnologia de seus usos corporais. O “confinamento simbólico” da mulher “na arte de se fazer pequena”, os manuais de etiqueta que prosperam a cada século sob diferentes linguagens e suportes, as escolas de recepcionistas, as revistas femininas que instruem como proceder, o que usar, vestir, cozinhar, conquistar, as roupas que dificultam

movimentos, ações e mesmo uma postura relaxada; bolsas que ocupam permanentemente as mãos, os saltos altos, sem falar no tempo gasto na *toilette*, no cumprimento do que lhes é exigido tácita ou explicitamente no espaço social, tudo isso implica uma cosmologia, uma política e uma ética da submissão que se faz *ainda mais* naturalmente porque conta com a aquiescência das mulheres.

As posições na divisão do trabalho sexual são bem claras no mito cabila, que nos interessa à medida que se amplia em direção à divisão sexual do trabalho na ordem social, estendendo-a para a justificação das diferenças na ordem cósmica:

Foi na fonte (tala) que o primeiro homem encontrou a primeira mulher. Ela estava apanhando água quando o homem, arrogante, aproximou-se dela e pediu de beber. Mas ela havia chegado primeiro e ela também estava com sede. Descontente, o homem a empurrou. Ela deu um passo em falso e caiu por terra. Então o homem viu as coxas da mulher, que eram diferentes das suas. E ficou paralisado de espanto. A mulher, mais astuciosa, ensinou-lhe muitas coisas: ‘Deita-te, disse ela, e eu te direi para que servem teus órgãos.’ Ele se estendeu por terra. Ela acariciou seu pênis, que se tornou duas vezes maior, e deitou-se sobre ele. O homem experimentou um prazer enorme. Ele passou a seguir a mulher por toda parte, para voltar a fazer o mesmo, pois ela sabia mais coisas que ele, como acender o fogo etc. Um dia, o homem disse à mulher: ‘Eu quero te mostrar que eu também sei fazer coisas. Estende-te, e eu me deitarei sobre ti.’ A mulher se deitou por terra, e o homem se pôs sobre ela. E ele sentiu o mesmo prazer. E disse então à mulher: ‘Na fonte, és tu (quem dominas); na casa, sou eu’. No espírito do homem são sempre estes últimos propósitos que contam, e desde então os homens gostam sempre de montar sobre as mulheres. Foi assim que eles se tornaram os primeiros e são eles que devem governar.

O mito fundador da sociedade cabila separa nitidamente os mundos masculinos e femininos, respectivamente representados na casa (produto da cultura) e na fonte (natureza). A fonte, junto à natureza, lugar da sexualidade da natureza, é lugar feminino onde acontece um ato anômico por uma iniciadora perversa – o pilar central vertical é representado por uma forquilha aberta voltada para o céu. A casa, produto da cultura, e ao mesmo tempo lugar da natureza cultivada, lugar da sexualidade da cultura, do nómos: *doméstico e domesticado de*

acordo com a “ordem das coisas” – expressão agostiniana registrada por Bloch⁴⁵ –, do domínio legítimo do princípio masculino sobre o feminino, a viga mestra que atravessa o pilar central vertical.

O caráter espontâneo desse mito, como geralmente de todos os mitos, a simplicidade de um plano longo, sem qualquer quebra brusca, o encadeamento por justaposição e a impassibilidade narrativa, produzem efeitos da ordem do júbilo, do lúdico, do contentamento. No entanto, abstraindo sua percepção no plano estético e poético, trata-se do único mito que, juntamente com o mito da cevada, hierarquiza a relação entre os sexos⁴⁶.

Já o mito cristão medieval é a outra face, bem menos idílica, dessa mitologia. Bloch⁴⁷ remete às duas versões bíblicas para a história da Criação, a sacerdotal e a jeovista, que prevaleceu e segundo o autor, “teve implicações de longo alcance” para a história da sexualidade no mundo ocidental. Na primeira versão, o aparecimento do homem e da mulher era simultâneo, tendo eles recebido uma designação comum, “homo”: “E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus criou-os varão e fêmea.”

Essa versão teria sido “esquecida”. Pela versão jeovista, não apenas a mulher foi criada em segundo lugar como também foi nomeada por Adão, que designou aliás todos os demais seres. Esse poder original de nomear, esse ato lingüístico fundador de designação das coisas foi conferido portanto por Deus ao homem na versão 1:27 do Gênesis. A mulher, derivada do homem (como *palavra* e *coisa*: *vir* e *virago*), é temporalmente inferior, porque a ordem da Criação reflete a ordem cósmica, determinando a ordem social.

A lógica falocêntrica recebeu sua força dos comentadores medievais Fílon Judeu, Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho, que se centrando na Criação jeovista, hierarquizaram os sexos a partir dessa ordem da Criação. A mulher, derivada, secundária, subsequente e complementar, “assume o fardo de tudo aquilo que é inferior, depreciado, escandaloso e perverso”,⁴⁸ nos primeiros séculos da era cristã.

⁴⁵ SANTO AGOSTINHO: “A submissão da mulher está na ordem das coisas: ela deve ser dominada e governada pelo homem assim como a alma deveria regular o corpo e a razão viril dominar a parte animal do ser. Se uma mulher domina o homem, e a parte animal, a razão, a casa fica de pernas para o ar.”, *De Genesi contra Manichaeos*, apud R.H. BLOCH. *Misoginia Medieval*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁴⁶ P. BOURDIEU, 1999.

⁴⁷ R.H. BLOCH. *Misoginia Medieval*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

⁴⁸ R.H. BLOCH, 1995.

Por essa lógica, implícita na metafísica medieval do número, também o Um é associado à unidade, à mônada, ao Princípio Primeiro – Adão –: corresponde ao “ordenado, limitado, cognoscível, masculino, ímpar, direito e luz”. O segundo se associa à multiplicidade, ao “desordenado, ilimitado, incognoscível, feminino, esquerdo, par e treva”. Por assimilação natural, o princípio primeiro liga-se como princípio fundador à gramática, à geometria, à filosofia, à teologia. Deste lado, à fixidez. O segundo, à multiplicidade, variação, mudança, alteração. Seguindo essa mesma linha, o princípio aristotélico percebe o homem como *espírito* e a mulher como *matéria*. Ou: homem = espírito, mulher = letra / lei. O estudo de Bloch mostra como a teoria jeovista do Genesis institui a mulher como detentora da lei, e portanto, inferior, em relação ao espírito Divino, que dispensa a letra.

O conceito Um, universal e eterno, percorrerá o discurso da filosofia até o século XIX, na forma já bastante conhecida da misoginia filosófica, que associa o homem à abstração, à filosofia, portanto, ao Universal, e a mulher ao detalhe, ao ornamental, ao estilo, portanto, ao Particular. Dessa forma, Hegel acena com a educação para as mulheres, desde que em atividades que “não demandem o universal”, como certas formas da arte, as ciências mais avançadas, a filosofia. Ou Proudhon, que radicaliza, atribuindo a crianças, eunucos e mulheres a ausência de idéias. Michelet também atribui a deficiências do pensamento o fato de a mulher *ter criado tão pouco*. Em Lombroso, as prescrições são mais específicas e nos interessam bem de perto neste trabalho: resultado de desenvolvimento evolutivo interrompido, a aptidão para o detalhe se soma à inabilidade para a filosofia, sua capacidade inferior de abstração e de síntese, além de seu preciosismo. Em compensação, sobram-lhe sutilezas na análise e atenção aos detalhes. Impelida para atividades que exigem abstração, corre-se grande risco de neuroses. Não inclinada à filosofia, igualmente “menos adaptada a escrever”. Daí Lombroso⁴⁹ associar as mulheres a uma oralidade abundante, excluída a escrita, “porque

⁴⁹ C. MARTINS JÚNIOR. *Mulheres “honestas” e mulheres “impuras”: uma questão de Direito*. In: XXIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/CARLOS%20MARTINS%20JUNIOR.pdf. Acessado em 31.01.08. Cesare Lombroso, jurista italiano que realizou pesquisas craniométricas em criminosos, neles descobrindo fatores anatômicos, fisiológicos e mentais. Dedicou ao criminoso e à prostituta (em sua opinião, equivalentes) dois livros célebres: LOMBROSO, Cesare – *L’ Uomo Delinquente*. 2ª edição. Turim : Livraria Bocca, 1878. LOMBROSO, Cesare e FERRERO, Guillaume – *La Femme Criminelle et la Prostituée*. 2ª edição. Paris: Felix Alcan, 1896. Foi inspirado em Lombroso que o jurista maranhense Francisco José Viveiros de Castro implantou no Brasil seu sistema de pensamento e legislação penal, tendo em vista coibir os crimes sexuais. Martins capta em seu artigo de maneira incisiva a interpenetração dos discursos da Moral com os do Direito, da Medicina Legal nas diversas formas que penalizavam diferentemente a mulher: em caso de estupro, por exemplo, a necessidade de comprovar “cientificamente” a violência, em seguida, a virgindade, e ainda, em última instância, a honestidade. As idéias de

seus centros gráficos são menos desenvolvidos.” Sua recomendação era que as mulheres, caso tivessem necessidade de escrever, que se restringissem às cartas, que se aparentam à conversação e que ao mesmo tempo podem suprir sua necessidade incoercível de falar.

Não deixa de ser paradoxal, finalmente, que a ciência nascente da psicanálise tenha buscado no mito fundador a lei necessária para justificar a proibição do incesto. Para explicar o sentimento de culpa, que no dizer do próprio Freud⁵⁰ estava longe de ser elucidado, ele apresentou a hipótese do pai terrível dos tempos pré-históricos, morto por seus filhos, desencadeando neles o sentimento de culpa, sentimento possível pelo caráter ambíguo de tirano e protetor.

O mito do tabu do totem no nível filogenético corresponde ao mito do complexo de Édipo no nível ontogenético. O mito do tabu do totem no nível filogenético se associa ao sentimento de culpa de um bando primitivo, que pede ao pai morto que institua as leis que evitem que os filhos cometam novamente esse crime terrível. No mito do complexo de Édipo no nível ontogenético, o pai institui a lei que proíbe o incesto mãe-filho, permanecendo neste o sentimento de culpa, por tê-la desejado.

No entanto, alguns autores⁵¹ apontam contradições na interpretação do mito, uma vez que a agressão original se dirigia do pai aos filhos, pela monopolização das mulheres com base na força física. A rebeldia dos filhos e o assassinato do pai constituíram uma reação à agressividade paterna. Esta leitura permite pensar as razões pelas quais o pai é inocentado na relação edípica. De fato, o pai sedutor deixou de existir na teoria freudiana depois que as confissões das históricas se mostraram fantasiosas – elas não haviam sido seduzidas pelos seus pais. No entanto, a inexistência de uma real sedução paterna não necessariamente

Lombroso relativas à prostituição feminina influenciaram as medidas saneadoras que afetaram todas as mulheres, e, dentre as trabalhadoras, especialmente as operárias das fábricas, que se deslocavam sozinhas à noite, atitude que contrariava o imperativo da “decência”. Ver também MARTINS JUNIOR, Carlos – *Francisco José Viveiros de Castro e a Nova Escola Penal. Criminalidade e Sexualidade no Brasil (1892-1906)*. SP: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1995.

⁵⁰ S. FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*, Edições Eletrônicas das Obras Completas de S. Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

⁵¹ GREGORY ZILBOORG, 1944. *Masculine and feminine: some biological and cultural aspects*, pp. 96-131 in Jean Baker Miller, ed., 1973, *Psychoanalysis and Women*. New York, Penguin Books. THERESE BENEDEK, 1968, *Discussion of Mary Jane Sherfey: The Evolution and Nature of Female Sexuality in Relation to Psychoanalytic Theory*. Journal of the American Psychoanalytic Association, 16, pp. 424-448. BAKAN, DAVID, 1966. *The Duality of Human Existence: Isolation and Communion in Western Man*. Boston, Beacon Press. Apud: N. CHODOROW. *Psicanálise da Maternidade*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2002.

eliminar a existência de uma fantasia do pai em relação à filha. Zilboorg⁵² argumenta pela demonstração dos motivos narcísicos e sádicos do pai primitivo, ao atribuir-se o controle de todas as mulheres, afirmando que os filhos não inspiravam sentimentos de terna paternidade, mas de ressentimento e usurpação. Assim, uma interpretação invertida do mito também corresponde a achados clínicos quase universais que têm procurado explicar até mesmo as raízes filogenéticas da hostilidade do pai civilizado em relação à sua própria prole masculina.

Boa parte da história das mulheres é contada através dos mitos, sejam eles os mais arcaicos, sejam os modernos mitos da ciência. Para assumi-los em sua real dimensão é necessário pensar a que serve a evocação do mito no seio mesmo da ciência, à parte seu imensurável valor simbólico. No capítulo seguinte, veremos como uma concepção sobre leitura e afinidades leitoras pode formar um mito, a se enraizar no senso comum: a crença de que as sublimes histórias de amor estejam destinadas desde a sua origem a recompensar o gosto e o público femininos, sobre a matriz inicial da literatura das Preciosas.

A produção dessa crença extrapola a tradição do gosto romântico suposto naturalmente feminino, uma vez que foi insuflado por Rousseau e prolongado nas mulheres por tempo excessivo. Essencialmente por duas razões: o modo tardio e portanto errático da apropriação feminina da leitura e a estratégica decisão editorial de produzir obras para um determinado público, no caso as mulheres. Não seria de se esperar de um mercado promissor o altruísmo de *formar* essa leitora nascente, herdeira do desejo das Preciosas.

⁵² G. ZILBOORG, 1944.

2. Repressão

2.1. A pena das Preciosas

Quando pensamos que os filósofos iluministas, Rousseau à frente, quase que em sua totalidade, produziram seus manifestos defendendo a subordinação feminina, ou quando pensamos que a Revolução Francesa, o símbolo maior da liberdade, pouco significou para a liberdade das mulheres, é preciso levar em conta não apenas o ineditismo de um desejo feminino que brotava em direção à palavra, para o qual nem homens nem mulheres estavam preparados, mas a força de uma filosofia moral que fincava raízes na racionalidade da ciência, abjurando a ilusão religiosa, que desprezavam, e à qual as mulheres continuavam essencialmente ligadas. A convivência nos salões, que podiam ser mundanos e filosóficos – quando se politizaram excluíram as mulheres – e a correspondência entre as grandes damas e os filósofos mostravam uma compreensão solidária para com a angústia dessas mulheres, sempre na fronteira entre o desejo de saber e os limites culturalmente impostos.

Não sabeis, nem podeis saber por experiência própria – escreve Mme du Deffand a Voltaire – qual é o estado daqueles que pensam, que refletem, que têm uma atividade e que, simultaneamente, não possuem nem talento, nem ocupação, nem distração... Já não tenho recurso algum contra o aborrecimento; sinto a infelicidade de uma educação descuidada; a ignorância torna a velhice bem mais pesada, o seu peso parece-me insuportável.” “Não tendes outro caminho a seguir”, responde Voltaire, “senão o de continuar a reunir à vossa volta os amigos. A doçura e a tranqüilidade da conversação é um prazer tão real como o de um encontro na juventude.”⁵³

Musil⁵⁴ mostra as contradições de uma intromissão das mulheres no mundo masculino da cultura e do poder que apontam para um pertencimento impossível. No mundo dos salões Diotima organizava seus banquetes e suas insurreições, acreditando na força feminina feita de uma “ternura interior” para salvar a humanidade das guerras e do materialismo... Ao passo que horas depois, na intimidade com sua jovem governanta, que partilhava com ela os romances já lidos e as roupas já muito batidas, ouvia Raquel contar a peripécia maior da sua

⁵³ C. DULONG. *Da conversação à criação*. In: G. DUBY; A. FARGE; N.Z. DAVIS. *História das mulheres no Ocidente*, v. III. Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 493.

⁵⁴ A. MUSIL. *O Homem sem Qualidades*, 2006, p. 118-145.

satisfação no dia, ao preparar a sala onde os homens se reuniriam: “... *aquela máquina perfeita que [eu] tinha permissão de manejar vinha do Ministério do Exterior e da Casa Imperial!*” Sua excitação provinha do acesso ao apontador mecânico e da tarefa que cumpria com alegria em seu uniforme da cor dos hábitos das freiras: deixar afiadas e em prontidão, como lancetas fálidas, as dúzias de lápis com que os homens mais tarde esboçariam os destinos humanos. O livro de Musil oferece-se a uma leitura cultural-sociológica tanto quanto filosófica e psicanalítica.

Penso que nesses salões brotou em grande parte nas mulheres o desejo de saber. Como brotou na distante aldeia camponesa oitocentista, na aprendizagem silenciosa da menina que de repente corrigiu o irmão e espantou o pai⁵⁵. Mas penso também que havia ali nesses salões um aliciamento irresistível ao efêmero, que com igual intensidade favoreceu o cultivo de um ideal de aparências e de valorização da exterioridade, dos maneirismos e das boas maneiras que tiveram seu ápice no movimento das Preciosas e que sobreviveriam de certo modo intocados até os dias de hoje – na arte, na literatura, na política, na sexualidade, na moral.

O esmero preciosista percorreu o discurso literário feminino, com a infalibilidade da marca de um recalçamento, que se manifestou não apenas na assepsia do vocabulário assexuado como também na inocência da criação romanesca com suas amenidades cotidianas e previsibilidades em seus desfechos em morte ou casamento. Eliot⁵⁶ e Woolf⁵⁷ ensaístas compilaram excertos ilustrativos e produziram análises que permitem estudar casos excepcionais como o de Jane Austen – ainda que seus enredos estivessem presos às intrigas domésticas, a densidade psicológica, a sátira, o bom-humor zombam o tempo todo da instituição burguesa que aparentemente louva. Austen aprofunda explicitamente a questão da leitura em dois de seus romances, *Mansfield Park* e *Northanger Abbey*, antecipando para o início do século XIX uma discussão que se estende aos dias atuais. Usa, no primeiro, do artifício comum de inserir uma representação teatral, fazendo seus personagens se confrontarem ante os conflitos da moral vitoriana altamente coercitiva, no fechamento e na imobilização das mulheres no espaço doméstico. Virginia Woolf, ao dizer que era necessário viver intensamente, ultrapassar fronteiras geográficas e cometer transgressões sexuais

⁵⁵ D. FABRE. *O livro e sua magia*. In R. CHARTIER (org.) *Práticas da Leitura*. 2. ed. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

⁵⁶ G. ELIOT. *Silly novels by lady novelists*. In: *Selected critical writings*. New York: Oxford University Press Inc., 2000, p. 296-321

⁵⁷ V. WOOLF. *Women and Writing*. London, A Harvest/HBJ Books, 1979. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

impunemente – ou ao menos ser potencialmente capaz de tudo isso – já assinalara ao menos sob esse aspecto uma condição de impossibilidade para a escrita feminina, entendendo a pudicícia como apanágio comum do existir e do escrever. Em decorrência disso é que se torna impossível não falar de sexualidade e de repressão ao tratar da relação da mulher com a palavra, lida e escrita. É sob o enfoque necessário da sublimação, da intensidade e da reversibilidade das pulsões, da sua conversão em sintomas corporais – ou *literais* – que se trata quando se deseja pensar os efeitos da repressão e do recalque sobre a sublimação.

É justamente para tentar deslocar a asserção de que seja *natural* que as histórias de amor, de um lado, e as histórias de guerra, de outro, empolguem diferentemente, da infância à maturidade, os diferentes sexos, que tento compreender – do ponto de vista do inconsciente e da cultura, de uma ancoragem na compreensão de certos aspectos do psiquismo feminino e na história cultural do feminino que se fez e se faz como uma apropriação em terreno inexplicavelmente alheio – o fenômeno dessas diferenças e das implicações sutis que elas próprias, como reprodução e como repetição, convocam tanto no psiquismo como na cultura. Esse *gosto*, ao nível da leitura, que tudo indica que provenha menos da escolha ou de uma natural inclinação, do que de uma inculcação e uma incitação, tende a refazer e estimular continuamente, ao nível da escrita, seus próprios mecanismos de reprodução.

Ao tentar essa compreensão, valho-me de uma concepção da cultura e do psiquismo como processos dinâmicos e interpenetráveis, em que apenas a incidência do *desejo* é uma constante, seja para exorcizá-lo, como nas exortações dos padres da Igreja, seja para exacerbá-lo nos limites do intolerável do gozo e da morte, como nos contos sadianos, seja ainda para domesticá-lo nas fronteiras indecisas da normalidade e da neurose, pelas vias da satisfação moderada e da sublimação. Desse modo, o desejo percorre o destino humano ocidental, sob os diferentes matizes das diferentes correntes filosóficas. A ética aristotélica – para nos remetermos a um marco importante em nossa compreensão da ética do desejo – situa expressamente o desejo na *totalidade* de um sumo Bem. A psicanálise lacaniana deslocará o desejo em direção ao objeto *metonímico* que jamais o satisfaz, porque é sempre desejo de uma outra coisa.

Considero esse o salto essencial da psicanálise em relação à filosofia tradicional, descentrando o sujeito de um eixo de moralidade e bondade à imagem divina, e posteriormente do eixo cartesiano do sujeito da razão, para o sujeito assujeitado pelo desejo inconsciente, pelas

pulsões, pelas perversões e pelas neuroses – salvo às vezes da psicose pela via extrema e quase inexorável da sublimação. Sob esse aspecto, nada mais distante do sujeito aristotélico do que o sujeito do inconsciente, determinado pelo discurso do Outro, pela linguagem que o antecede e na qual é inserido, em um meio cuja pré-existência o constitui como ser de linguagem, submetidos ambos a leis de funcionamento e existências que já existiam muito antes que ele viesse ao mundo.

Aristóteles⁵⁸ já vislumbra o ser do desejo inconsciente e seu impasse na economia dos gozos e prazeres, na distinção entre os prazeres corporais e os prazeres da alma. Em primeiro lugar, a existência comum nos dois sistemas – aristotélico e freudiano – de um ideal sublimatório: o homem continente e temperante da lógica aristotélica, obediente ao princípio racional e cultivador de hábitos virtuosos, já se encontra presente no superego severo que constrange a satisfação irrefletida de impulsos elementares, inibindo-os em seu objetivo, tudo isso que faz andar o neurótico. Neste caso, o *sumo bem* se desloca para a esfera do psiquismo, sem deixar para trás, muito pelo contrário, o sentido elevado do sublime, na função primordial que a psicanálise promoveu como deslocamento necessário no caminho das pulsões: a sublimação.

Se Freud combateu aquilo que considerava o *sentimento oceânico* de uma generalizada ilusão, reduzindo o homem e seu próximo à irredutibilidade de ter que conter seus mais baixos instintos em prol da civilização, o texto lacaniano ratificou por sua vez esse ideal civilizatório em termos ainda mais estritos. Ao inverter a fórmula original de Dostoievski para “Deus está morto, nada mais é permitido⁵⁹”, avança a idéia de que porque o pai está morto, o desejo se afigurará agora como mais ameaçador, demandando uma interdição ainda mais severa. Melhor para a “civilização”, para a ciência, para a arte: tudo aquilo que é proibido poderá reverter – na forma da transgressão ou da conformidade – no mais-de-gozar que resulta do desvio das pulsões sexuais, pela renúncia ao gozo: pela sublimação se faz, de um lado, a criação e de outro a admiração e a exaltação das obras de arte e das conquistas da ciência.

Na visão do sublime, Aristóteles enuncia três atributos morais a serem deplorados e evitados: o vício, a incontinência e a bruteza, enaltecendo seus contrários: a virtude, a continência... e a *fortaleza*. Se a brutalidade é inaceitável, seu oposto (moleza) também o é, já que caracteriza nitidamente a efeminação, nada digna de louvor. A leitura desses textos, nos quais a mulher

⁵⁸ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Os Pensadores, 1979.

⁵⁹ J. LACAN. *O Triunfo da Religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

não existe de um modo absoluto, definitivo, a não ser pela negação, uma vez que a estratificação social grega conferia à mulher posição pior que a do escravo esclarecido, atenua em boa parte a percepção de um tom misógino do Iluminismo e do Positivismo. Permite compreender, na virulência de pensar a inferioridade intelectual feminina como propícia a toda ordem de interdições e incitações, uma inversão lógica fundamental na relação de causa e efeito, inapreensível a muitos pensadores da cultura. Como também permite concluir, na linha do pensamento freudiano, que o retrocesso do pensamento totalitário pode avançar ali onde menos se espera e onde se supõe mais libertário, como demonstrará Elias na análise comparativa da filosofia pedagógica do ideal renascentista e positivista.

Como as mulheres vêm se inserindo – ainda pelos rodapés de páginas – e mais rapidamente do que se pensaria possível – nos interstícios da produção intelectual, artística e científica, penso que uma transformação como a que ocorre, impensável para a época de Aristóteles e mesmo para o pensamento científico do século XIX, parte do qual sobreviveu até o século XX e os nossos dias, mais do que justifica que se possam colocar em discussão algumas questões que a própria conjuntura social do século XIX se permitiu recalcar, forjando lembranças encobridoras para interpretações fechadas da sexualidade humana, em sua cegueira ao não perceber posições intelectualmente abertas no pensamento renascentista.

De fato, poderíamos pensar que as lacunas que têm servido de polêmica e causado tantos dissabores de parte a parte nas discussões sobre o feminino se deveriam ao fato de que a ciência nascente não poderia senão contemplar a experiência de uma condição feminina de que tinha conhecimento há tanto tempo, e num misto de comiseração e resignação, tecer a fiação teórica cujas premissas estavam irremediavelmente articuladas, reforçadas e condenadas a sustentar os símbolos que até então eram visíveis, legítimos, socialmente respeitados. No entanto, Laqueur⁶⁰ demonstrará como o discurso médico-higienista passou por cima de tantos séculos de conhecimentos para inverter a proposição primeira dos Antigos e afirmar, relativamente aos órgãos genitais, ao desejo e ao gozo, e na esteira da sua inferioridade social, a inferioridade sexual das mulheres.

Poderíamos pensar que não foi por acaso que a psicanálise surgiu no século em que a repressão sexual e a sujeição das mulheres atingiu um nível diríamos intolerável, quando a

⁶⁰ *Inventando o Sexo*, 2001.

medicina, a psiquiatria e a jurisprudência, solicitadas pela família, ofereciam seus discursos e intervenções fundados na ciência instrumentalizada cientificamente para contorná-las, reduzindo o sofrimento nas famílias. É necessário considerar o dado objetivo de que a descoberta do Édipo “foi contemporânea da organização jurídica da perda do poder paterno”⁶¹ na França. No Brasil, Freyre aponta para o enfrentamento paterno pelas filhas – fugas, raptos, casamentos consentidos – e pelos filhos bacharéis que desafiavam o feudalismo do poder patriarcal. De qualquer modo, em Viena, Célia Bertin⁶² registra um quadro de excesso de paternidade em todos os espaços da ciência e da cultura: Freud, Karl Krauss, Stefan Zweig, Altenberg, Schnitzler, Klimt, Schiele, Hofmannsthal, Wittgenstein, Wedekind, Musil, Mahler, Schönberg, para mencionar apenas a nata da intelectualidade. O temor do enfraquecimento paterno estaria latente no temor pelo esvaziamento da potência da cultura?

A contemporaneidade produziu um tipo menos patriarcal de sujeito criador e pensador, não necessariamente avesso às contingências do mundo cotidiano. A extrema diferenciação dos sexos referida por Freyre, na roupa, no uso da barba, no comportamento viril, refletia-se também no divórcio completo entre um mandonismo legitimado pela autoridade intelectual e uma obediência que não conhece mas reconhece essa autoridade como legítima. Pode-se pensar que ali no século XIX e início do século XX tentava manter-se vivo um ideal de intelectualidade e racionalidade patriarcais do qual a masculinidade era senhor absoluto, e que encontrava sua origem nos mitos arcaicos da imago paterna, que era necessário conservar, para o bem da civilização. Desse ponto de vista, as mulheres também seriam beneficiárias do processo de civilização, ainda que não participassem diretamente dele. Em Viena, por exemplo, a elegância dos salões, a música onipresente, os jardins públicos, o teatro e a ópera, a agitação mundana, pareciam representar o ápice material do refinamento que a ética do amor cortês inaugurou nas cortes feudais. Parecia impossível que se desejasse mais, afinal de contas o que querem as mulheres? Afinal, a passagem dos comportamentos *bárbaros* aos *civilizados* exigiu aos homens uma capacidade imensa de renúncia.

Elias⁶³ permite compreender a transformação na estrutura das mentalidades quando descreve, na passagem de comportamentos *bárbaros* para modos ditos civilizados, as modificações nas fronteiras do embaraço, nos patamares da vergonha, e, poderíamos dizer, no refinamento da

⁶¹ M. FOUCAULT. *História da Sexualidade*, v. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 122.

⁶² C. BERTIN. *As Mulheres em Viena nos Tempos de Freud*. Campinas: Papirus, 1990.

⁶³ N. ELIAS. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

expressão desejo. A referência aos manuais de civilidade dos séculos XVI e XVII, destacando em minúcias certas recomendações impensáveis para os dias de hoje, nos permite compreender o alcance e a profundidade dessas transformações, bem como avaliar seus efeitos sobre o psiquismo. Cito deles um pequeno artigo, objeto de estudo escolar dos meninos da época: “*É indelicado cumprimentar alguém que esteja urinando ou defecando...*” O autor prossegue:

A pessoa bem educada sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a natureza atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. (...) Prender a urina é prejudicial à saúde e urinar em segredo diz bem do pudor. Há aqueles que ensinam que o menino deve prender os gases, comprimindo-os no intestino. Mas não é conveniente, esforçando-se para parecer educado, contrair uma doença. Se for possível retirar-se do ambiente, que isto seja feito a sós. Mas, em caso contrário, de acordo com o antigo provérbio, que a tosse esconda o som.⁶⁴

Manuais de cortesia e civilidade dão conta das extremas modificações – na estrutura psíquica das pessoas, em diferentes épocas –, que ocorreram nos padrões de pudor, vergonha, repugnância e embaraço que orientavam seus comportamentos. O simples exemplo da restrição e das recomendações sobre o uso da faca à mesa de refeições é revelador de um período de transição entre uma sociedade guerreira e uma sociedade pacífica, cuja necessidade era remodelar seus afetos e opor barreiras a todo e qualquer sinal de perigo, um dos quais era representado pelo uso da faca. Uma das recomendações nesse sentido dizia: “Se passa uma faca a alguém, pegue-a pela ponta e lhe ofereça o cabo, porque não seria polido agir de outra maneira”⁶⁵. Na China, a faca não é utensílio de mesa, embora seu uso no Ocidente seja comum. Isso porque a classe alta chinesa que ditava os modelos de comportamento era composta não de guerreiros, mas de funcionários públicos eruditos – daí o comportamento europeu nesse aspecto ser considerado *bárbaro* pelos estrategistas culinários chineses.

A moderação nos costumes cotidianos recomendada nos manuais refletia também a redução dos padrões da agressividade guerreira. A história das guerras documenta a progressiva passagem de batalhas sangrentas particularmente atravessadas por atos de crueldade e

⁶⁴ ERASMO DE ROTTERDAM. *De civilitate morum puerilium*, edição de Colônia, 1530, apud N. ELIAS, op. cit.

⁶⁵ CALVIAC (1560). In: N. ELIAS, 1994, p. 130.

selvageria (rapinagem, morte ou mutilação de prisioneiros, desmembramentos, devastação e execuções cruéis) para atos de belicosidade menos descontrolados, envolvendo igualmente atos de morte e devastação, mas já então despidos da selvageria que caracterizava os embates anteriores, em que se lutava sob qualquer pretexto – a pilhagem, as guerras, a caça faziam parte do cotidiano medieval – e os torneios (as justas) tingiam de sangue também os breves intervalos de paz. É certo que a unificação dos feudos medievais sob o regime absolutista foi determinante para que as atrocidades das guerras locais em que todos lutavam contra todos de forma generalizada dessem lugar a modos guerreiros mais assépticos, especializados, melhor organizados e subordinados a um poder central.

Em sua carta-resposta a Einstein⁶⁶, sobre a guerra, Freud faz alusão a um poder central efetivo, cujo poder de dissuasão tornasse impossíveis outras guerras, lembrando o pan-helenismo, que contribuiu para a pacificação da nação grega. Também o período do regime absolutista contribuiu para que o ímpeto guerreiro dos senhores feudais fosse contido, ao menos em sua intensidade e direção. Em sua carta, Freud expressa sentimentos de preocupação e pessimismo com o estado de coisas – não poderia ser diferente, tendo ele testemunhado a Primeira Guerra e a iminência de uma outra – e explica as atrocidades do passado por um “instinto de ódio e de destruição”. Trata-se aí da projeção do seu conceito de pulsão de morte – subjacente em todo ser vivo – em direção ao outro, ao inimigo a ser destruído.

A importância desse texto reside a meu ver em sua afirmação de que “as modificações psíquicas que acompanham o processo de civilização são notórias e inequívocas”. Essas modificações psíquicas deslocam progressivamente os objetivos pulsionais, impondo-lhes limites, através do fortalecimento do intelecto e da internalização dos impulsos agressivos, “com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos”.

A agressividade original, se assim podemos dizer, é decifrada na cena analítica por intermédio das imagens de castração, evisceramento, emasculação, mutilação, desmembramento, devoração, capturadas nos sonhos ou nas lembranças de infância, e que Lacan⁶⁷ reúne sob o termo *imagos*, constituindo as *imagos do corpo despedaçado*, evocando mais além as imagens

⁶⁶ S. FREUD. Carta de Freud a Einstein, *Por que a guerra?* In: *Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

⁶⁷ J. LACAN. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp 104-126.

de Hieronymus Bosch. Segundo ele essa *imago* traduz uma relação do homem com seu próprio corpo, por meio de práticas sociais como os ritos de passagem, ritos de tatuagem, de incisão e circuncisão provenientes das sociedades primitivas. Modernamente, a “arbitrariedade procustiana da moda⁶⁸” impõe uma espécie de flagelo que desnaturaliza o corpo, que o sacrifica à cultura, à civilização no seu sentido antes francês do que alemão do termo: a estética do refinamento.

O processo civilizador em seu sentido social exige que o indivíduo pague um alto preço: quanto mais avança, a evolução cultural ou a conquista intelectual, se faz cada vez mais à custa da sexualidade de modo geral e do deslocamento da agressividade em particular para o interior do psiquismo humano. Freud alerta para o verdadeiro perigo dessa agressividade voltada para o interior e fixada internamente como sentimento de culpa, que se esquia na impotência de uma marca original inevitável. O sentimento de culpa habita o sujeito contemporâneo em uma tensão permanente, na qual um superego severo entra em luta constante contra um ego complacente e gozoso, que paga um alto tributo à cultura e em vista disso tenta gozar a qualquer preço, ainda que ao preço do próprio sintoma.

A renúncia pulsional provém do medo de agressão por parte de uma *autoridade externa* coibidora. Essa renúncia, que se repete em virtude das sucessivas interdições, torna-se uma *fonte dinâmica* da consciência, capaz de inverter o processo e tornar-se, não *efeito*, mas *causa* do processo. Isso acontece porque as interdições foram internalizadas pelo psiquismo, na forma da *autoridade interna*, dinamizando uma progressão na exigência pulsional, ou seja, fazendo com que a cada renúncia pulsional admitida, aumente a severidade da interdição e por conseqüência da renúncia seguinte. Daí Freud⁶⁹ trazer a afirmação para ele mesmo paradoxal de que “a consciência é o resultado da renúncia instintiva (pulsional), ou que [esta] (imposta de nós de fora) cria a consciência, a qual, então, exige mais renúncias instintivas”. A conseqüência de um superego cada vez mais severo é bastante condizente com a mudança na estrutura psíquica das mentalidades que são causa e efeito em um processo civilizador, em sua lenta evolução, conforme os achados históricos permitem observar.

⁶⁸ J. LACAN. *Escritos*, 1998, p. 108.

⁶⁹ S. FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. In: *Os Pensadores - FREUD, Sigmund*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 180.

Recomendações como a de Erasmo, no trecho há pouco transcrito, eram freqüentes e se referiam explicitamente às restrições impostas pelo decoro às funções corporais sob os olhos de outras pessoas, aconselhando certa reserva e comportar-se na situação “de modo sensato, cortês e respeitoso em palavras e gesto”. Um livro escolar de 1568 trazia um diálogo em que uma criança relatava com naturalidade ao mestre a sequência ordenada da realização das suas funções corporais, começando por “urinei na parede do pátio”. Esse exercício narrativo visava à sua aprendizagem por imitação pelos demais alunos. Outras recomendações nos manuais, que dizem respeito especificamente às transformações no patamar de repugnância, trazem orientações claras sobre o dever de não escarrar sobre a mesa, ou não escarrar tão longe que seja necessário procurar o esputo para “pisá-lo com o pé”. Se a crueza dessas regras escritas causa aversão ou estranheza, a moda da escarradeira institucionalizou aos olhos de hoje um hábito em si mesmo repulsivo, mas significou em relação aos manuais medievais de cortesia, uma verdadeira evolução nos costumes relativos à saúde, que prescreviam a eliminação. Hoje, quando a escarradeira virou objeto de museu, retornamos muitas vezes ao dilema civilizacional que põe à prova nosso sentimento de repugnância e nosso desejo de libertação. Não existem escarradeiras nos campos de futebol, é o que mostra a transmissão televisiva de todos os lances da partida. E no entanto *jogar* é preciso.

Que jogo era possível às Preciosas, que desejavam *saber* – vejam logo adiante o programa enciclopédico que propuseram –, mas que estavam atadas de mãos e pés por todas as formas de ignorância intelectual e inocência sexual? Tiveram a pretensão, e foram por isso objeto da ironia dos homens, de depurar a linguagem de toda obscenidade e falta de decoro. Expressões como defecar, clister, estar de parto e outras de sentido grosseiro ou indecentes estavam proscritas do seu vocabulário. Por sua influência, escritores cortesãos retiraram de seus romances ou poemas expressões ou situações que pudessem ofender ou macular a sensibilidade de suas leitoras. Essa caça às palavras indecentes, a mediocridade dos romances escritos por mulheres até o século XIX, os espantosos pudores que fizeram com que as romancistas inglesas do século XVIII⁷⁰ produzissem heroínas virtuosas em profusão celebrando o casamento, que em nada anunciavam romances como “O Morro dos Ventos Uivantes”⁷¹ ou “Jane Eyre”⁷², a ausência completa de histórias de moças pobres que se tornaram prostitutas, como Moll Flanders ou Manon Lescault, a não ser sob as penas de

⁷⁰ C. DULONG. *Da conversação à criação* in DUBY, G. et al. *História das Mulheres no Ocidente* v. 3. Lisboa, Afrontamento, 1994.

⁷¹ EMILY BRONTË. *O morro dos ventos uivantes*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁷² CHARLOTTE BRONTË *Jane Eyre*. London Penguin Popular, 1994.

escritores do sexo masculino – que relações de interdependência ligarão todos esses eventos de modo que a história da leitura e da escrita das mulheres culminasse nesse reduto efêmero das *belas letras*, da *bela linguagem* e dos *belos sentimentos*?

Tudo leva a supor que isso se deva a uma total ausência de alternativas no campo do saber. A contingência de mediar nos homens como objeto poético idealizado a necessária sublimação das pulsões sexuais agressivas, por meio da palavra, e exercitá-la em si mesmas não explicam por si sós essa alienação no Imaginário. O programa enciclopédico que as Preciosas demandaram foi o aspecto comovente pelo qual se manifestou nelas o desejo de saber por tanto tempo reprimido. Antecipando o sonho da Biblioteca do Rei, de Mercier⁷³, ou da biblioteca infinita de Borges⁷⁴, pediam elas

a política geral de todos os povos, um curso de filosofia de todos os séculos, a história geral de todas as coisas num volume especial, e pôr num único livro todos os segredos da arte e da natureza. Seria necessário que o estilo fosse puro e refinado, o pensamento sutil e popular e a seqüência contínua e entrecortada por algumas digressões agradáveis⁷⁵.

De certo modo, podemos concluir que esse espírito de exaustividade e correção que percorreu o movimento das Preciosas esteve presente historicamente nos escritos das mulheres, quando consideramos a produção literária feminina do ponto de vista do gênero textual, dos temas, do tom e do estilo. É verdade que o Preciosismo teve um alcande limitado, uma vez que se restringiu à corte francesa. Desse período são bastante representativos o imenso romance *Clélie – Histoire Romanine*, de Mlle de Scudéry, contendo o seu Mapa da Ternura (Pays du Tendre), inspirado na ética do amor cortês, o clássico romance de Mme La Fayette, *La Princesse de Clèves*, as cartas de Mme de Sévigné.

As mulheres que no século XVII desejaram reformar a linguagem e depurá-la de sua grosseria e obscenidade foram capazes de marcar uma posição possível, no sentido de afirmar seu direito de acesso ao conhecimento e à escrita. Fizeram-no produzindo cartas e romances, freqüentando principalmente o salão da Marquesa de Rambouillet onde se reuniam físicos, médicos, astrônomos, geômetras. O saber dos homens atraía as mulheres como um fruto

⁷³ R. CHARTIER. *A Ordem dos Livros*. Brasília, 1999.

⁷⁴ J. L. BORGES. *A biblioteca de Babel*. In: _____. *Ficções*. São Paulo, Globo, 2001.

⁷⁵ C. DULONG. *Da conversação à criação*, p. 483.

proibido, uma vez que todas as disciplinas científicas lhes estavam vedadas. Criticando o rigor formal das obras eruditas, solicitavam obras mais acessíveis, livros de vulgarização em linguagem mais simples, que pudessem compreender.

Por mais que as Preciosas tenham sido ridicularizadas, muitas vezes por sua afetação e excessivos pudores, seus escritos têm um valor histórico e social relevante para compreender a evolução da escrita feminina. Os salões franceses, com todo o seu pendor para o efêmero – as Preciosas introduziram o colorido da natureza para dentro dos salões, com suas flores, ramos, jarras, bibelôs – permitiriam que essas primeiras escritoras acreditassem ser possível escrever e não contentes audaciosamente propusessem uma reinvenção da escrita, nos moldes das boas maneiras. Essa escrita modelar, expurgada de significantes obscenos, não foi exclusividade preciosista dessas mulheres recatadas. Sintomaticamente, a literatura erótica de início do século produzia aberrações estilísticas hoje risíveis: Um exemplo: “Ela afagava cariciosamente a minha flecha de cupido que estava na sua máxima virilidade, eu retribuía essa carícia incendiária, cofiando-lhe o soberbo e frondoso matagal que lhe assombrava o pórtico do amor.”⁷⁶

É possível que a hipocrisia lingüística que teria feito corar D. H. Lawrence, de acordo com Sergio Augusto, encontre analogias no purismo sonhado pelas Preciosas. As palavras e as coisas dos sexos habitam regiões diferentes, pudicamente separadas, nos espaços mais fortemente marcados pela repressão sexual e pelo recalçamento.

O saber dos salões e a proximidade dos intelectuais que corrigiam a sua sintaxe eram essenciais às Preciosas francesas, que não traziam, como as escritoras inglesas, a tradição da leitura de obras de piedade e textos devotos, é verdade, mas que juntamente com a tradição da leitura da bíblia, abriam para universos que extrapolavam o religioso. Além disso as filhas de pastores contavam com suas bibliotecas, três vezes mais numerosas na Inglaterra do que na França no século XVII. As peças de Shakespeare mostram moças desenvoltas e bem falantes participando dos debates oratórios, resultado sem dúvida desse conjunto de fatores que por sua vez impulsionaram a instituição da escolaridade obrigatória nos meios protestantes.

⁷⁶ SÉRGIO AUGUSTO. *Entre o pudor e a volúpia*. In: R. DARNTON. *Sexo dá o que pensar*. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 jul. 1995. Caderno Mais, p. 4-7.

Não houve salões espanhóis, o que é paradoxal, diante da importância do romance de cavalaria e da poesia cortês, que tiveram origem na civilização espanhola e produziram tantos efeitos de longa duração em outros países. Isso talvez implique que a educação das mulheres tenha buscado o caminho dos conventos, de onde surgiram as grandes escritoras místicas. O autodidatismo de Sórora Juana Inês de La Cruz⁷⁷, seu grande interesse pela ciência, bem como sua produtiva atividade literária, em parte formada por poemas eróticos, foram conscientemente buscados no convento, para o qual entrou sem nenhuma vocação. Ali ela formou sua biblioteca, leu tudo o que estava ao seu alcance e produziu seus trabalhos.

Se pudermos associar o estilo preciosista à produção intelectual das mulheres, não poderemos contudo atribuir uma relação de causa e efeito, mas de continuidade. Implícita em toda literatura feminina, parece haver uma causa a defender, uma antiga dívida a resgatar, presente já no sonho ingênuo das Preciosas de reformar o mundo e a linguagem. Mulheres católicas e protestantes escreveram romances sociais e morais, literatura devota e moralizadora, tratados de educação para as filhas, antologias morais para uso prático, manuais de etiqueta, acalentando talvez o mesmo sonho. Seria possível pensar que esse desejo insistente em reformar o mundo, na tradição do pensamento romântico, seria da mesma ordem daquele que inscreve sua marca na escrita de tom reivindicatório do dominado? Seria necessário que sua condição culturalmente dominada deixasse de existir para que se modificasse sua situação no campo literário?

Na literatura ficcional intimista, é possível que as autoras dificilmente se libertem de modo pleno da prolongada herança de silêncio. Boa parte da boa literatura feminina expõe esse impasse da intimidade, deslocado sintomaticamente para o social, pelo temor do que terá que despertar se ousar falar verdadeiramente de si. De outro lado, o que significa este falar de si sem falsear o pé nas tramas imaginárias ao produzir o mesmo?

No próximo capítulo, partiremos da assertiva de Lacan “A mulher não existe”, interrogando-a do ponto de vista de um discurso psicanalítico fazendo a transição entre dois momentos de representação das mulheres: na ciência, na literatura, na pintura. Veremos também, por meio das cartas das filhas de Marx, um modelo de como elas percebiam a si mesmas enquanto mulheres do século XIX.

⁷⁷ O. PAZ. *Sórora Juana Inês de la Cruz*. São Paulo: Mandarim, 1998.

2.2. A mulher existe?

A psicanálise nascente – e este talvez seja um de seus grandes paradoxos –, ultrapassou o patamar biológico ao instaurar uma possibilidade inteiramente nova de discurso, o do inconsciente, mas não pôde escapar totalmente ao enredamento de formações discursivas em que o ideal positivista marcava profundamente as diferenças de gênero. Freud fundou o discurso psicanalítico e no dizer de Lacan⁷⁸, seu acontecimento teve o significado da *suspensão da rota celeste*, à medida que o inconsciente freudiano transformou radicalmente o paradigma filosófico da representação clássica, pelo descentramento do sujeito.

A psicanálise privilegiou a escuta, quando a visão no século XIX era o órgão privilegiado para a frenologia, ao definir o caráter pela observação dos traços do rosto. A psicanálise ultrapassou a ortodoxia médica e psiquiátrica, desde os procedimentos agressivos das ovariectomias, as excisões clitoridianas, os internamentos em asilos psiquiátricos, a exposição teatral das histéricas, as práticas hipnóticas, até chegar à associação livre – e, por último e mais importante: provocou a aparição de uma verdade sobre o saber que está muito além do enunciado e do significado aparente e que só se permite ser decifrada nas falhas do discurso, na atenção flutuante que o saber do analista desvela a partir da cadeia significante no ato da enunciação.

Nada poderia estar mais distante do olhar perscrutador sobre as incisões corporais no laboratório dos anatomistas na virada do século do que o *semblante* de olhar analítico depurado de interpretações selvagens porque submetido à prova sistemática da lógica dos significantes cujas insistências, cujas ausências são também por sua vez submetidas a uma decifração *ponderada*, depurada de seus excessivos determinismos puramente biopsíquicos. O olhar lacaniano teria verdadeiramente operado sobre o ver freudiano uma diferente visão de mundo?

Terá Lacan invertido o espelho de Freud, por uma astúcia da óptica e do intelecto, proclamando que o que procuramos não é o que vemos, mas justamente o que não vemos, ou seja: não aquilo que a menininha via em seu irmão e não via em si, mas na verdade aquilo que

⁷⁸ J. LACAN. *O Seminário, Livro 16: De um outro ao Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

não vemos, o objeto enquanto ausência, a sombra na cortina, a mancha no espelho, o pintor na tela, a *presença* angustiante da ausência, o irrepresentável?

A simbólica lacaniana parece indicar que sim. O objeto que ele designa por $-\phi$ é o falo imaginário que se presentifica pela ausência. Ao dizer que o que se procura “não é, como se diz, o falo – mas justamente sua ausência”, configura a angústia diante não daquilo que se vê (no irmãozinho incipiente ou no adulto exibicionista), mas daquilo que a imagem oculta, e que só será possível compreender através do desvelamento das fantasias inconscientes. O falo imaginário pode ser entendido como a metáfora de um pai onipresente, ainda que ausente, como instalador de uma ordem, de uma interdição, sob a forma de uma ameaça permanente e indefinida, um superego vigilante e punidor.

Na sutileza dessa passagem de Freud a Lacan pode ser compreendida a problemática da castração pela resolução do complexo de Édipo no homem, entendido aqui em sua especificidade de sexo/gênero. Ultrapassada a etapa do apego à mãe, o menino encontra a recompensa para a castração na possibilidade de identificação com o pai, pela garantia de acesso ao falo real e ao falo simbólico, os quais já lhe estavam de antemão reservados, desde quando ainda habitava o ventre materno. Diferentemente da menina, conforme o próprio Freud reconsiderou em sua posterior avaliação sobre a simplicidade na resolução edípica, não há dúvida de que para o menino é bem mais fácil resolver simultaneamente seu complexo de castração e o de Édipo, por um processo de identificação ao falo simbólico como promessa de um devir, que lhe permite liberar-se pacificamente da dupla reflexão especular do falo imaginário, fantasia de sua angústia. Essa angústia *universal* da castração, será ela experimentada dessa forma pela menina?

Por meio da imagem metafórica da relação especular, Lacan⁷⁹ elabora o conceito de falo imaginário negativizado, “reserva operatória” que permite pensar a castração no homem como na mulher. Esse falo imaginário ($-\phi$) constitui o objeto *a*, *resto* do investimento libidinal cuja totalidade não passa pela imagem especular do vaso, significando a falta primordial, oriunda da castração originária.

⁷⁹ J. LACAN. *O Seminário, Livro 10: a angústia*. 3. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2002.

A metáfora topológica do *cross-cap*, transformado topologicamente e cortado e de modo a formar duas novas superfícies, das quais apenas uma é especularizável, permite o acesso ao que ele chama *dois pontos privilegiados*, cuja união possibilita demonstrar a passagem de uma superfície externa para outra, a indiferenciação entre interno e externo, com efeito semelhante ao produzido com mais simplicidade na faixa de Moebius. Esse ponto duplo e simples ao mesmo tempo, lugar do *buraco*, é o falo – simbolizado pelo objeto *a*, o objeto causa do desejo. É nesse ponto, ou nesse registro imaginarizado – do objeto *a* – que Lacan situa a angústia da castração em sua relação ao Outro, surgida do confronto com o estranho-familiar em sua imagem no espelho, no texto de Freud.

O discurso lacaniano sobre a prevalência fálica permite múltiplas leituras, uma vez que ele se refere ao falo simbólico ou imaginário, e ao falo como pênis real, em seu seminário da angústia.

No primeiro caso, Lacan remete-se ao nível *simbólico* da cultura, aos empreendimentos humanos eminentemente masculinos, elevando-os ao mais alto grau de sublimação – e nessa concepção simbólica, a título de reforço, ele também recorre muitas vezes ao *imaginário* pictórico e escultural – o $+ \phi$, que também em um nível *simbólico* erige a forma fálica desde as culturas mais antigas –, o que me leva a pensar que seu enfoque geral do conceito de falo situa-se em um nível no qual o imaginário e o simbólico se complementam e se realimentam, deixando pouca margem de movimentação ao plano da realidade – que transtorna o Real.

Dois fatores essenciais, determinantes, vitais, reclamam a atenção psicanalítica, desde o surgimento da psicanálise: a histeria feminina e o enfraquecimento do pai. Podemos inverter a ordem, se os pensamos concomitantes, mas não podemos inverter os termos: histeria masculina e enfraquecimento da mãe. Por dois bons motivos: o eixo central do discurso psicanalítico é o falo (paterno), a histeria é essencialmente feminina. E o poder de bastidores de nossas mães dificilmente excedeu os limites dos contornos coloridos da linha e da agulha. É bem verdade que se quer às vezes ampliar o domínio da neurose – o *bom neurótico* é o obsessivo, *workholic* normal do nosso tempo, do mesmo modo que o normal *histérico* tende a ser visto nos tempos contemporâneos como o modelo vivaz de uma personalidade ao mesmo tempo criativa e temperamental, sempre pulsante.

É como se o termo *histeria* pudesse escapar ao seu sentido *médico-psiquiátrico-psicanalítico* originalmente objetivado nas mulheres para que a linguagem cedesse corpo a um discurso de apagamento das diferenças, ao menos no contexto biológico, para estabelecer-se num lugar tanto menos estigmatizado quanto mais legitimado pela aparente neutralidade do discurso do inconsciente do desejo, que se realizaria por métodos histérico-paranóicos de construção. Neutralidade de sexo-gênero, antecipando a acepção deleuziana de que “o inconsciente não tem sexo”, ou “o inconsciente é órfão”.

Figura 4

A figura deve ser vista no plano, de modo que sobressaiam os triângulos externos em um primeiro momento discursivo e os triângulos internos, representativos de um segundo momento, quando o discurso psicanalítico encontrou na arte surrealista a expressão adequada do inconsciente sexual. O par de triângulos sobrepostos sugere continuidade e interferência recíprocas, na forma como o poder, a arte e medicina representaram o ser feminino. Ao mesmo tempo que em relação de continuidade, os triângulos externos afastam-se dos internos por uma condição importante: excesso de Real nos externos (na intervenção sobre o corpo e o psiquismo, na anexação patriarcal, na representação literária da histérica), excesso de

Simbólico nos internos (economia dos prazeres, representação pictórica do desejo inconsciente, discurso do inconsciente). Todos os campos investidos do Imaginário.

A necessidade psíquica de desprender-se dos modos excessivamente diretos das formas realistas e naturalistas de representar a realidade produziu, nos artistas surrealistas (e posteriormente nos modernistas), um ímpeto criador esteticamente mais distanciado na denúncia e na tentativa de demolição dos antigos valores: *a dor, a loucura, a morte*, mas também *a arte, o conhecimento, o desejo*, provinham de e ao mesmo tempo geravam uma mesma angústia, a cuja expressão era preciso dar forma através de imagens oníricas compósitas, deslocadas e condensadas, na linguagem do inconsciente.

O discurso psicanalítico privilegiou aquilo que o movimento surrealista definiu como conhecimento crítico-paranóico – o conhecimento irracional presente já na própria interpretação dos fenômenos delirantes.

Na arte surrealista, proliferou um Simbólico hiperbólico: metáforas da incorporação paranóica do conhecimento nas imagens de canibalismo; metáforas do sexo e da morte, como a do louva-a-deus, presença obsessiva da fêmea que extermina o macho, parodiado por Dalí a partir do louvar a Deus de Millet (figuras 5 e 6); as metáforas religiosas, como a cabeça explodida internamente revestida por uma cúpula renascentista, ou corpos flutuando no interior de catedrais ocas em direção ao topo, vazio; metáforas da morte, nos alimentos que se transformam, amolecem e apodrecem ou adubam os ciprestes já então petrificados; metáforas da guerra e da destruição, nas imagens duplas como a dos dois altivos guerreiros-seios que se confundem visualmente na cena de batalha e no corpo em desolação feminino; metáforas do inconsciente e da memória, nas gavetas e figuras-móveis, metáforas da impotência nas muletas sustentando tudo o que é sólido; e principalmente as metáforas da ciência atômica nascente, das descobertas da genética, do número de ouro na matemática – que fascinou Lacan nas séries decrescentes de Fibonacci, no desejo de demonstrar a divisão subjetiva produzindo o sujeito absoluto do gozo.

Algumas metáforas permitem pensar o feminino, o corpo, as formas de coerção, a subversão profanatória do sublime, a penetração e a devoração. A pintura do louva-a-deus (figura 6), recorrente nos textos lacanianos, especialmente no seminário sobre a Angústia, remete à mulher, ou à mãe devoradora. A maternidade e a amamentação fazem buraco ali no tronco

feminino de onde o móvel é retirado, para projetar a sombra da mamadeira ao lado da mulher totalmente velada, nos limites do seu próprio corpo, em total demissão. (figura 7).

Figura 5

Figura 7

Figura 6

Arte, ciência, alma, pulsão, emergindo de um inconsciente cuja instauração nos diferentes domínios das disciplinas e especialmente na filosófica libertasse a todos de todas as correntes: submetidos ao inconsciente, negados enquanto sujeitos, estamos livres de todas as conseqüências – se Deus está morto, tudo é permitido. No entanto, Lacan introduzirá o freio simbólico do *Nome do Pai*, invertendo a fórmula de permissão do Deus morto de Dostoievski em proibição.

Esse *Nome do Pai* é o que fará nó e onde Lacan situará o desejo como objeto pequeno *a* na tríade do Real, Simbólico e Imaginário, identificado como o desejo da histórica. O Nome do Pai, “não só o pai como nome mas o pai como nomeador” é o termo com que ele denomina aquilo que para ele substitui o complexo de Édipo. O Nome do Pai é situado assim no buraco do Simbólico, ao passo que o Imaginário é que deve ser tomado em sua consistência. O Imaginário não significa pura imaginação, no Imaginário é que se produz o sentido (na conjunção entre o Imaginário e o Simbólico) – de fato, “como poderíamos pretender uma construção, um fabrico de sentidos cuja consistência não fosse imaginária?”⁸⁰

A pensar assim, o Imaginário pressuposto no simbolismo surrealista cria suas próprias leis, às quais os discursos religioso, o jurídico e o filosófico não têm acesso a não ser para assegurar esteticamente uma arte que preserva as instabilidades, as indefinições, as abstrações absolutas, as incertezas, as aberrações, as obscuridades, a irracionalidade. O religioso e o jurídico aí estão não para dirimir o ponto polêmico nas relações cotidianas ou dirigir consciências, mas para conformar pela denegação mais explícita a estética da vanguarda do início do século, ao compor as formas antitéticas que fazem do real, o irreal, da realidade, o sonho, da vida, a morte. Revirada pelo avesso, a contrição cristã reverte em irreligiosidade – na qual Gala reina como Madona triunfante – e os imperativos do direito se deslocam nas formas obscuramente compósitas onde tudo é possível, ou nada é impossível, e até a guerra pode parecer bela.

O centro da estética surrealista é o descrédito da realidade estabelecida como instrumento de poder e repressão, daí a temática do amolecimento das imagens pelos sonhos, o alimentício como metáfora da imortalidade e do conhecimento, as engrenagens da memória e as imagens ambíguas, a onipresença bifronte da morte e do desejo, o paradoxo do inquietante (o estranho) no visível e no invisível das imagens do duplo, a escrita automática do sonho nos desejos

⁸⁰ J. Lacan. *O Seminário, Livro 22: RSI* (1974-1975). Inédito.

inconscientes. É nesse reino de relógios moles e alimentos e organismos em putrefação que a psicanálise é também chamada a intervir, porque seu material se identifica com bastante precisão ao material dos sonhos do inconsciente freudiano.

A efervescência intelectual paranóico-delirante se afina com a teoria do Édipo, na sedução ou no vilipêndio à mãe: “às vezes cuspo por prazer sobre o retrato de minha mãe”⁸¹, diz a legenda escrita por Dali na cromolitografia do Sagrado Coração na exposição de Paris. Bataille escreve sua heróica narrativa do incesto materno “Minha mãe”⁸², reatualizando fantasias infantis e Michel Leiris pronuncia seu anti-poema dedicado à mãe⁸³. Esse farto material pictórico e literário e a teoria psicanalítica se alimentam e se apóiam mutuamente, no plano intelectual, tal como seus artífices nos encontros mundanos também encontram os meios para reforçar essa dupla conexão. Também não é por acaso que Freud usa pela primeira vez o termo *complexo de Édipo* justamente no texto que define a escolha de um objeto depreciado, no caso, a prostituta, figura-antítese ou duplo da mãe no sonho e no romance familiar.

Retomando a pergunta-título deste capítulo, é preciso acrescentar que a atmosfera surrealista pode ter favorecido a posição cultural das mulheres de forma semelhante à dos salões artísticos e intelectuais dos séculos anteriores. Algumas mulheres criaram sua própria arte, como Louise Borgeous e Maria Martins. Outras compartilharam como companheiras e muitas vezes brilharam intelectualmente de modo especial, à medida que se destacaram nesses ambientes mundanos nos quais acompanham seus maridos, nas boemias artísticas e literárias, em exposições, teatros privados e jantares, leitura e recitação recíproca de textos, na crítica de artistas da vanguarda cultural de seu tempo, na mútua concepção de ideais sexuais libertários, geralmente assimilando-as à sua realidade existencial. Algumas mulheres tornaram-se pintoras, cantoras líricas, escritoras de romances, atrizes – cumpre dizer, geralmente seguindo no todo ou em parte caminhos trilhados ou abertos por pais, maridos ou amantes influentes.

Ainda não se trata de uma posição cultural autenticamente conquistada, não é da herança cultural materna que se trata, mas de uma identificação paterna que falamos: mulheres liberam-se dos componentes sexuais maternos mais reprimidos e mais repressores, por uma

⁸¹ Salvador Dali, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

⁸² G. BATAILLE. *Minha mãe*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁸³ S. BEAUVOIR. *O segundo sexo*, v. 1. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 217.

fuga à “natureza”, para filiar-se aos pais legítimos da cultura, isolando-se excepcionalmente com eles à margem de tudo o que possa evocar vestígios de domesticidade. O preço a pagar é a identificação cada vez menor com os anseios de suas mães. Mas é inegável que ainda assim – ou justamente por isso – essa prerrogativa cabe a um número restrito de mulheres, e que essa relativa autonomia dessas mulheres que poderíamos dizer constituem exceção é indissociável do seu poder econômico, herdado ou adquirido.

Do ponto de vista discursivo, portanto, as mulheres representadas pela estética surrealista, inseridas na dimensão incorpórea de seu estatuto inconsciente, avançaram um passo em relação à estética realista, em sua apropriação da cultura, da mesma forma que podemos dizer que o discurso psicanalítico teria avançado quando transposto da esfera do médico-psiquiátrico de uma ciência positivista, visível nos romances realistas mais naturalistas de Zola a Azevedo, para o terreno do conhecimento paranóico no domínio menos endurecido da linguagem, na estética da pintura surrealista e na escrita automática, fazendo amadurecer os modos de representação modernista do feminino na arte e na literatura.

O modernismo de qualquer forma será o primeiro movimento estético a incluir mulheres em suas fileiras, ainda que da forma incipiente a que aludi há pouco – na arte pictórica e fotográfica, a mulher de forma inédita representará a si mesma, o que sempre fora feito, historicamente, em todo o desenvolvimento da pintura, exclusivamente, por homens. Claro que essa representação das mulheres pelas mulheres, e pelos homens, na época da fotografia, se submeterá a injunções específicas da representação da mulher para fins notadamente publicitários. Mesmo o inédito crescimento do número de mulheres nas profissões artísticas estará diretamente relacionado com a associação entre a mulher e as imagens, o que de certa forma contribuirá para um reforço involuntário dos estereótipos femininos por parte das próprias mulheres. Os movimentos que empurram as mulheres em direção à cultura não são unívocos, tampouco retilíneos, mas comportam desvios, disfarces, estranhamentos, ilusões de óptica, concessões e ambigüidades de toda espécie.

Que implicação maior haveria no fato de que as mulheres estiveram ausentes – no plano da produção – de todo um universo cultural construído e consolidado pelos homens? Refiro-me especificamente à sua virtual inexistência nos campos filosófico, científico, literário, artístico – e político, como não poderia deixar de ser. Que espécie de efeitos estariam mais fortemente implicados psiquicamente no fato de sua representação realizar-se nos diferentes campos, à

sua revelia? Que formas jubilatórias, indiferentes ou ensimesmadas produziram sobre as mulheres esse conjunto de imagens tal como são representadas? Até que ponto sentir-se-iam elas tal como são representadas?

Tais perguntas formuladas genericamente dificilmente conduziram a uma resposta satisfatória. No entanto, elas fazem sentido e dizem respeito a todas as mulheres que fazem ciência, filosofia, arte, literatura, política. Reduzindo o campo onde essa interrogação possa circular, é possível então que as respostas se encaminhem para duas vertentes principais: de um lado, o caminho sóbrio da satisfação que se compraz na auto-suficiência, com a plenitude de sentimentos produzidos por realizações que se instalam como exceção mas com naturalidade na ordem natural das produções culturais preponderantemente masculinas; de outro, o caminho feito de sinuosidades que interroga a todo o momento o devir das mulheres enquanto produtoras de cultura e arte, perscrutando a história que conta os capítulos contraditórios de sua inclusão, para inferir as perspectivas futuras e examiná-las do ponto de vista dos limites e das possibilidades de intervenção através do processo educacional: esse é o caminho da angústia.

Voltando à Figura 4 e ao excesso de Real em seus triângulos externos, encontramos as práticas médico-higienistas intervindo sobre o corpo feminino, sob o duplo aspecto individual e social, por meio das ovariectomias, excisões clitoridianas, do controle sexual, controle de natalidade, da segregação higiênica, da averiguação de marcas de defloração, da detecção de provas de estupro, das penalidades físicas e jurídicas por práticas abortivas, dos sofrimentos impostos por gravidezes sucessivas para recomposição do índice populacional tendo em vista a alta taxa de mortalidade infantil, dos partos dificultados pela precocidade materna, da opção preferencial pela sobrevivência da criança tomada pelo médico por decisão do marido-pai.

Não há como escapar desse Real que mapeou a configuração médico-religiosa-jurídica do corpo feminino, esse Real sem nome que foracluiu o órgão, o desejo, o ser de gozo, o gozo do Outro – e muito subrepticamente colocou em seu lugar o falo Imaginário. Se Deus é *père-version*, às mulheres teria incumbido de se ocupar com os outros objetos pequenos *a* – as crianças, cuja mortandade determinava aceleração no fluxo de nascimentos. A *père-version* paternal a intervir na repressão não poderia senão ignorar – em nome do Simbólico enodando a ordem familiar – a dissimetria radical que operava a problemática da castração feminina,

dada desde a eternidade na origem bíblica da mulher, condenada em sua realidade psíquica específica a parir na dor. Ao menos até que o imaginário de um positivismo pseudocientífico arrefeceu, despojando-se de sua morbidez e avançando descobertas que estenderam a longevidade, infantil e adulta, a fim de reduzir a sucessão interminável de nascimentos de uma mesma mãe.

É natural (mas de certo modo um anacronismo da teoria) que a maioria dos casos de análise freudianos de que temos notícia se refiram a *um* dos filhos como o *primeiro* (o primogênito) de uma longa sucessão, tenha ele sobrevivido ou não. “Fazer homens: eis o grande parto, que não foi amaldiçoado como o outro”, exortava às mães educadoras Joseph-Marie de Maistre no século XVIII⁸⁴. O abismo extremo a divorciar o que era solicitado às mães e o que era fundamentalmente negado às mulheres foi o paradoxo essencial que até o momento foi a meu ver subdimensionado.

Nesse Real em sua ex-sistência e do qual as palavras não dão conta é que temos que procurar os efeitos de sentido dos significantes sucessivos do mutismo cultural inscritos no tempo lógico da história. Alguns desses significantes afloram vez por outra, demandando observação e análise: aqui uma Bovary, ali uma Capitu, acolá a operária leitora do folhetim sentimental, um pouco próxima demais de nós a estridência da ativista, a confissão exibicionista da escritora famosa. Deixar permanecer no recalque secundário as lembranças dessa infância sociogenética que assomaram vivamente nos conflitos do final do século XIX, mas cujas cenas primordiais remetem a tempos mais remotos, esquecidos, seria o mesmo que renunciar à análise; silenciar sobre os eventos de natureza nitidamente sexual que marcaram a infância cultural das mulheres seria o mesmo que falseá-la.

Há risco de anacronismo ao interpretar o sentido do discurso unilateral dos homens da ciência e do direito, assim como os da arte e da literatura, como uma visão totalmente incompatível com a consideração devida às mulheres, as quais situaríamos no cômodo lugar de vítimas. Muitos homens de ciência – é o caso de Michelet, de Freud, e mesmo até certo ponto de Rousseau – esgotaram até o limite de suas condições discursivas as possibilidades de um juízo minimamente equilibrado sobre o desejo (Michelet), sobre o saber (Freud), sobre o direito e o dever femininos (Rousseau).

⁸⁴ M. DE GIORGIO. *O modelo católico*. In: M. PERROT; G. DUBY; G. FRAISSE. *História das mulheres no Ocidente*, v. 4. Lisboa: Afrontamento, 1994.

Ainda que para Rousseau às mulheres coubesse desde a infância aprender a agradar e ser útil aos homens, fazendo-se “amar e honrar por eles”, educando e aconselhando seus filhos de modo a tornar-lhes “a vida agradável e doce”, ou que Michelet tenha defendido o direito ao gozo sexual das mulheres e até mesmo as visitas íntimas às prisioneiras, mas ao mesmo tempo negado seu direito ao trabalho e à educação integral; ou que Freud tenha convivido com mulheres excepcionais cujos direitos adquiridos ou herdados lhes garantiam uma familiaridade com a cultura e uma disponibilidade para a ciência, é possível inferir e começar a colocar em discussão, mesmo ou justamente por causa da contradição que atravessa tais discursos, a convicção de que a mulher não existe apenas nos dois extremos da representação – Eva e Maria – mas humanamente e reflexivamente representadas, despojadas do ornamento, da roupa, da pose, da máscara. Isso pode ser percebido na pintura de Hopper (figuras 8, 9 e 10), que se distancia ao mesmo tempo da idealização e de qualquer forma de estereotipia. Outra inovação: as mulheres, na posição de sujeitos da representação, não tomam necessariamente mulheres como objetos. Devido à saturação das imagens femininas, possivelmente. Mas porque desejam ser sujeitos e não necessariamente objetos da representação.

Figura 8

A mulher existe – passava a constituir um regime de enunciação cujas formações discursivas proliferavam, no entrechoque e na ressonância, incomodando a normalidade de todos os discursos ouvidos até então – aproximando e afastando Igreja, Estado, Escola, Sociedade, Imprensa, a Literatura, a Psicologia. Todos esses aparelhos, para além do discurso médico-jurídico, a ser revitalizado nos limites aceitáveis de sua própria missão conservadora, viram-se instados a incluir, cada qual a seu modo justificador, uma necessidade, uma pertinência, e mesmo uma ética para a inserção cultural feminina.

Figura 9

Até que o enunciado lacaniano, *A mulher não existe*, com o detalhe retórico de um A barrado, atirasse em pleno rosto dos pensadores de uma liberdade para as mulheres o impossível de uma existência que só se manifestava como *signo*, depois como *significante*, no único espaço possível da linguagem. Justamente quando a voz e a palavra das mulheres começavam a se fazer ouvir, e seus mentores intelectuais começavam a deixar de ser exclusivamente masculinos, ao promoverem juntos, homens e mulheres, um retorno às especificidades de suas histórias culturais separadas, a hipótese desconstrucionista surge com sua pretensão a reduzir a dimensão dos acontecimentos a entidades meramente discursivas.

A tragédia que se abateu sobre as filhas de Marx, assim como o silêncio impotente de tantas mulheres anônimas, não autorizam uma tal redução, como veremos a seguir.

Figura 10

O conteúdo das cartas que Jenny, Laura e Eleanor trocaram entre si e com o próprio pai possui especial relevância porque permite compreender o modo específico pelo qual aquelas mulheres, vivendo em uma família judia tipicamente patriarcal e de costumes vitorianos, na Inglaterra do século XIX, puderam participar diretamente – especialmente Eleanor, a mais nova – no grande projeto do desenvolvimento do socialismo realizado por Marx.

As cartas revelam acima de tudo a extrema contradição na vida dessas mulheres, na contingência de terem que viver duplamente o normal e o extraordinário, a expectativa da libertação dos grilhões sociais e ao mesmo tempo a domesticidade de suas existências. Acima de tudo, a confiança na revolução operária e ao mesmo tempo a subordinação da melhoria das condições das mulheres à causa maior do socialismo.

Coube a Eleanor ser a emissária da maioria das cartas familiares, ao mesmo tempo que secretária, copista, revisora, tradutora, ensaísta, militante e divulgadora das obras de Marx. Ávidas leitoras de jornais, as irmãs continuaram uma intensa troca de jornais, recortes e

comentários de artigos através de sua correspondência, após os casamentos das mais velhas. Políglotas, traduziam e transmitiam informações nos pequenos e efêmeros jornais socialistas semi-familiares que seus maridos fundavam. Viviam em contato com a vanguarda intelectual e operária européia, freqüentavam teatro, viajavam a trabalho, de férias, mantinham na casa confortável a mesma empregada que serviu os Marx durante quarenta anos.

Também coube a Eleanor cuidar dos pais em sua velhice doente. Cuidou de Marx na ilha de Wight nos anos finais de sua doença, ao mesmo tempo que se recuperava de uma crise de depressão nervosa e anorexia mental, após a ruptura de uma ligação afetiva desaprovada pelo pai, desencadeando um modo de viver conflituoso no aspecto sentimental, que se extinguiu apenas após a morte do velho patriarca. Junto com a dor da perda, Eleanor viveu por sete anos os melhores momentos de sua vida, viajando e dedicando-se ao socialismo e principalmente ao teatro, a que seu pai sempre se opusera – queria ser atriz. Marx não aprovava tampouco a carreira de professora primária de Jenny. Junto com Edward Aveling, com quem passou a viver maritalmente, Eleanor introduziu Ibsen e sua *Casa de Bonecas* na Inglaterra, além de traduzir *Madame Bovary* e se dedicar em tempo integral à divulgação da obra do pai, à revisão e tradução de artigos na imprensa e à participação em congressos e eventos operários.

O que as cartas revelam do mais íntimo cotidiano dessas mulheres constitui um drama que se desenrola paralelamente, nos bastidores do movimento político que ajudavam a construir sem dele verdadeiramente participar. O século XIX foi o período que delimitou drasticamente os papéis e os espaços masculinos e femininos. Se Marx aprovou os casamentos vantajosos das filhas mais velhas com maridos que se tornaram seus aliados na expansão das idéias socialistas, o mesmo não aconteceu com Eleanor. Um talento incomum e um enorme anseio de liberdade, o desejo de ser atriz, os amores conflituosos que viveu contra a vontade do pai e ao mesmo tempo o culto quase religioso que lhe votava, não poderiam senão produzir nela a divisão fundamental traduzida nos sintomas psíquicos do inconformismo, que a medicina psicanalítica, por tradição lingüística ou reminiscência aristotélica, houve por bem chamar de fenômenos da histeria.

Os conflitos da vida amorosa de Eleanor estão ausentes das cartas. Os temas que afloram nos escritos das irmãs se concentram na intensidade dos acontecimentos cotidianos, as mudanças, as doenças, as mortes, a monotonia do trabalho, a fadiga mental, a exasperação das tarefas repetitivas, sinalizando desalento e revolta pelo enclausuramento forçado no domínio do

doméstico e do privado, quando os acontecimentos públicos fervilhavam lá fora. À medida que o “movimento” se ampliava, multiplicando congressos, plenárias e encontros públicos, sua militância era exigida em tempo integral, no processo inexorável da profissionalização política. Evidentemente, por mais que Eleanor se estafasse no trabalho fatigante de enviar centenas de circulares, cartas e cartões postais, mobilizando a militância, era no espaço privado que o fazia. Ainda assim, ela não se ausentava totalmente dos espaços públicos como suas irmãs, elas ainda mais às voltas com os cuidados das casas e das crianças e ausentes dos locais de sociabilidade masculina freqüentados por seus maridos militantes. Esses “santuários da masculinidade” eram vedados às mulheres, uma ou outra que ali entrasse era em caráter de absoluta exceção: bibliotecas, salas de redação, espaços de reunião pública. Na Biblioteca Nacional de Paris, tal como na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro à mesma época, como mostrou Schapochnik⁸⁵, apenas figuras masculinas circulavam.

As poucas referências à mãe mostravam nas cartas uma figura apagada, entregue o tempo todo ao trabalho de agulha e costura. Jenny era constantemente solicitada pelo pai. Totalmente empenhada na revisão e nos ajustes da tradução francesa do primeiro fascículo do *Capital*, que tanto ela como seu pai consideraram insatisfatória, sua carta para o noivo Charles Longuet, a única carta de amor da correspondência, dá conta de mais de uma interrupção paterna, estabelecendo providências a serem tomadas – o socialismo não pode esperar as efusões dos amantes.

A verdade é que a casa, as crianças e o socialismo tornaram essas mulheres duplamente presas. Em uma dessas cartas, Jenny manifesta seu desejo de escapar a esse destino habitual das mulheres: fazer doces, lavar roupa, limpar, cozinhar, cuidar das crianças sempre doentes. Refere-se a essas “desagradáveis pequenas misérias da vida de casada”, piores em sua opinião do que os grandes problemas. Exaspera-a “essa prisão que é um lar.” No capítulo dos achaques, a costumeira dor de cabeça, a asma, a enxaqueca – para deter-se mais tempo nas doenças dos outros, a dor dos outros era sempre assunto mais premente. Nenhuma palavra sequer sobre as dores no ventre que ultimamente vinha sentindo, e que prenunciavam um câncer na bexiga fatal que a levaria algum tempo depois, aos trinta e nove anos.

⁸⁵ N. SCHAPOCHNIK. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese de Doutorado em História – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Laura perdera três de seus filhos. Das nove crianças das duas irmãs, apenas quatro – os filhos de Jenny – sobreviveram. Os dramas do aleitamento marcaram tragicamente a vida do casal Marx-Laforgue. As vozes dos médicos, das parteiras e das mulheres mais velhas não encontravam correspondência no real da mortalidade das crianças. Ficava-se entre o aleitamento natural, o artificial e o emprego de amas de leite. Contra a sugestão de Paul em favor do aleitamento artificial, Laura preferiu amamentar ela própria o pequeno Marc-Laurent, que algum tempo depois definhava inexplicavelmente, como outras tantas crianças. Quando se cogitou enviá-lo a uma ama de leite, era tarde. Muitos anos depois, em 1911, aos sessenta e seis anos, Laura e Paul cometeram duplo suicídio, provavelmente buscando escapar aos fantasmas da velhice que os assombravam.

Enquanto cuidava do pai doente – tal como Anna o fará com Freud – e ao mesmo tempo que procurava restabelecer-se da crise depressiva, Eleanor escrevia a suas irmãs:

O que nem Papai nem os médicos, nem ninguém quer compreender, é que são os tormentos morais que me afetam. Papai me fala de ‘repouso’ e de ‘retomar as forças’ antes de tentar qualquer coisa e não se dá conta de que o ‘repouso’ é a última coisa de que preciso e que eu retomaria certamente minhas forças se tivesse algo bem definido e um trabalho, ao invés de ficar esperando, indefinidamente. (...) Quase enlouqueço por ficar aqui, enquanto, talvez, a minha última chance de fazer alguma coisa se esvai. (...) O que eles (médicos) não podem e não querem ver é que os tormentos morais são uma doença do mesmo nível de qualquer afecção física.⁸⁶

Na manhã de 31 de março de 1898 a filha caçula de Marx – após o dissabor de descobrir a traição e a vida dupla de seu companheiro, suicida-se com uma forte dose de veneno “para cães”, que mandara Gerry buscar à farmácia. Tinha quarenta e três anos de idade e sua morte sucedeu a de Marx em apenas quinze anos. Trinta anos depois, Lili Schnitzler, a filha de Arthur Schnitzler, suicida-se em Viena com um tiro, aos vinte e cinco anos. “Não queria morrer. É um instante de irritação”, ainda tem tempo para dizer. A morte trágica justapõe a ficção dos romances de Zweig e Schnitzler e os dramas reais. A Sociedade Psicanalítica de Viena examinou a questão dos suicídios pela primeira vez em 1910, com a participação de Freud - vários discípulos de Freud encontravam-se entre suas vítimas e pode-se supor que muitos deles escaparam a esse desenlace pela força da palavra.

⁸⁶ M. PERROT. *As filhas de Karl Marx: cartas inéditas*. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 84.

A imensa galeria das mortas na ficção e nos dramas reais que nos chegaram são representativos da alta mortandade infantil e feminina do século. Suicídios mantidos em segredo pelas famílias – verdadeiros gritos de socorro dos que não conseguiam se adaptar à hipocrisia e aos quais os mais velhos não souberam responder e se protegiam no silêncio. As doenças e os partos problemáticos também ceifaram muito cedo as vidas femininas, anônimas e célebres. As irmãs vitorianas Brontë, Jane Austen e muitas outras não viveram muito além dos trinta e oito e quarenta anos de idade. No Brasil, a tísica pulmonar matou nesse século muita gente, mais moças solteiras do que casadas, mais mulheres do que homens, por causas evitáveis: a deformação do corpo pelo vestuário, especialmente o uso de espartilho, que comprimiam o corpo feminino.

No Brasil, muitas causas sociais explicavam as doenças e as mortes prematuras: o vestuário compressor, a europeização do traje pesado demais para o clima tropical (“panos espessos de lã reduzindo os vestuários a verdadeiras estufas”), a alimentação inadequada das mocinhas em obediência aos mandamentos da etiqueta, o confinamento e a ausência de exercícios físicos, diferente da vida ao ar livre dos meninos, uma vez que desde os treze anos a menina era obrigada a se vestir como moça, “abafada em sedas, babados e rendas; ou a usar decote, para ir ao teatro ou a algum baile. Daí tantas tísicas entre elas; tantas anêmicas; e também tantas mães de meninos que nasciam mortos; tantas mães de anjos; tantas mães que morriam de parto.”⁸⁷ Desde o século XVIII os médicos se referiam à falta de higiene na vida da mulher, devida ao seu confinamento e sedentarismo na habitação patriarcal, presa à camarinha ou à alcova, sem exercícios, sem alimentação e vestuário adequado, submetida à contingência de gerar um grande número de filhos, na reposição das repetidas perdas, nos partos arriscados.

Assim como ocorreu a idealização da criança morta – o anjo que Ariès descreve em sua história da criança e da família – também a moça que morria virgem era objeto de uma idealização mórbida nos sobrados do Brasil, com direito a véu de noiva, buquê de cravos e caixão azul-claro ou branco. O sentimento religioso dava assim o mote a uma compensação psíquica na forma de uma veneração funesta que a progressiva presença do médico substituindo o padre junto às famílias ajudou a suprimir. Tal como as mortes trágicas das mulheres européias se reduplicavam na esfera da ficção, também por aqui essas “mortas

⁸⁷ G. FREYRE, 1968, tomo I, p.117.

virgens” povoaram os enredos dos romances-folhetins, justapostas à rubrica das “seduzidas e abandonadas”, sobre as quais a ficção também exerceu uma espécie de assassinato moral, forçando-as a um desenlace que culminava invariavelmente no apaziguador suicídio⁸⁸.

Só é possível compreender completamente aquilo que eu chamaria de um estigma, ou marca, e que teve efeitos de longa duração sobre os modos de aprendizagem, a sociabilidade, os interesses e as específicas disposições e inculcações sobre o feminino no campo cultural em uma sociedade fundada no modelo patriarcal se considerarmos um aspecto que lhe é particularmente intrínseco: a forma perversa – identificada por Lacan na própria palavra-valise que criou, a *père-version*, com que a autoridade patriarcal a um só tempo exerce seu poder de repressão e de proteção, de amor e de repúdio, de controle leonino e de culto devoto, e na reciprocidade que instiga em suas filhas e mulheres.

A relação entre Marx e suas três filhas, duas das quais se suicidaram, é o exemplo gritante de como a genialidade de uma construção teórica e política monumental pode ser excludente com as mulheres, o que permite compreender também as hesitações, as idas e vindas e finalmente o afastamento das mulheres nos movimentos que se seguiram à Revolução Francesa. Também no Brasil o movimento maçônico se caracterizou por conspirações liberais que excluía as mulheres, os negros e mulatos das instâncias do poder. Mais que isso: o temor do declínio da Igreja católica, da qual se afastavam os homens, a fazia aliciar para sua pastoral os grupos de mulheres, justamente o elemento mais conservador da fé ortodoxa, junto com o filho pequeno e o escravo. As mulheres portanto eram excluídas da vista dos instrumentos sagrados dos liberais e pedreiros-livres, da mesma maneira como foram proibidas de circular nas sinagogas e nas mesquitas durante as orações, à semelhança da segregação do impuro nas funções do sagrado nas sociedades primitivas.

Daí que esses homens duríssimos com mulheres e filhos, tanto aqui como lá, desempenhassem sua missão civilizadora no respeito restrito a essa dissimetria radical que separa inexoravelmente os sexos, daí porque Michelet e Marx eram contrários ao trabalho de suas filhas, daí *porque sua filha é muda*, poderíamos dizer, daí que podiam esses mesmos homens lançar-se ao mesmo tempo, em suas sociedades secretas ou abertas, à construção de um ideal de Liberdade, de Independência e de Democracia no qual as mulheres não se

⁸⁸ M. MEYER. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

incluíam senão marginalmente. Daí porque a apatia política da imensa maioria das mulheres que às vezes espanta os homens, e sua afinidade com o assistencialismo. Daí porque sobram sem preenchimento as cotas hoje legalmente reservadas à participação política nos processos eletivos das mulheres, muitas das quais ainda votam à sombra das decisões de seus maridos.

A mulher existe? O real e o surreal; os limites extremos entre um discurso médico-higienista perscrutador e uma desconstrução artística que a “deforma” como objeto privilegiado; a experiência da psicanálise; o feito do grande Marx e a miséria existencial de suas filhas, tudo isso nos remete à negação lacaniana da existência da mulher como ser de essência, impossível de definir, enigmática, mística e aparentada tanto com Deus como com a fêmea do louva-a-deus, tantas vezes assim referenciada no texto lacaniano. É necessário trazê-la ao terreno firme das possibilidades que se abrem, na certeza de que o enigma é parte desse imaginário cativante que desbarata toda certeza, daí que é preciso conservá-lo. Mas ele não é prerrogativa das mulheres, enigmático é o humano.

No capítulo a seguir será possível observar como uma pedagogia do silêncio irá operar sobre a formação das mulheres, os efeitos sobre um semi-saber do qual a oralidade que começou na conversação dos salões deixou o espaço público que nunca efetivamente ocupou para habitar os espaços privados. A participação das mulheres no regime de poder-saber-prazer definido por Foucault estava interdita por um sem-número de coerções.

2.3. Silêncio e loucura

Às mulheres comuns do Brasil do século XIX – exceto aquelas que se destacaram de alguma forma, para sua própria e paradoxal *infelicidade* de conhecer ao mesmo tempo os limites do seu sexo – correspondia o status cultural do escravo *da casa*, aquele das tarefas mais comezinhas mas ao mesmo tempo mais prestigiosas no convívio doméstico, dentre as quais preparar a comida e vestir as crianças. Freyre⁸⁹ distingue bem essa função interna dos escravos *privilegiados* do trabalho aviltante dos escravos externos, que deviam entre outras coisas transportar os *tigres* para os despejos.

A educação das mulheres se fez – com a separação por sexos e os currículos diferenciados – sob a forma de um verniz cultural historicamente determinado, como o comprova a profusão de documentos sobre o processo de aculturação das mulheres, tanto nos países católicos como nos protestantes. Em primeiro lugar, a aprendizagem formal se iniciou tardiamente e de maneira restritiva, muito tempo depois dos meninos; segundo, de forma precária: meninos iam à escola, meninas aprendiam em casa. Terceiro, em caráter seletivo: rapazes sempre tiveram acesso aos estudos secundários e superiores – basta lembrar o período frutuoso do ensino jesuítico –, as moças só muito recentemente tiveram acesso aos secundários, e demoraram ainda mais para frequentar os níveis superiores de ensino. Mesmo na Alemanha protestante, culturalmente mais avançada, as mulheres ingressaram só a partir de 1900. Quarto, de modo preconceituoso: os currículos eram diferentes conforme se tratasse de ensinar um ou outro sexo: a ciência, matemática, geometria, filosofia, latim se associavam diretamente às capacidades de abstração, essencialmente masculinas.

Essa tradição curricular se constituiu em um fator poderoso de exclusão, desvalorização e autodepreciação persistente até hoje nas melhores alunas e nas melhores escolas, ao destacar-se no desempenho escrito, muito mais próximo da cópia, e manter-se à sombra dos sucessos de seus irmãos nos desafios sem dúvida mais *viris* do raciocínio e do cálculo. Todos nós conhecemos ao menos uma dúzia de meninas ou mulheres que se queixam de suas insuficiências, presentes ou passadas, na matemática.

⁸⁹ G. FREYRE, 1º tomo, 1968.

Esses diferentes *handcaps* desmentem uma propalada distinção *natural* nos sexos, que determinaria também as preferências literárias ou os diferentes modos de percepção artística. A diferença existe e está aí a olhos vistos, vivida e representada. Mas não é de forma alguma natural. Aceitar que a literatura seja oferecida à mulher, mas não toda, ou aceitar que a ciência, mas não toda, seja acessível ao universo feminino – lembremos que o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) passou nesta década a aceitar inscrições de mulheres – é concordar com a hipótese do verniz cultural compartilhada por Michelet e tantos outros no século dezenove, mas inscrito inconscientemente até hoje nas decisões mais conscientes de pais e mães que destinam seus filhos a estudos mais desafiadores e suas filhas a carreiras mais diletantes, mais *facilitadas* e mais curtas, portanto, mais femininas.

Da mesma forma, as especializações com propósitos profissionais são preferencialmente masculinas. É normal que a via sempre aberta para o casamento empurre as moças para trabalhos diferenciados que as afastam profissionalmente de uma carreira originalmente almejada. É tentadora a escolha de uma carreira ou ocupação de meio-período, porque de qualquer forma seu lar presente ou futuro a atrai com muita força para o chão, com suas sólidas raízes, e a impelem a vôos mais prudentes, diferentemente dos rapazes. O ingresso tardio das mulheres no processo de aculturação e seu ingresso no magistério das primeiras letras é homogêneo da destinação aos homens dos ensinos secundário e superior, com a prevalência absoluta nas carreiras eminentemente técnicas, objeto de homens para homens, num processo cíclico de reprodução homoerótica do saber, para remontar a Platão.

Fruto do hábito de uma aprendizagem sólida e exigente que se desenvolveu desde o ensino oral dos gregos, cujo gosto foi transmitido quase que sem exceção de pai para filho, tudo leva a crer que de um ponto de vista sociogenético, o gesto prazeroso e desinteressado de mergulhar nos estudos ainda hoje é não apenas prerrogativa, mas *desejo* autêntico – porque amadurecido no tempo de uma tradição escolar que remonta aos jesuítas, aos reformadores, tradição da qual as mulheres/meninas sempre estiveram excluídas – *preferentemente* dos rapazes. Ainda que – ou justamente por isso – nas etapas iniciais as meninas de modo geral apresentem um desempenho academicamente mais aceitável, mais condizente com as expectativas socialmente determinadas que associam desempenho e comportamento.

O apego excessivo ao escrito e a evitação das situações orais de aprendizagem nas estudantes de hoje, nas mestras normalistas de ontem e mesmo das atuais professoras das primeiras letras

são tabus difíceis de derrubar, porque inscritos não apenas nos manuais, mas nos corpos, na constrição e no autocontrole dos gestos, nas vestimentas, na sobriedade, na modéstia, ou nas injunções moral-religiosas ainda persistentes, celibatos missionários exigidos no passado e revivescência pentecostal nas periferias. Os exames orais impostos às mocinhas, os titubeios, o empalidecimento, os desmaios que penalizaram Michelet – seguem hoje atenuados, mas ainda fortes⁹⁰.

O silenciamento público imposto às mulheres, pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos costumes exerceu uma censura cujos efeitos não se esgotaram, somando-se às restrições curriculares e provocando efeitos cuja importância torna-se difícil matizar estatisticamente, mas que a viva observação permite compreender e avaliar. O silêncio no espaço público e o rígido controle sobre o que as meninas poderiam ou deveriam aprender no espaço privado, com o objetivo menos de instruir-se do que de educar-se, tornaram possível legitimar a elevação de um muro divisor mais ou menos invisível nos campos do saber, com conseqüências fáceis de avaliar, enquanto que a inibição de qualquer forma de instrução jamais se colocou para os meninos e rapazes do ponto de vista da sexuação.

O longo tempo de silêncio nos espaços públicos e a ausência de uma tradição de ensino oral, ao lado dos modos específicos de apropriação dos saberes e das práticas nos seus percursos de aprendizagem e de ensino, produziram efeitos de resistência às formas de aprendizagem com ênfase na oralidade. Acredito que seja em parte devido a essa resistência que todo um trabalho pedagógico de inspiração psicanalítica, usando textos orais, teatro, gestual, música, tem sido feito previamente junto aos grupos de professores do ensino básico e às alunas da graduação, de modo que especialmente as professoras se sintam à vontade com uso dos recursos e textos oriundos da tradição oral e seu aproveitamento em todas as etapas da aprendizagem.⁹¹

Desencadeando um processo dinâmico de uma imbricação do oral e do escrito, passando-se de um a outro sem que se perceba, ou sem que isso signifique uma ruptura que interrompa um processo natural de aprendizagem, de interlocução, de expressão oral e de desenvoltura escrita, como no princípio de uma banda de Moebius, não há como retroceder. Professora e

⁹⁰ J. MICHELET. *A mulher*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

⁹¹ A ponte necessária entre psicanálise, educação e linguagem tem sido uma constante no trabalho do Professor Claudemir Belintane, nos cursos de graduação e de aperfeiçoamento de professores. Seus artigos são a expressão dessa relação entre psiquismo e oralidade e apresentam experiências e casos estudados e em andamento em sua prática de educador e na contínua pesquisa teórica nas disciplinas de Lingüística e Psicanálise.

estudantes se inserem em um circuito de propostas cuja dinâmica explora a oralidade da linguagem em seus tipos textuais fundamentais, na ficção e na não-ficção. De um lado, o percurso que leva dos trava-línguas, adivinhas, provérbios, diálogos, teatralização; de outro, as possibilidades planejadas de trabalho sobre textos informativos, científicos e críticos, por meio de discussões em duplas, pequenos grupos, grande grupo, o debate controlado, os seminários.

A sub-utilização da linguagem oral nas aulas de todas as disciplinas também é objeto de preocupação no Reino Unido,⁹² como mostra uma exaustiva avaliação dos alunos e das aulas no ensino básico, nas disciplinas do núcleo comum, separando o desempenho por gênero. A partir da observação das aulas o Relatório apontou problemas específicos e encaminhou pareceres e sugestões. Dado o menor aproveitamento dos meninos em leitura, em relação ao das meninas, que se mostram por sua vez em desvantagem em matemática, o Relatório sugere o uso de lousa eletrônica, principalmente para os meninos.

Uma recomendação desse tipo poderia ter privilegiado os dois sexos, uma vez que o documento contemplou a estatística sexuada com vistas ao estudo do gênero. Muitas professoras relatam que os meninos, em particular, respondem e se concentram melhor em suas aulas de português e de matemática quando usam lousas eletrônicas interativas, ao invés das lousas tradicionais. Os alunos reconhecem os benefícios do uso pelas professoras de tais equipamentos. Daí que propõem para os meninos aulas mais estimulantes, recursos de informática, livros que atendam diretamente a seus interesses, a sua curiosidade, que cubram áreas específicas do conhecimento com as quais eles desejam ter afinidade. Sugerem ainda o uso de lousas eletrônicas.

Na observação das aulas, o avaliador conclui que a fala dos professores é dominante, com pouca colaboração oral do aluno, e que existe uma forte ligação entre qualidade do trabalho oral na sala e a avaliação do professor. Outra conclusão do Relatório é que em aulas consideradas boas (Inglês e Matemática) a oralidade encoraja respostas mais complexas e suplementares. Nota-se ainda uma ênfase excessiva para que o aluno registre suas idéias por escrito sem prévia discussão.

⁹² Ofsted Office for Standards in Education. *The national literacy and numeracy strategies and the primary curriculum* HMI 1973, December 2003.

Os resultados mostram o desempenho de meninos e meninas em leitura e matemática coincidindo de modo geral com os resultados nacionais: meninas se saem melhor em leitura, meninos desempenham melhor em matemática. No entanto, o processo prevê uma avaliação específica da produção escrita na série final segundo critérios mais exigentes, observando as seguintes habilidades:

- escrever textos imaginativos, interessantes e reflexivos.
- produzir textos apropriados à tarefa pedida, ao leitor a quem é dirigido e ao objetivo.
- selecionar vocabulário apropriado e eficaz.

Sob esse critério, ambos os gêneros apresentaram dificuldades em obter notas mais altas. Suas notas melhores apareceram em outros quesitos, observados em avaliações rotineiras.

Algumas observações importantes podem ser extraídas do relatório, que interessam diretamente a este trabalho. Uma delas se refere à insuficiência de exercícios orais e ênfase excessiva na escrita, com pouca discussão. Será necessário pensar quais mecanismos atuam nesse privilégio concedido à escrita na história das mulheres e contrapô-lo à ordem masculina de ocupar as tribunas, os espaços públicos e privados, de fazer ouvir sua voz, de tomar a palavra. É possível que ouvindo os padres e pastores, os diretores espirituais, ouvindo os médicos, ouvindo os pais e os maridos, as professoras de primeiras letras – mas não apenas elas – tenham continuado a seguir a tradição de silêncio. Esta hipótese não será contemplada neste trabalho, pois não está diretamente voltado à atuação das professoras – o resultado que colhi no sistema inglês interessa a esta tese como um elemento a mais na observação das práticas da oralidade, ou do silêncio, assim como da leitura e da escrita consumida e produzida por mulheres.

Das conversações nos salões dos séculos XVII, XVIII e XIX as mulheres da aristocracia se inscreveram na cultura por meio da correspondência, dos diários pessoais, da memória, no domínio do privado. As damas da nobreza escreveram romances, inaugurando uma tradição de romances populares que seria seguida pelas mulheres da burguesia católica e protestante, ou pelas romancistas socialistas. A aprendizagem pela conversação com artistas e intelectuais desempenhou papel fundamental no processo dessas mulheres que liam e escreviam, sem estarem inseridas no processo formal de aprendizagem. Quando as escolas se abriram às mulheres, foram de início as filhas das camadas privilegiadas as pioneiras que freqüentaram

instituições leigas ou religiosas e exerceram o magistério. “O silêncio das mulheres foi quebrado apenas pelas privilegiadas da cultura”, lembra Perrot.⁹³

Aos poucos as mulheres se apropriaram de praticamente todos os campos, a partir da segunda metade do século XX, especialmente da comunicação, como no jornalismo, ainda que subordinadas a editoriais masculinas. Segundo Perrot⁹⁴, do lado francês, o campo da criação, a poesia e o romance ainda predominam, com a História aparecendo às vezes, a Ciência (matemática e biológica) e a Filosofia mais raramente.

Com as áreas do saber nitidamente delimitadas, e as carreiras tradicionalmente masculinas se abrindo muito lentamente à participação das mulheres⁹⁵, não é de surpreender que o processo de aculturação feminino encontre ainda hoje lacunas bastante significativas nos extremos das sociedades. No pólo economicamente privilegiado, parece inevitável que uma espécie de sistema de transmissão do patrimônio *patrilinear* de fato, embora não de direito, acabe funcionando, os filhos homens seguindo ou iniciando novas carreiras às expensas paternas, formando-se, especializando-se, e exercendo as carreiras para as quais foram formados, enquanto suas filhas se inscrevem em carreiras diferenciadas, que demandam modos e duração mais flexíveis, às vezes interrompidas ou retomadas diante das circunstâncias do casamento.

Cursos alternativos também são disponibilizados por alto preço, em áreas diversificadas, por figuras de proa nos diversos campos do saber: arte, cinema, teatro, psicanálise, literatura ..., e filosofia. Exposições de curta e longa temporada, museus fixos, sessões de cinema e de teatro seguidas de mesas-redondas com especialistas, palestras sobre psicologia infantil, adolescente, conjugal, conferências focadas nas ciências do comportamento de modo geral, são eventos divulgados rapidamente pelos meios eletrônicos. Também especialistas em

⁹³ M. PERROT. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ C. BERTIN, *As Mulheres em Viena nos Tempos de Freud*, Campinas, SP: Papirus, 1990. J. MICHELET. *A Mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Célia Bertin descreve a dificuldade das discípulas de Freud na obtenção do diploma que lhes permitisse exercer a medicina, lembrando que o curso de direito era-lhes totalmente vedado. O curso de medicina, ao contrário, admitia, ainda que muito raramente as mulheres, porque assimilado a uma disciplina do cuidado e do amor, o *sacerdócio médico*, mais facilmente identificável ao feminino. O grande obstáculo era a anatomia, também problemática nos cursos de arte, abertos parcialmente às mulheres, desde que se abstivessem da pintura dos nus. Além disso, nos cursos de anatomia, Michelet ressalta “o preconceito (que) impede a dissecação” pelas mulheres – a saída será recorrer à sua substituição pelas “admiráveis imitações” do Doutor Auzoux.

finanças para seletos públicos são demandados e regamente pagos. Ao lado disso tudo, livros. Todas as especialidades imagináveis. A proliferação desses eventos culturais mobiliza pessoas, equipes, empresas. Multiplica vendagens – livros, cds, dvds, assinaturas –, cria e multiplica redes para futuros eventos, vendagens, contatos. A presença das mulheres com tempo livre nesses eventos é marcante. E é tristemente irônico que o aprendizado da filosofia que lhes foi negado no passado lhes seja oferecido agora na forma de pílulas de rápida absorção, para pessoas privilegiadas que podem arcar com seu preço. A filosofia chegou (adaptada) às mulheres, mas não deixou a elite.

A escassa participação política ou o pouco interesse das mulheres pelos temas políticos também se apóiam nesse silenciamento de origem. Particularmente intensos foram os momentos da reivindicação à palavra pública. A voz das mulheres nos movimentos pré e pós-revolucionários franceses foi difícil de se fazer ouvir e provocou debates polêmicos sobre a conveniência e a pertinência do discurso feminino. Perrot⁹⁶ assinala a dificuldade de acesso à palavra pública, a expulsão das mulheres das tribunas pelo poder revolucionário, a proibição de falar em política nos clubes femininos. À parte essa proibição de origem externa impunha-se outra, de auto-silêncio forçado, cujo retraimento possui semelhanças com o que a psicanálise entenderá mais tarde como a posição da *mascarada*.⁹⁷ Seria necessário saber o quanto esta situação se modificou, mas Perrot destaca como era difícil, no século XVIII, às mulheres, habituadas ao silêncio, falar em público, controlar suas emoções. Muitas tiveram que enfrentar, junto com esse desafio, a provocação – produtiva talvez – das caricaturas satíricas.

Correlativamente, o direito ao voto também não foi obtido sem dificuldades, uma vez que mesmo intelectuais como George Sand posicionavam-se contrariamente a ele, sob o argumento do despreparo das mulheres. Não só a cronologia geográfica do voto feminino foi variável (França em 1948, Brasil 1932, Viena 1919!), como também é significativo o sentido contraditório e restritivo como esse direito foi exercido, em sua implementação tardia ou precoce nos diferentes países, que não reverteu automaticamente em ganhos políticos para as mulheres. Não há correlação direta entre exercício do voto e emancipação política em nível

⁹⁶ M. PERROT. *Mulheres Públicas*. São Paulo, Unesp, 1998.

⁹⁷ Termo com que Rivièr designou o impasse psíquico da mulher intelectual em relação a seus tradicionais papéis femininos. Ele se resolveria na autoimposição de uma máscara de feminilidade (de sedução, de submissão, de impotência) para salvaguardar a incolumidade intelectual do pai. RIVIÈRE, J. Womanliness as a masquerade. *The International Journal of Psychoanalysis*, v.10, p.303-13, 1929.

social ou individual – para a maior parte da população feminina o direito de voto não significou nada além do que o direito de votar nos candidatos que seus pais e maridos indicavam. Evidentemente seu valor simbólico para a emancipação se revelará historicamente para muito além do seu exercício puro e simples, como valor discursivo a movimentar e consolidar outras formas de participação social e cultural, ainda inacessíveis.

O direito à educação é aquele pelo qual se luta diuturnamente e seu resultado apresenta ambigüidades. De um lado, os índices de inclusão das mulheres alimentam expectativas que reenviam para uma leitura do equilíbrio entre os gêneros – nas fases iniciais de aprendizado, um resultado relativamente melhor em leitura e cálculo reflete o esboço geral do desempenho de meninas e meninos, respectivamente; nas fases terminais de formação, mais rapazes do que moças desempenham as carreiras técnicas, refletindo de modo automático a discriminação de origem, que remete à sociogênese da cultura.

De fato, é difícil não pensar que a origem da discrepância não será localizada nos atuais currículos do início da aprendizagem, em um nível ontogenético, mas na origem sociogenética do início da aprendizagem das mulheres na história da educação. Basta lembrar, acima de tudo, a sua entrada tardia no processo, e, para além dessa defasagem temporal, a coexistência de programas diferenciados para meninos e meninas, nas diferentes fases do aprendizado: de um lado, geometria, retórica e latim; de outro, os trabalhos manuais, puericultura e psicologia das crianças, bordado e costura, naquilo que Louro⁹⁸ chamou de “escolarização do doméstico”, no processo educativo formal. Sua eficácia encontrou eco na legitimação que a cultura de massa conseguiu inculcar, por meio das revistas e posteriormente da televisão.

A educação formal completa, o direito ao sufrágio, a liberdade sexual, a inserção cultural por meio da escrita apenas excepcionalmente apareceram juntos.

Assim é que George Sand⁹⁹, escritora de romances sociais engajada politicamente, priorizava o combate das injustiças sociais que submetiam os trabalhadores. Se por um lado criticava a educação das meninas, por outro não emprestou seu prestígio na defesa do voto feminino

⁹⁸ G. L. LOURO. *Mulheres na sala de aula*. In: Del Priore, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997, p. 443-481.

⁹⁹ M. PERROT. *Sand: uma mulher na política*. In: *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, Edusc, 2005, p. 381-424.

quando a Assembléia Nacional se reuniu em 1848. Escrevia paradoxalmente no masculino (“sou guerreiro, sinto-me orador, sinto-me sacerdote”), referindo-se às três ordens proibidas ao seu sexo. Ambiguamente, desejava abolir as fronteiras entre os sexos, (“há somente um sexo”, dizia em sua correspondência com Flaubert), exercia soberanamente sua liberdade sexual, ao mesmo tempo que parecia aderir à divisão sexual dos papéis, insurgindo-se às vezes contra a liberdade sexual apregoada pelas feministas utópicas. A experiência pessoal e social, contrapostas ao papel intelectual que Sand desejou desempenhar, produziram um amálgama desses conflitos.

As mulheres que cercaram Freud souberam compreender a extensão dos efeitos da repressão sexual sobre as mulheres, e muitas delas, utilizando-se de uma posição privilegiada do seu meio de origem e das lições aprendidas do mestre vienense, puderam experimentar fragmentos esparsos de uma liberdade sexual ao menos ilusória. A posição social privilegiada dessas mulheres foi o fator preponderante para sua circulação no meio intelectual e artístico. Essas mulheres ‘emancipadas’ pouco sabiam da existência de outras mulheres de condição inferior à sua – as famosas costureirinhas, as vendedoras, as mocinhas do povo, as dançarinas dos romances de Arthur Schnitzler. Compreender as razões sociais da histeria estava além de suas possibilidades.

As mútuas confidências sobre onanismo entre Ruth Brunswick e Marie Bonaparte são muito pouco representativas da angústia real das mulheres do seu tempo, em qualquer caso alienadas em seu precioso cativeiro, sempre às voltas com o julgamento do outro, instadas a controlar-se, adequar-se aos ditames de uma sociedade fechada, aquela que por uma injunção de fatores – o conservadorismo político, a doutrina católica, a resistência do imperador à modernização¹⁰⁰, a moral sexual rigorosa, – submeteu as mulheres por mais tempo e com especial rigor.

As próprias discípulas de Freud tiveram dificultado seu acesso às faculdades de medicina. Como as carreiras universitárias voltadas às letras também lhes estavam vetadas, as mulheres que desejavam escrever o fizeram também sob as duas vertentes principais: de um lado, no

¹⁰⁰ C. BERTIN dá uma idéia do nível do conservadorismo retrógrado na Viena no século XIX pela recusa obstinada à modernização de Francisco José. Quando a industrialização fomentou o desenvolvimento social europeu, o imperador recusou o acontecimento da invenção da luz elétrica e continuou a utilizar velas e lampiões a querosene em Hofburg até a sua morte. C. Bertin. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas, Papirus, 1990.

modelo das escritoras católicas, remetiam aos interesses de conservação da moral, da família, e da sociedade, e de outro, difundiam seus romances populares, cujas intrigas se desenrolam em castelos poéticos e cujas personagens, sempre da nobreza ociosa, para serem lidos pelas mocinhas desejosas de escapar à realidade penosa em que viviam. Desse modo, as romancistas de Viena perpetuavam em suas jovens e sonhadoras leitoras a herança dos três *k* que recebiam de suas mães e transmitiam a suas filhas: *Kinder*, *Kirche*, *Küche* (crianças, igreja, cozinha). Enquanto as alemãs liam os pedagogos do século XVII e mais tarde os filósofos das Luzes –para mais tarde fazer deles uma leitura crítica – 90% da população de Viena era católica, 20% dos quais eram praticantes, três quartos dos quais eram constituídos por mulheres¹⁰¹.

As personagens maltratadas das peças e dos romances de Schnitzler representavam uma realidade muito próxima das mulheres de seu tempo e lugar. Mulheres torturadas pelo recalçamento sexual, adultérios e suicídios, sedução e abandono de mocinhas ingênuas – invariavelmente vendedoras, manequins ou costureiras. As mulheres da camada mais alta, contrariamente ao modo como são representadas no cinema, usavam até o começo do século XX vestidos pesados que as cobriam do pescoço aos pés, apertando suas cinturas e oprimindo seu tórax, limitando a liberdade de movimento de seus corpos.

Essas mulheres, muito defasadas culturalmente em relação às germânicas e às inglesas, eram em geral dependentes economicamente de seus maridos e pais e podiam dar-se por felizes por qualquer parcela mínima de liberação sexual que aliviasse sua neurose. Muitas ascendiam intelectualmente (algumas seguidoras de Freud – Deutsch foi o caso extremo – batalharam por uma licença sempre postergada para exercer a medicina), outras intelectuais ou artistas, notadamente estrangeiras que vinham se consultar com Freud, incorporaram a psicanálise como instrumento de saber, mas de um modo geral estavam todas elas bastante longe de se interessar pelo corpo social, além do corpo sexual. Suas posições só podiam ser conservadoras – como o eram as dos seus maridos influentes, que as enviavam junto com suas neuroses para o Dr. Freud.

Ironicamente, não terá sido por acaso que ao responder ao imperador Francisco José que lhe perguntara sobre o que desejava como presente de aniversário, a imperatriz Elisabete lhe

¹⁰¹ M. C. HOOK-DEMARLE. *Ler e escrever na Alemanha*. In: M. PERROT; G. DUBY. *História das Mulheres no Ocidente*, v. IV, Afrontamento, 1993.

respondeu: “O que eu mais gostaria seria um manicômio bem instalado.” Um asilo para os doentes mentais na cidade de Viena, com uma igreja e sua enorme cúpula dourada no centro – verdadeira obra-prima arquitetônica – foi construído entre 1905 e 1907. Viena sem dúvida distanciou-se assim da política segregacionista de internar seus loucos em edifícios que mais pareciam prisões, como era comum naquela época, para o que certamente contribuiu o fato de a loucura, naquela cidade com excesso de pais – tantos assinaram seu nome no mundo da ciência, da literatura e da arte – haver tocado muito de perto, na figura do primo de Elisabete, Luis II da Baviera, a casa real.

Controvérsias infundáveis por parte dos homens, entre os quais Michelet, que me interessou por duas boas razões: a reação desproporcional que lhe rendeu seu desvio da História com H para temas como a feiticeira, a mulher, o amor, o povo – e ao mesmo tempo a repercussão que historicamente é possível captar aqui e ali, sobrevivendo até os nossos dias, de boa parte do lado conservador do seu pensamento, muitas vezes no terreno vago e envergonhado do não-dito.

Uma frase resume a opinião corrente no meio conservador sobre os seus dois livros: “ ‘O Amor’ havia perdido [Michelet] enquanto escritor sério. ‘A Mulher’ o estigmatiza enquanto homem.” A *bondade* de Michelet custou-lhe ofensas, paródias, zombarias. Nem o sisudo Freud escapou de atribuir-lhe um chiste “estúpido” em seu livro dos chistes. O fato é que sua linguagem médico-científica no livro ‘O Amor’, com trinta e duas referências a ‘menstruação’, ameaçou o sistema, razão por que depurou seu vocabulário no livro seguinte, escrito no estilo poético-metafórico próximo ao Cântico dos cânticos, falando alusivamente do gozo feminino. O gozo da linguagem resta aqui como substrato, século e meio mais tarde:

O flagelo que dizima as mulheres deve-se sobretudo ao fato de, mesmo casadas, em sua maioria serem viúvas. Solitário no prazer, mesmo a egoísta impaciência do homem só quer para si mesmo e só quer por um momento, só desperta a emoção para deixá-la abortar. Começar, e sempre em vão, é desafiar a doença, irritar o corpo, secar a alma.¹⁰²

Sugeria no capítulo *A jovem esposa – seus pensamentos solitários* que os homens adorassem e mimassem suas mulheres, formando em torno do casal um círculo de dever, deleite,

¹⁰² J. MICHELET. *A Mulher*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 335.

cuidados. Como pai, irmão e mãe, o marido protegerá e cuidará de sua mulher. O parágrafo seguinte causou furor igual entre os que o acusaram, de um lado, de desvirilizar o marido, sob o argumento da rigidez viril inquebrantável, e, de outro, de infantilizar a mulher, encarcerando-a nas armadilhas de sua feminilidade, argumento do feminismo:

És sua mãe para cuidar dela nessas pequenas necessidades femininas, acariciá-la, mimá-la, deitá-la. Sob tua mão materna, tanto quanto conjugal, ela acreditará, sofredora, reencontrar seu berço. E, mediante todas essas coisas mínimas, humildes, infantis, que envolvem a querida criança, tu a elevarás ainda mais contigo às aspirações do futuro.¹⁰³

A mulher prisioneira – a transgressora – também merece um capítulo. Ao marido deve ser oferecido trabalho em localidade próxima à prisão onde a mulher está encarcerada, de modo que possa visitá-la mensalmente, a fim de aliviar sua dor. Utopia impensável nos pensadores do século XIX. Estaria Michelet formulando premonitoriamente o abandono das mulheres à solidão das prisões, pela qual no início do século XXI, ficariam particularmente marcadas?¹⁰⁴

Michelet só poderia propor essa ação radical porque se deu conta da *desrazão* do século que oprimiu a mulher sob todas as formas de coerção. Cabia ao homem transformar-se, civilizar-se, estender seus domínios na cultura, enquanto o “parirás na dor” bíblico fixava definitivamente a mulher na natureza. A maternidade se situa apenas no grotesco da carne, na ruptura e nos gritos, na extirpação do fruto de suas entranhas. O trágico persegue a mulher, sem remissão:

A mulher nasceu para o sofrimento. Cada um dos grandes passos da vida é para ela uma ferida. Ela cresce para o casamento; é seu sonho legítimo. Mas essa *vita nuova* é a extirpação de seu passado. Para propiciar prazer ao amor infinito, ela tem de sofrer em sua carne. Quanto mais, meu Deus! Se logo o outro esposo, o outro namorado, o filho, mais cruel, do fundo de suas entranhas, virá rasgar-lhe o seio! Será tudo? Nossos ancestrais tiveram este provérbio sombrio: ‘Dor de mãe dura muito tempo!’ Mãe queria dizer matriz, e o sentido do provérbio é que a pobre mulher, depois da tortura e dos gritos do parto, não está livre, que a maternidade, de

¹⁰³ J. MICHELET, 1995, p. 207.

¹⁰⁴ Eduardo SCOLESE. *Apenas 9% das presas têm visita íntima*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 maio 2008. Caderno Cotidiano.

fadiga e de inquietude, de desgostos, de dores, a segue e a seguirá – em suma, que ela pare a vida inteira.¹⁰⁵

Identificou e reconheceu a coerção mais imediata, de ordem sexual – a mesma que ocuparia Freud, ainda que indiretamente, alguns anos mais tarde –, e deplorou na mulher a inexorabilidade do seu destino biológico, diante do qual se mostrou compassivo. Ao prescrever aos homens um refinamento de maneiras, antecipava o dever de evitar que as efusões de ternura e as carícias eróticas desestabilizassem a estrutura psíquica de sua esposa. Sua visão da agressividade sexual masculina (“uma fera selvagem ruge de impaciência no homem, a ferocidade do desejo”) não é diferente da posição dos homens de seu tempo, sobre a vida erótica do homem, radicalmente dissimétrica da vida erótica feminina.

A mesma visão em Diderot em *Sur les Femmes* submete o horror feminino ao ato sexual, a repugnância praticamente desconhecida pelo homem, traduzindo o pensamento corrente – que antecedeu e sucedeu a revolução francesa e dominou a ideologia patriarcal dos novecentos – de que muitas mulheres jamais em suas vidas experimentariam a verdadeira volúpia. Uma falta intrínseca lhes impediria o gozo nos braços do homem que adoram, ao passo que este o encontraria sem maiores problemas nos braços de uma mulher complacente, “ainda que nos desagrade”.¹⁰⁶

Tal percepção atravessou o século seguinte, que explorou no romance as vias da transgressão e do castigo. As heroínas da literatura pagaram com a vida o alto preço de seu escape pela via da transgressão, tanto a Naná de Zola como a Lenita de Azevedo, tanto a Bovary de Flaubert como a Luísa de Eça de Queirós e tantas outras que compuseram os dramas folhetinescos. Na Viena de Freud e Arthur Schnitzler, o romancista se bateria por temas e preocupações semelhantes no teatro e no romance, mas sem concessão ao moralismo reinante, o que lhe valeu censura e perseguição.

Mais perto de nós, a sexualidade inscrevia-se pela literatura, pelos caminhos da morbidez, como que pedindo licença à moral repressora para expor toda espécie de taras e aberrações, para alertar toda a sociedade doente, ou em vias de adoecer. Nesses romances naturalistas as mulheres eram personagens privilegiadas do mal histórico. Ana Rosa (*O Mulato*), Magda (*O*

¹⁰⁵ J. MICHELET, 1995, p. 195.

¹⁰⁶ S. BEAUVOIR, *O segundo sexo*, v. 2: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 188.

Homem), Margarida (*O Seminarista*), Maria do Carmo (*A Normalista*) foram algumas de nossas trágicas históricas. A cura de Lenita, personagem do romance *A Carne*, de Julio Ribeiro, pela intervenção médica é assim narrada pelo nosso naturalista:

Sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais os gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência, de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. (...) Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento.

A partir dos elementos que vimos construindo, é possível compreender que no processo de aculturação das mulheres, a repressão sexual e intelectual se manifestou pela intersecção de três instâncias essenciais, que operaram especialmente nos séculos XVIII e XIX de modo sincrônico. O dispositivo foucaultiano do regime de poder-saber-prazer¹⁰⁷ permite apreender como essas três instâncias encontram-se articuladas de forma tríplice a um eixo comum de coerções e incitações, o que pode ser sintetizado graficamente na forma como mostra o diagrama da figura 11.

Como afirmávamos em capítulo anterior, as três instâncias pelas quais as mulheres começaram a abrir caminho em seu processo de inserção cultural – a educação, o trabalho, e por último a produção intelectual e artística – correspondem em nosso esquema às formas de apropriação efetivamente possíveis: os esforços do autodidata, próprios a uma aculturação tardia, em um primeiro momento; o processo crescente de silenciamento da voz pública e de despreparo intelectual para as funções públicas resultaram em uma apolitização denegatória – que muitas vezes lembra, como se fosse destino, e não especificidade de um modelo educativo, a afirmação de Freud relativamente a uma hostilidade das mulheres para com a civilização. E, finalmente, um processo de dessexualização progressivo, a partir do século XVIII e da instituição de um modelo de dois sexos de total incomensurabilidade, tal como revelado por Laqueur¹⁰⁸.

¹⁰⁷ M. FOUCAULT. *História da Sexualidade, a vontade de saber*, v. 1. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

¹⁰⁸ T.LAQUEUR. *Inventando o Sexo*.

Figura 11

Figura 12

O campo do Saber, historicamente fechado às mulheres, quando se abriu o fez pelas margens, pelos rodapés, pelos currículos diferenciados, pelo tempo parcial, pelo *cultivar-se*, em oposição à instrução propriamente dita. A apropriação se fez e se faz por estratégias que lembram as do autodidata.

Lembram, mas não se assemelham, como podemos inferir a partir de algumas formas exemplares de autodidatismo. Por exemplo, o efeito de produção de sentidos na atitude material e intelectual do deslocamento é radicalmente diferente no autodidatismo de Valentin Jamerey-Duval¹⁰⁹, cuja movimentação no espaço refaz uma busca deliberada e seletiva de pessoas e livros que pudessem mediar adequadamente o seu percurso pelos caminhos da aprendizagem, e no autodidatismo de Elena Guerra¹¹⁰. Esta beata costumava estudar o latim à noite sob lamparinas feitas de cascas de nozes, para que sua audácia não se traísse pelo consumo de velas. Como também é diferente do autodidatismo de Sórora Juana Inés de la Cruz¹¹¹, forçada a abjurar suas convicções após o embate doutrinal com o Padre Vieira, a retratar-se formalmente, a produzir sua confissão durante semanas a diretores espirituais, a entregar sua biblioteca, tendo que renunciar à “vã tarefa” de escrever ou ao *crime* de pensar e submeter-se ao invés a penitências disciplinares junto com as outras freiras do convento. Em um determinado período histórico, o enclausuramento feminino foi paradoxalmente o espaço de abertura possível, como condição e não como efeito da inserção na via cultural. No caso de Sórora Juana, mesmo este espaço lhe foi retirado, com o agravante de que sua abjuração forçada, por um pavor real da Inquisição, tenha passado à História como uma conversão autêntica, tese que Paz desmistifica.

A outra instância, o Poder, pouco pôde fazer para evitar o silenciamento das mulheres, antes, solicitou-o. Ele foi produzido e reforçado como consequência das imposições do outro campo, o do Saber. As mulheres expulsas das tribunas em tempos revolucionários o foram em função de sua inexperiência teórica e prática dos temas políticos. Isso explica a ação das Preciosas, os excessos das revolucionárias, os projetos messiânicos de salvação do proletariado. Tal alienação histórica as impeliu ora para o “despropósito” político, ora para a demissão pura e simples. Esse processo conduziria a uma apolitização.

¹⁰⁹ J. HÉBRARD. *O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?* In (org) Chartier, R. *Práticas da Leitura*. São Paulo, Liberdade, 2001, p. 35-73.

¹¹⁰ M. DE GIORGIO. *O modelo católico*. In: G. DUBY; M. PERROT; G. FRAISSE. *História das Mulheres no Ocidente*, v. 4, Lisboa, Afrontamento, 1994, pp. 198-237.

¹¹¹ O. PAZ, *Sórora Juana Inês de la Cruz: As Armadilhas da Fé*. São Paulo, Editora Mandarim, 1998.

Fortemente enlaçado aos outros dois campos fica o campo do Sexo, ou da sexualidade. A repressão sexual expressa nos ditames da dupla moral, reforçada de um lado pela literatura romântica assentada na problemática da contenção, o tabu da virgindade, os imperativos da espera, o devaneio, o casamento, e de outro pela literatura naturalista com sua problemática da dissipação, orientada no binômio transgressão-morbidez, conteria em si mesma todas as condições para produzir e reproduzir ao nível da representação literária o Real dos vapores, da doença dos nervos, do mal histérico, bem como produzir ao mesmo tempo as possibilidades de sua própria superação, por um processo de dessexualização.

Enlaçando os três campos, o campo do **X** enigmático das coerções em forma de proibições e incitações tende progressivamente a reduzir-se. O grau de expansão ou de contração desse espaço sinalizará respectivamente o grau de alienação ou de inserção das mulheres na cultura, como mostra a figura 12, representativa de um período de coerções mais fortes e dominantes.

Veremos como a pedagogia do século XIX saberá impor o silêncio às mulheres valendo-se das próprias mulheres, sobre quem recaíam diretamente os efeitos dos dispositivos da aliança e da sexualidade atuando sobre a família. Uma proliferação de discursos sobre as mulheres e um tratado sobre a educação das meninas, escrito por Von Raumer, reenviarão a prostituta para o fundo da cena e as mulheres para o silêncio do não-saber sobre o sexo, sobre as origens, sobre o saber propriamente dito.

2.4. Manuais e prostituição

A repressão sexual assumiu para Foucault¹¹² a forma de uma proliferação dos discursos sobre a sexualidade, por meio de todas as incitações às práticas através dos dispositivos da aliança e da sexualidade. Ao defender que a repressão se fez muito mais na incitação à palavra do que na proibição propriamente dita – “nunca se falou tanto de sexualidade” –, em uma entrevista posterior¹¹³ ele reconhece o uso de uma estratégia discursiva que o eximia da pecha de historiador melancólico produtor de histórias bipolares como a loucura e o enclausuramento ou a delinqüência e seu aprisionamento. O que lhe interessava, tal como a Lacan, a Bourdieu e a tantos outros, cada um à sua maneira e de acordo com a verdade de suas diferentes visões de mundo, era questionar essa verdade, fazer estremecer os discursos “verdadeiros” da ciência, tal como eram produzidos na psiquiatria e na medicina, e encontrar em outro lugar a verdade sobre o saber e sobre a loucura.

Além disso, a argumentação foucaultiana tentava responder a uma interpretação marxista que tendia a simplificar um processo complexo e organizado de repressão como incitação aos discursos por meio de uma rede infinita de controles – os dispositivos da aliança e da sexualidade – em uma forma univocamente linear de repressão sexual direta, pela acumulação capitalista, cuja força de trabalho sofreria as consequências de seu efeito repressor, desviada do prazer para as funções da reprodução.

O que Foucault identificou foi exatamente o funcionamento de uma forma sutil de repressão que visou a família, naquilo que chamou de *técnicas polimorfas de poder*, presentes diuturnamente no *fato discursivo global* que não apenas colocava o sexo em discurso mas dispunha como deveria funcionar o regime de poder-saber-prazer. Não se tratava de dizer sim ou não ao sexo, interditá-lo ou proibi-lo, situá-lo numa problemática do valor, mas compreender quais os efeitos do que sobre ele se fala, a partir de que lugar e de que fonte, quais instituições estão autorizadas a fazê-lo, para ao mesmo tempo concentrar e difundir esse fato discursivo global de que o sexo é objeto. O prazer cotidiano via-se então codificado pelo poder na forma da negação e da desqualificação do sexo, e simultaneamente por sua incitação através da multiplicidade dos discursos que o controlavam.

¹¹² M. FOUCAULT. *A História da Sexualidade*, v. 1, 2001.

¹¹³ M. FOUCAULT. *A Microfísica do Poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

A colocação do sexo em discurso, para além das recusas e proibições, é uma contraparte das técnicas de poder e da vontade de saber que a partir do século XVI não cessou de se fazer ouvir, de forma codificada é certo, por alusões e metáforas, mas de modo obstinado, em todas as instâncias de poder, que se ocupavam do sexo enquanto discurso, controlando o que e como dele poderia ser falado, matizando as tintas de sua retórica.

O policiamento do sexo se tornava necessário no momento que a população surgia como problema econômico e político. Mas também, senão precisamente, moral. Fala-se o tempo todo de sexo, nos manuais de pedagogia dos séculos XVII e XVIII, nos manuais de comportamento do século XIX. Fala-se de outra maneira, discreta e indiretamente, mas de forma alguma o sexo é encerrado no mutismo. Todo o jogo de disposições arquitetônicas e espaciais mantém a vigilância em alerta: os espaços de trabalho, de recreação e de estudos, os compartimentos e os dormitórios eram arranjados de tal modo que o sexo dos rapazes nos colégios e nos internatos passasse a ser um problema público, submetido à vigilância de médicos, professores, pedagogos, num primeiro momento. Os livros médico-edificantes começavam a cumprir seu papel de vigilante da sexualidade, com suas exortações e incitações à moral. A transferência dessa vigilância para a família não se fez sem sustos, que se acomodaram com a interpelação aos saberes da psicanálise.

Foucault não se detém particularmente nos diferentes modos como a repressão se exerce e produz seus efeitos sobre homens e mulheres, moças e rapazes. A reconstituição da história das mulheres se faz quase que totalmente a partir da negação: sua ausência dos arquivos públicos, sua inexistência no sistema de aprendizagem formal, sua distância dos espaços externos. A memória das mulheres é do privado, do familiar e do íntimo. Tem-se que buscar a vida no claustro, a vida nos sobrados fechados, a circulação sozinha pelos espaços da rua restrita às escravas, a aprendizagem no espaço da casa, o aprisionamento e a vigilância dos pais, a influência religiosa se exercendo por meio dos diretores de consciência, os médicos substituindo pouco a pouco os confessores, os psicólogos substituindo os médicos, pela popularização dos conhecimentos freudianos que através dos meios de difusão da psicanálise substituíram os manuais pedagógicos instituíam modelos de comportamento. É verdade que por uma via progressivamente mais reflexiva, transitando de um ideal moral-religioso para o estético, conforme assinala Santos.¹¹⁴

¹¹⁴ T.C. SANTOS, 2001.

O silêncio das mulheres e sobre as mulheres pertence à mesma ordem paradoxal que Foucault atribui à sexualidade, sobre a qual se produziram tantos discursos. Da mesma forma, nunca se falou tanto das mulheres – os discursos patrístico, filosófico, medieval, iluminista, positivista, estruturalista, o discurso desconstrucionista, todo ele produzido em sua essência por homens. De certo modo, inexplicavelmente todos esses discursos a colocaram em uma situação de enigma. Mas o enigma que começou a assediar as mulheres que começaram a ouvir o que sobre elas se dizia e a produzir seus próprios discursos sobre si mesmas era o do seu próprio sexo, o do saber sobre o seu sexo, e do saber sobre o saber. É, enfim o enigma de ter estado por tanto tempo alienada do dispositivo que Foucault chamou de poder-saber-prazer.

Para Foucault, os dispositivos da sexualidade e os de aliança (Figura 13) reforçam-se reciprocamente. O investimento da sexualidade na família, a qual dirigiu às instituições médicas e pedagógicas seu pedido de ajuda em forma de uma ordenação e uma regulação, também demandou a intervenção de uma ciência como a psicanálise, tendo em vista a mútua implicação entre a lei e o desejo. Das profundezas do inconsciente, a ciência freudiana instaurou o desejo, metonímico em relação ao desejo primordial. Na direção oposta, a interdição mesma desse desejo se deu pela força da Lei do pai, através da proibição do incesto. Foi nesse quadro de influências recíprocas e que poderíamos chamar de equilíbrio instável que o processo de histerização das mulheres encontrou lugar.

DISPOSITIVOS DE ALIANÇA	DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE
Sistema de matrimônio, parentescos, transmissão de nomes e bens	Parceiros sexuais
Sistema de regras definindo o permitido ou proibido, o prescrito ou ilícito	Técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder
Reprodução da trama de relações e manutenção da lei que as rege	Engendramento de uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle
Vínculo entre parceiros com <i>status</i> definido	Vínculo a partir de sensações do corpo, qualidade dos prazeres, natureza das impressões
Economia mobilizada pelos mecanismos de transmissão e circulação de riquezas	Economia centrada no corpo que produz e consome
Homeostase do corpo social – vínculo com o direito – “reprodução” é o momento decisivo	Política do corpo – controle das populações de modo mais global – “proliferação” é a palavra-chave: inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos
Problemática cristã da “relação” – penitência (adultério, relações fora do casamento, interdições do sangue, legitimidade ou não da relação)	Problemática cristã da “carne” – exame de consciência e direção espiritual – nova pastoral – seminários, colégios e conventos (corpo e sensações, concupiscência, deleitação, consentimento)

Figura 13

À histeria feminina corresponde uma *falta* essencial – para além da falta intrínseca a todo ser falante. Se o silêncio histórico imposto às mulheres pode ser considerado um *sintoma*, a expressão “todo ser falante” integra a generalidade que ignora a construção social do gênero: o Sujeito do discurso e o Outro a partir de cujas instâncias discursivas se fala... do outro, a alteridade feminina. A afirmação “O inconsciente é o discurso do Outro” assume aqui a sua importância radical: o ser falante como tal é submetido à ordem da cultura em que alguns tomam a palavra porque têm o poder de dizer (e escrever). Outros não têm o poder de dizer (e escrever), porque lhes faltam as palavras.

Essa dissimetria explica a explosão de discursos sobre o feminino que começou no século XIX e continuou no século XX – pela ciência, pela publicidade, pela arte. O feminismo, ao recuperar de forma crítica esses discursos em sua origem e restituí-los, em sua verdade

ultrapassada, ao domínio do saber como história, o faz porque sabe que o recalcado retorna, como mostram os divãs, os terrenos de umbanda, os centros trepidantes de consumo, os templos evangélicos onde as mulheres numericamente se destacam. De modo que se ignorássemos as relações de interdependência que ligam os acontecimentos históricos, poderíamos atribuir facilmente esse retorno do recalcado histórico a uma compulsão generalizada e fatídica das mulheres à repetição. No entanto, esses sintomas de morte se associam a uma repressão sexual que inibiu praticamente todas as formas de expressão da pulsão de saber, deslocando-as para outros alvos.

Vejamos o que a pedagogia formulou, sob o título de *A Educação das Meninas* e a pena de Von Raumer, o educador que havia criticado os visionários *Colóquios* de Erasmo. A obra foi publicada em 1857. O trecho é longo, mas convém reproduzi-lo na íntegra, pela importância que irá desempenhar no século seguinte, pelo reforço do modelo católico e das políticas médico-higienistas farão dele um discurso privilegiado a ser reproduzido em todas as instâncias educativas do século XIX, mas não apenas nelas.

Algumas mães são de opinião, fundamentalmente incorreta a meu ver, de que às filhas deve ser dado conhecimento profundo de todas as circunstâncias da família, mesmo de relações entre os sexos, e de que devem ser iniciadas nas coisas que serão seu destino se jamais vierem a casar. Seguindo o exemplo de Rousseau, esta opinião degenerou e se transformou na caricatura mais grosseira e mais repulsiva do Seminário Filantrópico de Dessau. Outras mães exageram na direção contrária, dizendo às filhas aquilo que, logo que se tornam mais velhas, tem que se revelar como total falsidade. Como em todos os outros casos, isto é condenável. Estas coisas não devem ser comentadas absolutamente na presença de crianças, e ainda menos em tom de mistério, que provavelmente só lhes aguçará a curiosidade. As crianças devem ser deixadas por tanto tempo quanto for possível na crença de que um anjo traz para a mãe os bebês. Esta lenda, costumeira em algumas regiões, é muito melhor do que a história da cegonha, comum em outros lugares. As crianças, se realmente crescem sob os olhos da mãe, raramente fazem perguntas a esse respeito... nem mesmo se a mãe é impedida pelo parto de tê-las em volta de si... Se meninas perguntarem mais tarde como bebês chegam ao mundo, deve-se responder que o bom Deus dá à mãe o bebê, que tem um anjo da guarda no céu que certamente desempenhou um papel invisível na concretização desta grande alegria. 'Você não precisa saber nem poderia compreender como Deus dá as crianças.' As meninas devem se contentar com essas respostas em cem casos, e constitui dever da mãe ocupar os pensamentos das filhas de modo tão completo, com o belo e o bom,

que elas não tenham tempo para pensar nesses assuntos... A mãe... deve dizer apenas uma vez, com toda seriedade: 'Não seria bom para você conhecer essas coisas e deve tomar cuidado para não escutar nada que se diga a esse respeito.' Uma moça realmente bem educada sentirá daí em diante vergonha ao ouvir coisas desse teor¹¹⁵.

Santos¹¹⁶ mostrará como o modelo moral-religioso irá resgatar, sob a inspiração católica e sob a ideologia patriarcal, as mesmas incitações ao silêncio, nas revistas de aconselhamento que irão proliferar nas primeiras décadas do século XX.

O texto acima, que o autor prescreve como *modelo para comportamento de adultos*, é o fundamento por excelência dos modelos de educação rigidamente separados, diferenciados e seletivos que vão se sedimentar no século XIX e deixar raízes fundas e efeitos de longa duração na educação de homens e mulheres.

Curiosamente, o trecho sobre a sexualidade na obra *A Educação das Meninas* de Von Raumer não visa de modo algum a sexualidade em si mesma, mas incita à mistificação da origem, objeto do desejo de conhecimento da pulsão sexual que Freud destaca como pulsão escopofílica, o desejo de ver e de saber, que começa no enigma original de saber de onde vêm os bebês. Não é sobre a conduta sexual diretamente, mas na pulsão que lhe é subjacente, sobre esse desejo original, em torno do qual as crianças elaboram suas teorias infantis sobre a sexualidade, que o educador recomenda que se erga ao redor das meninas uma espessa cortina de silêncio. As descobertas de Freud e a pedagogia do silêncio sexual – que aplicado às mulheres reverbera de forma muito particular em meio à explosão discursiva que Foucault apontou – dão conta de explicar, sem jamais esgotar de todo, o profundo silêncio das mulheres na ordem da cultura.

O manual de Von Raumer adquire especial ressonância quando confrontado com a extraordinária repercussão no século XVI dos *Colóquios*, de Erasmo¹¹⁷, uma das obras humanistas mais lidas e mais comentadas em seu tempo e nos séculos que seguiram, especialmente no século XIX. Hoje evidentemente ainda a comentamos, mas somos capazes de fazê-lo de um ponto de vista diferente daquele do tempo que nos precedeu. É como se

¹¹⁵ N. ELIAS. 1994 *O Processo Civilizador*, v. 1, p. 179

¹¹⁶ T.C. SANTOS, 2001.

¹¹⁷ CALVIAC (1560) apud N. ELIAS, 1994.

girássemos alguns degraus acima a escada em espiral que permite perscrutar as diferentes mentalidades que antes de nós se sobrepuseram, contrastando ou ratificando, as diferentes visões do mundo. E perceber especialmente que o acúmulo de conhecimentos sobre os comportamentos e os hábitos não segue de forma alguma uma linha de continuidade evolutiva.

Particularmente sobre nossas idéias da sexualidade, é bastante digno de nota pensar que os homens do século XIX e seus epígonos não souberam fazer esse movimento em espiral que possibilitaria um conhecer sobre o conhecimento, a revisão epistemológica necessária. Aos nossos olhos hoje fica muito claro que do ponto de vista da sexualidade ocorreu uma involução na prática e no discurso, que precisou desenvolver-se e organizar-se em torno de uma *scientia sexualis*. Aos olhos dos homens do século XIX isso foi impossível de ser percebido, a não ser por Freud e seu círculo. Seja porque o intuiu, afirmando o alto custo que a moral civilizada impunha especialmente às mulheres, seja porque o escreveu com todas as letras especialmente nas suas obras sobre a cultura e a sexualidade infantil.

Se a sexualidade interessa à psicanálise naquilo que ela funciona (ou não funciona) como interdição e proibição, como Lacan ressalta no seminário 16, a extensão e a profundidade da repressão imposta às mulheres não deixam dúvida de que uma boa parte da obra freudiana exige um retorno e uma revisão¹¹⁸. E esse retorno diz respeito ao sexo das mulheres, mais que à sexualidade. Foi sobre ou contra a existência desse sexo que a ciência do século XIX decidiu silenciar ou se indispor, minimizando-o, localizando-o, extirpando-o, deslocando-o, negando-o, tal como o fez com o desejo e com a pulsão, para afinal proclamar sua subserviência, sua subordinação ao sexo outro. O sexo *sujo*¹¹⁹ – a associação da cloaca à vagina –, *vergonhoso*, escondido e inferior, bem como sua subordinação à libido masculina, a

¹¹⁸ Muitas mulheres já iniciaram uma leitura revisionista com bastante êxito. Como meu enfoque optou por inserir o processo de inserção das mulheres no contexto cultural – e como um instrumento como a psicanálise tem sido fundamental para as mulheres e para a ciência, ainda que não para a ciência das mulheres, não foi possível aprofundar-me como gostaria na leitura dessas teóricas que avançaram questões decisivas, contemplando as transformações sociais e culturais. O estudo pioneiro foi de Jeanne Lampl-de Groot, de 1927, que influenciou consideravelmente o percurso de Freud. Outro trabalho essencial que não perde de vista as modificações sociais nos cuidados maternos e paternos é o de Nancy Chodorow. Julia Kristeva também aponta para novas leituras, iluminando algumas lacunas importantes no estudo freud-lacanianas em questões sobre o feminino, a maternidade, a relação mãe-filha.

¹¹⁹ S. FREUD. *A disposição à neurose obsessiva*. In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XII. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.

única existente: como compreender que nem o gênio de Freud tenha conseguido se desvencilhar desta herança arcaica?

Mas Erasmo o fez, para o bem do pensamento. Os *Colóquios* foram publicados em forma de livro-texto para a educação dos meninos. Foi sobre essa obra que Von Raumer, o educador alemão do século XIX, exerceu *a posteriori* sua censura radical. Os *Colóquios* foram ferrenhamente criticados por imoralidade, em especial pela Igreja Católica, que incluiu a obra em seu Index, mas obteve um sucesso extraordinário como livro-texto adotado nas escolas para leitura dos meninos, conforme atesta Huizinga: “De 1526 em diante, houve, durante dois séculos, uma série quase ininterrupta de edições e traduções¹²⁰”.

Era impossível para a mentalidade de um educador do século XIX compreender que diálogos entre adultos, com mulheres conversando sobre seus maridos, um rapaz tentando seduzir uma jovem, um rapaz falando a uma prostituta pudessem servir como material de estudo para crianças de oito anos. O que constituía para Raumer a “mais baixa descrição de desejo carnal” constituía para Erasmo e às pessoas do seu tempo um texto exemplar, adequado à educação dos meninos. Como explicar essa discrepância de opiniões sobre um mesmo material, considerando-se ainda que se tratava de dois educadores cristãos? Eis o diálogo com a prostituta que os meninos do século XVI estudavam nas escolas:

Sophronius: Este lugar não me parece suficientemente reservado.

Lucretia: Como é que você ficou tão envergonhado assim, tão de repente? Bem, venha para meu vestiário particular. É tão escuro lá que a gente quase não vai se ver.

Sophronius: Examine todas as frestas.

Lucretia: Não há fresta nenhuma.

Sophronius: Não há ninguém por perto que possa nos escutar?

Lucretia: Nem mesmo uma mosca, meu querido. Por que está hesitando?

Sophronius: Podemos escapar aqui do olho de Deus?

Lucretia: Claro que não. Ele tudo vê.

Sophronius: E dos anjos?

¹²⁰ J. HUIZINGA. *Erasmus*. Londres, 1924, p. 199, apud N. ELIAS, 1994, p. 171.

Em seguida, valendo-se do pensamento dialético, conduz a conversa de modo a convertê-la, perguntando se tem inimigas, se não valeria apenas aborrecê-las, tornando-se uma pessoa honrada, até que ela se dá por convencida, ele a apóia e ela se redime.

O texto é de uma pureza edificante, mas choca o pedagogo para quem é impossível conceber um texto que reflita uma relação totalmente diferente entre crianças e adultos. Na época de Erasmo, era comum falar às crianças daquela maneira, mostrando uma situação passível de ser vivida entre adultos, porque como também mostrou Ariès¹²¹, crianças e adultos compartilhavam os mesmos espaços, usavam roupas idênticas, que só se diferenciavam no tamanho, ouviam-se as conversas livremente, sem que os adultos vissem necessidade de medir palavras ou gestos.

Pode-se perceber a franqueza e a liberdade de atos e palavras na brincadeira com Mlle. De Bouillon¹²², menininha muito vivaz de seis anos de idade que vive na corte. As senhoras brincam com ela, dizendo que está grávida, a menininha nega, defende-se, diz ser absolutamente impossível, discutem. Até que desperta um dia ao lado de um bebê recém-nascido que as damas haviam colocado em sua cama. Muito espantada, diz: “De modo que isto só aconteceu com a Virgem Maria e comigo porque não senti nenhuma dor.” A frase foi repetida de boca em boca, divertiu toda a corte, fizeram-lhe visitas, a própria Rainha ofereceu-se para madrinha do bebê. Prosseguindo a brincadeira, a menina é instada a revelar o nome do pai. Pressionada, e depois de muito pensar, diz que só pode ser o Rei ou o Conde de Guichê, os únicos homens que haviam lhe dado um beijo. Tais brincadeiras entre adultos e crianças eram comuns.

A referência à prostituta era pública, em voz alta, não em voz baixa e nas conversas privadas, como se tornou depois. Como a do carrasco, essa posição era desprestigiada, mas de forma alguma coberta pelo sigilo. Nas universidades, freqüentadas por rapazes muito jovens, as prostitutas constituíam tema para tópicos cômicos como “*Da fidelidade das prostitutas aos seus amantes*”, ou “*Da fidelidade de concubinas*”¹²³.

¹²¹ P. ARIÈS. *História Social da Criança e da Família*, 1981.

¹²² Ibid.

¹²³ N. ELIAS. *O processo civilizador*, v. 1, p. 176.

Somente nos séculos XIX e XX a prostituição foi escondida para o “fundo da cena.”, que a partir de então passou a abrigar a intimidade sexual, tanto legítima quanto ilegítima. O quarto dos pais passou a ser o santuário do casamento monogâmico legítimo, quando a família nuclear se tornou o centro das preocupações das ciências e do direito. Foi devido à gradativa mudança no patamar da vergonha e do embaraço na estrutura das mentalidades que o cerimonial dos casamentos nas câmaras nupciais que se fazia na presença de outras pessoas pouco a pouco foi deslocado para a esfera do privado. Novas e diferentes estruturas de personalidades se formaram, a ponto de estranhar e não compreender de forma alguma essa presença para nós “invasora” ou *voyeurista* de estranhos nos espaços da intimidade dos casais, o que era perfeitamente comum e exigência do hábito.¹²⁴

A opção de Erasmo no século XVI por oferecer como texto escolar ao menino o diálogo que o século XIX consideraria infamante pode ser compreendida na proximidade das relações adultos e crianças, na aceitação pública da prostituição como atividade rebaixada mas perfeitamente aceitável, como mostram os registros de hospitalidade e de boas-vindas que lhes eram solicitados, como ainda – e este é um aspecto pedagógico interessante, que se relaciona com as razões anteriores: o objetivo da educação à época de Erasmo não era, como hoje, ensinar e mostrar como as crianças devem se comportar, mas mostrar como os adultos devem se comportar. Esse objetivo justifica o “apresentar a vida ao menino” – trata-se da vida dos *adultos*.

A reação de Von Raumer no século XIX à presença da prostituta no texto escolar do século XVI não é isolada, e influenciou pensadores do século XX, o que pode ser constatado em dois aspectos: em primeiro lugar, em uma perspectiva sincrônica, Raumer refletia o pensamento higienista da ciência e do direito do século XIX, também captado pela literatura naturalista e seu subproduto folhetinesco. Em segundo lugar, em uma escala diacrônica, reproduzia a tradição religiosa e filosófica que associava a mulher ora ao *spurius*¹²⁵, ora à carne e ao

¹²⁴ N. ELIAS. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001. O filme de Sofia Coppola, *Maria Antonieta*, mostra o hábito cortesão no ritual de vestir a rainha, obedecendo às precedências hierárquicas, pelas damas da corte de Versailles – tal como N. Elias descreve em seu livro –, costume ao qual a rainha austríaca tem dificuldade em se adaptar, o que reforça a tese de Elias sobre as variações não apenas no tempo mas também no espaço das modificações na estrutura das mentalidades – em um nível sociogenético – que afetam a estrutura da personalidade.

¹²⁵ T. LAQUEUR, 2001. É de Isidoro, que vê na origem das palavras a essência do seu referente, a conclusão de que como só o homem tem o sêmen, que é a espuma do sangue, consangüinidade significa herança, legitimidade, ou laço que liga o gerador àquele que é gerado pelo pai. O termo que designa a descendência ilegítima vem de *spurius* (genitália feminina) e se refere à criança nascida de pai desconhecido, de mãe solteira.

pecado, como o fez a patrística cristã. Essas duas grandes concepções, que se ramificaram em uma multiplicidade de vertentes, acabaram por ligar a imagem da prostituta à imagem das mulheres em geral, potencialmente devoradoras¹²⁶.

O exame dos manuais de comportamento demonstra de maneira clara que determinadas questões relativas à intimidade e às necessidades naturais, que eram abordadas e discutidas publicamente com naturalidade e total desembaraço em determinadas épocas passaram a ser mais tarde objeto da esfera mais íntima e proibidas pelo costume de serem sequer mencionadas. É flagrante o deslocamento ocorrido no patamar do embaraço e da vergonha. O ‘despudor’ nas instruções de Erasmo (séc XV-XVI) forma um contraste bastante nítido com o pudor que caracterizava a instrução de Von Raumer às mães. Seu objetivo é claro, o de inculcar “recato”, ou seja, produzir *sentimentos de vergonha, medo, embaraço e culpa*¹²⁷.

Os deslocamentos nas fronteiras do embaraço e da vergonha, do medo e da repugnância, da tolerância à aversão se fizeram em relação aos hábitos de higiene, dos hábitos alimentares, das funções corporais, do comportamento no quarto – a intimidade do quarto conjugal é relativamente recente –, das mudanças na agressividade e principalmente da relação entre os sexos. A divisão crescente do comportamento em relação ao que é proibido e permitido faz com que a estrutura da personalidade muito lentamente se transforme. As proibições sociais, pela força da repetição, acabam induzindo automaticamente formas de autocontrole, a pressão para restringir os impulsos é incorporada ao *habitus*, o que facilita enormemente o trabalho do superego. Elias remete explicitamente à teoria freudiana, ao descrever a ação de “impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres”, constantemente em luta, submetidos aos sentimentos de vergonha e repugnância socialmente gerados. O superego sociogenético é inscrito, gravado e parte constituinte do indivíduo e muda de acordo com o código social de comportamento e a estrutura social.

Quando Freud quer atribuir um processo de involução à vida sexual do homem civilizado, é exatamente disso que se trata. A aquisição da postura ereta e a desvalorização do sentido do

Em contraposição a consangüinidade, Isidoro designa a criança ilegítima *spurius*, aquela que vem apenas da mãe, não toma o nome do pai.

¹²⁶ Da mesma forma, e pelo mesmo processo *lógico-científico*, a representação dicotômica da mulher no século XIX definiu que o avesso radical da condição da prostituta, as abstinências sexuais na forma das mulheres *frígidas*, *freiras* ou *filhas-de-Maria*, constituíram as histéricas, as portadoras da neurose feminina por excelência, as quais também se fixariam, inevitavelmente, à imagem das mulheres em geral, ratificando a idéia aristotélica da migração uterina.

¹²⁷ N. ELIAS, 1994, p. 180.

olfato na sua hipótese evolutiva é correlativa do sentimento de repugnância e da tendência à repressão sexual. É bastante relevante observar o aumento do sentimento de nojo e repugnância à luz das incitações sociais e pedagógicas. Não resta dúvida de que o nojo de Dora e todas as formas de fobias e obsessões – por aranhas, a aversão a certos alimentos, as bulimias e as anorexias –, adquirem um sentido especial quando colocados sob a luz da inculcação de hábitos de caráter fortemente repressor nos comportamentos e nos costumes das mulheres.

E, portanto, na formação da estrutura de sua personalidade do ponto de vista psíquico, ou seja: na estruturação do seu Desejo. Esses costumes são impressos no psiquismo de tal maneira que parecem que estão ali desde sempre. São repetidos por força do hábito e tendem a se reproduzir indefinidamente. Ao descrever a transformação que diferenciou o vestuário de crianças e adultos, separando ao mesmo tempo seus espaços e interesses, - modificando, portanto, suas estruturas psíquicas – Ariès¹²⁸ constatou que as transformações foram praticamente insignificantes na diferenciação entre meninas e mulheres. Somente um estudo específico poderia avaliar como evoluiu esse costume até os nossos dias. Mas um olhar atento perceberá uma tendência atual a uma aproximação cada vez maior não apenas na vestimenta como nos acessórios e ornamentos.

O vestuário, mais ou menos constritor, a brincadeira, mais ou menos comedida, os passeios, mais ou menos controlados, os comportamentos, mais ou menos esperados, incitam a escolhas, interesses, carreiras, desejos de superação e desejos de conformidade. Não é por acaso que Freud diz que a menininha se beneficia das semelhanças com os meninos na fase fálica – de certa forma um truísmo –, mas que atesta o caráter repressor da educação da menina. Freud diz menos do que sabe, quando atribui pouca importância a eventos corporais evidentemente inibidos pela imobilidade e coibidos pelos imperativos de contenção e modéstia “próprios ao sexo feminino” impressos nos manuais e nos costumes.

A análise do brinquedo de crianças mostrou às nossas analistas de crianças que os impulsos agressivos de meninas não deixam nada a desejar em matéria de quantidade e de violência. Com seu ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho. Nos meninos, conforme

¹²⁸ P. ARIÈS. *Historia Social da Criança e da Família*.

sabemos, essa fase é marcada pelo fato de que aprenderam a obter sensações prazerosas do seu pequeno pênis, e relacionam seu estado de excitação às suas idéias de relação sexual. As meninas fazem o mesmo com seu diminuto clitóris. Parece que em todas elas a atividade masturbatória é executada nesse equivalente do pênis e que a vagina verdadeiramente feminina, a essa época, ainda não foi descoberta por ambos os sexos. É verdade que há também alguns relatos isolados de sensações vaginais precoces, mas não poderia ser fácil distingui-las de sensações no ânus ou no vestíbulo; de qualquer maneira, não podem ter muita importância ¹²⁹.

A convergência de Freud e Elias também fica evidente na percepção que ambos têm dos efeitos psíquicos sobre os comportamentos humanos operados pelo deslocamento dos órgãos sensoriais do olfato e do tato para o olho. O olho passa a ser altamente característico do comportamento do homem civilizado. Não se deve cheirar nem tocar, dizem os manuais às crianças que gostam de tocar em roupas e em outras coisas mais. O cerco cerrado ao onanismo que Tissot iniciou e o século XIX consolidou é a exacerbação de um controle que uma ab-reação furtiva levava a extremos de sentimentos de culpa e impotência imaginários.

Estávamos longe da criança rabelaisiana exibindo seu membro que as amas adornavam com fitas, ou da menininha de seis anos dissertando livremente na corte sobre beijos, gravidez e sensações corporais. A relação com o próprio corpo e com a própria sexualidade, a partir do século das Luzes, passou a pertencer cada vez mais ao domínio do privado, do segredo do quarto conjugal. Lidar com as questões do íntimo na intimidade exigiu que a família demandasse cada vez mais a ajuda dos médicos e dos filósofos, que interferiram diretamente, chamando para a tarefa também os pedagogos. O sexo passava assim ao domínio do privado, atraindo sobre si mesmo a avalanche de incitações que o vigiavam a partir de um domínio público.

Os casamentos nas cortes absolutistas francesas dos séculos XVII e XVIII traduziram pela primeira vez uma ruptura na dominação do marido sobre a esposa. O poder social das mulheres se aproximava do poder dos maridos e sua opinião social era levada em alta conta. O estudo de Elias¹³⁰ permite pensar quais os efeitos que essa onda importante de emancipação sofreria no deslocamento das fronteiras de embaraço e de vergonha, nas tensões e distensões

¹²⁹ S. FREUD. Conferencia XXXIII. Feminilidade. In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XXII. Tradução José Luís Meurer. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

¹³⁰ N. ELIAS, *O processo civilizador*.

no processo civilizatório. O autor constata um fortalecimento da posição feminina na curva civilizadora decorrente de um duplo movimento: uma restrição menor aos seus impulsos e um acréscimo às coerções sobre os homens. Esse duplo movimento exigiu de homens e mulheres uma autodisciplina nova e um rigor maior nas relações entre os sexos.

O sinal de uma tal autodisciplina fica patente no romance famoso de Madame de la Fayette, *La Princesse de Clèves*, modelo de uma relação amorosa relativamente aberta, que se completa na renúncia. Trata-se de uma história exemplar que se ramificará em mil outros títulos, com o acento encantador de uma renúncia ativa, que irá marcar todo o universo romântico. O amor do amor é que dará daí por diante a sua tônica. Esse romance é evocado na maioria dos autores do século XIX. A trama é simples, mal prenuncia a tradição dos sentimentos em tumulto, dos embates e vinganças. É a razão do amor.

Ao saber que a princesa ama outro homem, o duque de Nemours, o marido lhe diz:

Confiarei apenas em você. Este é o caminho que meu coração me aconselha a tomar, e também a razão. Com um temperamento como o seu, deixando-lhe sua liberdade, eu lhe estabeleço limites mais estreitos do que eu poderia fazer cumprir.

Estava em vias de pleno florescimento um prolífico campo a ser explorado pelo ideal ético e estético da contenção, no qual uma estratégia discursiva eficaz se combinava a uma receptividade em tons civilizadores que todos ansiavam por adotar – e que as mulheres seguiram à risca. “As mulheres, consideradas enquanto grupos sociais, têm mais poder na corte do que em qualquer outra formação da sociedade¹³¹”. Nesse poder feito de jogos sutis de observação permanente e estratégias de autocontrole, o leque e a máscara têm sua importância. As damas da corte já se encantavam com os contos de fadas, depurados de ambientação camponesa. Era natural que a sensibilidade romântica encontrasse ali um terreno propício.

Uma nova sensibilidade de retorno nostálgico à *paisagem* da natureza já havia sido despertada pelo romance *Astréia*, de Honoré d’Urfé, na aparência uma história de amor na qual cortesãos disfarçavam-se de pastores, mas de fato a representação da relação que o Renascimento estabeleceu entre ilusão e realidade por meio da história dos amantes Astréia e Celadon, às voltas com a ‘alienação’ na corte, seu distanciamento em relação ao campo. Rousseau e sua

¹³¹ N. ELIAS, 2001, p. 245.

Nova Heloísa representaram a repetição no século seguinte desse retorno à natureza, que caracterizou os movimentos românticos. Abominando a corte e defendendo o ideal da volta à natureza, Rousseau não fazia mais que *repetir* a idealização da natureza campestre, que aconteceu primeiro nos círculos aristocráticos da corte francesa e em seguida nas elites intelectuais burguesas do século XVIII – continuando a exercer seu fascínio sobre a burguesia romântica do século XIX.

O distanciamento específico que o Renascimento estabeleceu entre o observador e o objeto também permitiu que surgissem novas formas de conhecimento e novos espaços para reflexão, como nunca antes ocorrera na Europa. Esse distanciamento implicou no aumento das coerções dos sujeitos sobre si mesmos e se fez sentir também na relação entre homens e mulheres. Menos espontaneidade, mais moderação, menos impulsividade, mais contenção, menos passagem ao ato, mais romantismo. As boas maneiras e o romantismo haviam chegado para estabelecer uma nova sensibilidade, suscetível aos *adiamentos do amor*. Para a psicanálise, a promoção do amor se tratou de uma involução na relação sexual. O que indica, na linha de uma hipótese a mais coercitiva de domínio sobre as mulheres, que sua gradativa promoção pelas vias do amor cortês e da ética romântica que foi o seu legado, que coerções cada vez mais pesadas no domínio sexual se exerceram na razão direta do processo de civilização.

A trama dos poderes que lhes garantiram uma relativa igualdade nos séculos XVII e XVIII, assim como os tratados de Erasmo e de Morisot nos séculos XV e XVI, apontam para a razoabilidade da tese de Elias de uma tendência na curva civilizadora em favor de uma evolução na relação entre homens e mulheres. Esta evolução deve ser entendida como uma necessidade cada vez menor de violência, de domínio, de controle – que uma visão histórica geral permite observar. Na análise dos grandes períodos feita pelo historiador, é possível perceber, a partir dos séculos de Erasmo, uma inflexão significativa na curva civilizatória que aponta para uma racionalidade cognitiva na percepção das diferenças. As escolas eram destinadas apenas aos meninos e rapazes, mas as mulheres começavam a existir nos manuais dos humanistas. Sua voz já então se fazia ouvir na forma dialética por excelência. A prostituta aprendia que um outro modo de existir era possível, e socialmente valorizado. Diálogos femininos para leitura de meninos tinham por objetivo *guiar a criança naquilo que ela já sabe, na direção correta*, o que significa a direção desejada pelo educador.

As conversas inventadas para fins pedagógicos não tinham o objetivo de mostrar como devia ser, ou ensinar a relação entre os sexos. Isso eles descobriam por si, na relação indiferenciada com os adultos. Quanto menor fosse a reserva destes, menor seria a discrepância entre aquilo que seria abertamente permitido e o que deveria se esconder por *detrás da cena*. Pensemos no efeito devastador da repressão que a lógica desta proporção exercerá sobre o psiquismo na disciplina imposta pelos dispositivos da sexualidade e da aliança do século XIX, tal como explicitados por Foucault¹³², e teremos compreendido como essa “escolha” se fez na direção do fechamento, do ocultamento, do silêncio, da coibição, da negação, ao lado da separação e da máxima diferenciação entre os sexos.

A negação da carne nas encíclicas patrísticas dos primeiros Padres da Igreja e sua repercussão nos seus comentadores medievais apoiou-se na idéia do *pecado*. A negação da carne nos tratados de medicina do século XIX apoiou-se por sua vez na idéia da *doença*. Para exaltar o Amor e reabilitar a Mulher, foi necessário negar a ambas: negar a carne, pelo culto à Virgem Imaculada; e negar o excesso uterino, pelo culto à maternidade. A penalização do desejo feminino é flagrante.

A explosão discursiva em torno da sexualidade em forma de incitações e excitações poderia ter tomado outro caminho, produzindo uma ordenação outra, que não implicasse no silenciamento e na negação do outro sexo? Que foi feito do ser desejante feminino, dessexualizado e incapaz de dizer do seu gozo nos séculos da ciência que lhe abriu a palavra?

¹³² M. FOUCAULT, 2001.

2.5. Rabelais e o cerrar da cortina

Tudo indica que a tendência civilizadora, no que diz respeito à sexualidade e à aliança, como aos seus costumes em geral – enormemente influenciada pelos moralistas¹³³ do século XVII, pela pedagogia das luzes e pelo positivismo, lado a lado com as literaturas que lhes deram guarida – poderia ser diferente. Acontece que Erasmo no século XVI, Poulain de la Barre, no século XVII, Condorcet no século XVIII foram vozes isoladas.

Como agravante, as obras de Erasmo¹³⁴ traduzidas do latim para o francês e que tiveram grande impacto sobre os costumes foram preponderantemente os livros de instrução ou religiosidade. Livros de divertimento ou sátira apareceram em menor número. O *Elogio da Loucura* e os *Colóquios* não encontraram espaço nem atraíram os tradutores, e sim os *Adágios*, a *Preparação para a morte* e a *Civilidade para meninos*. Elias¹³⁵ supõe ter havido um sucesso maior dessas obras intelectualmente mais abertas em países de língua alemã e holandesa, onde a aceitação de escritos satíricos, ao contrário dos países católicos, já tinha uma certa tradição. De fato, um interessante manual alemão de boas maneiras revela o costume da Renascença e do fim da Idade Média de ridicularizar os procedimentos inadequados, parecendo recomendá-los. Trata-se da inversão satírica, que seguia mais ou menos este modelo:

É costume em países estrangeiros, onde ouro, jóias e pérolas são encontrados, usá-las penduradas no nariz.

Uma vez que somos menos afortunados, aprenda o que deve usar no nariz: um longo e imundo fio escorrendo de ambas as narinas, tal como pingentes de gelo de uma casa – isto adornaria admiravelmente seu nariz¹³⁶.

Esse brincar com a linguagem tem o efeito *moralizador* frutuoso na modificação dos costumes. É preciso retirar da palavra seu efeito “moralizador” e não temer ou temer dizer que o sentido da moral é tornar os costumes mais adequados às necessidades do seu tempo. Deve ser por isso que Rabelais¹³⁷ pode ser considerado um dos grandes educadores de língua

¹³³ De acordo com o autor, na sociedade de corte do século XVII, “moral é o saber dos costumes e do caráter dos homens”, assim o termo *moralistas* deve ser entendido. N. ELIAS, 2001, p. 299.

¹³⁴ Id., *O processo civilizador*, v. 1, 1994.

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ Ibid., p. 258.

¹³⁷ F. RABELAIS. *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2003.

francesa, talvez o mais moral de todos eles, considerando-se todo o time dos Iluministas juntos. Representa o saber incompreendido, que extrapola o seu tempo, para somente bem depois influenciar o pensamento e os costumes, modificando com seus escritos a compreensão herdada da visão escolástica sobre a Idade Média. Tal como sucedeu com a obra satírica de Erasmo, suscetível de não ser compreendida em todos os tempos e lugares.

As mulheres na obra rabelaisiana não são de forma alguma representadas com as tintas da melancolia dos nossos romances do século XIX ou das teses médicas dos doutores da ciência. Faladeiras e incontroláveis (“... desposareis uma mulher vazia de prudência, cheia de vento, descuidada, gritadeira e desagradável...”), caem vítimas da pena de Rabelais da mesma forma que Agrippa, o filósofo ocultista seu contemporâneo que escreveu *A Nobreza do sexo feminino e a superioridade das mulheres*. Padres, mais que todos. Os pedantes da Sorbonne, a Santa Inquisição, o Papa. Panúrgio propunha murar a cidade de Paris com *callibristris* das mulheres, por ali tão abundantes e baratos, enquanto páginas à frente se referia aos *callibristris* compridos dos padres, que deveriam se despir nas sacristias, apenas para fazer inveja às mulheres, que com seus rosários que desciam igual até os joelhos. Sátira demolidora da carolice mulheril, especialmente quando logo adiante Panúrgio inventa de espalhar um cartucho cheio de pulgas e piolhos, para tirar a concentração das mulheres compenetradas, na igreja. É lá na nave que ele gosta de ficar, entre as mulheres, grudando as roupas delas às dos homens, que assim não podiam separar-se ao sair das missas, das vésperas e do sermão.

Também será Panurgio a desfiar um rosário de galanteios diante da grande dama, ostentando sua braguilha enfeitada com um bordado românico. Impassível, a amada cruel o expulsa com ameaças, ao que ele é obrigado a compará-la a Vênus, a Juno, a Minerva, a invocar todos os deuses e deusas celestes, a agradecer a Deus ser o “predestinado das fadas: Então, para não perder tempo, vamos trançar logo as nossas pernas.” Claro que a dama ameaça chamar os vizinhos e continua imperturbável. O assédio continua inutilmente no dia seguinte, espera-a na igreja, oferece-lhe água benta, pede-lhe como consolo o seu rosário, e oferece-lhe em troca rosários de todos os quilates: de ouro, ébano, jacintos, esmeraldas, pérolas, turquesas, safiras, diamantes. E mais:

Quereis uma peça de veludo violeta, uma peça de cetim com desenhos em relevo ou carmezim? Quereis cordões de ouro, brincos, anéis? Dizei-me que sim. Até cinqüenta mil ducados, não é nada para mim.” Pelas virtudes dessas palavras, ele

lhe fazia vir água na boca. Mas ela lhe disse: “Não, eu vos agradeço, mas nada quero de vós. – Por Deus, disse ele, eu quero bem uma coisa de vós, mas é coisa que não vos custará nada e nada tereis de menos. Eis (mostrando sua vara) mestre João Pimpão que vos pede pousada.” E quis beijá-la. Mas ela começou a gritar, embora não muito alto. Então Panúrgio deixou de fingir e disse-lhe: “Não quereis então deixar-me divertir um pouquinho? Pior para vós. Mas por Deus, ireis vos arrepender.

Esse o rodeio em torno da dama, as tramóias para humilhar a dama que se compraz em negar, depois de ter atormentado seus sonhos oito noites seguidas. Em Rabelais tudo gira em torno do sexo e em torno das mulheres. O escatológico pulsante do sexo: “Madame, sabe que estou a tal ponto apaixonado por vós que já não consigo mijar nem cagar...(...)” Ela responde, imperturbável: “Ide, ide, isso não me preocupa; deixai-me rezar a Deus.” Ou do anticlerical: “Ele encontrou Perceforest mijando na parede em que estava pintado o fogo de Santo Antonio. Declarou-o herético e o teria feito queimar vivo(...)”

Na ode a Príapo e nos encômios à armadura da braguilha dos guerreiros, Panúrgio desdobra para Pantagruel a teoria corrente que faz do homem o portador da semente e da vida, que cumpre proteger. Mas ao lado dos argumentos da reprodução que emprestou de Galeno, assenta o argumento do prazer:

Ela, vendo o marido, bem armado
 Fora a braguilha, para a guerra ir,
 Disse: Alguém vos poderá ferir,
 Protegeí pois o que é mais amado.
 Há de ser o conselho rejeitado?
 Digo que não, pois ela é temerosa
 De que de seu marido idolatrado
 Se perca a parte de que é mais gulosa.

Não falta a velha sacerdotisa, a sibila (...) *maltratada, mal vestida, mal nutrida, desdentada, remelenta, curvada, encarquilhada, suja, cansada*”, de quem busca o conselho se deve ou não casar-se. Depois de uma seqüência mirabolante de toques, pegadas, giros, esperas, goles de um frasco, giros, gravetos ao fogo, ramos de loureiro seco, palavras encantadas e pavores infernais, Panúrgio e Epistemon só desejam fugir a essa Prosérpina aterradora, renunciando a tudo saber. Mas é tarde demais. Lá estava a velha fora da casa, sacudindo um sicômoro três

vezes e nas oito folhas que caíram e voaram e eles depois tiveram que sair atrás recolhendo, ela tinha escrito com seu fuso os oito versos, que Pantagruel e Panúrgio leram de dois jeitos:

*Expelirá
O renome.
Engordará
Sem teu nome.
Sugar-te-á
Com engodo.
Te esfolará,
Mas não-todo.*¹³⁸

Pantagruel lia ali a desonra – “ela vos fará corno” – da traição, a entrega a outro homem e a forçosa gravidez. A seguir roubará o marido dos seus haveres, além de espancá-lo e esfolar seu corpo de alguma forma. Panúrgio contesta, dizendo que Pantagruel nada entende de profecias. Ao contrário, a sibila queria dizer que só a um homem casado adviria a respeitabilidade de um renome, como o de um magistrado ou o possuidor de algum ofício. O segundo verso: a mulher engravidará, mas não dele, e sim de uma criancinha. Ele já a ama, toda mimosa, esse filhinho querido, balbuciando palavras divertidas na sua linguagem infantil. Queria que a velha dissesse: a mulher estava grávida dele? Que parisse ao marido? Seria um desconcerto. E o terceiro verso, que diz que sua mulher o sugará, Panúrgio só tem a alegrar-se com isso, tratando-se, não pode ser outra coisa, do “bastão que me pende entre as pernas.” Se furto há, é de carícias, que Vênus as quer às escondidas, furtivamente, nos vãos das portas e dos caminhos. Nada de leitos preciosos, *entre cortinados dourados* (...). E nada furtará de Panúrgio, uma vez que “sugará para deleite, não para prejuízo.” O quarto verso: Esfolá-lo? Há seis mil anos as mulheres vêm tentando, jamais conseguindo totalmente. Até os judeus por despeito eles próprios se retalham, para não se deixarem pelas mulheres esfolar, como o resto do mundo. Panúrgio ao contrário: “Consinto, de boa vontade, mas não de todo; eu vos asseguro, meu bom rei.”

Rabelais apresenta todas essas situações paradigmáticas do caráter feminino visto pelo olhar masculino, toda a misoginia para a discussão em seu próprio tempo e nos séculos seguintes. Com sutileza, penetra a engrenagem da linguagem para desfazer, distorcer, desbaratar sentidos, multiplicá-los em uma infinidade de possibilidades, brincando com o significante,

¹³⁸ *Gargântua e Pantagruel*, p. 451 et seq.

com as intenções humanas, com as faculdades de compreensão, com o *Nome-do-Pai*, com a condição de celibatário fadado a depender permanentemente de favores – daí o constante assédio com o interesse nos favores, um dote, uma posição – com a condição irremediável de ‘cornudo’, com as mil artimanhas amorosas que envolvem no mesmo torvelinho homens e mulheres, com o prazer do jogo do aceno e da recusa, do deleite supremo, do amor feito no assomar da emoção, nos descaminhos, no chão, nas oferendas ligeiras e diretas. Bem distantes do *leque de seda carmezim e do penacho de penas índicas, enxotando as moscas em torno, e a mulher limpando os dentes com um pedacinho de palha, que enquanto isso, tirou do fundo do colchão*.

O deboche do amor cortês é visível – o leque dissimulador atesta a falsidade do sonho e do gesto desviado do ardor dos corpos em desalinho para fixar-se em cada detalhe ao redor, onde a mulher repousa no cálculo indiferente. A insistência no tema do homem cornudo e da instabilidade psíquica e da inconstância feminina – *la donna é mobile* – será uma constante dos libretos da ópera, dos romances, e remeterá à obsessão dos pedagogos, da moral religiosa, da filosofia das luzes, especialmente Rousseau e os seus tratados sobre a educação e a imaginação. A rigorosa linha divisória que ele impõe para a educação de homens e mulheres no Emílio – e o efeito poderoso que suas idéias exercem sobre os homens de ciência e reformadores do século seguinte – estão retratados na sátira de Rabelais com quatro séculos de antecedência.

Assim é que Panúrgio se vê tranquilizado por Frei Jean em sua dúvida de ser traído: *Se és corno, ergo tua mulher será bela; ergo serás por ela bem tratado; ergo terás muitos amigos; ergo serás salvo. São tópicos monacais. Não podes querer melhor do que isso, pecador. Jamais estivestes tão bem*¹³⁹. Mas pouco convencido pelos argumentos da salvação, ele não tardou a tomar medidas de se precaver, e foi procurar Frei Jean, que lhe entregou o anel de Hans Carvel, (...) “homem douto, perito, estudioso, homem de bem, de bom senso, de bom julgamento, bonachão, caridoso, filósofo, jovial”; (...) Já velho, casou-se com a filha do Bailio Concordat, jovem, bela, delicada, graciosa, simpática, muito agradável para com os vizinhos e servidores.

Do que resultou, no fim de algumas hebdômadass, que ele se tornou ciumento como um tigre, e começou a desconfiar que ela alhures fornicava. Para evitar tal coisa,

¹³⁹ *Gargântua e Pantagruel*, p. 487.

não cessava de contar-lhe belos contos contando as desolações advindas do adultério; lia-lhe muitas vezes a lenda das mulheres virtuosas; pregava-lhe a pudicícia; estendia-se em louvores da fidelidade conjugal, detestando muito e com firmeza a má conduta das casadas levianas, e deu-lhe um belo colar de safiras orientais. Não obstante isso, ele a via tão alegre e tratando tão bem os vizinhos, que o seu ciúme só fazia crescer. Uma certa noite...¹⁴⁰

Rabelais por meio de seus personagens produziu um modo de celebração do corpo no qual a mulher era um ser de desejo. Desejo negado e por isso vingado, nas tramóias dos piolhos e dos cheiros que atraíam os cães, centenas e milhares de cães que deixavam a grande dama *superior* emporcalhada – mas sempre desejo. Quando a respeito do casamento avaliam se melhor seria tomar conselhos de homens ou de mulheres – talvez fosse melhor tomar um surdo-mudo, que não emprestasse aos seus gestos qualquer sombra de prestidigitação –, Panúrgio diz a Pantagruel que bem aceitaria conselho de mulheres, a não ser pelo temor de sua arbitrariedade, uma vez que seus pensamentos são venéreos:

“Uma, é que as mulheres, algumas coisas que vêem, que representam no espírito, pensam, imaginam que seja a entrada do sagrado Itifalo; Alguns sinais, alguns gestos que façamos em sua vista e presença, elas interpretam e referem como ato móvel da conjunção. Seríamos portanto logrados: pois a mulher pensaria que todos os sinais seriam sinais venéreos.”¹⁴¹ Em seguida, diverte o leitor com a história de um lance amoroso produzido por um jogo de equívocos entre uma dama muda e surda e um jovem romano ignorante da sua condição. O final é estrepitoso.

É esse ser desejante feminino que desponta das páginas de Rabelais. Mulheres que apanham, batem, trapaceiam, mas sobretudo captadas em todas as situações, mesmo as da denegação e da recusa, como seres de desejo. Liberdade de costumes, liberdade lingüística. A mulher reprimida da literatura naturalista dormia seu profundo sono, para acordar apenas no desespero psicótico do “êxtase místico”, ou nos espasmos amorosos que findavam na loucura e na morte. Literatura do sexo e da morte, do fechado e do escondido, do caçador libidinoso e da presa inocente. Na pena dos preciosistas do sexo reprimido, as mulheres continuavam adormecidas, objeto e não sujeito de prazer. Mesmo as prostitutas padeciam de certa insuficiência libidinosa, necessária à sua condição de iniciadora e guia. Essa *isenção* feminina

¹⁴⁰ *Gargântua e Pantagruel*, p. 488.

¹⁴¹ *Ibid*, p. 457.

fica visível nas descrições de Bataille – a prostituta não é o ser do prazer, mas essa criatura do *bas-fond* vestida de brilhos e de enfeites, ser de razão e cálculo, capaz por isso de administrar, no tempo, no espaço e nos gestos encenados a lógica do único gozo digno de ser narrado. Esses seres de brilho e de saber próprios habitam a literatura e a imaginação dos homens.

Seria necessário entender em que momento e por que mecanismos o desejo feminino, em toda a sua plenitude, passou para o fundo da cena, dessexualizado e desinvestido da pulsão de saber. De certo modo, o apogeu da prostituta como objeto de troca, já destituído do caráter sagrado evocado por Bataille¹⁴², é o instrumento necessário e involuntário em uma sociedade sexualmente reprimida da demissão da mulher como ser sexual ou ser para o prazer e sua inserção preferencial no *dispositivo da aliança* no século XIX e a primeira metade do século XX. Encontram-se aí os quatro grandes conjuntos estratégicos apontados por Foucault¹⁴³: “a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso”.

O amor à prostituta na sociedade do sexo reprimido é evocado não apenas na teoria de Freud como em toda a literatura da época, em particular nos países católicos. Particularmente em Viena e na França, esse tema inspirou escritores portugueses e brasileiros canônicos e seus epígonos folhetinescos. Nesses escritos é constante a lembrança da descoberta do feminino na infância, ou o encontro com o seu Real nas primeiras experiências do sexo, sempre da ordem do proibido, do furtivo, do pecado ou da profanação, do espiar a nudez dos corpos femininos, os banhos de rios de negras e mulatas, a indecência das mulheres da vida, objeto de culto e de temor, da tentação do incesto jamais confessado mas sempre desejado.

O olhar infantil de um narrador nostálgico por um paraíso perdido retorna sempre para essas mulheres adultas e pecadoras, ao mesmo tempo que promove, ao sabor das ondas literárias realistas e naturalistas (mortas por suicídios ou assassinatos), ou românticas (mortas pela tísica ou enclausuradas em conventos) o abafamento da vida sexual das mulheres comuns, saturando-as de santidade na condição de esposas e mães. O exame dos romances da década de 30 abre para um extenso repositório desse Imaginário, no qual a virgindade profanada

¹⁴² G. BATAILLE, 2004.

¹⁴³ FOUCAULT, 2001.

seguida do suicídio das jovens seduzidas e abandonadas constituem a única alternativa à prostituição.¹⁴⁴

Sexo abstruso, linguagem abstrusa. O avesso do jogo amoroso infantil de Rabelais. *Gargântua e Pantagruel* põe em dúvida a verdade que séculos de certeza científica e filosófica com origem em Platão e Aristóteles produziram sobre o caráter e a sexualidade das mulheres. Admitir francamente o adultério feminino como uma das artimanhas aceitáveis no jogo do amor (a fidelidade das mulheres os condenava “a apodrecer sozinhos, com suas mulheres, sem rival algum”¹⁴⁵), como aquilo que poderia significar um alegre folguedo nas orgias pagãs, só pôde ser entendido, na herança filosófica do século XX, como a manifestação de uma perversão exacerbada, na qual o gozo do Outro se faz pelo gozo do Outro, como em um jogo de espelhos, infinitamente. Para isso foi preciso que uma literatura libertina reenviasse ao quarto conjugal a testemunha furtiva, não mais o ajuntamento cortesão em torno do enlace, mas o *voyeur*, o álibi oculto atrás da cortina para permitir ao protagonista e ao leitor as volúpias de um mais-de-gozar.

E o espantoso nisso tudo é que os séculos da repressão viram nascer a imensa hipocrisia social com a invenção de uma moralidade de mão dupla, das vias clandestinas para uma sexualidade que os moralistas entendiam como abjeta, mas necessária, e à qual era necessário poupar as suas filhas. El Far¹⁴⁶ desvela o *boom* na literatura pornográfica no século XIX e a desenvoltura com que os títulos picantes são anunciados nos jornais da época sob a rubrica “só para homens”.

É difícil avaliar se fizeram falta ou não ao psiquismo feminino esses textos luxuriosos, dos quais as mulheres se apropriaram apenas sorrateiramente. É o valor simbólico desse domínio e desse acesso exclusivo que é capaz de mostrar a dimensão castradora de uma tal coerção, porque a exclusão da esfera do obsceno a título de proteção foi apenas a manifestação da legitimidade de uma inculcação que a longo prazo mostra a extensão do seu caráter perverso. Deu os contornos a toda uma literatura feminina votada à virtude, ao bom comportamento, à caridade, à assistência social, à justiça no proselitismo ora religioso, ora social. Produziu

¹⁴⁴ L. BUENO. *Uma História do Romance de 30*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

¹⁴⁵ *Gargântua e Pantagruel*, p. 505.

¹⁴⁶ A. EL FAR, 2002.

pouco a pouco o efeito de uma conformação psíquica capaz de apreender nos diferentes sexos diferentes necessidades e diferentes pulsões.

Nesse aspecto a sublimação feminina se faz diferentemente da sublimação masculina, na intensidade e na extensão da renúncia que é solicitada na produção cultural. Como uma coroa de louros de valor simbólico equivalente aos santinhos da Virgem que premiavam um coração impoluto e perseverante, a realização cultural e intelectual das mulheres muitas vezes se faz à custa de um despropósito quantitativo de exigências na renúncia pulsional. Os feitos dos homens no domínio da cultura seguem em continuidade com sua experiência existencial, diferentemente das realizações das mulheres, que o fazem por meio de uma ruptura. No caso delas, é como se toda a libido sexual se deslocasse automaticamente para os atos da cultura, ao mesmo tempo que o esforço consciente se dirige para a expectativa sempre frustrante de produzir o que a cultura considera legítimo – uma literatura viril.

Rousseau foi acusado por Diderot de haver feminizado (prostituído) a literatura escrevendo romances. Essa visão se disseminou no desprestígio do romance como gênero no campo literário e nos remete aos três momentos de importante transição na revisão dos papéis no domínio da cultura, a partir do ingresso das mulheres: a feminização do magistério¹⁴⁷, à medida que isso se fazia necessário pelo deslocamento dos homens para outras atividades em fábricas ou no setor de serviços; a feminização do clero¹⁴⁸, para retirar poder do laicato masculino, menos dócil aos dogmas sacramentais do Concílio de Trento, e a feminização da universidade, que abriu os espaços de carreiras específicas no continente europeu e no americano nas primeiras décadas do século XX.¹⁴⁹ Não é impossível concluir, portanto, que a feminização do romance seja característica do período em que o romance como tal perdeu prestígio, especialmente nas formas as quais por óbvias razões, determinadas historicamente, poderiam atrair a escrita das mulheres: os romances populares de conteúdo sentimental e os romances populares de caráter proletário.

Não tenho elementos seguros para supor uma feminização da psicanálise, embora seja evidente para todos que uma feminização na área de psicologia, assim como na área de letras,

¹⁴⁷ G.L. LOURO, 1997.

¹⁴⁸ M.J. ROSADO NUNES. *Freiras no Brasil*. In: M. DEL PRIORE (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

¹⁴⁸ M. PERROT. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ Ibid.

de fato ocorreu. Mas trata-se de áreas diferentes, portanto me abstenho de tirar conclusões. Mas, independentemente da preponderância de um outro sexo, a lógica mobilizadora da distinção também atua nesse campo, exercendo seu papel no seio mesmo do objeto de conhecimento: a psicanálise de orientação lacaniana se distingue daquela de orientação freudiana (ou outra) não apenas em conteúdo, mas na forma. Os que dela se aproximam devem submeter-se não somente à sua doutrina, mas à assimilação de signos específicos de um código não imediatamente transmitido. A lógica do inconsciente freudiano não é a mesma lógica do inconsciente lacaniano, expressa por algoritmos, matemas e nós borromeanos. Implica, portanto, um domínio científico suplementar, que convoca o Todo da ciência para situá-lo em seguida na ordem do Não-Todo, codificando-o sob um modo específico de formalização. Aberto do ponto de vista da inventividade científica, fechado aos que se abrirem à sua decifração, na condição de eleitos. Essa distinção é atestada pelo próprio Lacan, a respeito do saber e da verdade:

É aí que o real se distingue. O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado produzir da significância. Essa formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu ia quase dizer a contra-senso. O ‘isto não quer dizer nada’ concernente às matemáticas, é o que dizem, é o que dizem, em nosso tempo, os filósofos das matemáticas, sejam eles próprios matemáticos, como Russell¹⁵⁰.

A matematização da psicanálise não significa, em todo caso, uma feminização do pensamento, antes pelo contrário. A verdade lacaniana do não-todo está fundamentalmente apoiada sobre as verdades eternas da filosofia e das ciências, ainda que para subvertê-las ou invertê-las. Para formular seus matemas do não-todo foi necessário a Lacan procurar, por meio de aprendizados específicos, as ciências da matemática, da topologia, da filosofia, naquilo que o acúmulo e a vanguarda do seu saber permitissem extrair novos operadores. Isso se verifica no uso invertido que ele faz do significante e do significado em relação a Saussure, no uso da metáfora e da metonímia a partir de Jakobson, o uso que fez de Lévi-Strauss das estruturas de parentesco, da dialética hegeliana, do conceito de *não-todo* e da *difença* heideggeriano, dos matemas e da topologia buscados aos matemáticos, físicos e filósofos.

¹⁵⁰ J. LACAN. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

À medida que se desloca da dialética hegeliana para a Diferença heideggeriana, Lacan se identifica com a ordem do não-todo. Tal aproximação coincide com uma perspectiva crítica do pensamento em relação àquilo que o saber e a verdade possam conter de totalidade, de domínio, do fechado, em contraposição a um regime do aberto, da não-totalidade, do não-todo, do ilimitado, do descentramento. Quer se examine a questão de um ponto de vista do todo, ou do não-todo, a relação com a verdade remete à ordem de um incontornável falogocentrismo. Não há por que imaginar uma perda de crédito da *virilidade*, como não há necessidade de se desejar que isso aconteça. O que se poderia entender como um “tornar-se mulher” do pensamento não implica absolutamente qualquer avanço específico ou desestabilização no grau e no modo pelos qual as mulheres se apropriam do saber.

Na atual distribuição de saberes e poderes, as mulheres se inscrevem no sistema falogocêntrico, no campo cultural, tal como a psicanálise as define desde Freud: como exceções fálicas. Isto se inscreve como uma marca de impossibilidade que a distancia das políticas de gênero.

De acordo com Milner¹⁵¹, todas as formações discursivas que remetem a uma historicização da ciência, da cultura e da arte, do ponto de vista do sexo/gênero deixam de fazer sentido para o discurso da psicanálise lacaniana, à medida que esta atribui o estatuto de *contingente* a tudo o que se refira à sexualidade: à psicanálise interessa apenas “o lugar da contingência infinita nos corpos”. Haver ou não sexuação, haver um, dois ou mais sexos, que sejamos homens ou mulheres, que um ou outro sexo seja mais suscetível de somatização, que a um ou a outro sexo correspondam características culturais, tudo isso é contingente. Daí que a psicanálise de Lacan, como um *doutrinal de ciência*, só autorize falar da sexuação como letra.¹⁵²

Quer se fale como letra, quer como um romance, é difícil pensar como essa estratégia discursiva possa escapar ao falogocentrismo da ciência que criou a letra da matematização lacaniana, diferente e ao mesmo tempo tributária do *Número* grego; também seria incompreensível que essa escolha da letra da sexuação se produzisse pela abstração radical de toda a tradição escrita que tem origem, para ficarmos nos gregos, na tradição oral de Homero. Há evidência de uma escrita anterior ao oral, o que não desmerece o argumento temporal. Escapar ao historicismo por um desvio pela matematização não intimidará Tirésias e a

¹⁵¹ J.C. MILNER. *A Obra Clara*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

¹⁵² Ibid.

questão fundamental que abalou as suscetibilidades dos deuses gregos. Se a questão de Tirésias não fosse fundamental, não haveriam se ocupado dela, sob a rubrica médica¹⁵³, ou, do ponto de vista também da cultura¹⁵⁴ todos os homens da Antiguidade, da Idade Média e Moderna. O sexo ou a sexualidade não entraria como objeto na confluência de todos os discursos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, com particular obsessão – por óbvias contingências de uma sociedade industrial e científica e suas demandas – o século XIX.

Um discurso sobre a sexualidade não é abandonado em momento algum da abordagem lacaniana, muito antes das fórmulas da sexuação, ou seja, muito antes da matematização. No Seminário X¹⁵⁵ o corpo precede a letra, e com todas as letras:

Por que ficarmos surpresos com isto, a partir do momento em que, por nosso esquema do local, do lugar vazio, na função do desejo, vocês estão prontos a reconhecer algo que, o mínimo que se pode dizer é que, para vocês, poderá pelo menos se situar este paradoxo, paradoxo que se define assim, que o lugar, a casa do gozo se encontra normalmente, visto que naturalmente colocada justamente em um órgão, que vocês sabem da maneira mais certa, tanto pela experiência quanto pela investigação anátomo-fisiológica, como insensível, no sentido que ele não poderia mesmo chegar à sensibilidade pelo fato de ser inervado, que o lugar, o último lugar do gozo, do gozo genital, é um local – não é afinal um mistério – onde pode-se escoar dilúvios de água fervente, e a uma temperatura tal que não poderia ser suportada por nenhuma outra mucosa sem provocar reações sensoriais atuais, imediatas.”¹⁵⁶

A retórica do rodeio encontra nesse excerto a ordem paradoxal do indizível, como se a verdade dos anatomistas se recusasse como enunciação. De fato, a escuta psicanalítica substituiu o olhar perscrutador do médico, supostamente neutro. Como interpretar a interpretação lacaniana do gozo feminino idealmente imaginarizado no Seminário XX¹⁵⁷ sob a rubrica do gozo de Deus e da experiência mística? A psicanálise liberou a palavra às

¹⁵³ Aristóteles, Platão, Galeno, Hipócrates, Soranus Colombo (1559), Roussel, Mullen, Zacchia, Harvey, Estienne, Bartholin (1668), Duval, Paré, Spallanzani, Louise Borgeois, Haller, Kaspar II, Moreau, Gray (anatomista), Soemmerring, Skene (embrio), Graaf, Leuwenhoek e Hartsoeker (década 1670-animálculos), Bonnet, Hertwig, Battey, Hegar, Bischoff, Todd, Smellie, HRokitansky, Acron, Hensen 1881, Gardiner. Fonte: T. LAQUEUR. *Inventando o Sexo – Corpo e gênero dos Gregos a Freud*, 1989.

¹⁵⁴ Aristóteles, Plutarco, Plínio, Agostinho, Rabelais, Montaigne, Rousseau, Westermarck, Carlile, Bloch, Kobelt 1884, Freud, Lacan, Foucault, Laqueur. Fonte: T. LAQUEUR, 1989.

¹⁵⁵ J. LACAN. *O Seminário, Livro 10: a angústia*. 3. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2002.

¹⁵⁶ J. LACAN, Seminário X, p. 79.

¹⁵⁷ J. LACAN. Seminário XX, 1985.

mulheres, mas o que sabiam elas de seu gozo que pudesse ser não apenas experimentado como também formulado por palavras? É possível pensar que um resquício de pudor seja a recusa inconsciente ao primado de uma *ciência sexual* em detrimento da *arte erótica*, que mantém o segredo, até para manter sua eficácia. O silêncio sobre o seu gozo, que de enigmático traz apenas a estranheza de sua negação, não marcaria um protesto feminino contra uma sociedade essencialmente confessanda, que sem ter-lhe ensinado o segredo, deseja extorquir-lhe a palavra?

No próximo capítulo, analisamos o entrelaçamento da idéia de uma renúncia feminina de sua sexualidade e do adiamento do prazer na estética cortês como um imperativo civilizador e sublimador para a teoria psicanalítica.

2.6. O mal-estar na cultura

A tese que Lacan propõe na ética da psicanálise está de certo modo relacionada com o que Freud estabelece em seu estudo sobre o sentido moral nos sonhos. Está em jogo, dizendo muito sinteticamente, se o gozo masculino de fato sempre e desde toda a eternidade se faz à custa de uma afânise,¹⁵⁸ digamos assim, feminina. O gozo masculino seria tanto maior quanto menor for o conhecimento da mulher sobre esse gozo. Se de fato a modéstia feminina é que de fato incita o desejo masculino, como está escrito desde Freud, Lacan o relembra no *Seminário 7*, dizendo que o retardar a função se traduz em *satisfações de potência*. Seu estudo sobre o amor cortês é o apoio sobre o qual sustenta sua tese de que não houve ao nível do psiquismo qualquer alteração que indicasse mudança substancial no comportamento dos homens e na relação entre eles e as mulheres, que seguem sua marcha em um movimento perpétuo. Apenas surgiu “um certo emprego sistemático e deliberado do significante como tal¹⁵⁹” – aí ele situa a poesia cortês e toda a literatura que se lhe seguiu, idealizando o objeto feminino.

Existem de fato, conforme Duby¹⁶⁰ e Leclercq¹⁶¹ apontam, evidências de que as mulheres nesse período que correspondeu ao séculos XII, quando surgiu a poesia cortês, eram submetidas a coerções pesadas. Em primeiro lugar, os homens e não as mulheres ocupam o primeiro plano do cenário. A Mulher ideal cantada pelos poetas era a abstração-pretexto para a celebração real de que se tratava: a dos feitos dos guerreiros e dos heróis. Nesse ambiente os homens produziram as primeiras obras literárias que inspiraram o idealismo romântico que se prolongará até os nossos dias.

Nada demais, se uma marca aviltante não contaminasse ainda mais esse enredo cru. As damas do amor cortês eram “dadas” por seus senhores, sob estritas regras de contenção dos impulsos, aos guerreiros celibatários que eram obrigados a viver na corte, nos intervalos entre uma batalha e outra, aos quais era preciso recompensar. A dama impunha-se um controle estrito do seu corpo, não podendo ceder à corte e ao assédio depressa demais, também não

¹⁵⁸ Tomo emprestando de Jones o termo *afânise*, modificando um pouco o seu sentido original.

¹⁵⁹ J. LACAN. *O Seminário, Livro 7*, 1997, p. 185.

¹⁶⁰ *O modelo cortês*, 1994.

¹⁶¹ P. L'HERMITE-LECLERCQ. *A ordem feudal*. In: G. DUBY; A. FARGE; N.Z. DAVIS. *História das mulheres no ocidente*, v. II. Lisboa: Afrontamento, 1994.

podia recusá-los. A regra do jogo estabelecia que ela se entregasse por etapas, por um ritual progressivamente demarcado entre a carícia consentida e a consumação adiada.

A força da poesia e do romance da época cortês produziu um efeito marcante, no aspecto sublimatório. Exigindo autocoerções cada vez mais fortes dos guerreiros, o refinamento das maneiras passou a ser um elemento de distinção entre os homens. A poesia, ou seja, o Simbólico da arte sublimou as pulsões do Real. Certas atitudes na relação entre os sexos se modificaram, interpondo-se as estratégias do rodeio, adiando o ato sexual e prolongando o tempo de espera por parte dos homens, pela mediação das palavras.

A mulher no modelo cortês se situou “no âmago de um dispositivo pedagógico¹⁶²” como personagem feminina destinada a mediar, segundo o modelo cristão de Maria, a relação entre os celibatários e os senhores feudais, e ao mesmo tempo disciplinar a atividade sexual dos homens, pacificá-la e torná-la menos violenta. De modo algum a hierarquia dos sexos ou a subordinação da mulher sofreu qualquer abalo. Melhoraram as relações pela mediação do significante, mas a relação de subordinação não se modificou. Como é possível isso?

O período do amor cortês narrado por Duby¹⁶³ corresponde de fato à depreciação da dama cortês na formulação lacaniana, segundo a qual a prática do amor cortês não significou em sua época o resultado de uma promoção na condição social da mulher. Ainda que a prática do amor cortês – que não visava as mulheres, mas celebrar os feitos viris – não significasse um sinal de consideração dos homens em relação a elas, é possível pensar que o amor cortês traduzisse uma distinção dos homens entre si, à medida que sua força, sua virilidade, sua valentia, seu autocontrole eram postos à prova. Quanto mais “cortesês”, quanto mais refinassem suas maneiras, quanto mais se mostrassem hábeis na conquista de uma dama, ou seja, quanto mais se distinguissem dos “vilões” mais grosseiros, mais os seus rivais desejariam imitá-los. É fácil compreender como esse jogo de imitação e superação – sem levar em conta absolutamente o desejo ou o bem-estar das mulheres – culminou, em determinados momentos entre o século XII e o século XIX, em modificações expressivas nas relações entre os sexos, com o século XVIII se tornando o período de um relativo equilíbrio.

¹⁶² G. DUBY. *O modelo cortês*. In: G. DUBY; A. FARGE; N.Z. DAVIS. *História das mulheres no Ocidente*, v. II, Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 330-351.

¹⁶³ Ibid.

A influência da poesia cortês chegou até nossos dias, através de sucessivas transformações. Não somos sequer capazes de compreender o sentido daquelas poesias ou de imaginar como teriam sido recebidas naquele tempo. Nosso sistema de pensamento – de homens e mulheres – dificilmente aceita com naturalidade a condição das mulheres tal como nos é descrita, parecendo-nos por demais intolerável. No máximo, e não sem enorme esforço, poderíamos justificá-la com o argumento da guerra. Não no sentido da guerra eventual, que relaxa os costumes ou que admite transgressões sexuais que em tempos de paz seriam inaceitáveis. Refiro-me ao constante estado de guerra, a um condicionamento de tal modo violento do psiquismo às cenas de brutalidade, selvageria, destruição e dizimação do inimigo, que não poupava famílias ou crianças – e do qual a mulher absolutamente não participava.

A pacificação dos costumes, o refinamento das maneiras, a abordagem à mulher pela palavra, a metáfora poética, enfim, todos esses empréstimos que a linguagem fez ao corpo e à ação direta no relacionamento entre os sexos contribuíram para que dos séculos XII ao XVI a situação das mulheres se modificasse consideravelmente. Sinal evidente dessa modificação se manifesta na pedagogia de Morisot, cujos diálogos colocam em cena uma conversa entre mulheres. Escrito também para meninos, em 1549, os *Quatro livros de colóquios destinados a meu filho Constantino* adotavam uma perspectiva católica moralista, o que não impediu que sua recepção pelo comentador do século XIX se ressentisse do princípio “avançado” que a inspirava. A utilização de mulheres como personagens de modo natural no século XVI pode ser medida pela aversão às mulheres e ao seu estilo de linguagem no século XIX.

No trabalho de Morisot, as meninas, moças e mulheres desempenham um papel ainda mais importante do que no (diálogo) de Erasmo. Em grande número de diálogos, só elas falam, e suas conversas, que mesmo no primeiro e segundo livros em absoluto são sempre inocentes, freqüentemente se concentram nos dois últimos... em assuntos tão perigosos que só podemos mesmo balançar a cabeça e perguntar: o severo Morisot escreveu mesmo isto para o filho? Reconhecemos que não devemos esquecer que o século XVI pouco sabia de recato e, freqüentemente, oferecia aos estudantes nos seus livros de exercícios material que nossos pedagogos dispensariam com prazer. Mas, outra pergunta! De que modo Morisot imaginou que esses diálogos fossem ser usados na prática? Meninos, rapazes e homens jamais poderiam usar como modelo de fala latina uma conversa em que só aparecem

mulheres. Morisot, por conseguinte, não melhor que o desprezado Erasmo, perdeu de vista a finalidade didática do livro¹⁶⁴.

Percebemos como o olhar reprovador do educador do século XIX se desloca da prostituta para as mulheres, preocupado com a educação dos rapazes. Mulheres como personagens dialogando sobre a vida e os costumes, normais para o educador quinhentista, eram inaceitáveis para o pedagogo do século XIX.

No entanto, o recurso era recorrente na iconografia da época. No livro dedicado ao filho e destinado ao uso escolar as idades da vida eram o tema, apresentando ao conhecimento e à compreensão das crianças homens e mulheres, jovens e velhos, em situações de diálogo, para que os meninos admirassem e imitassem suas boas ações. Era um livro para ser lido como um todo, pelos meninos na escola e nas suas casas, eventualmente por outras pessoas. Não é absurdo pensar que Poulain de la Barre, que de maneira cartesiana submeteu no século XVII “a crença na desigualdade entre os sexos ao teste da razão”¹⁶⁵ tivesse bebido nessas fontes do século XVI, que o século dezenove consideraria *heréticas*.

Pois nada indicava, no livro de Morisot, como havia aduzido o crítico, que certas partes deveriam ser lidas por mulheres, ou por velhos, ou por jovens. Essa idéia viera-lhe à mente com uma certeza compatível com a estrutura da mentalidade de sua época, condenada a produzir a verdade, legitimada pela ciência, de uma dissimetria radical entre os sexos. Dissimetria profunda entre os sexos no jogo do prazer-saber-poder, que, amparada pelas instituições e ao mesmo tempo institucionalizada pela pedagogia, entrou século XX adentro, povoando-o com seus múltiplos pês: pai, padre, pastor, pedagogo, psiquiatra, psicanalista.

O século XVI, com seu manual para meninos mostrando as idades da vida, ensinava o que deveria ou não deveria ser feito, usando o diálogo das mulheres, provavelmente nada insípido, já que desgostou o nosso educador reprimido. Que diferença pensar na qualidade desses textos, com sua ingênua moralidade, mas modelares em sua estrutura dialética, herdados dos diálogos gregos. Como é de se lamentar a iniquidade dos livros instrucionais e edificantes justamente no século em que as meninas começaram a obter sua instrução. Pudessem elas ter escapado a essa camisa de força do pensamento... Meninos e rapazes puderam fazê-lo, a

¹⁶⁴ N. ELIAS. O Processo Civilizador, v. 1, 1994, p. 174.

¹⁶⁵ M.L.G. PALLARES-BURKE, 1996.

princípio pelo ensino jesuítico, que remetendo à retórica e aos textos clássicos, e em seguida por uma tradição escolar generalizada, já estava em vias de erguer possíveis barreiras de defesa intelectual que pudessem contrabalançar os efeitos da contra-reforma católica. Esse efeito massivo do poder eclesial sobre a educação se exerceu em suas piores faces sobre a aprendizagem formal das mulheres, ao mesmo tempo com a singularidade paradoxal de ser a única via de sua possibilidade.

Afora a repressão sexual em si mesma e todos os efeitos nocivos de uma educação repressiva, não há dúvida de que a formação das moças se ressentia da ausência de uma constituição psíquica arcaica, cujos elementos fincaram raízes no solo sociogenético de uma tradição cultural. Perdida, talvez, mas sempre com a possibilidade de ser recuperada. Esse não nomeado que foi o silêncio e a escuridão na memória das mulheres é o Real no espelho que a história acha difícil suportar. Talvez por isso a ciência e o direito passaram a acolher as mulheres em suas fileiras. Certamente é por isso que a medicina humanizou os tratamentos e a prevenção das doenças que os partos prematuros e em série no passado devastaram sem o heroísmo da guerra tantas mulheres.

Mas também deve ser por essa coerção ancestral sentida de forma mais aguda na Idade Média e no século XIX que os homens também passaram a idealizar e a idolatrar tanto as mulheres, na poética do amor cortês e na estética do Romantismo. A argúcia de Lacan¹⁶⁶ logo concluiu que a poesia cortês havia surgido não por acaso na época em que a coerção sobre as mulheres se fez com particular violência. É de se perguntar qual é a função desse *serviço* à dama, se o repúdio, com o assentimento constrangido da Igreja, servia à troca de mulheres nos interesses da transmissão das heranças no regime feudal. Certamente há menos pessimismo na leitura de Rougemont, e não podemos concluir que ela seja de todo inocente em sua análise daquilo que as instituições e os sujeitos convencionaram chamar de amor.

Mas não há dúvida de que essa oposição nas representações femininas entre a suprema Perfeição e a extrema Depreciação deriva da oposição que o cristianismo elaborou entre a Eva e Maria, O Portão do Diabo e a Esposa de Cristo, a Mãe e a Prostituta. A *tecnologia da carne* medieval portadora de pecado transformou-se em organismo portador de doenças, no século em que “a medicina instaurou toda uma licenciosidade do mórbido¹⁶⁷”. Juntamente com a

¹⁶⁶ J. LACAN. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

¹⁶⁷ M. FOUCAULT. *História da Sexualidade*, v. 1, 2001.

criança (masturbadora) e o homossexual (perverso), a mãe (nervosa) e a prostituta (doente), as mulheres constituíram o foco preferencial no discurso sobre a sexualidade. No entanto, sob a pena de um escritor como Bataille¹⁶⁸, a figura da mulher se destaca imaginariamente desse plano do Real do corpo feminino explorado com temor pela medicina, para resgatar sua função erótica nos domínios da prostituição sagrada, ainda que o fantasma intolerável da prostituição degradada estivesse sempre à espreita. A prostituta ideal era elevada à posição de Deus, mistura compósita da hetaíra grega que tudo sabe e controla e uma Eva em convulsão na absoluta entrega.

O que se viu no Brasil do século dezenove foi uma proliferação dos escritos pornográficos¹⁶⁹, na linha da literatura libertina francesa do século XVIII, que remetia por sua vez por imitação ou paródia ao erotismo da Antiguidade latina. Era como se um discurso sobre sexo por tanto tempo contido no recato da linguagem comesçasse a perder o estatuto de marginalidade de escritos de gaveta ou romances de segunda prateleira, anunciando-se atrevidamente nos jornais. No entanto, tratava-se de leitura *para homens*, e nada permitia supor arroubos literários. Textos que simulavam uma voluptuosidade ameaçada o tempo todo pela tragédia e pela morbidez, a pornografia obscena “útil” ainda se arrogava a posição de moralizadora, cuja letra visava prevenir os maus costumes de esposas e filhas e a corrupção completa dos homens.

De escritos proscritos e marginais foram incluídos já na primeira metade do século XX na ordem do que merecia ser lido e analisado, como no caso específico de Sade. Sinal dos tempos que se abriam para o discurso do inconsciente e das pulsões, com seus efeitos de estranheza, transgressão e perversão? A necessidade de uma nova afirmação de fé na liberdade intelectual do homem, à margem e acima da moral da religião e das filosofias tradicionais? De qualquer modo, assim foi possível reabilitar Sade e perceber sua importância para uma certa desconstrução do pensamento filosófico. Como também abria-se pela História a possibilidade de estudar a modificação (ou permanência) de estruturas mentais em relação ao imaginário sexual, ou de estudar modelos textuais em sociedades repressivas que funcionavam com maior intensidade sob um modelo de dupla moral.

¹⁶⁸ G. BATAILLE. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

¹⁶⁹ EL FAR, 2002.

Em Bataille¹⁷⁰, a prostituta figura como Deus, no terreno pantanoso do ritual do excesso. Os espelhos do prostíbulo multiplicam as torrentes da voracidade, e os limites são transgredidos em fervor religioso. O paroxismo satura o sexo da transgressão no limite quase intolerável e mais profundamente desejado da profanação, e a imagem da mãe e da prostituta se fundem no gozo da autodestruição que faz o sujeito e seu duplo se esvair em voluptuosidade e dor próximas da morte, o que poderia lembrar a saga sadiana. Mas Bataille não efetua o corte ao gozo, como em Sade. No lento desenlace da morte materna¹⁷¹, nem renúncia, nem passagem ao ato, mas morte dramática como o crepúsculo de um romance sentimental. O que liga o texto ficcional de Bataille ao texto sadiano é a lógica da dominação.

As mulheres se oferecem “como objetos ao desejo agressivo dos homens.” A não ser que tenha se votado à castidade, “a questão é, em princípio, a de saber a que preço, em que condições ela cederá.” Este preço é decidido nas táticas do assédio e da esquiva, do ataque e da defesa, do avanço e da recusa, força ativa que encontra na entrega passiva o obstáculo indispensável ao desenlace erótico. A atitude tipicamente feminina de propor-se como objeto de desejo é seguida pelo *fingimento de sua negação*. O que dá o sentido da prostituição na relação entre um homem e uma mulher é para Bataille o grau em que se joga o jogo entre a atração e a esquiva: para atrair, o enfeite; para recusar, o esquivar-se, ou sua simulação, que estabelece o preço.

No erotismo de Bataille¹⁷², a violação e mesmo a violência são necessários para que a atividade erótica atinja a sua plenitude. Portanto, a modéstia e a esquiva femininas são o aguilhão do desejo masculino. O pudor (arcaico) e o embaraço da mulher são necessários, para que pela via da transgressão, a única efetiva, o erotismo atinja sua plenitude ou seu paroxismo no homem, que apenas dessa maneira se dá conta de que a lei foi violada. “É através da vergonha, representada ou não, que uma mulher concilia-se com a interdição que nela funda a humanidade”.

No entanto, os padrões de vergonha sofrem transformações e os efeitos dessas modificações na estrutura das mentalidades são perceptíveis nas relações entre homens e mulheres. Bataille não apenas não leva em consideração essas transformações para pensar o erotismo como

¹⁷⁰ G. BATAILLE, 2004.

¹⁷¹ G. BATAILLE, *Minha mãe*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

¹⁷² G. BATAILLE, 2004, p. 210.

essencialmente masculino, dependente do pudor, tipicamente feminino, como também ignora que tais atributos da masculinidade e da feminilidade adquirem especial intensidade em uma sociedade patriarcal. A total dissimetria entre os sexos – que no Brasil do século XIX Freyre¹⁷³ destaca em toda a sua significância – implica uma ideologia da dominação que identifica a mulher com a natureza e o homem com a cultura. Rousseau já havia assentado seus pilares no *Emílio* e na *Nova Heloísa*. No tratado, o apelo racional se dirige à total diferenciação dos papéis, que uma educação diferenciada haveria de institucionalizar. Na ficção, o apelo emocional consolidaria a diferença sob a lógica suprema do amor e da sentimentalidade.

Essa foi a conjunção perfeita e perversa do ideal rousseauísta, ao fundir a leitura e o amor, ao ensinar o leitor a ler mostrando como liam seus personagens, “digerindo” tudo, entregando-se completamente. Acima de tudo, aplicando a esse novo material romanesco o modo de ler religioso, de ler tudo e ler muitas vezes, e acreditar firmemente em tudo aquilo que se lê. É também por essa razão que Darnton¹⁷⁴ atribui a inundação de lágrimas que *A Nova Heloísa* provocou não apenas “a uma onda sentimental pré-romântica, mas a uma resposta a uma nova situação retórica” iniciada por Rousseau, de estreitamento dos laços entre o leitor e o escritor.

Multidões choraram por Julie e Saint-Preux, acreditando na existência real desses personagens¹⁷⁵. Se a história do Romantismo muito deve a Rousseau, o inventor do romance de formação das mulheres, por outro lado Voltaire, Montesquieu, Diderot, Mirabeau não ignoravam a literatura pornográfica e o seu sentido de iniciação. Os iluministas estavam mais próximos filosoficamente de Justine ou de Juliette do Marquês de Sade do que de Julie, a nova Heloísa. Historicamente, para todos os efeitos, Rousseau sozinho venceu para a posteridade o debate entre os filósofos, reinventando a leitura. Se seu modelo foi superado, ele teria no entanto longa vida como protótipo da leitura feminina por excelência.

Podemos dizer que a ficção introduziu uma ética e uma estética da iniciação amorosa e sexual, por meio da literatura sentimental e da literatura erótica. Tanto quanto a literatura sentimental, a literatura erótica estabeleceu-se com suas regras próprias e como escrita

¹⁷³ G. FREYRE. *A mulher e o homem*. In: _____. *Sobradose mucambos*, 1º tomo, 1968.

¹⁷⁴ R. DARNTON. *Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica*. In: _____. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

¹⁷⁵ Ibid.

específica ao começar a se constituir como gênero¹⁷⁶. *Vênus no claustro* ou *A religiosa de camisola*, *A academia das damas* constituíram-se como obras fundadoras do gênero, a partir das quais proliferaria uma literatura multifacetada feita de imitações, repetições e paródias com diferentes graus de obscenidade.

Era o fim de um movimento geral da escrita que caricaturava o sexo com a naturalidade exemplar de um Rabelais. Deixava de existir a inocência divertida das trapaças que apimentavam o erotismo de homens e mulheres, como nas novelas de Boccaccio. O erotismo tinha deixado definitivamente para trás o mundo carnavalesco e burlesco das ruas em que a coerção sobre as mulheres era duríssima, na forma de grosserias e maus-tratos, mas que ela podia responder e revidar com um atrevimento altivo, embora impotente. Quase como se a máxima afronta não passasse muitas vezes do *privilégio* de ser espancada.

Nas novelas de Boccaccio as mulheres habitavam conventos, castelos e residências comuns, governavam as casas, faziam trabalhos pesados, eram mulheres ardentes, às vezes apanhavam, quase sempre mentiam, ludibriavam maridos e amantes, enfim, habitavam suas existências junto com seus homens em uma alegre devassidão, obedecendo a um código de comportamento que se submetia particularmente qualquer um dos sexos, permitia-lhe de imediato uma dialética oportunidade de compensação. A ordem moral não está ausente nesses textos argutos, picantes e a seu modo edificantes, sobretudo engraçados. Mas não se trata da moral que conhecemos. Um saber diferente do nosso orienta ou repreende homens e mulheres com o espírito livre de preconceitos de dominação sexual. Despistes, vexames, humilhações, traições, perdões, revides, brigas, complôs, são atitudes humanas perfeitamente aceitáveis, e as lições morais, simples e bem humoradas, se investem de uma racionalidade sem traumas ou ranços. São escritos em estilo parecido ao dos *Colóquios* de Erasmo, aqueles oferecidos à leitura dos meninos nas escolas. Compõem em parte a estratégia do *Ridendo castigat mores* (rindo, castigam-se os costumes), que Rabelais usará de forma caricatural até à exaustão.

Os textos eróticos fechados – até no espaço fechado dos conventos e mosteiros que esses textos privilegiam – que seguem a tradição iluminista e positivista encontram na ética e na estética do domínio, da crueldade, da violência e da violação os instrumentos adequados a

¹⁷⁶ O primeiro romance libertino de aprendizado foi *A Escola das moças ou a filosofia das damas*, livro anônimo de 1653. J.M. GOULEMOT. *Esses livros que se lêem com uma só mão*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000, p. 33.

uma técnica, ao invés de uma prática. Essa técnica exige que haja o preceptor, ou a preceptora sexual. Se o preceptor é o mestre (como Saint-Preux), a preceptora é a prostituta (como Madame Edwarda). Claro que nos escritos eróticos tanto um quanto outro são produtos da imaginação de quem detém o poder da escrita, no caso os homens.

A proliferação e o controle da leitura, as formas de educação foram temas dominantes nas obras do século iluminista. A fragilidade emocional e a condição intelectual das mulheres fizeram delas o objeto especial da atenção dos filósofos, cuja preocupação com o modo de recepção das obras dividia-se na crítica aos romances sentimentais, aos romances licenciosos, e mesmo aos devocionais, que horrorizavam seu anticlericalismo. Preocupação compreensível, diante do despreparo das leitoras, para as quais aparentemente parecia não haver saída. Dos filósofos, apenas Condorcet era francamente favorável à instrução feminina. Com pequenas variações de intensidade e grau, os demais defendiam uma educação superficial e alertavam para o perigo das más leituras.

É evidente que essa espécie de acusação e defesa da opinião dos iluministas sobre as mulheres não está isenta de anacronismos. Não gostaria de correr o risco de produzir com olhos de hoje uma leitura de uma situação complexa que contribuiu para decidir os rumos de uma pedagogia separada, produzida por homens para uso de homens e mulheres, é verdade. Mas que também colaborou para que uma nova estética se estabelecesse, reservando às mulheres lugares de protagonistas pela primeira vez: sempre mortas ao final, é certo, como na tradição dos romances impossíveis que fizeram chorar gerações de mulheres. Mas já leitoras¹⁷⁷, ainda que leitoras apaixonadas por Rousseau, começando finalmente um processo de identificação e transferência que no âmbito da cultura dava ensejo a uma análise que ainda está longe de terminar.

Mas o que sobressai em meu temor do anacronismo é o equívoco que a leitura positivista demonstrava em relação à compreensão por outras mentalidades bem diferentes da sua dos mesmos costumes e comportamentos, especialmente na esfera sexual, que foi dominante nas formações discursivas do século, para onde confluíram especialmente a medicina, o direito, a

¹⁷⁷ O processo de aculturação das mulheres em países protestantes como a Alemanha se beneficiou em alto grau dos efeitos da escolarização obrigatória, diferentemente dos países de formação católica. Ainda que não tenham escapado à síndrome da evasão literária a bom preço, as alemãs puderam abrir em fins do século dezoito e início do século dezenove um leque de domínios até então reservados aos homens, em alguns casos traduzindo-se em igualdade cultural de fato.

psiquiatria, secundados pela moral religiosa em relativo declínio e pela literatura. O sexo foi então esquadrihado por essas disciplinas, pelos *dispositivos da sexualidade e da aliança*. O corpo da mulher, a masturbação infantil e o mal perverso foram objetos de um dispositivo de sexualidade (que no caso das mulheres incluíam regras estritas de comportamento, abstinência, castidade, direção espiritual e de consciência, confissão, segregação no espaço privado, controle das leituras, como também medicalização, histerização, ovariectomias, excisões clitoridianas, etc.) que funcionava em consonância com o dispositivo de aliança, que tinha na família nuclear o modelo do casamento monogâmico ancorado na lei e nos costumes em sua finalidade social de garantir a reprodução e a transmissão do nome e dos bens.

Se esses dispositivos começaram a funcionar a partir do século XVI, foi no século XIX que os dispositivos da sexualidade investiram a família nuclear, saturando-a de sexualidade – a família *incestuosa* – para garantir o bom funcionamento das regras da aliança. Em uma espiral sincronizada, o dispositivo de aliança também investiu o da sexualidade, com o auxílio da ciência nascente da psicanálise. A sexualidade estava salva pela proeminência do nome do pai.

Trazer o incesto para o interior da família foi obedecer à advertência moral (católica, jansenista) e médica (que vem de Tissot no século XVIII) de controlar, observar, vigiar, espiar, apalpar, cheirar qualquer sinal ou vestígio de desregramento, desvio, excesso, de perversão ou onanismo. Nunca antes a aproximação de pais e filhos se fizera tão íntima, tão invasora, tão promíscua. A lógica da teoria do incesto universal e atemporal viria então a atender a uma necessidade de coibição do incesto – regra da aliança – e fazê-lo retornar pelo caminho inverso à sua origem. A psicanálise ajudou os pais incestuosos a não se sentirem culpados, segundo Foucault¹⁷⁸: não são vocês que amam seus filhos, e sim seus filhos que os amam.

Em sua história da sexualidade, expõe os mecanismos de um controle discursivo exaustivo, que disciplina a sexualidade e policia o sexo, embora não utilize deliberadamente o termo repressão – trata-se antes da *produção da sexualidade* do que da *repressão ao sexo*. Que se dá por uma conjunção de discursos e práticas de *excitação* e *incitação*, em que a tríade do prazer-saber-poder cria os dispositivos de saturação sexual, *as perpétuas espirais de poder e prazer*,

¹⁷⁸ M. FOUCAULT, *História da sexualidade*, v. 1, 2001.

que os procedimentos de controle e vigilância da família intensificam. A separação entre adultos e crianças, o isolamento do quarto dos pais, a separação entre meninos e meninas, as regras estritas do cuidado materno (amamentação, higiene), a vigilância das crianças, a ameaça da masturbação, a valorização da puberdade, a presença desejada e temida dos serviçais, os métodos de vigilância, os conselhos, as exortações – tudo isso faz da família *uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis*.

O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões, eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício do prazer. (...) Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir.¹⁷⁹

É desconcertante o paradoxo do século XIX de *construir em torno do sexo um imenso aparelho para mascará-lo no último momento*. O autor se refere aqui à estratégia de controle discursivo que em outra obra chama de *vontade de verdade*¹⁸⁰, que opõe ao mesmo tempo a *vontade de saber* da fisiologia da reprodução a uma *vontade obstinada de não saber* da medicina da sexualidade. Lembra o imenso aparelho de observação na Salpêtrière de Charcot, mas ao mesmo tempo a imensa maquinaria de encenação, incitação ao *jogo de diálogos, de apalpações, de mãos impostas*, para acumular ao fim um material extenso de observações e prontuários, mas depurado do seu caráter nitidamente sexual, manifestado pelos doentes mas expurgado dos arquivos.

Freud viria atenuar em parte, a meu ver, esses *mecanismos próprios do desconhecimento*, interrompendo o espetáculo da apresentação de doentes, o constrangimento das encenações públicas. Abriu o caminho da palavra ao grito mudo das histéricas e descobriu a sexualidade nas crianças, mas não se livrou das concepções mais arcaicas que seu próprio tempo nutria a respeito da sexualidade. Foi mais difícil para ele acreditar que aquelas mulheres solteiras e casadas que o procuravam estivessem vivendo sob o jugo de uma repressão social e

¹⁷⁹ M. FOUCAULT, *História da sexualidade*, v. 1, p. 42-45.

¹⁸⁰ Id., *A Ordem do Discurso*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

intelectual intolerável, que as fragilizava moral e psiquicamente – as filhas do ócio foram e continuam sendo as mais atingidas pela neurose especialmente histérica – do que acreditar nas forças coercitivas do objeto amoroso depreciado, condição universal e exclusiva da realização erótica no homem.

Ora, a idéia da satisfação erótica do homem tendo como pressuposto a sujeição da mulher se apóia na relação de dominação patriarcal baseada na mulher reprodutora legitimamente constituída para transmitir o nome e a descendência e a série de mulheres suficientemente depreciadas para serem o receptáculo das emissões viris. Um abismo sem fim separa a esposa casta da prostituta abjeta no século de Freud e Michelet, cadinho pseudointelectual das advertências de Tissot e de Rousseau (ações político-pedagógicas higienistas em seus primórdios: mal venéreo, aleitamento natural, onanismo, aberrações sexuais etc.)

A fertilidade feminina alarmantemente exagerada, a mortandade de crianças e mulheres, a viuvez dos homens, a diferença de idade que tornava o casamento patriarcal duplamente ‘incestuoso’ uma vez que arranjado entre moças muito jovens e seus tios maternos – os tios paternos é que constituíam perigo real –, a miséria sexual generalizada de mães e filhas às vésperas dos casamentos, enredadas no mesmo cipoal de manuais, rezas e desconhecimento, os ‘estupros’ maritais que incitaram os ensaios de Michelet em seguida à ficção pedagógica de Rousseau – esse cadinho sexualmente estagnante no qual fermentaram as perplexidades filosóficas e as extravagâncias científicas submetidas à moral de uma biopolítica do poder excluía as mulheres, que até então não tinham necessidade alguma de haver existido, do ponto de vista da cultura. Tudo o que havia sido construído, elaborado e projetado para os destinos humanos o fora até então feito sob as insígnias do falo, sem necessidade de que as mulheres interviessem a não ser na esfera da reprodução e da domesticidade.

A concepção freudiana da inibição da potência psíquica masculina pela discordância entre as correntes afetivas e sensuais implica na depreciação do objeto materno, seguida de uma supervalorização, constituindo o que Freud chama *romance familiar*, que se desenvolve à custa da identificação com o objeto proibido e primordial da mãe, e da barreira do incesto que se lhe interpõe. Como o filho pertence ao sexo diferente do da sua mãe, o objeto de desejo se fixará do nascimento até a morte – diferentemente do sujeito feminino, que mudará o objeto e a opção sexual: da mãe para o pai, da homossexualidade da identificação materna para a heterossexualidade simbolizada na relação com o pai. Tudo indica que Freud contemplou em

sua teoria (inconscientemente?) o dispositivo de aliança, no qual os papéis sexuais encontram-se bem definidos – a moça transita aparentemente sem grandes sobressaltos do seio materno para o laço conjugal, completando seu destino na função materna, segundo a qual a anatomia é destino.

Laqueur avançará a idéia de que Freud sabia, por todos os conhecimentos científicos de que dispunha, que a sexualidade feminina se oferecia em sacrifício ao dispositivo da aliança, para o bem da civilização. Condizente com essa idéia é sua concepção sobre o tipo de escolha do objeto e do objeto do amor depreciado, em suas contribuições à teoria do amor.

Acontece que a supervalorização psíquica do objeto por parte do homem está diretamente relacionada com a máxima intensificação da paixão sensual. Estava fora de cogitação para Freud e os homens de seu tempo que essas duas condições pudessem reunir-se na figura conjugal da esposa – mãe admirável, mas verdadeira criança no terreno sexual: recatada, modesta, de índole religiosa e psiquismo facilmente perturbável. Facilmente se manifestaria nela a *frigidez*, em paralelo com a impotência (ou inapetência, um dos fatores da inibição psíquica) do marido, impotência que persiste, caso se mantenham igualmente intensificadas a quantidade de frustração (dados da realidade) e a quantidade de atração (pelo objeto perdido, a mãe). Para que a neurose masculina não se instale, será necessário que o destino da corrente sexual seja forçado a evitar a corrente afetiva, de modo a que os novos e diferentes *objetos não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas*. A escolha objetal se faz dessa forma pelo objeto depreciado da prostituta, por meio da qual a corrente sexual se esgota, na direção contrária à outra corrente, afetiva e conjugal. A escolha do objeto depreciado pelo homem é uma *tendência universal*, afirmação freudiana fundamentada também no argumento de que os homens das classes mais altas escolhem para suas amantes – e mesmo esposas – mulheres *de classe mais baixa*, que possam associar a um objeto depreciado ao qual se vincule psicologicamente *a possibilidade de completa satisfação sexual*.

Aqui Freud se referiu à condição socialmente inferior das mulheres apenas para situá-la em sua condição de instrumento do prazer masculino. Em paralelo com a fixação no objeto incestuoso materno e nas fantasias de prostituição materna do romance familiar, ele se vale de um argumento social bastante valorizado na literatura da época. Para que a escolha de objeto – no homem – ocorra nas “condições necessárias ao amor”, é preciso que exista uma “terceira pessoa prejudicada”, de modo que a escolha do homem nunca se faça em direção a mulheres

solteiras ou casadas livres, e sim sobre aquela “sobre a qual outro homem possa reivindicar direitos de posse, como marido, noivo ou amigo.”

Os dramas folhetinescos que exploram o incesto, o rapto, o adultério, a defesa da honra, a morte¹⁸¹, de fato dão testemunho disso. As canções populares exploraram até a exaustão esse filão folhetinesco típico das sociedades onde o mandonismo patriarcal de senhores e coronéis exerceu seu poder em suas formas mais cruas. A ponto de exigir, como no amor cortês, um subterfúgio poético que mascarasse o ranço de posse, violência sob a forma de uma exaltação em que o poder de anexação joga sem cessar com a prerrogativa da rejeição.

“Quando a mulher tem dono todo mundo adora, todo mundo quer/Quando ela está sozinha não é nada mais que uma mulher/Aquela que ao meu lado era uma deusa, era uma rainha/Agora é como as outras – infiel –, vai ficando sozinha.” Seriam necessários anos de psicanálise para se livrar dos efeitos dos componentes ambíguos de idolatria e de repúdio, concentrados nesses jogos de linguagem tão perfeitos quanto perversas são suas lições de moral.

A seguir veremos como a afirmação de Proudhon torna-se uma espécie de profecia que se autocumpre, reforçada pelos efeitos diferenciados de uma literatura erótica e de uma literatura sentimental, que ocupou os ócios e os tempos livres de homens e mulheres, também diferenciados.

¹⁸¹ M. MEYER. *Folhetim*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

3. Sublimação

3.1. Lágrimas e gozo

“A mulher autor não existe;” proclamou Proudhon¹⁸² no século XIX, continuando: “é uma contradição. O papel da mulher nas letras é o mesmo que na fábrica; ela serve onde o gênio já não está de serviço”.

É preciso saber que não se trata aí de discurso isolado ou anacrônico. Um olhar *sexuado*, digamos assim, à história da cultura é suficiente para dela extrair duas posições aparentemente contraditórias. A visão otimista capta o salto nada desprezível que em pouco tempo tirou as mulheres do anonimato da reclusão exclusivamente doméstica para o anonimato do magistério e das ocupações de cuidado para o anonimato das grandes fábricas e escritórios.

Pensar nesse anonimato das mulheres é também pensar nos textos que não nasceram nem para a editoria nem para a literariedade. E ao mesmo tempo faz pensar na excepcionalidade de sua produção, literária, também, mas principalmente ensaística, em apenas dois séculos de existência. É compreensível que sua produção literária tenha se manifestado em tão poucas e em tão específicos gêneros. É de se crer também as reservas naturais com que muitas mulheres desconfiam do seu próprio talento. Não apenas os discursos tradicionais da ciência e da filosofia avessos à idéia de uma miscigenação sexual no terreno da produção da cultura exerceram efeitos generalizados de difusão e crença absolutamente constritores, mas também a própria condição de estreantes no terreno intelectual e cultural não pode ser desprezada como elemento inibidor de vôos mais arriscados.

Marini¹⁸³ evoca George Sand e Colette – quem seriam suas sucessoras? – como os nomes mais representativos na literatura francesa e produz sua lista particular pelo critério um tanto aleatório da lembrança: Sarraute, Duras, Witting, Cixous, Yourcenar, Rochefort, Susini, Beauvoir, Hyvrard, Leduc, Triolet, Cardinal, Chawaf, Sagan, as irmãs Groult..., deixando de incluir os nomes surgidos mais recentemente.

¹⁸² M.C. HOOCK-DEMARLE. *Ler e escrever na Alemanha*. In: G. DUBY; M. PERROT; G. FRAISSE. *História das mulheres no ocidente*, v. IV. Lisboa: Afrontamento, 1993.

¹⁸³ M. MARINI. *O lugar das mulheres na produção cultural – o exemplo da França*. In: M. PERROT; Duby, G; F. THEBAUD. *História das mulheres no Ocidente*, v. V. Lisboa: Afrontamento, 1994.

Para Anne Sauvy¹⁸⁴, os escritos produzidos por mulheres pertencem à história da *edição*, não à história da *literatura*. Marini lembra três critérios que têm situado, na tradição de autores masculinos, com maior e menor controvérsia, as obras e seus autores: os gênios, os escritores de talento e os fracassados. A importância dessa classificação reside menos no uso polêmico que dela se possa fazer, caso estivéssemos interessados em atribuir juízos de valor ali na fronteira onde o talento confronta o gênio. No entanto, ela nos é bastante útil, à medida que permite pensar que *para as mulheres não havia senão dois níveis possíveis: a exceção do gênio ou o zero da massa indistinta*. De fato, elas *são excluídas da vasta categoria do talento, (...) da arte que é fruto de aprendizagem, de trabalho, de circunstâncias e de encontros – de “escolas”*.

A ausência de uma escola – evidente resultado da alfabetização tardia – coloca as escritoras que despontam aqui e ali na incômoda situação de aguardar que a história avalie sobre o seu talento. Levará alguns séculos esse período de transição para uma avaliação crítica de fato segura, para que se forme a certeza do seu próprio talento, hoje ainda muito tênue para os outros e para si próprias. A condescendência da crítica às vezes é evidente, no falso reconhecimento de uma obra que será efêmera, caindo no esquecimento ou na ilegibilidade.

A cena brasileira também apresenta seus nomes mais ou menos célebres, mas tem sobre a cena francesa a condição particularmente invejável de uma autora do porte de Clarice Lispector, que reinventou a linguagem literária à semelhança de Virginia Woolf, Guimarães Rosa, Joyce. É possível pensar que V. Woolf tenha se beneficiado de uma tradição literária feminina fortalecida desde o século XVIII. Privilegiada também pelo contato com a tradição que vem desde Shakespeare e Milton, passando por Swift até chegar em Beckett.

Elizabeth Browning, Ann Radcliff, Jane Austen, Charlotte Brontë, Emily Brontë, George Eliot, Mary Shelley, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Agatha Christie formam já o que poderíamos chamar de um cânone local feminino de penetração universal, fruto de uma tradição literária de primeira grandeza.

¹⁸⁴ M. MARINI, 1994, p. 366.

Não sei se Jane Austen teria admirado e desejado escrever como Beckett – neste caso se trata de outra racionalidade artística, do desencanto e da desesperança. Mas de alguma forma, já havia alguma coisa de Beckett na sátira de Jane Austen. O pai humilhado e a mãe histérica, as mulheres desprezadas pela falta de dote, os conflitos psíquicos e os sociais se misturam com tal habilidade narrativa que o desenho das personagens não se desfaz.

Só que diferentemente de Beckett, as verdades terríveis que Jane Austen mostra se desenrolam em cenários de jardins e mansões inglesas, onde moças pobretonas e casadoiras dançam e passeiam em alegres diálogos provocadores, como nas comédias shakespearianas. Mas na pena irônica de Austen é uma alegria que tal como a angústia, não engana. O final feliz é estrategicamente generoso, feito ao mesmo tempo de uma amargura sofisticada e divertida e é como se pudéssemos ver o piscar de olhos do pai para Jane-Elizabeth¹⁸⁵, nas últimas páginas, ao livrar-se das últimas filhas, assegurando que tudo não passava de ficção.

Ao lado de seus romances do cotidiano familiar de altíssimo nível literário, Jane Austen também fez da leitura e da produção escrita motivo para dois romances. Em *Northanger Abbey*, sua sátira se dirige já à proliferação dos romances góticos escritos por mulheres. Esse olhar crítico foi particularmente importante, não apenas nas obras das escritoras, mas também na obra dos escritores que tomavam por temas e títulos as mulheres. Assim é que Henry Fielding começou seu romance *Joseph Andrews* como uma espécie de sátira ao grande sucesso do romance *Pamela*, de Samuel Richardson.

O envolvimento das leitoras com *Pamela* e com o autor, por meio de cartas, é comparável ao romance *A Nova Heloísa*, de Rousseau. Ambos eram romances epistolares e tal como *Clarissa Harlowe*, também sucesso de Richardson, todos acenavam com a punição às heroínas pelos seus “maus passos”. No entanto, a sátira foi uma característica inglesa de longa tradição – que George Eliot¹⁸⁶, utiliza com bastante eficácia no seu ensaio sobre as escritoras de romances açucarados que dotavam suas heroínas de todas as perfeições físicas e morais no centro de aventuras amorosas absolutamente inverossímeis. Tais ensaios demonstram ser possível que uma auto-exigência se fazia cada vez maior para a produção literária das mulheres, na forma de uma demanda de depuração de conteúdos e linguagem,

¹⁸⁵ *Pride and Prejudice*. New York: Bantam Classic, 2003.

¹⁸⁶ G. ELIOT. *Silly Novels by Lady Novelist*. In: *Selected Critical Writings*. New York: Oxford University Press, 2000.

como também de uma inovação na estrutura narrativa no plano temporal e do fluxo de consciência, que caracterizou a escrita de Virginia Woolf.

Da mesma forma, V. Woolf¹⁸⁷ também produziu, além de seus romances, ensaios importantes, um dos quais dedicado à obra de Jane Austen. É ali que tomamos conhecimento de que a irmã de Jane destruiu suas cartas mais íntimas após sua morte, conservando as de caráter doméstico. É nesse silêncio forçado pelas circunstâncias que eu desejo situar a produção das mulheres. Nesse não-dito que ocupou as ausências mais solenes, essa relação com a Coisa freudiana que só se fez à margem, nos escuros, no temor dos intrusos, na incerteza, no pudor de falar de si, no escrúpulo de só falar de sentimentos.

Não esqueçamos que a fórmula romanesca se havia esgotado nas suas formas mais populares e sociais, destinadas a um público leitor menos exigente, jovens colegiais e leitoras de primeira viagem ávidas por toda espécie de romances românticos que usavam e abusavam dos temas folhetinescos. Bosi¹⁸⁸ e Candido¹⁸⁹ fornecem um bom panorama da proliferação romanesca na subliteratura de Teixeira e Sousa e do seu consumo acrítico, bovarista. “São as mulheres que consomem mais romances, são elas que mais os fabricam... Sou pois de opinião que elas façam os seus romances e os seus trapos¹⁹⁰”.

A Nova Heloísa foi o *best-seller* do século XVIII, que Rousseau escreveu na forma de romance epistolar como se fosse uma história real – e muitos dos seus leitores desejaram acreditar nisso, como o demonstram suas cartas ao autor: “Eu lhe imploro, Monsieur, diga-me: Julie realmente viveu?” (...) “Não, Monsieur, não posso mais ficar calado. O senhor se apoderou de minha alma.” (...) “Suas divinas obras, Monsieur, são um fogo que a tudo consome. Penetraram em minha alma, fortaleceram meu coração, iluminaram a minha mente.” (...) ¹⁹¹

“Este romance não é um romance” foi a defesa que esse inimigo do romance encontrou para justificar *A Nova Heloísa*, a história de amor na qual os amantes liam, conversavam sobre suas leituras em atitude de verdadeira entrega, uma verdadeira religião que consistia em ler,

¹⁸⁷ V. WOOLF. *Women and Writing*. London, A Harvest/HBJ Book, 1979.

¹⁸⁸ A. BOSI. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

¹⁸⁹ A. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, v. 1 e 2. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

¹⁹⁰ M.C. HOOCK-DEMARLE, 1993. Opinião sustentada pelo acadêmico Auger, citado em Jean Larnac, *Histoire de la littérature féminine em France*, 1929.

¹⁹¹ R. DARTON. *Os leitores respondem a Rousseau*. In: *O Grande Massacre de Gatos*, 2001.

viver e amar. Considerado moralmente perigoso e forma inferior de literatura, a ponto de seus autores omitirem seus nomes nas folhas de rosto, como era possível que o próprio Rousseau escrevesse um romance?

E no entanto ele não só escreveu uma espécie de tratado das virtudes por meio de uma história de amor que provocou um dilúvio de lágrimas em todos os seus leitores e leitoras, de todas as classes sociais e de toda a Europa. Rousseau foi o responsável por iniciar uma nova relação entre autor e leitor – as cartas prolongavam o romance e relação com a leitura era total, de plena entrega. Os leitores narravam os efeitos que sobre eles exercia a leitura, a identificação completa com as personagens, a impossibilidade de interrupção, o abandono da idéia de sair para uma festa, varanda a noite na leitura, a comoção total que tomava conta de homens e mulheres comuns, que perdiam a cabeça, assim como as damas que freqüentavam os salões que Rousseau abominava, ao romper com os enciclopedistas e insistir no elogio da simplicidade e da natureza.

Rousseau criou o romance por excelência, iniciou uma tradição, mas o mais importante foi a relação que estabeleceu entre o leitor e o texto: o modo extensivo de leitura, que Engelsing generalizou após o século XVIII, não se fez da mesma forma para as mulheres, que levaram ao pé da letra a defesa que Rousseau fazia do poder da Imaginação. Leram e produziram romances – romances de devoção, romances sociais, romances de amor.

A história de Julie e Saint-Preux comoveu o mundo e abriu o caminho para uma nova maneira de ler e de se relacionar com o livro e com o autor. Lia-se o romance em uma espécie de fervor religioso, retirando dele diretamente os ensinamentos para a vida, tal como Rousseau recomendava: ler pouco e ler atentamente, “digerir seu livro tão completamente que a literatura seja absorvida pela vida.” Colocando seu nome no romance (Jean-Jacques) e tornando-se íntimo dos seus leitores através das cartas, Rousseau falava ao seu leitor real, imaginado no texto. Criou uma espécie particular de leitor, ou de leitoras, que a impressão automática dos livros e sua rápida circulação no século seguinte só fizeram proliferar. Na mesma medida que os homens abandonavam os romances e as lágrimas.

A julgar pelas belas imagens do úmido no trecho que se segue, não seria de fato lamentável que, tal como os homens, deixassem também de chorar as mulheres?

É sem dúvida porque sua vida se constrói sobre um fundo de revolta impotente que a mulher chora tão facilmente; por certo tem ela fisiologicamente um menor controle do sistema nervoso e simpático do que o homem; sua educação ensinou-lhe a entregar-se: as normas de conduta desempenham aqui um grande papel: Diderot, Benjamin Constant vertiam dilúvios de lágrimas; mas **os homens deixaram de chorar desde que o costume o proibiu.** (...) essa esteira quente em suas faces, essa queimadura em suas órbitas, é a presença sensível de sua alma dolorosa; doces na pele, ligeiramente salgadas na língua, as lágrimas são também uma terna e amarga carícia; o rosto queima sob um derrame de água clemente; as lágrimas são ao mesmo tempo queixa e consolo, febre e calmante frescor. São também um supremo álibi; bruscas como a borrasca, caindo intermitentes, ciclone, aguaceiro, chuvisco, metamorfoseiam a mulher numa fonte queixosa, num céu atormentado; seus olhos não vêem mais, vela-os uma cerração; não são mais sequer um olhar, fundem-se em chuva. Cega, a mulher retorna à passividade das coisas naturais. Querem-na vencida: ela soçobra na derrota; vai a pique, afoga-se, escapa ao homem que a contempla, impotente como diante de uma catarata. Ele julga o processo desleal porque contra ele não lhe deram nenhuma arma eficaz. Ela recorre uma vez mais a uma conjuração mágica. E o fato de seus soluços exasperarem o homem fornece-lhe uma razão a mais para utilizá-los¹⁹².

Ao pensar no trecho grifado: os homens deixaram de chorar desde que o costume o proibiu, nos deparamos mais uma vez com uma mudança radical nos costumes como fator de diferenciação entre os sexos. As lágrimas das mulheres continuaram a correr, atreladas fortemente à “estética da devoção”. Os comportamentos devocionais femininos ligavam-se ao lacrimante século XVIII, no qual sem diferenciação por sexo, desenvolveu-se uma “difusa retórica das lágrimas”¹⁹³. Para as religiosas do século XIX, o dom divino das lágrimas que corriam pelo rosto durante as preces constituía certamente a contrapartida dos extravasamentos místicos, dos excessos dos séculos anteriores, pouco a pouco desencorajados pela Igreja e exorcizados por confissões mais assíduas.

Se a fonte devocional das lágrimas secou no século XX, outra fonte muito mais poderosa, profana e sentimental, continuava exercendo seu poder sobre uma sentimentalidade com fortes elementos para se exacerbar: literatura de evasão, ócio, libido reprimida. Para as mulheres, quando observamos os acontecimentos sob a perspectiva da longa duração, é possível perceber na tendência da curva da civilização – atravessada é certo por todas as

¹⁹² S. BEAUVOIR, 1990, p. 374.

¹⁹³ M. DE GIORGIO. *O modelo católico*. In: *História das mulheres no ocidente*, v. 4, 1994.

formas de práticas discursivas diferenciadas que foram capazes de se apropriar – uma tendência de prolongamento contínuo entre o elemento de devoção religiosa e o elemento de evasão sentimental, expressos ambos na própria regulação do tempo das mulheres no espaço da domesticidade profana: o *livro de horas* havia ficado para trás, mas as horas continuavam a delimitar os intervalos entre a tarefa doméstica e a religiosa: a flexibilidade das *missas das seis, das sete, das oito, das dez* apenas recuperou e repetiu, desta vez no campo da evasão sentimental, a espacialidade temporal das telenovelas, versão tecnológica cotidiana do irresistível folhetim.

O século de Rousseau e Diderot testemunhou um duplo fenômeno cultural na leitura e na produção de livros, associados aos modos de recepção diferenciados por parte de leitores e de leitoras, que acredito teriam influenciado diretamente seus modos de recepção pelas novas gerações.

- 1) Aparentemente infensa a toda ordem de controvérsias iluministas e religiosas, que na censura ao livro sentimental concordavam, ainda que por diferentes razões, tinha início, de um lado, aquilo que seria a proliferação de romances sentimentais e o desencadeamento de uma sensibilidade específica aos efeitos da leitura que se tornou aos poucos eminentemente feminina. Rousseau ensinou como se devia ler.
- 2) Por outro lado, a pedagogia das Luzes testemunhava uma repressão violenta aos livros proibidos (triplo atentado contra a moral, o Estado, a religião), que eram contrabandeados e pirateados pelos bandoleiros que arriscavam vida e liberdade para abastecer os mercados clandestinos que fervilhavam na França do século XVIII.¹⁹⁴. A expansão dos livros eróticos, a salvo dos fiscais facilmente suscetíveis às táticas corruptoras, bem como os livros libertinos escritos pelos filósofos Iluministas, deram origem por sua vez a uma outra pedagogia da leitura, ao mesmo tempo diferente e semelhante àquela de inspiração rousseauísta. A leitura erótica açambarcou o mercado clandestino que abastecia os leitores – da mesma forma que o romance romântico abarrotou o mercado promissor garantido pelas mulheres. A tese de El Far

¹⁹⁴ R. DARNTON. *Leitura, escrita e atividade editorial*. In: _____. *Boemia Literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

esmiúça os meandros da leitura pornográfica e seu impacto avassalador no Rio de Janeiro do século XIX, especialmente sobre os leitores masculinos.¹⁹⁵

Acredito já haver apontado o que há de mais importante sobre a formação de um público específico feminino para a leitura de romances, com predominância do romance sentimental, como mostra a bibliografia consultada. Sendo assim, será proveitoso falar um pouco daqueles livros diversamente qualificados como libertinos, obscenos, pornográficos, eróticos, *filosóficos*, organizando-os em duas categorias essenciais e destacando suas estratégias narrativas em função de seus objetivos, de acordo com os critérios de Goulemot¹⁹⁶, para utilizar-me da incursão do autor pelos domínios de uma literatura do subterrâneo, de gaveta, da segunda prateleira, em benefício deste trabalho.

Desde o século XVIII a literatura erótica pode ser considerada como um patrimônio cultural, não há um filósofo das Luzes que tenha ignorado sua importância e experimentado as suas benesses, lendo ou escrevendo. À mesma época que Mirabeau escrevia literatura obscena para sobreviver na França oitocentista, também as romancistas inglesas iniciavam um processo de profissionalização por meio da escrita de livros góticos e sentimentais, de grande apelo comercial.

Alguns critérios objetivos distinguem de modo eficaz a literatura erótica da literatura libertina. Dito assim um tanto brutalmente, a primeira faz gozar, a segunda faz *pensar*.¹⁹⁷ De fato, o livro erótico é incitador e iniciador, legítimo instrumento nos cerimoniais de iniciação nas casas de prostituição. Utiliza-se de quadros como estratégia narrativa, iluminando o que deve atrair o olhar do leitor. Episódios consagrados ao gozo se sucedem rapidamente, erotização do vocabulário, ruptura dos níveis semânticos, uso de termos técnicos grosseiros, narração em quadros. As peripécias de excitação e o paroxismo da ação apenas mobilizam o sexo desejante – palavras, somente para “cumprimentar uma anatomia, encorajar o esforço, reclamar o gozo”.

¹⁹⁵ A. EL FAR, 2004.

¹⁹⁶ J.M. GOULEMOT. *Esses Livros que se Lêem com uma só Mão*. São Paulo, Discurso Editorial, 2000.

¹⁹⁷ O verbo é adaptado por Darnton ao sentido que lhe deu Lévi-Strauss em sua obra sobre os homens ditos primitivos, cujos modos específicos de ação mostram a lógica específica de seu pensar. L. STRAUSS. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, SP, Papirus, 2002.

Opera tanto por dissociação e parcelamento como por hipérboles. O narrador descreve e age, iluminando o que deve ser percebido para deixar o acessório na sombra – “uma voz a serviço de um olhar”, narrando os desdobramentos em quadro e desempenhando o papel intermediário, e forçado, do leitor. Por meio de uma estratégia de multiplicação dos olhares – o empilhamento de corpos não age apenas como incitador fantasmático mas como estratégia narrativa –, entra a figura do *voyeur*, que observa escondido, no papel do leitor. Avançando o episódio o leitor (virtual) se retira do posto de observador para o papel de ator, deixando o leitor (real) no Real do seu gozo.

No romance erótico as personagens são seres de desejo, sempre disponíveis, que se oferecem como corpos manifestando desejos espontâneos de gozos imediatos. “Nada de estados de espírito, mas de um estado de corpos; nada de reflexão sobre si, mas uma ação, sempre a mesma, de corpos desejantes”. E, sobretudo, nada de obstáculos, essencial no romance sentimental e no romance libertino. Qualquer ensaio de resistência não dura mais que uns segundos, qualquer obstáculo é rapidamente vencido. Aparência física, idade, sexo (gênero), nada impede a propensão a gozar. Faz-se abstração de todo obstáculo, deslocando-o mesmo para os imperativos do gozo.

Não existe o mundo moral para o romance erótico mas a realidade física em seu sentido mais cru. Deixa transparecer palavras e gestos que as convenções sociais e morais não permitiriam. Poderia ser considerado *filosófico* apenas na intenção de mudar hábitos de pensamento e vencer preconceitos – mas o objetivo do seu leitor não é transgredir a regra moral. Não há por que associar os colecionadores de segunda prateleira do século XVIII de pretender subverter a ordem política e social. A literatura erótica mostra uma visão brutal, mas mais verdadeira, à medida que libera o gesto de sensibilidade que o romance sentimental insufla e realimenta, sem conclusão.

Ao contrário do romance sentimental, do qual o romance erótico não é subproduto, porque se constitui como gênero diferenciado, mas de modo semelhante a ele, na medida em que também se oferece como um trabalho de sedução na *formação* do leitor, a literatura erótica sai de cena após desempenhar o seu papel de incitador do gozo. O leitor o abandona na mesma medida em que efetua um corte, subtraindo-se a efeitos de sonhos e devaneios *a posteriori*, para apenas retomá-lo em sua repetição indiferente de significante absoluto de gozo. Não há identificação do leitor com os personagens da literatura erótica: não se quer gozar *como*, mas

gozar *com* eles. Demais, o romance erótico se utiliza de uma estratégia das Luzes, o romance pedagógico por excelência, submetendo o leitor ao desejo do texto, no genitivo e no nominativo – “Esse texto me deseja”, parodiando Barthes. Por último, compõe segundo Goulemot¹⁹⁸ um dos efeitos perversos das Luzes, que poderia ser inscrito no *desejo de dominação*.

Já o romance libertino apresenta características opostas. Não é literatura obscena, mas que contém partes obscenas. Não visa a posse, mas a tensão. A estratégia é confessar, não descrever. Não há Real, a violação é lingüística. É romance cerebral e romance de palavras. Não é romance de quadros. Rousseau menciona-os em suas *Confissões*, de modo desconcertante: “... estes perigosos livros que uma bela Dama de qualquer parte do mundo considera incômodos, pelo fato de que só podemos, diz ela, lê-los com uma das mãos.”

No romance libertino, sempre há resistência. É romance de dialética, no qual não faltam a paródia e o humor. Século pedagogo e tagarela por excelência, o romance libertino das Luzes abusa de recursos narrativos que interferem no gozo: excesso metafórico (Mirabeau), distanciamento irônico (Diderot), excesso de perversidade específica (Sade). O romance libertino não se inscreve explicitamente no espaço da transgressão, mas vale-se de um álibi cultural no qual o proibido e o tolerado se confundem. De forma semelhante à dos Antigos (Marcial, Plotino, Aretino), inscrevem-se como textos da cultura, sem a intenção da incitação. Usam muitas vezes um vocabulário bizarro, excessivamente metafórico, misturando termos da equitação e da religião, e termos codificados dos espaços da prostituição para indicar posições sexuais (carrinhos de mão etc). É o caso de Mirabeau. No entanto, percebe-se que ele transita facilmente dessa linguagem especificamente obscena para uma linguagem libertina, onde não fosse a presença do verbo da primeira linha, o trecho (de *Minha Confissão*) poderia ser tomado como o de um romance convencional.

Gosto muito de foder. Mas como o bom Deus não quis que encontrássemos o movimento perpétuo, finalmente, tem-se de parar, pois este jogo cansa mais do que aborrece. Ora, minha duquesa só tinha um jargão, sempre o mesmo, e como eu tinha abaixado seu fogo, ela não era mais do que um pequeno ser muito rasteiro e monótono. Como adoro ver sair, de uma boca tão bela, estas pequenas coisas que uma mulher embriagada de volúpia torna tão preciosas! Como uma palavra dita no bom momento faz aumentar o preço de uma carícia, e a torna mais emocionante!

¹⁹⁸ J.M. GOULEMOT, 2000.

Eliminem-se os prelúdios do gozo, e as palavras mágicas que, fazendo sair do êxtase, ajudam muitas vezes a nele mergulhar de novo... o tédio boceja conosco no seio de nossas belas; o amor foge, o enxame de seus prazeres bate asas, e dorme-se para nunca mais se acordar¹⁹⁹.

Essa classificação aproximada entre erótico e libertino explica por que os heróis de Sade são mais tagarelas do que desejanter, seu discurso sempre precede o gozo. Não existe na literatura sadiana nada mais que incitação à compreensão e à reflexão, trata-se de um discurso de verdade para justificar seu direito ao gozo. Ainda que essa justificativa do gozo solitário do carrasco à custa de sua vítima seja o pretexto para desmascarar a hipocrisia do retorno à natureza. Sejam *naturais* até o limite da irresponsabilidade, podemos entender, de acordo com a leitura de Foucault²⁰⁰. O gozo sadiano é mais comentado do que descrito, nos quadros de sofrimento que encena diante do seu leitor, bloqueando a maquinaria do desejo.

O romance libertino é pedagógico, o que indica o grande número de títulos iniciados por Arte, Catecismo, Delícias, Elogios, Conversões, Conversações, Confissões, Histórias. Diderot por exemplo zomba das convenções romanescas em *Jacques o fatalista* e constrói seu romance como um diálogo entre Jacques e seu mestre. De modo geral, os Iluministas dissimulam sua *má consciência* em se reconhecerem como escritores de ficção, por meio de estratégias enunciativas de despiste, ora introduzindo sua história como real diretamente testemunhado (caso da Nova Heloísa), ora como real vivido por terceiros: manuscritos recuperados, memórias transmitidas à beira da morte, correspondência descoberta por acaso, etc. Falamos lá atrás sobre o romance que não é um romance. Fazem parte deste grupo a maior parte dos romances eróticos produzidos no século XVIII. Além dos romances libertinos *A Vida de Mariana*, *O Camponês Arrivista*, *A Religiosa*, *A Nova Heloísa*, *As Ligações Perigosas*.

Característica fundamental desses livros de *formação* é a estratégia narrativa que pressupõe a ingenuidade do terceiro, colocado sempre na posição de observador inocente que somente pouco a pouco vai se inteirando do que acontece diante de seus olhos. Assim é que *O levantar da cortina ou A educação de Laura*²⁰¹ coloca em cena um observador furtivo e a visão parcelada dos corpos, de tal modo que a irresolução dos atos transparece da ingenuidade da observadora: “fiquei muito espantada ao ver...” O leitor, como se olhasse por cima de um

¹⁹⁹ J.M. GOULEMOT, 2000, p. 106.

²⁰⁰ M. FOUCAULT. *História da Loucura*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

²⁰¹ MIRABEAU, *Le rideau levé ou L'éducation de Laure*, 1785 APUD GOULEMOT, 2000.

“narrador-criança” ingênuo, investe-o com seu saber amoroso e sua experiência. É dessa superioridade à custa da inocência do outro que se extrai uma grande fonte de prazer. Diderot (A Religiosa) põe em cena uma noviça que sem compreender o que se passa descreve os frêmitos da madre superiora. Esse tipo de texto exige forte participação do leitor, que testemunha o ritual de passagem da personagem do *nada saber* para o entendimento.

Na relação libertina, a estética da dominação não está isenta da ética que regula o dispositivo do sexo sob a ótica da repressão, freqüentemente explorado pela literatura erótica. A literatura sentimental e a literatura erótica concentram no ser feminino os dois pares de opostos: de um lado, a modéstia que atíça, e no outro extremo a lubricidade que regula a libido masculino. É de se supor que para Freud e para a literatura erótica haja apenas *uma* libido? É significativo que os livros eróticos escritos por homens o sejam a partir do ponto de vista do homem?

É ilustrativo que no Emílio, Rousseau tenha exaltado os poderes da imaginação:

Ao negligenciar a língua dos sinais que falam à imaginação, perdeu-se a mais enérgica das linguagens. A impressão da fala é sempre frágil e pelos olhos se fala melhor ao coração do que pelos ouvidos. Querendo tudo conceder à razão, nós reduzimos a palavras nossos preceitos, nada realizamos nas ações. A razão sozinha nunca é ativa; ela retém algumas vezes, raramente excita, e nunca faz nada de grande. Sempre raciocinar é a mania dos pequenos espíritos e as reminiscências que ela extrai das profundezas de memória estimulam por sua vez o julgamento estético.

Imenso campo de possibilidades Rousseau abre ao Imaginário por um modo específico de emprego dos significantes. Desse modo, o pregador completamente avesso aos significantes romanescos, desejando isolá-los em seu texto epistolar oferecendo-o como história real cujos perigos deveriam ser evitados, caiu e enredou toda uma geração de leitores e produtores na produção de significantes que agiam no nível do Imaginário como um perturbador poderoso do Real. Veja-se a descrição dos efeitos da leitura d’*A Nova Heloísa*, em comparação com a leitura das tragédias clássicas, lidas sob tédio e passividade, conforme Mercier²⁰²:

²⁰² L.S. MERCIER. *Mon bonnet de nuit*, apud J.M. GOULEMOT. *Esses livros que se lêem com uma só mão*, 2000.

Abro um volume da Nova Heloísa, é ainda tinta sobre papel; mas de repente eu me torno atento, animo-me, inflamo-me, eu me esquento, sou agitado de mil movimentos diversos. Acredito estar num bosque de Clarens, vejo, escuto os personagens, leio num só fôlego o volume, e quando descubro que ainda faltam seis, meu coração palpita de alegria e de prazer, e gostaria de prolongar no infinito esta deliciosa leitura.

No romance libertino e do romance sentimental, os significantes mobilizaram os sujeitos como puros significantes, que os colocaram diante de um Real – o Real absoluto do gozo, no qual a perda de consciência é traduzida constantemente pelo termo “morrer”, ou o Real absoluto da angústia, do sintoma ou mesmo da psicose, quando a perda de consciência não se fez no Real e o “morrer” se transfigura naquilo que tendemos a interpretar como metáforas místicas dos estados extáticos.

Puros estados de tensão, avassaladores sentimentos de culpa sem qualquer mais-valia de gozo. A estética da incitação pulsional como acontecimento que ligou em cadeia significantes de um discurso amoroso Real mas irracional produziu nos sujeitos femininos estados histéricos e psicóticos.

No romance erótico a construção em quadros é homogênea ao discurso iniciador no romance sentimental, por meio das imagens de corpos e contatos. Acontece que no romance erótico o discurso iniciador era somente pretexto: para o elogio do prazer, para expor os vícios da vida nos conventos, a perversão dos monges, a lascívia das freiras, o direito ao prazer. Se o prazer sexual era natural, o gozo era também legítimo. Gozo efetuado, discurso superado.

No romance sentimental, por uma perversão inimaginável no emprego dos significantes – praticamente os mesmos – o discurso iniciador não era pretexto, mas fim em si mesmo. O prazer era mostrado, mas furtivo e proibido, os vícios e a lascívia relacionados à morte e à loucura. Se o prazer era condenável, o gozo era abjeto. A perversão discursiva se apoiava no efeito de Real e de Imaginário que a invenção significativa no campo do Simbólico fazia autorizar. Os efeitos na esfera do Imaginário demandavam não mais um desfile mas uma verdadeira torrente na cadeia significativa para promover fosse a sutura sublimatória no nível do Simbólico, fosse a ruptura no nível do Real que a pulsão introduziu – pelos significantes da *leitura*, a qual corresponde ao *olhar* em quadro do voyeur – no corpo tensionado. Gozo retido, discurso infinito. A proliferação do material significativo remeterá sempre e cada vez

mais para si mesmo, no infinito adiamento do gozo, por injunções de uma ordem social cujos artifícios são em tudo semelhantes à retenção do prazer dos celibatários, no amor cortês, tal como foi percebida por Lacan.²⁰³

Examinaremos mais de perto no próximo capítulo as hipóteses da cultura e da psicanálise na formação do superego e as tendências diferenciadas por sexo à sublimação, a partir da idéia do obstáculo, presente em Freud e em Lacan.

²⁰³ *O Seminário, Livro 7, 1997.*

3.2. Pedagogia da contenção e estética da perversão

A hipótese cultural contempla a contenção, os adiamentos do prazer, as técnicas de retenção como o resultado de uma reelaboração sublimatória que a transformação dos costumes introduziu no relacionamento entre homens e mulheres. Vê como historicamente contingenciais o arrebatamento carnal e o desencadeamento da fúria bestial dos ‘instintos’ sexuais. Contingenciais no sentido de que a pulsão não sublimada se inscreveu em um momento específico da história do qual *ainda* não se testemunhou retorno, a não ser nas patologias resistentes que mudam com a moda tecnológica. Se o processo civilizatório não corresponde necessariamente a uma busca de perfeição, também é verdade que uma regressão ao passado arcaico do comportamento sexual se afigura cada vez mais impossível – e psiquicamente *desnecessária*. Por saber disso a sociedade moderna recorre a *Ersatz* eficazes capazes de enganar suas neuroses.

Aquele arrebatamento, que poderíamos chamar provisoriamente de perverso, não é avesso ao pensamento freudiano de que só existe uma libido, a masculina. Tal compreensão e tal pensamento correlacionam-se por sua vez com o fato de que a cópula, do lado das mulheres, não precisa ser consentida. É fato irrefutável, que os dados da cultura e os postulados psicanalíticos atestam. Relativiza-se apenas neste atributo, apreciado por ambos: contingência. Não é necessário que seja sempre assim – e tampouco significa que as mulheres não tenham experimentado gozo sexual naqueles tempos remotos. Também não é impossível que a brutalidade e a rapidez tenham produzido um efeito exatamente contrário ao que nossa leitura anacrônica possa realizar e causado um efeito não previsto por Freud: a ausência por tanto tempo prolongada de machos fortes e requisitados pode muito bem ter tido sobre as mulheres o efeito de excitação do desejo, tal como Freud o formulou sobre os desejos dos homens açulados pela modéstia feminina. A modéstia e a ausência aqui se equivalem.

O estabelecimento de quadros comparativos entre comportamentos sexuais em diferentes épocas históricas poderia trazer luz a essa questão – da contingência. Lacan²⁰⁴ a constatou – e a leitura de Duby²⁰⁵ a confirma – no artifício perverso da expansão sublimatória, e na sexualidade sombria, estrategicamente interrompida, que tipificou um período particularmente aviltante, quando visto retrospectivamente, para os que submeteram e para os que foram

²⁰⁴ J. LACAN. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

²⁰⁵ G. DUBY. *O modelo cortês*. In: *História das mulheres no Ocidente*, v. II, 1994.

submetidos. Do lado das mulheres, a dama da nobreza tomada pela força das convenções, a ‘vilã’ do povo tomada pela força da incontinência pulsional, que nada mais era senão o reflexo, o desdobramento de uma situação social específica, feita de espaços altamente segregados, violência permanente, raptos intermitentes – mais do que de convívios. Esta particularidade, da convivência, caracteriza um fator decisivo na transformação das mentalidades, à medida que é o primeiro prenúncio de uma nuclearização posterior.

Nesse sentido, situando-se na fronteira entre a orientação psicanalítica e as premissas da cultura, Bataille²⁰⁶, para quem o pudor é necessário ao desejo masculino, idéia em nada diferente da visão freudiana, avança no entanto uma proposição que vai de encontro à formulação de Freud²⁰⁷ a respeito do ‘obstáculo’ – o terceiro prejudicado, o objeto depreciado, a evitação da corrente afetiva em detrimento da sensual, o refinamento no comportamento amoroso por ‘finalidades sexuais perversas’. As ‘satisfações de potência’, como as nomeia Lacan²⁰⁸. Para Bataille, não é negligenciável que o caráter de transgressão do casamento sofra perdas eróticas, na medida do hábito. No entanto, a própria essência do erotismo implica em que “o desabrochar da vida sexual também não é negligenciável. Sem uma secreta compreensão dos corpos, que só se estabelece a longo prazo, o amplexo é furtivo e superficial, ele não pode se organizar, seu movimento é quase animal, muito rápido, e freqüentemente o prazer esperado se esquia. O gosto pela mudança é sem dúvida doentio e só leva à frustração renovada. O hábito, ao contrário, tem o poder de aprofundar o que a impaciência desconhece.”

Mas logo em seguida ele se pergunta se o amor profundo, que o casamento de certo modo paralisa, seria viável sem “o contágio dos amores ilícitos, que seriam os únicos a ter o poder e conferir ao amor o que ele tem de mais forte que a lei?” Aqui cabem duas observações: Bataille não perde de vista quando trata desse tema uma espécie de pedagogia sem dominação na estratégia de longo prazo do jogo amoroso. Tal como em Rabelais, ele não supõe apenas no homem os amores ilícitos. A expressão ‘*amor mais forte que a lei*’ talvez a ária de *Carmen* a tenha musicalmente inspirado, cantando sua lascívia diretamente do libreto de Prosper Mérimée.

²⁰⁶ G. BATILLE, 2004.

²⁰⁷ S. FREUD. *Contribuições à psicologia do amor I e II*, 1969.

²⁰⁸ J. LACAN, *O Seminário, Livro 7*, p. 183.

Quanto a Freud, argumento mais cultural seria impossível. Ele faz equivaler a coerção sobre a vida erótica das mulheres à necessidade dos homens de procurar o objeto depreciado. Atribui ambas à *demora*, “exigida pela educação, por razões culturais, entre a maturidade sexual e a atividade sexual.” (...) Diz ainda que as mulheres civilizadas geralmente não transgridem, esperam, “e assim estabelecem a ligação íntima entre proibição e sexualidade.” Quanto aos homens, desrespeitam proibição, ou seja, transgridem e desse modo depreciam o objeto – e em vista disso “mantêm essa condição em seu amor mais tarde, na vida.” Não há como negar que esse comportamento sexual seja efeito de uma pedagogia sutil, contingentemente necessária, *perversa* como fato social, não psíquico.

A descoberta do amor cortês como “a homenagem prestada pela poesia a seu princípio, isto é, ao desejo sexual”²⁰⁹ de forma alguma afasta o contexto cultural da teorização de Freud²¹⁰ sobre o amor. Freud relativiza o termo “pulsões” ao se referir à pulsão de ver e a pulsão para a crueldade como não sendo, em sua origem, “inteiramente compreensíveis” para a psicanálise. Em compensação, apresenta uma gama de situações a que são expostas as crianças, em uma clara demonstração de que seu trabalho mostrava uma tendência consistente a levar em consideração os efeitos do meio sobre o psiquismo.

Essas situações – crianças jogadas para o alto, balançadas, empenhadas em lutas corporais, brincadeiras com o corpo, escaladas, descidas, escorregamentos, o rolar na grama, na areia, na lama, a corrida, o salto, a bicicleta, o embrenhar-se no mato, o subir em árvores – das quais Freud explicita as três primeiras, são necessidades vitais de todas as crianças, Freud parece dizer isso em seu texto.

Entretanto, se ele já havia descoberto e difundido, para escândalo e repúdio de muitos, a idéia da sexualidade infantil, imagine se ele viria à ribalta para anunciar destemidamente que todas as crianças deveriam... *brincar*. É verdadeiramente impossível que ele não tenha pensado nisso, ao brincar com o seu neto e perceber as menininhas, depois de deixarem a fase fálica, como felizes homenzinhos, terem que abdicar, vestir suas roupas pesadas, engomadas, aramadas, fechadas, com as quais iriam para o túmulo. A foto de Freud com Anna passeando com seu avental branco amarrado à cintura é o retrato triste de que as meninas têm sido

²⁰⁹ J. LACAN. *O Seminário, Livro 7*, p. 225.

²¹⁰ S. FREUD. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. VII. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

historicamente educadas para o comportamento, para o silêncio, a inércia, a passividade, a proteção ao seu corpo, a limpeza, a organização, o controle, a prudência, os passos lentos, o comedimento, a alienação de tudo que é vivo, pulsante, ágil. Até que ponto ainda o serão?

Muitas mulheres lembrarão a emoção infantil – revivida sucessivamente – trazida por uma luta dissimulada de corpos, grupos de crianças se amontoando molhados de chuva em lugares secretos, corpos saturados de desejo nas brincadeiras, nos apertos frouxos o bastante para permitir o toque sensual no qual a agressividade servia apenas de pretexto. A concepção adleriana sobre o desenvolvimento das crianças destaca a sede de *fazer* e de *poder* que se expressa já nas mais cotidianas das atitudes na infância, idéia que merece um olhar atento no estudo das meninas. A teoria freudiana também subentende, nos três ensaios, embora não o explicita com todas as letras, que a agressividade (ou atividade) maior nos meninos é fato da cultura e não uma constituição natural.

Da mesma forma que os sentimentos de vergonha, medo, nojo existem em grau variável em diferentes civilizações, eles também podem ser insuflados diferencialmente sobre meninos e meninas. A tríade ‘perversa’ do chiste, do voyeur e do sádico precisa de um ‘terceiro’ para realizar-se. Ninguém se lembra do prazer maroto com que um garoto gosta de acercar-se da menina, pedir-lhe para fechar os olhos e depositar em suas mãos uma lagartixa morta ou um punhado de pirilampos vivos? Qual lei a não ser a dos costumes, a da cultura, a da educação teria estabelecido e tornado natural que a menina devesse reagir com susto, medo, nojo – ao invés de ela mesma surpreender e assustar? Por que atribuir a atitude ativa, observada em poucas meninas educadas com mais liberdade, às vezes pelo parental masculino, a condição de exceções fálicas?

Não aceitar tal hipótese da cultura na educação das meninas é esquecer os próprios ensinamentos de Freud, de que as excitações mecânicas, a atividade motora de toda espécie constituem para a criança fonte de grande prazer e satisfação sexual. E que esta satisfação pulsional liga-se a todas as outras pulsões, especialmente à pulsão de saber. Ignorar esse aspecto importante na educação familiar e escolar das meninas é condená-las à inércia que paralisa e a entrar e participar eternamente do jogo sutil da simulação que fará sempre dela a garota que ouve o que o garoto que explica, a menina que assiste o menino subir na árvore, a jovem que assiste seu jovem namorado atleta disputar o torneio de natação. Nos jogos de sedução amorosa, cai como uma luva para a mulher disponibilizar-se para o outro dominador

e forte desempenhando esse papel de ser subordinado e frágil. Nas situações de convívio social, é essa a encenação dos papéis esperada. Mas é totalmente nociva ao saber das mulheres e à sua saúde psíquica.

No texto de Freud, uma nota acrescentada em 1910 acrescenta que a análise da abasia neurótica e da agorafobia demonstra decididamente a natureza sexual do prazer do movimento. O efeito nefasto da educação familiar das meninas submetendo-as a regimes de vestuário, higiene e comportamentos “civilizados”, poupando-as de esforços, brincadeiras, toques, abraços, lutas, por um preconceito natural dos pais, que as consideram por fim ‘naturalmente’ mais calmas, constitui verdadeiramente uma aberração educacional que contraria toda a teoria que se lhes queira ensinar. Faz delas observadoras estáticas, estátuas vivas sem movimento, meras espectadoras cuja maior recompensa do dia terá sido o abraço materno ou paterno por não haver se descuidado do sapato ou ter manchado o vestido novo.

Não é difícil perceber o quanto devemos de nossos hábitos femininos ‘civilizados’ à herança que de geração em geração destinou às mulheres o tipo de vestuário e posturas que constroem qualquer movimento. Observando hoje muitas meninas e moças, com as exceções que geralmente identificamos porque sobressaem do comum do hábito, às vezes tem-se a impressão de que para essas futuras mulheres adultas certos hábitos sedentários e costumes ostentatórios no vestuário e nos gestos lembram espantosamente muitos aspectos da impassibilidade silenciosa e atenta na observação dos outros e de si que funcionava nas antigas práticas da sociedade cortesã²¹¹. Essas técnicas aprendidas teriam sido marcadas geneticamente no psiquismo e retransmitidas por esse meio? A hipótese sobre a transmissão dos caracteres psíquicos adquiridos que por um tempo seduziu Freud parece haver sido retomada recentemente²¹². De qualquer forma, o social e o psíquico parecem indissociáveis.

A hipótese cultural entende portanto como contingente e socialmente determinado o modo como se dá a relação entre os sexos. O argumento cultural também não deixa de exercer sua força pesada e quase intransponível para a libertação das mulheres – mas suas premissas são suscetíveis de modificações, transformações, evoluções. Infância, corpo, movimento, sexo, pleno desenvolvimento da pulsão escópica, da pulsão de saber – por muito tempo ainda as mulheres terão que se deter nisso.

²¹¹ N. ELIAS. *A Sociedade de Corte*, 2001.

²¹² Rafael GARCIA. *O retorno de Lamarck*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 nov. 2007, Caderno Mais, p. 8-9.

O ponto de vista da cultura também não autoriza otimismo, embora se possa pensar que a passagem da situação do contrato de casamento vassálico para o casamento consentido tenha promovido modificações consideráveis. No contrato vassálico, o objetivo era exclusivamente a procriação e a transmissão do patrimônio. As relações amorosas eram extraconjugais e à mulher cabia o dever de proteger a semente. No entanto, o casamento consentido, apoiado fortemente pelos apelos da Igreja, também não produziu avanços significativos em sua autonomia – intelectual, material, moral – mas constituiu-se em uma relação transferencial da dupla dependência de pais e maridos contratantes para a dependência exclusiva dos maridos. Repúdios antes, divórcios depois, mas o problema da falta de autonomia continuou até que as mulheres ingressassem no mercado de trabalho. A via cultural, portanto, ainda que muito lentamente, promete modificações de situações mais opressivas para outras menos coercitivas. Superaram-se etapas de total dependência para experiências de autonomia relativa.

Em uma perspectiva histórica, é possível perceber um estatuto das mulheres relativamente homogêneo do século XV ao XIX, com uma evolução concreta nas classes privilegiadas. Falando muito sucintamente, no Renascimento italiano, mulheres célebres se destacam ao mesmo tempo pela licença e pelo talento. No século XVI, ainda pouco instruídas, começam a reunir-se na corte de Ana de Bretanha, onde antes só havia homens. No século XVII, começam a distinguir-se no terreno intelectual, escrevendo cartas e romances, com a expansão da vida mundana e o desenvolvimento da cultura dos salões. No século XVIII, sua liberdade e independência aumentam, intervindo na vida política. Essa evolução contempla é óbvio a elite feminina da nobreza de corte. O século XVIII já começa dividido pelos discursos filosóficos da conservação e da emancipação. O século XIX anuncia possibilidades de libertação, pelo trabalho feminino, delas se beneficiando as norte-americanas, antes das européias.²¹³ Mas o patriarcalismo do século XIX herda da Idade Média o “feudalismo no amor”, o código de etiqueta mascarando a rígida coerção. A esposa “respeitável” é pretexto para o funcionamento da dupla moral.

A necessidade dos obstáculos para a perfeita realização sexual (masculina) que Freud elege como tendência universal consiste na escolha do objeto depreciado, a exigência de um terceiro prejudicado, o amor à prostituta, o “respeito” pela mulher conjugal, e caracterizam

²¹³ S. BEAUVOIR. O Segundo Sexo. v. 1, p. 81-141.

justamente as sociedades patriarcais, sociedades nas quais a diferenciação entre os sexos é levada a extremos, a dominação de um sexo pelo outro se exerce por violência ou extrema vigilância e rígido controle.

O gozo é particular, no nível individual, é certo. A possibilidade de inscrição nos matemas da sexualização segundo Lacan²¹⁴ abre possibilidades infinitas, em transcrição literal e matematizada da idéia da bissexualidade que Freud buscou em Fliess. O ser feminino pode inscrever-se no lado masculino e vice-versa, para quem assim o desejar. A executiva de gestos viris desposa o esteta de sensibilidade feminina e vivem felizes para sempre. Será isso suficiente?

O gozo ser individual não indica que ele não tenha sido culturalmente administrado. A freira mística – independentemente de seu êxtase ser humano ou divino, material ou espiritual – não teria entrado nos conventos, forçada ou espontaneamente, e Lacan não teria podido espioná-la na cerimônia secreta do lava-pés,²¹⁵ caso não tivessem se exercido, sobre os celibatários e sobre as mulheres, sob diversas formas, em diferentes períodos e lugares, dispositivos de poder que regulavam as políticas da aliança, do povoamento e controle populacional, e, sobretudo, como Lacan²¹⁶ também assinala, a política da retenção do prazer, ou do adiamento do prazer.

No caso dos celibatários, esse controle e autocontrole se exerceram em um dado momento histórico, século XII, de forma localizada e concentrada na região do Sul da França. No caso das mulheres, de forma generalizada e dispersa, através de um processo de pedagogização do comportamento social e sexual. Para Lacan, a existência da poesia cortês não traduziu uma promoção na condição da mulher; para Duby, se o fino amor contribuiu para uma promoção, o fez de maneira acessória, através unicamente das autocerções que as damas e as donzelas aprenderam a exercer sobre si mesmas.

Desse modo, podemos organizar de modo mais ou menos sistemático os diferentes mecanismos de educação e de controle que se impuseram com mais ou menos força, historicamente:

²¹⁴ *O Seminário, Livro 20*, 1997.

²¹⁵ E. ROUDINESCO. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²¹⁶ J. LACAN, *O Seminário, Livro 7*.

- Pedagogia do amor cortês no século XII (ética e estética do amor cortês)
- Pedagogia dos ‘moralistas’ do sécs XV-XVII (reformadores, manuais civilidade)
- Pedagogia das Luzes do século XVIII (teses médicas, romances, confissões)
- Pedagogia ‘científica’ século XIX (teses médicas, romances, direção de consciência)
- Pedagogia psicológica século XX (romances, difusão psicanálise, instrução formal)

Abrir a questão por essa via é o ponto central para pensar até que ponto e de que forma a sublimação – tal como a libido – é essencialmente masculina e só se dá por empréstimo às mulheres escritoras, artistas etc. Está na raiz dessa indecisão fatal entre a natureza e a cultura a formulação lacaniana do complexo de Édipo, na tríade primeira, fusional, no plano do Imaginário: falo, mãe, criança; e na tríade segunda, de corte, no plano do Simbólico: funções de pai, mãe, sujeito. Por meio desse corte estrutural que o Pai simbólico realiza na relação simbiótica da criança com a mãe-natureza. Será próprio da Natureza criar – no processo repetitivo da reprodução. É disso que se trata?

Para a Mulher, diz Lacan, o representante da representação não existe e quando existe é negado. Por essa razão ela é duplamente recalcada: pelo fato de não existir o significante sexual ela é representada de modo inadequado pelo falo, e em seguida pela negação de que ela o tenha. Essa falta do significante sexual remete à ausência do falo como fato cultural, no sentido das edificações humanas, do saber dos ‘eminentes’, desde a aquisição e controle do fogo; como também remete ao fato biológico que desde Aristóteles via ali a imperfeição, a falta. Pelo *telos* aristotélico da perfeição o órgão feminino era imperfeito, uma vez que não se projeta para fora²¹⁷.

As afirmações de Freud sobre a dificuldade de sublimação das mulheres, a formação de um superego fraco, o “fato” de ser um obstáculo à civilização, de certo modo constituem resquícios das teorias das diferenças sexuais que influenciaram o modo como as ciências do corpo e do sexo se desenvolveram, de acordo com a teoria de Laqueur. Se desejamos entender os limites impostos pelo psiquismo ou pela cultura à capacidade de sublimação das mulheres, um sério impasse se apresenta, uma vez que psicanaliticamente a sublimação se situa com a

²¹⁷ Como vimos, as teorias das diferenças sexuais da Antigüidade influenciaram o curso do progresso científico, para Laqueur, assim como a interpretação de resultados experimentais específicos. De fato, percebe-se uma regressão do ponto de vista do conhecimento da sexualidade feminina, à medida que as interpretações ‘médicas’ eram inseparáveis da moral. Um dos dados fundamentais da pesquisa de Laqueur é que a libido não tinha sexo para os Antigos, que vinculavam a concepção à ocorrência do orgasmo do homem e da mulher. Outro é a tendência arraigada na linguagem a nomear os órgãos genitais em referência ao homem.

pulsão de ver e a pulsão da crueldade. Freud aponta a agressividade das meninas, idêntica à dos meninos até a fase edipiana. A partir daí, ela *tem que mudar de sexo*, ou seja, de zona erógena e de objeto, quando o menino pode manter ambos. É como se a substituição da primazia clitoridiana pela vaginal a desinvestisse da quantidade necessária de pulsão agressiva, que os analistas associam, com justa razão, à pulsão do conhecimento.

Freud vai ainda mais longe no título prototípico do seu *O Mal-Estar na Civilização*, onde praticamente exclui as mulheres da possibilidade de sublimação:

Além do mais, as mulheres logo se opõem à civilização e demonstram sua influência retardante e coibidora (...) As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual. O trabalho de civilização tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis e compelindo-os a executarem sublimações pulsionais de que as mulheres são pouco capazes. Já que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, têm de realizar suas tarefas efetuando uma distribuição conveniente de sua libido. Aquilo que emprega para finalidades culturais, em grande parte o extrai das mulheres e da vida sexual. Sua constante associação com outros homens e a dependência de seus relacionamentos com eles o alienam inclusive de seus deveres de marido e de pai. Dessa maneira, a mulher se descobre relegada a segundo plano pelas exigências da civilização e adota uma atitude hostil para com ela.²¹⁸

A constatação de Freud, rigorosamente verdadeira sob alguns aspectos, pode estar subordinada a uma condição da cultura de seu tempo. As *sublimações pulsionais* de que são pouco capazes explicam-nas a poderosa repressão sexual e a total alienação intelectual, cuja associação Freud mesmo apontava no texto sobre a moral sexual civilizada.

De um primeiro ângulo, os textos freudianos sobre a cultura apontam de fato para a dificuldade da sublimação feminina, devido à repressão sexual mais forte sobre as mulheres (“Acredito que a inegável inferioridade intelectual das mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual”)²¹⁹ De outro, os textos sobre a sexualidade infantil destacam o fator decisivo pelo qual as pulsões sexuais agressivas impulsionam o desejo de saber.²²⁰ Finalmente, de um terceiro ponto de vista, o texto freudiano

²¹⁸ S. FREUD, *O Mal-estar na civilização*, 1978, p. 161.

²¹⁹ Id., *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, 1969.

²²⁰ Id., *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1969.

aponta para a menina a tarefa edipiana de *mudar de sexo*, clitoridiano para vaginal, e de *objeto sexual*,²²¹ dupla tarefa da qual os meninos estão livres. Isso depois de haver estabelecido que a menina pré-edípica é um “perfeito homenzinho”.

Podemos atribuir a Freud a visão patriarcal que o impediu de imaginar um futuro menos dissimétrico na relação entre homens e mulheres, mas não é possível subestimar seu conhecimento. Essa tentativa de “acomodação” teórica pode ser compreendida na interpretação finalista feita por Laqueur²²² da necessidade social da transição erótica do clitóris para a vagina, essência da feminilidade para Freud. Segundo o autor, o espaço destinado ao verbete ‘clitóris’ na principal enciclopédia médica em língua inglesa no tempo de Freud dedicava espaço e importância – etimologia da palavra, homologia com o pênis, presença de terminações nervosas – que desautorizam alegar desconhecimento do pensador. O verbete ‘vagina’ nada diz sobre enervações, embora defina regiões específicas de prazer e a produção do licor salino já apontada por Galeno tantos séculos antes. Portanto, para Laqueur, Freud não podia ignorar que “quase nenhum órgão (como o clitóris) tem tanta possibilidade de aumentar por excitação freqüente e ficar a postos para repetir essa excitação.”²²³

O argumento freudiano, na leitura de Laqueur, é que a defesa do patriarcado, suposto ser este a única forma possível de organização entre os sexos, permitia passar por séculos de conhecimento de anatomia para estabelecer verdades que garantissem a continuidade da espécie e o processo de civilização. Era culturalmente necessário que a mulher renunciasse ao prazer erótico clitoridiano, que competia com o órgão necessário à reprodução. Essa mudança é histórica, à medida que *funciona contra as estruturas orgânicas do corpo*, daí porque tornar-se sexualmente uma mulher madura é entendido por Laqueur como viver um *paradoxismo*, um escape inevitável a uma histeria “normal”, que pressupõe uma neurose de conversão “aceitável”.

Essa “biologização” cultural também pode ser lida em Lacan²²⁴, no seu Seminário sobre a Angústia, referida à mesma objetivação finalista, que a negação de uma pretensa maturação temporal e a retórica do rodeio não obscurecem totalmente.

²²¹ Id., *Conferência XXXIII: Feminilidade*, 1969.

²²² T. LAQUEUR, 2001.

²²³ Ibid., p. 276, N. 105.

²²⁴ J. LACAN. *O Seminário, Livro 10*, 2002.

Que dizer, senão que temos motivo de assinalar tais correlações, antes de entrar no mito diacrônico de uma pretensa maturação, que faria do ponto, sem dúvida necessário, de chegada, de conclusão, de realização da função sexual na função genital, algo diferente de um processo de maturação, de um lugar de convergência, de síntese, de tudo aquilo que pôde apresentar-se até então de tendências parciais, que ao reconhecer, não somente a necessidade deste lugar vazio, em um ponto funcional do desejo, mas ao ver que é aí que a própria natureza, **a fisiologia vai encontrar o seu ponto funcional mais favorável**, nós nos encontramos aqui numa posição mais clara, ao mesmo tempo liberados deste peso de paradoxo que vai nos fazer imaginar tantas construções míticas em torno do pretenso gozo vaginal; não, certamente, que algo não seja indicável mais além, e, se vocês lembram bem, aqueles que assistiram ao nosso Congresso de Amsterdã (...) ²²⁵

Essa acomodação finalista é receptiva à visão freudiana e lacaniana da sexualidade submetida à cultura. Os argumentos que tomam em consideração a fisiologia corporal estão presentes no Seminário X e os requisitos que associam e condicionam a consecução do ideal sublimatório aos pressupostos de uma sociedade patriarcal acham-se explicitados em seus *Complexos Familiares*. ²²⁶

A sublimação, em si mesma um fenômeno complexo, se examinada do ponto de vista do sexo/gênero torna-se ainda mais insolúvel, à medida que entra na ordem do não-dito ou das tergiversações. Freud escreveu pouco sobre o processo de sublimação propriamente dito. Lacan elaborou algumas idéias em torno dela, de maneira alusiva e fragmentária, nos seminários 7 e especialmente no 16. No seminário 11, também toca na questão, ao falar das pulsões. É ali que se refere à pulsão como órgão, de um modo tão enigmático quanto alusivo. Milner ²²⁷ alerta sobre a distinção no escrito lacaniano entre, de um lado, a *protréptica*, na qual se situam as figuras de estilo, as alusões, os floreios literários ou eruditos, as diatribes, enfim, a *desconstrução da doxa*. De outro, afirma-se uma tese de saber que exige do leitor a habilidade de penetrar esses escritos ultrapassando essas vias labirínticas de modo a irromper finalmente em terrenos firmes nos quais essa tese de saber se torne decifrável. Não é tarefa simples.

Sem a pretensão de haver atravessado incólume o cipoal dessas figurações discursivas, tento prender-me ao texto lacaniano.

²²⁵ J. LACAN. *O Seminário, Livro 10*, 2002, p. 79-80.

²²⁶ Id. *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

²²⁷ J.C. MILNER, 1996.

Lacan²²⁸, no Seminário 16, retoma e reafirma os pressupostos sobre a associação que fez entre sublimação e gozo, que havia buscado na elaboração de Freud a respeito do “próximo”, ponto de reflexão no qual nenhuma concessão é possível à pulsão da crueldade. É em minha opinião o momento mais “feroz” em toda a escrita freudiana e vale a pena reproduzi-lo por se constituir em elemento central na questão sublimatória, que eu gostaria minimamente de situar do ponto de vista do social e do psiquismo, se possível fiel ao retorno que fez Lacan à letra freudiana.

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*. O homem é o lobo do homem.²²⁹

Esse próximo é o que para Lacan significará “a iminência intolerável do gozo”, segundo a qual a pulsão entra no processo no modo de uma “conjunção lógica com a corporeidade”. O gozo da borda, que se aproxima do gozo sexual, é heterogêneo ao gozo de tumescência típico do orgasmo. A borda, como *logística de defesa*, caracteriza o gozo da mulher, cuja sensibilidade sexual é limítrofe entre o gozo clitoridiano e vaginal. Importa que o homem saiba manejar o gozo sexual, como aquele a quem cabe manejar o saber. À mulher sublimada se dirige a Coisa freudiana, em forma de Verdade com traços de mulher. Ao dizer “façamos amor com ela, sem ter a menor idéia do que é a Mulher como Coisa sexuada”, Lacan se refere explicitamente não ao fazer amor, mas ao produzir uma obra artística ou intelectual. Fazer amor significa criar. A sublimação portanto concerne à mulher apenas naquilo em que ela funciona como objeto – mas Objeto valorizado pelo Imaginário masculino, que pelo deslocamento metonímico de objetos sucessivos elabora à revelia do próprio Objeto valorizado o verdadeiro Objeto Simbólico, que significa o Outro, lugar esvaziado do gozo. É nesse “lugar desobstruído, um círculo calcinado, um espaço acessível ao jogo de papéis” que

²²⁸ J. LACAN. *De um Outro ao outro, Livro 16*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 211-227.

²²⁹ S. FREUD. *O mal-estar na civilização*. In: *Os Pensadores - FREUD, Sigmund*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 167.

Lacan faz estruturar-se a incidência significante na qual se inscreve a falta – “essa barra, essa hiância, esse furo que pode distinguir-se do título do objeto *a*”.

As entrelinhas lacanianas no Seminário 16 permitem fazer uma analogia entre o manejo do gozo sexual e a suprema elevação do objeto à dignidade da Coisa na exaltação da mulher idealizada de Michelet, quando se expôs ao ataque dos seus contemporâneos ao evidenciar as mulheres como seres de desejo e de gozo, cabendo aos homens o adequado manejo (real e simbólico). O manejo do gozo a que se refere Lacan pode adquirir esse sentido, como também pode ultrapassá-lo, deslocando o desejo de um Outro ao outro, pela sublimação, processo no qual supõe o espaço único onde os significantes misturam os papéis. Não há relação sexual, mas isso não significa que não haja gozo. E o gozo do perverso pode consistir exatamente em não gozar, como Sade, que gozou somente da escrita. “Tapar o buraco no Outro” significará gozar com esse Outro, por meio da função escópica e sadomasoquista, fazer o percurso até a obra de arte ou a invenção na ciência, naquilo que Laplanche chama de crime de pensar-escrever-falar.

“É pelo gozo do Outro que o exibicionista zela”. Para Lacan não importam os efeitos da exibição do perverso, se inspira medo ou não naquele que parece provocá-la ou se é intenção do exibicionista provocar os efeitos de pudor ou susto. O que é essencial para ele é que por meio da função escópica, de natureza eventualmente passiva, porque se dá a ver, o perverso faz aparecer o olhar no campo do Outro. Aqui Lacan diferencia o exibicionista do *voyeur*, que visa “interrogar no Outro o que não se pode ver”. O exibicionista goza, “desde que o gozo de que se trata seja o do Outro”.

Na pulsão escopofílica, Lacan destaca o olhar (que na perversão exibicionista tapa o buraco do Outro com seu próprio olhar) e a voz (que o supereu instaura no Outro como gozo masoquista). Isto não se aplica a Sade, em cujo texto a fala do narrador domina e silencia o supliciado, mas a um Outro valorizável, como na voz de um Pai.

No neurótico o objeto *a* se coloca diferentemente do perverso: no narcisismo *secundário*, na captura do seio imaginário, e no nível da pulsão, a função do objeto terceiro, que Lacan chama de *placa*, ou *pingente*, referindo-se aos produtos da cultura, à obra na parede e aos homens eminentes, como aquilo *que engana*. O sujeito, como neurótico, “está fadado, precisamente, ao fracasso da sublimação”. Como isso não acontece?

Lacan define a perversão como a restituição do *a* ao campo do A. A perversão é a estrutura pela qual o objeto *a* serve de tampão, máscara, para fazer desaparecer a não castração feminina para o perverso. O que ele vê ali é o falo que não existe, provendo o Outro assexuado de um falo. Lacan percorre a etimologia de *hommelle*, *homela*, *famiele* – *famil* para chegar à *homela*, mãe fálica. O perverso cria a mulher como não castrada, como homem-ela. Na estrutura da neurose, Lacan supõe esse “famiele” (ele, il) como o “**eu** verdadeiramente em jogo” no romance familiar.

Na análise que fez do pequeno Hans, Lacan ainda não havia utilizado o conceito de objeto *a*, o que adiou de certo modo sua abordagem da fronteira entre o imaginário e o simbólico, ou a disjunção entre saber e poder. Para isso será necessário abordar o real. A imagem especular como metáfora do narcisismo permite ‘demonstrar’ essa disjunção. $i(a)/a$. O que significaria para Lacan devolver o *a* ao campo do Outro? É possível que isso se traduza em um “efeito do simbólico no campo do imaginário”. Tentemos ver como. Lacan retoma o conceito de ligação anaclítica de Freud, na relação mãe-criança, para depurá-la de seu sentido de mera dependência e concebê-la como uma relação perversa, um *a* perverso, que precisa ser remetido ao campo do Outro como simbolizado, seja na forma de imaginação, imagem especular, ilusão, saber. Acontece que ali onde este *a* é inserido, o Outro (A) nunca sabe de nada. Não importa isso, nem *saber o que o Outro sabe, mas saber o que ele quer*, questão essencial para a psicanálise.

Na relação especular se insere tudo o que possa ser pensado em termos de *ordem*, *hierarquia*, *partilha*, e por consequência a *troca*, o *transitivismo* e mesmo a *identificação*. Daí que importa a Lacan a imagem do corpo, o domínio motor do corpo, naquilo que ele se relaciona com o simbólico, a partir da relação narcísica, para destacar a relação perversa que na ligação anaclítica poder gerar o aparecimento da angústia, prenúncio da fobia. Fobia como placa giratória para a histeria e a neurose obsessiva, mas também na perversão. Pensar assim a fobia levará Lacan a expor a disjunção entre saber e poder. Para isso ele usará o pequeno Hans.

Para Lacan, estar envolto na linguagem significa apagar as diferenças sexuais, para reduzi-las ao nível dos significantes, dos quais o Um da identificação freudiana ao Pai é o significante primordial. Estar capturado pela linguagem implica em que tudo o que se refira a macho e fêmea, masculino e feminino seja ambíguo, que, no nível do sujeito, “não há reconhecimento

como tal do macho pela fêmea nem da fêmea pelo macho”. Lacan argumenta com o casal cujas identificações múltiplas, interesses superpostos, imiscuem-se em uma formação compósita, indiferenciada.

Colocadas assim as coisas a bom termo lacaniano da *igualdade* significante, resta ver como situar a função do falo. Na mulher, representa aquilo que falta, no homem, o gozo absoluto visto como enigma. *Significante faltoso*, porque não deixa vestígio na relação sexual. O gozo sexual, gozo por excelência, “não está no sistema do sujeito”. “Não há sujeito do gozo sexual.”, por ser impossível simbolizar o gozo. Mas no nível do sujeito o gozo é real, e o falo é o significante convencional que designa “o que é radicalmente foracluído do gozo sexual”. O Pai goza de todas as mulheres. O gozo é do Pai e não das mulheres, pois segundo Lacan o gozo feminino sempre permaneceu “em estado de enigma analítico”.

O que não é enigma para Lacan e tampouco o foi para Freud é a relação positiva do sujeito com o gozo sexual, do qual deriva o desejo de saber. Essa idéia é essencial em Freud: a relação entre a curiosidade sexual e a ordem do saber, ou seja, *a junção entre o a*, essencial real do sujeito como *falta-de-gozo*, e o campo do Outro, no qual se ordena o saber, desde que desse saber seja limpo o gozo. O campo do gozo, sempre proibido, não exclui o gozo sexual socialmente permitido.

Ao remeter à fobia do pequeno Hans e à brincadeira entre a girafa grande e a pequena, Lacan²³⁰ quer demonstrar a incompatibilidade entre a *homela* – mãe fálica – e sua redução, que Hans manifesta ao amarrotar a girafinha. Aí situa Lacan a relação entre o poder e o saber. O medo é o agente inaugurador do sintoma, no qual Hans estagnou, à medida que seu enunciado não foi o resultado satisfatório do complexo de castração: “não tenho pênis” e sim “não tenho pênis a título de símbolo”. Lacan traduz isso da seguinte forma: “não é o pênis que me qualifica como significante de minha virilidade.” Aí estaria de fato articulado o simbólico, na relação positivada entre a verdade e o saber.

É na forma como pai e mãe articulam para a criança o saber, o gozo e o objeto *a* que se constitui a escolha da neurose, que afinal não passa da escolha entre neurose e psicose. Lacan considera a especificidade da relação entre o saber e o gozo na história, referindo-se ao gozo

²³⁰ J. LACAN. *Seminário 16*.

epicurista, para de certa forma situar historicamente a psicanálise com a expansão do sistema capitalista, cujo excesso em termos da mais-valia ele assimilou para o seu *mais-de-gozar*. Esse capital em forma de saber continua de qualquer forma *apenso ao gozo*.

A relação do obsessivo com o saber – e aqui as questões de Lacan parecem interessar-nos mais de perto, são diametralmente opostas à relação da histérica com o saber. No seminário X ele deixa uma imagem bastante viva da relação do obsessivo com o significante:

O obsessivo, em seu modo tão particular de tratar o significante, isto é, de pô-lo em dúvida, de apagá-lo, de tritirá-lo, de esmieuçá-lo, ou seja, comportar-se com ele como Lady Macbeth com esta maldita marca de sangue, o obsessivo, por uma via sem saída sem dúvida, mas cujo objetivo não é duvidoso, opera justamente no sentido de encontrar sob o significante, o signo. Ttornar não acontecida a inscrição da história.²³¹

Lacan continua: “Isto se passa assim, mas não é seguro. Não é seguro porque é apenas devido ao significante que a história é um truque, no que tem razão o obsessivo, ele apreendeu algumas coisas, quer ir à origem, à etapa anterior, aquela do signo, que agora tentarei lhes fazer percorrer em sentido contrário.”

Como se passa para o obsessivo a relação entre o saber e o gozo?

Para Lacan, o gozo viril na conjunção carnal “é o que se oferece como natural”, na identificação mítica com o Pai simbólico. No gozo viril o homem é convocado na posição de ser o *mestre-senhor*. No entanto, é justamente essa posição que o obsessivo recusa, à medida que escolhe a verdade do saber, no que esse saber implica de relação com o gozo. O gozo para o obsessivo fica sempre subentendido em um “tratado com o Outro”, em que ele não fique devedor.

Com a histérica, o impasse é diferente. Ela recalca o gozo sexual, escolhendo ser o gozo do Pai, de modo que fique em segurança. Se ela recusa o gozo – e este é o seu limite –, é no mesmo nível que recusa o saber sobre esse gozo, “um saber que seria saber revestindo-se do

²³¹ *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2002, p. 71.

saber experimentado da relação sexual”. Aí se encontra o que Lacan considera uma saída para um “equilíbrio subjetivo”.

Limite que também se impõe o obsessivo, “pela sua contribuição para o que chamamos pensamento”.

A partir desses pressupostos, é possível a Lacan retornar a Freud e ao seu próprio *Seminário 7* para explicitar sua compreensão da sublimação sob duas vertentes no Seminário 16: a **abordagem à mulher** e a **criação de obras de arte**. A abordagem à mulher encontra seus primórdios na poesia cortês, que já discutimos bastante. Quanto ao fato de ela significar ou não o resultado de um passo a mais na libertação da mulher não importa neste momento. A poesia cortês, como uma arte viril para uma audiência viril tinha na Mulher – ideal, nenhuma especial – o pretexto para produzir uma arte e ao mesmo tempo permitir um jogo que atendia a uma necessidade específica dos guerreiros celibatários, uma casta de jovens privilegiada. Aconteceu que essa arte influenciou sobremaneira os poetas, de Dante e Petrarca a Thomas Antonio Gonzaga e Drummond. Beatriz, Laura e Marília não existem de fato – são Idéias que serviram à causa maior da civilização. Que Drummond desconstrói como “fulana” em seu poema, *O Mito*.

O que me leva a concluir que as duas vertentes da sublimação, expostas por Lacan²³² confluem em apenas uma: abordar a mulher é criar obras de arte, do ponto de vista da economia do gozo e do bem-estar na civilização. Homens sublimam, por meio da ciência, da arte e da literatura, parece-nos ser tudo o que até o momento a hipótese psicanalítica pôde afirmar.

A partir dessa idéia, poderemos vislumbrar possibilidades na capacidade sublimatória das mulheres, de uma perspectiva cultural-psicanalítica, nas teorizações de Kristeva e Chodorow em torno do complexo de Édipo.

²³² J. LACAN, 2008.

3.3. Verdades provisórias da ciência

Comentadores de Freud e Lacan têm prolongado a discussão sobre a sublimação, para trazê-la para a mesa das negociações femininas, uma vez que afinal as mulheres têm começado a oferecer contribuições importantes para a cultura. Afinal, isto é realmente intrigante: uma vez que a perspectiva lacaniana ‘apaga’ as diferenças sexuais por meio da operação significante, por que razão fica tão nitidamente recortada a relação entre saber e gozo nos – ele assim explicita – homens obsessivos e nas mulheres histéricas? Por que de um lado o “saber sobre o saber sexual” e de outro o “saber sobre o pensamento”?

Alguns artigos desses comentadores, muitos dos quais escritos por mulheres, sem abordar diretamente a tendência à sublimação feminina, tocam no tema freudiano que muitos consideram central, a saber a pulsão de crueldade, da agressividade, na linha de Melanie Klein. Em um dos trabalhos²³³, organizado em coletânea, a idéia é produzir ensaios psicanalíticos em torno de ficções criadas por mulheres em diferentes épocas nos gêneros nos quais sobressaem não o sentimental ou o edificante, mas o horror, o crime, o assassinato a sangue-frio, a autópsia, a intriga policial, o maléfico, o macabro, os *serial-killers*, as dilacerações, enfim, o “prazer de matar”.

De pronto, o título atrai e causa perplexidade: de que tipo de crueldade pode se tratar, uma vez que não é freqüente que as mulheres sejam associadas ao tema da crueldade ou que se interessem por tratar dele? De certo modo, a ficção ali tratada e os ensaios correspondentes parecem desejar exorcizar idéias pré-estabelecidas sobre a inadequação feminina a determinados temas, mas não só: sua inadequação psíquica e social para determinadas tarefas mesmo, como a dissecação de cadáveres, que já preocupava Michelet no século XIX. Também não é comum encontrar açougueiras trabalhando nos supermercados e açougues, a não ser muito excepcionalmente. Seria porque uma disposição psíquica especial não as predispõe ao contato da carne? Nojo? Tabu? Mito do sangue? Recalque? Desjeito para o *corte*?

De qualquer forma, a crueldade das damas do amor cortês ou das senhoras de escravos, ou os excessos das mulheres na Revolução Francesa, fazem pensar nas relações entre o saber e o poder na ordem da cultura – ao mesmo tempo que o saber sobre o saber sexual. Também na

²³³ S. MIJOLLA-MELLOR. *Crueldade no Feminino*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

produção literária, a questão não é saber se as mulheres produziram obras retratando a maldade e a violência em sua forma mais crua – isso os meios de massa vêm obtendo, por meio de espetáculos de morte excessivamente violentos mas estilizados, protagonizados por mulheres.

Kristeva²³⁴ enfrenta o problema da pulsão de “olhar-e-de-mostrar” e a pulsão de “crueldade”, lembrando que as mulheres psicanalistas como M. Klein e Helen Deutsch, e mesmo pesquisadoras modernas vêm insistindo no caráter específico dessa pulsão nas mulheres. A autora marca um certo distanciamento dessas posições, não para abolir a agressividade, mas incorporá-la na sua concepção do “Édipo biface”, na linha de Freud e Lacan.

Seu *Édipo primeiro* compreende na menina o período que vai do nascimento à fase “dita fálica”, de três a seis anos. Longe de ser o objeto passivo impregnado pelos “significantes enigmáticos” dos pais, a menina, pelo seu corpo cavernoso suscetível “às intrusões do adulto”, engaja o narcisismo pelo processo de “sedução-apassivação”, ao mesmo tempo que pelo masoquismo e ab-reações sádicas. Segundo Kristeva, sua excitabilidade clitoridiana de caráter variável “conforme os sujeitos” e supostamente inferior à peniana confronta-a com a necessidade de mobilizar sua libido para possuir ativamente seu objeto primário, a mãe sedutora. Desse modo é que uma grande atividade se manifesta, não pela atividade erétil “fortemente recoberta”, mas dominada pela “excitação orificial”, pela “participação erótica do corpo cavernoso oral-anal-vaginal no vínculo sensitivo com a mãe.”

De tal modo que “esse interior cavernoso, passivo-e-ativo da menina é acompanhado de um investimento narcísico ambivalente entre filha e mãe, que favorece muito cedo a psiquização do objeto”, fixando um objeto fora e um objeto dentro. Objeto fora, no vínculo com a mãe, misto de inveja e gratidão provindas da pulsão escópica e tornado objeto de necessidade, protótipo do parceiro ideal futuro. Objeto dentro, “como duplo sensível, doloroso de extático, um foro íntimo cruelmente impartilhável”, objeto externo introjetado “encurvado para o invisível, o inominável, o segredo amoroso”.

Já o Édipo segundo corresponde ao que cumpre a todo ser falante na instância simbólica do interdito e da lei. Apenas que o encontro com o pai, que Kristeva chama de *kaïros fálico*,

²³⁴ J. KRISTEVA. *Monstruosa Colette*. In: S. MIJOLLA-MELLOR. *Crueldade no Feminino*, 2005, p.21-36.

acontece com a menina de modo diferente, à medida que associa *a excitabilidade e a lei, a energia e o sentido*. A assunção fálica insere a menina na ordem da lei, fazendo dela um ser pensante e falante. No entanto, a assunção fálica não se faz à custa da identificação materna, mas na conservação dos “rastros indelévels” do Édipo primeiro, de uma sensorialidade homossexual polimorfa advinda de sua ligação com a mãe. De tal modo que a assunção fálica da menina se faz na ordem do “como se”, do ilusório, do jogo (*jogo, mas não faço parte, pois não o tenho*). Para Kristeva, a alternativa à posição da virago como posição fálica não deixa de se constituir para a mulher de uma “estranheza radical” e de uma “irreparável solidão”.

“A compulsão de constrangimento, o desdobramento afeto/representação, a apreensão do objeto e do outro assim como de si como outro, na trama das representações” comandam não só a neurose obsessiva e o ritual religioso, mas o funcionamento mesmo da linguagem e do pensamento, e especialmente da escrita. A sublimação então é compreendida como nada mais que a “erotização da própria representação”, “*que protege o objeto erótico stricto sensu, para melhor captá-lo no ‘crime de pensar-escrever-falar’*”²³⁵

Se é verdade, propõe a autora, que o obsessivo “criminaliza em excesso a atividade simbólica, e bem particularmente a escrita” – mais atrás eu mostrei a observação de Lacan sobre o modo como o obsessivo esmiúça e tritura o significante na busca sempre vã da origem e do apagar os traços –, também é verdade que a escrita (falar-pensamento-escrever), como atividade “criminosa para o inconsciente”, “absorve a crueldade da criança e se oferece como campo privilegiado de sua expressão”. Sem esquecer que a escrita gratifica psiquicamente, pois *desafia o tempo da gênese e da morte* e socialmente, através do *fetice simbólico, inscrito no prazer narcísico e fálico*.

Dessa forma a autora preparou o terreno, a partir da especificidade da sexualidade feminina, para concluir pelo acesso mais difícil da mulher ao crime de pensamento-falar-escrever. Por um lado, porque advém a necessidade do Édipo primeiro de conservar o objeto real externo materno – da identidade, da necessidade, do “resseguro narcísico” – e a preferência por captá-lo no *sensorial inominável*. Por outro, a “estranheza radical” feminina à ordem simbólica (fálica) “pode conduzir a escrita feminina na insignificância convencional, ou, ao contrário, na

²³⁵ Expressão que a autora empresta de Laplanche.

raiva destruidora da qual conhecemos os meandros incolores da poesia melancólica e, ao inverso, a explosão noir do romance policial.”

A saída para Kristeva é a ultrapassagem da dicotomia sexual pela polimorfismo dos sexos, pela via da “banalização da perversão”, imperativo da criação artística. Foi o que enunciou Lacan no seu Seminário 16, sem apontar saída para a escrita feminina, porque essa questão ali não estava em causa.

Aqui surge uma imensa dificuldade. A expectativa de Kristeva sobre a tendência à perversão polimorfa comum aos dois sexos, se não levar em conta a história das práticas culturais e das políticas de gênero, apenas perpetuará, de modo ainda mais inconsequente e insistente, como na compulsão à repetição, a banalização do significante convencional, não só na poesia melancólica e no seu oposto macabro, como também no caminho fácil e sempre inesgotável da expressão de si por meio do gênero confessional, seja no memorial histórico e literário valorizados como gêneros, seja na pseudo-memória assimilada às facilitações da literatura erótica ou sentimental.

O impasse psicanalítico para a escrita feminina não me parece indissociável do impasse produzido pela história da aculturação das mulheres. Ao contrário, a perspectiva de Kristeva só pode amparar-se nela, à medida que a dicotomia sexual a ser superada não passou para ela de uma “esperteza da história”. Quando se pensa no livro que atravessou séculos e que serviu de modelo de comportamento para gerações de meninas e moças e que ainda hoje encontram espaço nas bibliotecas das escolas públicas – *Os desastres de Sofia*, da condessa de Ségur²³⁶ – verdadeiro modelo literário que compõe a biblioteca rosa das moças, não é possível mais acreditar sem discussão em uma *perversão* natural.

Tal perversão e seu avesso foram dramaticamente construídos, depois de culturalmente projetados, por meio da pedagogia, no período histórico em que a segregação sexual apresentou sua dicotomia maior. Dicotomia que foi reafirmada, sacramentada, cientificamente legitimada pela única forma de saber-verdade que era possível produzir. É fato que a psicanálise revolucionou o pensamento, porque fez pensar sobre a verdade da ciência como

²³⁶ Título homônimo de um conto de Clarice Lispector, uma parábola sobre a escrita feminina. Quanto ao livro da condessa de Ségur, o nosso *best-seller* nacional prototípico é *Pollyana Menina* e *Pollyana Moça*, sucessivamente reeditado e evocado nas retrospectivas de leitura informais em cursos de formação de professoras.

nunca antes, mas por mais revolucionária que fosse – e Freud o foi – não poderia constituir-se acima e fora de tudo o que a ciência acumulou como verdades provisórias, a que o cientificismo conferia legitimidade em um momento histórico somente para desautorizá-las em outro, na dinâmica própria da ciência.

Estabelecendo Freud, Galileu e Marx como fundadores de cientificidade e discursividade, Foucault diferencia ambas, ao dizer que a instauração de discursividade, ainda que legítima e fecunda, “é heterogênea em relação às suas transformações ulteriores”, ao passo que no caso de uma cientificidade, “o ato que a funda está no mesmo plano com as suas transformações futuras”:

De fato, Galileu não tornou apenas possíveis todos os que, depois dele, vieram repetir as leis que ele tinha formulado, mas também possibilitou enunciados muito diferentes dos que ele mesmo havia produzido. Se Cuvier é o fundador da biologia ou Saussure o da lingüística, não é por terem sido imitados, nem porque o conceito de organismo ou de signo foi depois, aqui ou ali, retomado, mas porque Cuvier tornou em certa medida possível uma teoria da evolução que era, termo a termo, oposta ao seu próprio fixismo e porque Saussure tornou possível uma gramática generativa que é muito diferente das suas análises estruturais. Portanto, numa primeira abordagem, a instauração de discursividade parece ser do mesmo tipo da fundação de qualquer cientificidade. Porém, julgo haver, uma diferença, e uma diferença notória. É que no caso de uma cientificidade, o ato que a funda está no mesmo plano com as suas transformações futuras; faz de algum modo, parte do conjunto de modificações que ele torna possíveis (...) que pode aparecer no decurso de transformações ulteriores dessa ciência (...) Pode aparecer também como que maculado pela intuição e pela empiricidade (...) é preciso então formalizá-lo de novo (...) Finalmente, pode surgir como uma generalização prematura, que é necessário limitar e de que importa traçar o domínio restrito de validade. Por outras palavras, o ato de fundação de uma cientificidade pode sempre ser reintroduzido no interior da maquinaria das transformações que dele derivam.²³⁷

É o que faz da psicanálise uma ciência tão suscetível de revisão quanto qualquer outra. Não apenas a teoria de Kristeva, que aponta para uma perversão polimorfa no horizonte da sexualidade feminina, mas a visão cultural de Chodorow – que inscreve no complexo de Édipo uma associação indissociável ao fato da maternação – projetam para uma transformação das estruturas sociais pela via da transformação da estruturação do psiquismo.

²³⁷ M. FOUCAULT. *O que é um Autor*. Lisboa, Passagens Veja, 2006, p. 60-61.

Isso me leva a crer que se por um lado ainda hoje restam vestígios de um passado patriarcal, cujas imposições na ordem social e psíquica determinavam, na relação entre os sexos, condições de existência para as mulheres que em sua especificidade eram aceitas como *naturais*, tais como: a dependência econômica e sua subordinação total sob todos os aspectos em relação ao homem, a coexistência pacífica de um duplo padrão de moralidade, os estereótipos sexuais da virgindade, o grande número de filhos – cumpre notar que, com exceção do número de filhos, resquícios dessa herança ainda são encontrados em espaços específicos –, por outro lado, é perfeitamente lícito admitir que outras forças se impõem no sentido inverso de tais coerções, tendendo a torná-las menos prototípicas e mais contingentes.

É verdade que o discurso, quando se trata de desejos difusos de libertação e da proliferação de gozos na conformidade, andam sempre mais à frente do que os atos, mas não há dúvida de que ele produz ou desfaz sentimentos de vergonha, pudor, orgulho, constrangimento, que antes não existiam e que por força das transformações reais e das práticas discursivas começam a surgir. Uma ilustração disso é que dificilmente se ouve à luz do dia, proferido pelo pai ou pelo marido, o termo direto de proibição à filha ou à esposa do trabalho extradoméstico, nem tampouco se exerce com a mesma força a tentativa de inibição psicológica no outro de disposições para o estudo e o trabalho em tempo integral. Lembremos o caráter essencialmente parcial do tempo da dedicação feminina ao estudo, como correlato da idéia de um verniz cultural, da espera para o casamento. Essa idéia frutificou com um certo peso, incidindo inclusive sobre as escolhas de profissões mais “caseiras”, de algum modo vinculadas ao “cuidado”, como extensão da domesticidade. Casamentos ainda são obstáculo ao *estudo* em tempo integral “desinteressado” em seu caráter de exclusividade mais estimulante – mas não constituem obstáculo ao *trabalho* em tempo integral, indício de avanço, ainda que incipiente.

Se as razões dessa abertura para o mercado de trabalho são sobretudo de ordem econômica, sua importância não é menor, à medida que seu processo desencadeador tende a aglutinar elementos e desejos de emancipação que podem se tornar irreversíveis. Acredito que apenas em um contexto como esse o *desejo* feminino seja capaz de formular-se autenticamente como desejo. Ou seja: o trabalho não garante a expressão autêntica do desejo – daí o caráter “provisório” de muitos trabalhos, mas a expressão autêntica do desejo é incapaz de se

manifestar pela exclusão do trabalho, no qual o sujeito feminino transcende sua imanência, da qual a maternidade é apenas um aspecto.

É sob uma premissa transformadora – pela qual pais e mães contribuam socialmente na vida produtiva e partilhem a responsabilidade no cuidado com os filhos – que Chodorow²³⁸ propõe que a maternação pelas mulheres não seja um fato universal transcultural imutável, mas um produto histórico, determinado pela especificidade do desenvolvimento do capitalismo industrial que no Ocidente acarretou que o papel das mulheres na família se envolvesse cada vez mais com as relações pessoais e com a estabilidade psicológica. No entanto, a autora desconstrói os argumentos tradicionais de que as meninas sejam “preparadas” para as funções de maternação: identificação com funções femininas, aprendizado da maternidade, roupinhas cor de rosa, bonecas, não ficam sujinhas, desestímulo ao sucesso escolar, livros, revistas, cartazes, programas de televisão, estereótipos pelos quais elas se “identificariam” com suas mães – tudo isso ficaria em segundo plano, diante do fato de que as mulheres maternam porque *desejam* maternar.

Tanto é que a teoria psicanalítica pressupõe, na esfera da divisão do trabalho na família na qual as mulheres maternam, não somente o modo como os homens evoluem a partir de suas famílias e da participação na esfera pública, como também “como as mulheres amadurecem para terem capacidades e necessidades relacionais generalizadas”, de modo que homens e mulheres possam criar os tipos de relacionamento interpessoais que favoreçam a maternação das mulheres e sua permanência na esfera doméstica – mais propriamente na esfera da reprodução – de forma que continuem a maternar na geração seguinte.

Chodorow retrata um perfil de todo o estado da arte da teoria psicanalítica, inter-relacionando-a com investigações sociológicas e as teorias dos críticos psicanalíticos de Freud, dos psicanalistas da “escola cultural” e dos teóricos das relações objetais, que contribuíram de modo significativo para a sua teoria. Embora não seja meu objetivo neste trabalho, é importante anotar como esses teóricos salientaram os efeitos da desvalorização cultural e da opressão social sobre a baixa auto-estima das mulheres, a rejeição de sua feminilidade e os sintomas do *Penis-neid*. O que me atraiu sobretudo na tese da autora é a ênfase na fase pré-edípica e no papel da mãe e a relação com sua filha durante e depois do complexo de Édipo. A *mãe*, na teoria de Chodorow, graças ao acolhimento que Freud deu às

²³⁸ N. CHODOROW. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

teses de Lampl-de-Groot sobre a fase pré-edípica – recupera uma posição que a psicanálise tradicional não lhe havia reconhecido, limitando-se a culpabilizá-la, ou a examinar com um rigor impotente a eclosão de sua onipotência reativa. Se a antiga psicologia deplorava a mãe ausente, a nova psicanálise terminava por deplorar a mãe excessivamente presente, em seu forte laço com a criança.

Para a teoria psicanalítica, a função materna, e, em certa medida, a relação mãe-filho, é presumida como inevitável, necessária e *única*, uma vez que o relacionamento primário não é avaliado em um contexto histórico que pressuponha arranjos sociais específicos. Ao contrário, tende a reificar esses arranjos, ao assegurar que mulheres, como mães em geral biológicas, sejam responsáveis exclusivas pelo cuidado infantil, para o desenvolvimento básico do ego. Isso se deve ao fato de que os psicanalistas escolheram para discutir tipos de situações de crianças cuidadas por muitas pessoas e de carência materna: perda súbita da mãe à qual estavam apegadas; troca prematura da mãe cuidadora em situação de crise familiar (morte, acidente, hospitalização); crianças mal atendidas em instituições de enfeitados; enfermarias de guerra; centros de atendimento para filhos de mães prisioneiras; crianças em instituições onde não havia empenho em um cuidado constante a qualquer criança. Por outro lado, um número impressionante de casos relatados na literatura psicanalítica menciona a babá que cuidou da criança em questão na infância – o que não é percebido como fator de anormalidade ou de exceção, tampouco como dado controverso ou variável digna de investigação.

De qualquer modo, não há conclusões decisivas do ponto de vista psicanalítico que amparem qualquer certeza sobre a necessidade de um vínculo primário exclusivo ou de o cuidado infantil ser feito por uma ou por poucas pessoas, conforme estudos de Bowlby²³⁹ e Caldwell²⁴⁰, Michael Rutter²⁴¹ e Rudolph Schaffer²⁴². No entanto, é importante lembrar com a autora que a inclinação de teorias opostas também é um produto histórico. As teorias que argumentam pelo vínculo exclusivo com a mãe observaram o cuidado emocional insuficiente

²³⁹ Jonh BOWLBY, 1951. *Maternal Care and Mental Health*. New York, Schocken Books, 1966; 1969, *Attachment and Loss*, Volume 1: Attachment. London, Penguin Books, 1971, apud N. CHODOROW, 2002.

²⁴⁰ Bettye CALDWELL; Leonard HERSHER; Earl L. LIPTON, et al., 1963, *Mother-Infant Interaction in Monomatric and Polymatric Families*. American Journal of Orthopsychiatry, 33, pp. 653-664, apud N. CHODOROW, 2002.

²⁴¹ Michael RUTTER. *Maternal Deprivation Reassessed*. Baltimore Penguin Books, 1972, apud N. CHODOROW, 2002.

²⁴² H. Rudolph SCHAFFER. *The Growth of Sociability*. Baltimore: Penguin Books, 1971; *Mothering*. Cambridge, Harvard University Press, 1977; Peggy E. EMERSON, *The development of social attachments in infancy*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 29, 3, 1964, apud N. CHODOROW, 2002.

que crianças receberam em instituições severas como períodos entre e durante guerras. Ao passo que discursos de defesa da qualidade do cuidado, não necessariamente pela mãe biológica, ligam-se por sua vez a necessidades das mulheres na força de trabalho e da pressão do movimento de mulheres.

O psiquiatra infantil Michael Rutter e o psicólogo Rudolph Schaffer reúnem estudos que avaliam variações no cuidado infantil. Quando uma pessoa principal no cuidado infantil divide seus deveres com um pequeno mas estável número de mães sucedâneas (quando ela sai para trabalhar, por exemplo), quando há responsabilidade compartilhada no cuidado infantil, com elevado grau de continuidade (como nas creches de Israel), quando as sociedades possuem famílias extensas e dividem o cuidado das crianças, não há prova alguma de que as crianças sofram com esses dispositivos. Onde as crianças de fato sofrem é no caso de cuidados múltiplos associados com súbita separação de quem lhes prestou os cuidados primários, crise na família ou ruptura em sua vida, inadequada interação com os cuidadores que de fato elas têm, ou com tantos cuidadores que a criança não pode formar um vínculo crescente e constante com um pequeno número de pessoas. De fato, estes são os cenários nos quais o argumento psicanalítico foi elaborado. Afirma Schaffer: “Nada há, podemos concluir, que indique qualquer necessidade de um vínculo primário exclusivo, nada que sugira que a maternação não possa ser dividida por várias pessoas²⁴³”.

Se não há evidência clínica para demonstrar que a maternação exclusiva seja melhor para as crianças, não há dúvida de que essa maternação exclusiva é “boa para a sociedade”, contribuindo para *a intercambialidade e mobilidade das famílias, cuja utilidade Parsons e Goode²⁴⁴ relataram, facilitando a nuclearização e o isolamento do lar, tal como a crença de que a comunidade política ou a sociedade não têm qualquer responsabilidade pelo cuidado infantil*. Em pesquisa recente, constatei que países como a Inglaterra e suas políticas de educação básica e de cuidado infantil retificaram de modo radical a idéia da maternidade exclusiva²⁴⁵, instituindo políticas de redução da idade para o ingresso nas creches. Quando necessário, ocorre o acompanhamento da reinserção dos pais no mercado de trabalho, integrando-os desse modo à comunidade escolar e fazendo-os ambos co-partícipes na responsabilidade pelos cuidados com os filhos. Com essa idéia, os berçários – “nurseries” – com horários flexíveis e extensíveis contemplam as necessidades profissionais de pais e mães.

²⁴³ N. CHODOROW, 2002.

²⁴⁴ William J. GOODE. *World Revolution and Family Patterns*. New York: Free Press, 1963. PARSONS; TALCOTT; Robert F. BALES. *Family, Socialization and Interaction Process*. New York: Free Press, 1955.

²⁴⁵ Department for Education and Skills: Five year strategy for children and learners. July 2004.

Outro aspecto que realça a “falsa universalidade” do argumento da maternação exclusiva pela mãe é que *os psicanalistas quase nunca observam* e tampouco levam em consideração, em suas análises, *as variações e diferenças no cuidado infantil por uma só pessoa*, as quais seguramente têm efeitos que, a autora insiste, *não foram tratados suficientemente na teoria psicanalítica*: crianças carregadas ao quadril, nas costas, no peito, por faixa amoldada ao corpo da mãe, ou diretamente unida ao seu corpo, crianças enfaixadas ou não, deixadas num gradeado ou berço com grades a não ser pelo breve período da amamentação, crianças que podem dormir sozinhas ou com a mãe e o pai, que podem ser desmamadas aos seis meses, justo quando começam a perceber cognitivamente a diferença entre elas e o exterior, ou mais tarde, dos dois aos cinco anos, quando podem andar e falar.

Desse modo, o *arranjo industrial tipicamente Ocidental* pelo qual as crianças são deixadas em gradeados, a não ser nos curtos períodos necessários aos cuidados de limpeza e nutrição, e são ao mesmo tempo desmamadas cada vez mais cedo, *fornece relativamente pouco contato com as pessoas que cuidam delas no espectro societal mundial. Numa estrutura comparativa, não é a extrema constância do cuidado que os psicanalistas presumem.* (...) No entanto, tais objeções não invalidam a explicação psicanalítica, *mas mostram como interpretá-la.*²⁴⁶

Se a recriação da experiência original da gravidez com a mãe é o que remete às futuras experiências amorosas – como está em Freud e em toda a vasta literatura do retorno à mãe e ao objeto e ao tempo perdido, cuja exemplaridade maior pode ser vista em Proust –, Alice Balint²⁴⁷ também vê nas relações de amor do adulto *um esforço para recriar a Intimidade e fusão primárias*. Entretanto, esse desejo de recriação apresenta contornos no mínimo ambivalentes. Autores como Mead, Slater e Goethals²⁴⁸ destacam todos os inconvenientes da maternação exclusiva, produzida por nossa cultura, justamente no subsequente relacionamento a dois: a maternidade exclusiva pressupõe uma demanda de relacionamentos

²⁴⁶ N. CHODOROW, p. 104.

²⁴⁷ Alice BALINT, 1939, *Love for the Mother and Mother-Love*, p. 91-108, in Michael Balint, ed. *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. New York, Liveright Publishing, 1965. _____, 1954, *The Early Years of Life: A Psychoanalytic Study*. New York: Basic Books, apud N. CHODOROW, 2002.

²⁴⁸ M. MEAD, 1954, *Some Theoretical Considerations on the Problem of Mother-Child Separation*. American Journal of Orthopsychiatry, 24, pp. 471-483; _____, 1962, *A Cultural Anthropologist's Approach to Maternal Deprivation*, pp. 237-254, in 1966 *Maternal Care and Mental Health/Deprivation of Maternal Care*. New York: Schocken Books; Philip E. SLATER, 1970, *The Pursuit of Loneliness*. Boston: Beacon Press; _____, 1974, *Earthwalk*, New York: Bantam Books; George W. GOETHALS, 1974, *Mother-Infant Attachment and Premarital Behaviour: The Contact Hypothesis*, unpublished paper delivered, Grand Rounds, Harvard Medical School, Department of Psychology, apud N. CHODOROW, 2002, p. 284.

intensamente monogâmicos, potencialmente ciumentos e temerosos ante possibilidade de perda; ou, no extremo oposto, implica em relacionamentos negados totalmente por uma inconstância sistemática e uma recusa de comprometer-se compulsivas.

No capítulo seguinte, analisaremos o *Penis-neid* sob o aspecto de sua representatividade no nível simbólico e sua importância para a garotinha desejá-lo para reassegurar-se do amor de sua mãe. Na ausência de um modelo protótipo feminino para uma análise psicanalítica detalhada como a o do pequeno Hans, procuro oferecer algumas evidências textuais de um excesso paterno pouco enfatizado pela psicanálise, que a interpretação lacaniana permite observar.

3.4. Os três pais de Hans

Que as mulheres maternem e os homens não, as crianças vêm a entendê-lo *depois* que o gênero começa a ter importância. Isso implica que a maternação precoce das mulheres cria nas meninas e nos meninos atitudes ou expectativas específicas, conscientes e inconscientes, relativas a *capacidades peculiares das mulheres para o sacrifício, cuidado e maternação, e associam as mulheres com seus próprios receios de regressão e inanidade. Fantasiam mais sobre homens e os associam com virtudes e crescimento idealizados.*²⁴⁹

A resolução do complexo edípico feminino comporta de fato uma dificuldade intrínseca, que Freud não previu em seus primeiros escritos mas reconheceu em seus escritos finais sobre a sexualidade feminina. Lacan em seu Seminário 4²⁵⁰ retoma o tema apontando a *simplicidade* do complexo na menina. É certo que ele reconhece tal simplicidade sob o pressuposto de que o complexo é androcêntrico: “Essa maior simplicidade não deve evidentemente nos espantar, na medida em que o Édipo é essencialmente androcêntrico ou patrocêntrico.”²⁵¹ Desse modo, a *ordenação simbólica* do Édipo destina à mulher o pai objeto de amor e o pai procriador, daí que para Lacan “só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim a ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança.”²⁵²

No entanto, Lacan reconhece o caráter dramático do desenvolvimento feminino: “Não digo que não possa haver muito mais aí, e com isso todas as anomalias que se possam produzir no desenvolvimento da sexualidade feminina”²⁵³. Talvez deixe de abordá-lo porque fazê-lo seria seguramente assimilar à teoria já em si complexa uma complexidade a mais. Chodorow²⁵⁴ introduzirá em sua análise do Édipo a fixação pré-edípica prolongada que a maternação exclusiva impõe e o componente relacional da menina com a mãe, a meu ver essencial para a análise da sexualidade, da formação do superego e da sublimação das mulheres.

²⁴⁹ N.CHODOROW. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002, p.

²⁵⁰ J. LACAN. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

²⁵¹ Ibid., p. 207.

²⁵² Ibid., p. 207.

²⁵³ Ibid., p. 207.

²⁵⁴ N. CHODOROW, 2002.

De fato, a diferença sexual é um grande complicador a ser inserido em três grandes sistemas estruturais que nunca a haviam pensado, porque até então não fora necessário, até pela ausência prática das mulheres: o primeiro deles foi a *educação*, outro é o mundo do *trabalho*, o terceiro será o da *criação intelectual e artística* – sem dúvida o mais problemático, tanto pelo efeito da contingência temporal dos pressupostos históricos da *cultura* como pelo peso do significado atemporal das premissas teóricas da *psicanálise*. O grande perigo que o discurso intelectual já produziu sobre as diferenças nem se encontra mais em uma nem em outra, mas nos efeitos da crença que ambas já produziram. A força de tal crença pode provir do viés ilógico mas reconfortante para a verdade da ciência de que a última *naturaliza* as diferenças *produzidas* pela primeira. A ciência fica à mercê desta verdade enfiada goela adentro do senso comum, que já a assimilou francamente, apontando por palavras e por atos o caminho *adequado* para filhos e filhas.

Quando Lacan²⁵⁵ se apóia em Freud, cuja descoberta segundo ele mostra a mulher em posição subordinada – resultado *natural* de uma ordenação simbólica – e reserva para ela destinos como “a renúncia ao falo e a prevalência da relação narcísica”, a “espera”, “uma dependência muito particular”, “o (fato de) ser mais intolerante a uma certa frustração”, a demanda de um “ideal monogâmico”, Lacan aponta claramente para uma formação de um superego diferenciado por sexos. Aqui ele segue muito de perto Freud na formação de juízos sobre a mulher: menos senso de justiça, dominada por ciúmes e pudor, fútil, incapaz de se submeter às exigências da vida, incapaz de contribuir de alguma forma para a civilização. Até que ponto essas afirmações não adviriam de observações e escutas contextualizadas, localizadas?

Que os efeitos de uma tal leitura reforcem ou desestabilizem as crenças que eles mesmos produzem e reforçam é um dado a interrogar. Outro fato a interrogar é sobre a legitimidade intelectual das bases sobre as quais a teoria que presume a superioridade intelectual do superego masculino se assenta. O desenvolvimento de um superego mais relacional e dependente, em contraste com um superego mais ativo e mais forte, explicaria de maneira definitiva, sem a mediação da cultura, o desempenho por sexos na última Olimpíada de Matemática, na qual participaram alunos das escolas públicas?

²⁵⁵ *O Seminário, Livro 4*, 1995, p. 218.

Partindo-se da premissa de que todas as avaliações oficiais em português e matemática indicam a prevalência de melhor desempenho respectivamente nas meninas e nos meninos, como poderíamos analisar os dados da Olimpíada de Matemática, que apontam uma variação decrescente relativamente às meninas, nos finais dos três ciclos escolares: 40% das meninas se saíram bem ao final da 5ª /6ª séries, decrescendo no estágio intermediário, atingindo 10% ao final do ensino médio? Como ler esses números e ler ao mesmo tempo o recalque discursivo que sua própria forma de divulgação tende a obscurecer ou confundir?

O ponto de vista editorial coloca em título destacado:²⁵⁶ “Matemática já não é mais especialidade só de meninos”. Um subtítulo: “Dados do Saeb mostram que distância diminuiu em todas as séries analisadas.” Uma foto mostra uma jovem de 14 anos mostrando suas medalhas. Um quadro relata um breve histórico escolar da menina e seu interesse genuíno pela matemática. Uma citação destaca: “Tenho muitas amigas que também gostam de matemática. Acho que isso vai de cada um, independe de ser homem ou mulher.” Abaixo, um quadro demonstrativo das variações de desempenho no período 1995-2007. E, finalmente, ocupando um sexto da página em seu canto inferior, um novo título para um diminuto texto, que disputa a atenção do leitor com um anúncio pequeno, que quebra 80% da terceira coluna do texto, e à direita, com o dobro do espaço dedicado ao texto, o enorme anúncio de cadernos ‘Jump’ para os meninos em ação e cadernos ‘Rosa’ com estampa de frutinhas coloridas para as meninas, ofertas do Superatacado Makro: “Diferenças a favor dos meninos cresce nos últimos anos de estudo, diz especialista.” Nesse diminuto quadrado diluído no espaço inferior esquerdo da página é que contém a informação sobre os índices decrescentes do sucesso das meninas, à medida que avança sua escolaridade: 40% dos vencedores da Olimpíada de Matemática na 5ª e na 6ª séries são mulheres; no nível seguinte, 20% e no ensino médio, “mal chega a 10%”. “Se há meninas talentosas em matemática na 5ª série, onde elas vão parar depois? O talento não acaba, o que me leva a concluir que elas são direcionadas para outras áreas”, afirma a especialista Suely Druck, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Matemática.

É possível que migrem para outras áreas, como é possível que o resultado desastroso as desencoraje ainda mais. Várias hipóteses podem ser examinadas, sem que se possa descartar a hipótese de que a total dissimetria sexual estabelece papéis e neles inscreve funções, posições,

²⁵⁶ *Matemática já não é mais especialidade só de menino*. Folha de São Paulo, São Paulo, 04 jan. 2009. Caderno Cotidiano, p. C1.

disposições, inclinações, dons. As funções de maternação (cuidados em casa e em instituições), as funções artísticas (de interpretação, de imitação, de reiteração, quase nunca de composição), as funções intelectuais (áreas específicas do romance, jornalismo, magistério e tradução) tornam-se muitas vezes indistintas – porque não decorreu o tempo cronológico necessário para um processo mais nítido de diferenciação.

Há um componente no complexo de Édipo, analisado por Chodorow, que impele gerações de mulheres à maternação exclusiva. Entendo que essa maternação exclusiva, mesmo que gradativamente reduzida a tempos parciais, exerce seus efeitos sobre as formas específicas de sublimação cultural das mulheres. A autora estuda em detalhes os efeitos, do ponto de vista do complexo de Édipo, dessa tautologia apenas aparente: o fato de que meninas e meninos sejam maternados²⁵⁷ por mulheres.

Foi sobretudo para tentar compreender sem a atribuição de juízos de valor o funcionamento diferente do complexo edípico em meninos e meninas e na formação diferenciada de superegos que Chodorow propôs uma reformulação na teoria psicanalítica do ponto de vista da compreensão do desenvolvimento das relações objetais, observando que poucos analistas possam sustentar atualmente que o complexo de Édipo seja o *núcleo* da neurose, embora contribua com sua *forma* final. Se de um lado a formação do superego constitui um processo inconsciente, a identificação com um dos pais é claramente consciente, o que implica na consequência de que o menino abandona sua mãe para evitar punição, identifica-se com seu pai de quem receberá os benefícios de dar por sua vez o castigo, ser masculino e superior, e prover-se ao mesmo tempo do proverbial desprezo masculino pelas mulheres. Já a menina identifica-se à mãe em sua inferioridade feminina comum, em sua condição heterossexual e em seu futuro papel materno. O complexo de castração e o complexo edípico prevêm a distribuição de papéis, mas – e aqui é possível refutar a primazia inata freudiana e lacaniana da macheza e da masculinidade – tendo como pré-requisito o desenvolvimento da identidade de gênero:

Para que uma menina tenha a experiência edípica que supostamente tem, ela teria que saber seu próprio gênero (e diferenças de gênero) para conectar-se com sua mãe, ser vulnerável a diferenças em morfologia sexual, e pensar que essas coisas

²⁵⁷ Poderíamos pensar na simultaneidade dos cuidados na esfera doméstica e na educação na esfera escolar. Esta só é afetada, a meu ver, pelas consequências da primeira, ou seja, da maternação exclusiva.

importam. De fato, o que ocorre para ambos os sexos durante o período edípico é um produto desse conhecimento sobre gênero e sua significação social e familiar, e não o contrário (como as teorias psicanalíticas afirmam)²⁵⁸.

Lacan ilustra a formação diferenciada do superego produzida a partir de tal arranjo edípico, através de uma espécie de chiste ingênuo-tendencioso de Freud: “Freud ilustra o ingênuo com a história das crianças que reúnem à noite um grande número de adultos, prometendo apresentar-lhes uma pequena representação teatral. O palco começa a se agitar. Os jovens autores ou atores, diz Freud, contam a história de um marido e uma mulher que estão na mais profunda miséria: tentam sair dessa situação, o marido parte para regiões distantes, e volta tendo realizado imensas explorações e carregado de numerosas riquezas. Fala de sua prosperidade diante de sua mulher. Esta o escuta, abre uma cortina ao fundo do cenário e lhe diz: - *Veja, eu também trabalhei bastante enquanto você esteve fora*. E vêem-se, ao fundo, dez bonecas enfileiradas.”²⁵⁹

Há sempre a necessidade de um terceiro para que o chiste funcione, lembra Lacan repetindo Freud. É possível reafirmá-lo, na esteira de Freud, com a forma especial de chiste tendencioso que compõe o *smut*, que apenas produz efeitos na abordagem às mulheres, uma vez que funciona como um apelo sexual. Na possibilidade do fracasso, há sempre a convocação de um terceiro, que testemunha o vilipêndio. As retaliações de Rabelais às damas que “se recusam” são exemplares dessa humilhação pública. O terceiro, então, como testemunha, é a reserva operatória caso o chiste não funcione como via de transmissão efetiva do apelo sexual, e a mulher se recuse em um primeiro momento ao desnudamento psíquico e adie a consumação do ato. Nesse caso o terceiro é convocado a rir-se libidinalmente da injúria que o primeiro faz reativar na ‘vítima’. O gozo da palavra substitui, na terceira personagem, restituindo-o ao primeiro, o gozo sexual – à revelia da segunda. A técnica do *smut* apenas é passível de aplicar-se na suposição da modéstia e da inflexibilidade da mulher e da sua não aquiescência imediata. Freud diferencia no alvo desse chiste obsceno duas categorias de mulheres: as da classe alta, que fazem *interromper* o *smut*, e as da classe baixa, camponesa ou garçone, por exemplo, que fazem *desencadeá-lo*.

²⁵⁸ N. CHODOROW, 2002, p. 193.

²⁵⁹ J. LACAN, *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 299.

Aqui voltamos novamente nossa atenção a Bataille e a Lacan, para reuni-los na tese do desejo perverso originado em Freud, desta vez em termos lacanianos: “Pois o pudor é ambiceptivo das conjunturas do ser: entre dois, o despudor de um constitui por si só a violação do pudor do outro.”²⁶⁰ A mediação do *smut* na consumação do ato sexual a partir do desejo perverso corresponde àquilo que gradativamente se transformou nas artes de cortejar da poesia cortês, quando os homens-poetas *cantam* as mulheres para os outros homens.

Quando Freud lembra que o *smut* dispensa as técnicas mais elaboradas do chiste (deslocamento e condensação, entre outras), direcionando a agressividade verbal-sexual sem qualquer sutileza, no apelo diretamente obsceno, é preciso além disso lembrar que à medida que existe um terceiro, e o primeiro é *espirituoso* o suficiente para suportar a espera e o jogo da palavra, ele não faz uso do recurso verbal em vão. A réplica feminina sempre poderá acontecer, de forma certa, positiva ou negativa, excitada ou inibida, rude ou galhofeira. Há um riso imperdível nisso tudo, que Rabelais bem percebeu. Desde que haja linguagem, o *smut* é sempre prelúdio do ato, venha ele a ser realizado ou não. E produz prazer por si mesmo.

Freud diferencia a indecência dirigida sem disfarces por homens rudes a mulheres de condição inferior e o *smut* transformado em chiste – única forma que pode ser tolerado – nas sociedades mais refinadas. Seria mais exato diferenciar não especificamente classes sociais, mas sociedades representativas de épocas sobre as quais as coerções sobre a linguagem e os comportamentos são mais pesadas e os costumes são mais reprimidos. Elias²⁶¹ demonstra que há liberdade de linguagem e de costumes na corte de Luís XIV – o romance “Astréia” de Honoré d’Urfé nostalgicamente tenta ‘recuperar’ a modéstia e o bucolismo dos pastores e pastoras (nobres mais modestos), introduzindo, para contrapor à sensualidade e à liberalidade da corte, o ideal romântico que depois Rousseau irá reforçar com o retorno à natureza.

Portanto, não há razão para concluir pelo refinamento sexual da nobreza ou das classes mais ‘refinadas’ ou ‘civilizadas’ – o que Sade comprova. No entanto, Sade é exceção, talvez a maior exceção capaz de confirmar a regra máxima freudiana do princípio do prazer: Sade não tem prazer porque não brinca nem com o sexo nem com as palavras. A máquina de gozo sadiana faz outro uso das palavras, como puro significante de saber. Exatamente o avesso do

²⁶⁰ J. LACAN. *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 783.

²⁶¹ ELIAS, N. *A Sociedade de Corte*, 2001.

smut, pronunciado na direção da abordagem, que convoca ao ato, ou à recusa, e que reage a ela, mas que se torna decididamente *palavra* – signo maior da civilização.

Considero o *smut* uma forma de abordagem à mulher que encontra equivalência, ou antes, uma correspondência antitética, na abordagem da mulher através da poesia cortês, uma das vertentes da sublimação apontadas por Lacan.²⁶² Ao reexaminarmos funcionalmente a ética cortês, seu valor reside não no que cumpriu, mas no que prometeu para uma poética do relacionamento. Convém interrogar se isso serviu a algo mais do que reduzir a magnitude da coerção de um sexo pelo outro. De qualquer forma, a poesia cortês instituiu – seja no culto à Igreja do Amor, seja a qualquer Ideal platônico – um valor simbólico na palavra poética que o homem aprendeu a dirigir à *Mulher*, e a *mulher* entendeu ser dirigida a ela – palavra cuja expressão o investia de poder e o distinguia (e não a ela), em meio aos outros homens que não sabiam dizê-lo da mesma forma e com o mesmo acento viril.

O engodo amoroso impediu desde sempre a mulher de entender que era *o falo* que desejava – no sentido mais *biológico* e mais *cultural* que esta palavra possa expressar no centro e no para-além da concepção lacaniana. Sem entender que era o falo, o cetro, que desejava, quando nada mais podia saber do seu desejo e do seu desejo de saber, passou a demandar, junto com o pão, o amor.

Lacan se aproxima bastante da visão do saber como sexo-poder e seu reflexo no mundo da cultura e da política, quando situa a função significante do falo imaginário. Invoca o argumento biológico, para desmenti-lo: “Alguns se extenuam afirmando que a criança feminina também deve ter suas pequenas sensações próprias em seu ventre (...) mas a questão não está aí em absoluto”²⁶³ e substitui-lo pela primazia fálica: “O falo imaginário é o pivô de toda uma série de fatos que exigem seu postulado. (...) (É) na medida em que o falo imaginário desempenha um papel significante principal que a situação se apresenta dessa forma”²⁶⁴

Depois de dizer que a primazia do significante fálico foi descoberta na análise, há uma retomada do argumento histórico-social da troca de mulheres no trabalho etnológico de Lévi-

²⁶² J. LACAN. *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 194.

²⁶³ *O Seminário, Livro 4*, p. 194..

²⁶⁴ Ibid.

Strauss, *As Estruturas Elementares do Parentesco*: “Isto é um fato, as mulheres são trocadas como objetos entre as linhagens masculinas. Entram nelas através de uma troca, a do falo que elas recebem simbolicamente, em troca do que elas dão essa criança que assume, para elas, função de Ersatz, de substituto, de equivalente do falo, e pelo que elas introduzem na genealogia simbólica patrocêntrica, em si mesma estéril, a fecundidade natural.”²⁶⁵

Depois de concordar com Freud que para a mulher é muito mais difícil do que para o rapaz conciliar a realidade de sua fisiologia com a dialética do desejo de um modo satisfatório para ela, Lacan conclui que a mulher *precisa passar* por algo diante do que se comporta totalmente diferentemente do homem, *com o qual se relaciona pelo que lhe falta, isto é, o falo*²⁶⁶.

Falo que falta à mãe, e por isso ela o deseja, portanto será necessário que alguma coisa lho proporcione para que desse modo ela possa ficar satisfeita: o falo-bebê, que faz com que a falta em uma mulher não se trate de uma falta real, já que todas as mulheres podem ter o falo, e produzi-lo, se gerarem meninos, *‘falóforos’*: “Dei um menino, quero receber o homem”²⁶⁷, é a equação invertida que Lacan propõe a Lévi-Strauss, no sonho delirante de um impossível matriarcado que virasse pelo avesso a ordem das coisas. Não há escapatória, responde-lhe Lévi-Strauss: “Em todos os casos, mesmo nas sociedades matriarcais, o poder político é androcêntrico. Ele é representado por homens e por linhagens masculinas. (...). Os desvios, as exceções são explicáveis apenas fora da lei do parentesco, a qual por sua vez está ligada ao contexto político, isto é, à ordem do poder, e muito precisamente à ordem do significante, onde cetro e falo se confundem.”²⁶⁸ Lacan deseja assim realçar a transcendência da ordem simbólica sobre o desenvolvimento individual e demonstrar a importância que o fato de ter ou não o falo, imaginário ou simbolizado, exerce sobre a economia do complexo edípico e do complexo de castração, nas fantasias da mãe fálica.

A redução generalizada do *desejo* ao falo, a tê-lo ou não tê-lo, a sê-lo ou não sê-lo, a imaginarizá-lo ou simbolizá-lo, de certo modo afasta ou adia, como ainda minimiza questões concretas colocadas por Freud relativamente ao *Penis-neid* e continuada por outros teóricos. Mulheres desejam o falo, ou invejam o pênis – não *narcisicamente*, como seu próprio órgão sexual, mas *libidinalmente*, para satisfação sexual, opinião defendida por Horney, Jones e

²⁶⁵ *O Seminário, Livro 4*, p. 156.

²⁶⁶ *Ibid.*, p. 194.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 195.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 195.

Klein. Para os dois últimos, a heterossexualidade é um acontecimento natural, originado de uma consciência primária da vagina, da transição de uma catexia oral frustrada do peito da mãe para o pênis do pai. O complexo edípico na menina far-se-ia por impulsos heterossexuais femininos *inatos*, na crença de que o pai satisfaria impulsos suscitados pela frustração oral materna. A inveja narcísica do pênis viria como consequência e fuga defensiva dos desejos edípicos manifestos e o temor das consequências: retaliação materna (Klein), extinção da sexualidade (Jones) ou ruptura interna pela penetração (Horney). Chodorow critica essas interpretações do complexo edípico por não se basearem em experiência clínica, e ao mesmo tempo por reforçarem hipóteses biológicas.

As meninas revelam inveja do pênis e podem reprimir o conhecimento de sua vagina porque não podem de outro modo dominar sua mãe heterossexual: por causa de desejos exibicionistas; porque o pênis simboliza independência de sua mãe poderosa; como defesa contra fantasias de agir com desejos sexuais com vistas ao pai, ansiedade e possível consequência disso; porque receberam comunicação consciente ou inconsciente de seus pais de que os pênis (ou ser macho) são melhores, ou perceberam o conflito materno sobre os órgãos genitais da mãe; e porque o pênis simboliza os privilégios do pai e dos homens em geral. A única explicação psicanalítica da origem da inveja do pênis que parece inconcebível é a declaração original de Freud de que a menina ‘faz seu julgamento e sua decisão num relance’ – que tão logo ela sabe de diferenças sexuais em relação a ela, ela quer um pênis²⁶⁹.

De fato, o tamanho e a intensidade de uma lesão narcísica que uma mãe onipotente pode ocasionar em sua filha não é de modo algum negligenciável. A onipotência da mãe pode perpetuar o amor primário e a identificação primária em sua filha, ao mesmo tempo que pode criar uma fronteira e uma relação de amor anaclítica e diferenciada com seu filho, a quem provavelmente concederá maior independência. A menina recorrerá ao pai como a pessoa disponível que poderá ajudá-la a libertar-se de sua mãe. Ao tentar livrar-se da onipotência e buscar a perfeição, o menino conta com sua masculinidade e a posse do pênis. A mãe do menino, por viver em uma sociedade machista em que o marido não está tão presente, catexiza o filho heterossexualmente, tal como Freud o prevê em sua teoria, o que, em tese, permite ao menino compensar de modo satisfatório sua lesão narcísica e simbolizar por meio de suas insígnias viris sua independência e separabilidade.

²⁶⁹ N. CHODOROW, 2002.

Ao passo que a filha não tem algo diferente e desejável para opor-se à onipotência materna, além do fato de que a mãe não a catexiza da mesma forma que o filho. Ela não é um outro sexual, mas parte de um eu definido narcísicamente. Uma das reações da menina será o *Penis-neid*, ou mesmo o desejo do pênis – em um impulso dual narcísico e libidinal. Os danos narcísicos e o ódio produzido pela onipotência materna resultam de sua história pré-edípica e da especificidade psico-dinâmica que fazem com que o pênis e a masculinidade sejam importantes para a menina. Não possuindo o pênis, nada há que mostrar à mãe que esta já não possua, nenhuma virtude narcísica com que possa “mostrar a ela” sua independência.

Nesse sentido, o pênis não significa uma “reivindicação de virilidade” em si mesma, mas uma revolta contra a pessoa que lhe causou a lesão narcísica, ou seja, sua mãe onipotente. O sentido metafórico do *Penis-neid* fica então evidenciado: o pênis e o falo representam como símbolo o poder e a onipotência, quer existam como um órgão (como o possui o macho), quer como objeto sexual (como a mãe possui o do pai). Portanto, a menina o quer pelos poderes e pela emancipação que simboliza, e não porque seja inerentemente, intrinsecamente melhor ser masculino – daí que *a inveja do pênis seja a expressão simbólica de um outro desejo*,²⁷⁰ ou seja, do desejo da menina de libertar-se de sua mãe.

Lacan remete em seu seminário sobre a relação de objeto à mãe devoradora, insaciável, representada pela imagem de sua boca escancarada na fantasia infantil de ser devorado, origem da fobia pelo cavalo ‘mordedor’, na interpretação que faz do pequeno Hans. Este se liberta de sua fobia e ao mesmo tempo da onipotência materna ao sentar-se sobre o papel amassado com o desenho da girafa representando a mãe. Lacan situa aí a passagem do Imaginário ao Simbólico. A afirmação de Lacan de que a onipotência da mãe insaciável produz no filho uma lesão narcísica pelo tamanho reduzido do pênis que lhe pode oferecer (como algo “miserável”) parece-me refutável, pelas razões apontadas há pouco, quando falávamos da lesão narcísica incontornável na menina. Ele invoca o argumento de Horney para a insignificância peniana do menino, mas quando pensamos em Rabelais e em toda a corte de Luís XIII, produzindo lacinhos e risinhos em volta do diminuto artefato, é fácil acreditar como o jogo cultural amplifica o pênis como insígnia de poder, ação, pensamento, inventividade. O jato de urina descrevendo uma curva perfeita e molhando o rosto dos que se curvam diante de Sua Majestade o bebê masculino, é a delimitação de um território do cômico

²⁷⁰ N. CHODOROW, 2002.

rabelaiano, mas que também abre para o menino todas as promessas, todos os jogos, todas as ciências. Não porque o pênis seja sinônimo de toda criatividade e de todo saber, mas porque estes são investidos – consciente e inconscientemente, sob todas as formas, desde o nascimento, por seus pais e por suas mães, professores e professoras – naqueles que o detêm.

Acredito ser necessário avançar a investigação em direção às relações de objeto, essenciais para se compreender as diferenças entre os sexos, os complexos de castração e de Édipo diferenciados, os superegos diferentemente formados, as capacidades específicas de sublimação.

Ao fazer uso do livro *Alice no País das Maravilhas*²⁷¹ e instituí-lo como metáfora da intumescência e da detumescência peniana do menino, na história da menina que cresce e diminui de tamanho, a leitura lacaniana “rouba” às mulheres, esse pai insaciável que quer controlar o desejo, o gozo, o futuro ventre reprodutor e o jogo especulativo das meninas, oferecendo-lhes como recompensa o velho suborno que Deutsch já havia prometido: a ternura e o carinho do pai fariam esquecer as futuras dores do parto e da maternidade em nome do “favor à espécie”. Por tais alegrias substitutas as mulheres renunciariam a resistir à inibição do impulso de *agressividade* nas meninas. A história da menina (a possível perversão de Lewis Carroll também pode ser iluminadora) que desce às profundezas pode ser lida de muitos modos, em um dos quais, Alice antecipa Clarice na descida feminina aos abismos. Seja qual for o modo como pode ser lida, é reconfortante saber que a verdadeira Alice realmente existiu e inspirou em 1862 a Lewis Carroll uma personagem literária de uma ficção tradicionalmente habitada por heróis meninos: Alice Pleasance Liddell, nascida em 1852 e filha do diretor de uma escola de Westminster.²⁷²

Poderíamos inferir daí que para Lacan Alice também não existiu? A agressividade não obstante ‘fálica’ da menina serviria a uma metáfora da turgescência, nas primeiras masturbações ou ereções penianas infantis. Ele o diz expressamente ao examinar os conflitos do pequeno Hans, que detém o *salvo-conduto* que permite libertá-lo da mãe.

O fato de que o pênis de menor se torne maior, no momento das primeiras masturbações ou ereções infantis, nada mais é que um dos temas mais fundamentais

²⁷¹ J. LACAN, *O Seminário, Livro 4*, p. 300 e 307.

²⁷² L. CARROLL. *Alice in Wonderland*. London: London Pan Books Ltd., 1952.

das fantasias imaginárias de Alice no país das maravilhas, e é isso que dá a essa obra seu valor absolutamente eletivo para o estudo da imaginação infantil. É com um problema desse tipo que Hans se confronta, a saber, o de integrar a existência do pênis real, a existência distinta de um pênis que pode, ele mesmo, se tornar maior ou menor, mas que é também o pênis dos pequenos e dos grandes ²⁷³.

Teremos então que concordar com Kristeva quando nos lembra que a pulsão de agressividade impulsiona o narcisismo necessário para a sublimação, que particularmente na escrita significa perpetrar o “crime de falar-pensamento-escrever”, cujo impulso está ausente nas mulheres? Lembremos que isto implica, para Kristeva, no que respeita à escrita feminina, uma insistência na *insignificância convencional*.

Paralelamente à primazia fálica, no deslizamento significante que em sua obra o faz remeter à ordem imaginária e simbólica, com referências freqüentes ao pênis real, especialmente no Seminário sobre a Angústia, ²⁷⁴ existe um jogo que nos interessa bastante de perto por sua ambigüidade em relação ao pai, seja este real, simbólico ou imaginário. No decorrer de toda a sua leitura do caso do pequeno Hans, Lacan aponta as intervenções desastradas do pai. Menciona-as repetidamente: a intervenção fadada ao fracasso da *manobra direta sobre a culpa* (285 e 286), a *contribuição pouco encorajadora*, (287), *as perguntas exaltadas do pai* (que) *interrompem o tempo todo* a fala do menino (294), as conclusões apressadas em nome da criança, “você pensou, diz o pai sem tato algum, que o cavalo estava morto” (303), a ressalva de que, “durante toda a observação, tanto Freud como o pai são levados a permanecer na dúvida, na ambigüidade” (294), e a dúvida final, resolvida pela solução de que os equívocos possam constituir *uma fase demonstrativa característica da observação* da fobia: “Devemos, aqui, pôr em causa as insuficiências da observação, até mesmo sua incompletude?” ²⁷⁵

A solução encontrada por Lacan é optar por um outro modo de interpretação, ressaltando a primazia significante. Remete-se outra vez a *Alice*, desta vez para enfatizar o caráter arbitrário do signo nos chistes e aproximar Hans do Humpty-Dumpty de Lewis Carrol: *As coisas são assim porque eu o decreto, porque eu sou o mestre*. E é com perfeita consciência desse exercício que empenha a produtividade significante que Lacan desenvolve sua análise

²⁷³ J. LACAN. *O Seminário, Livro 4*, p. 307.

²⁷⁴ Id., *O Seminário, Livro 10*, 2002.

²⁷⁵ Id., *Seminário 4*, p. 294.

singular do pequeno Hans, pontuando de forma magnífica na cadeia os significantes que conduzem a uma unidade interpretativa: o *cavalo*, significante que desliza sucessivamente no sentido do pai, da mãe, do menino, do pênis, os significantes da *banheira* (ora a mãe, ora o traseiro de Hans) e da torneira (pênis).

Abandonando a leitura inadequada que os adultos (o pai) fazem do comportamento e das palavras induzidas do pequeno Hans (*Essas pessoas estão de tal modo apressadas em impor sua significação ao pequeno Hans*)²⁷⁶, Lacan irá buscar, no sentido sempre deslizando do significante, os elementos daquilo que chama uma *fomentação mítica*, cuja simbologia, cujo significado não se dão todos da mesma forma e ao mesmo tempo. Sustenta a legitimidade do seu uso a partir das teorias infantis da sexualidade, defendendo que essa função do significante seja abordada *sem idéias preconcebidas*. Seu uso pode e deve ser explorado legitimamente uma vez que o caso Hans, segundo ele, mais exemplar que os outros, *ainda está capturado no milagre das origens*, não se libertou dos tabus, e conserva ainda, *em seu frescor, toda a sua potência reveladora, diria quase toda a sua potencia explosiva*.

É essa convicção que permite a Lacan utilizar-se do jogo entre o significante, o signo e o símbolo, retomando ao mesmo tempo as evocações míticas dos animais-tabu e seu sentido fóbico, o leão, o cavalo, o cachorro e suas bocas escancaradas como metáfora da mãe devoradora. Toda a simbologia do signo não arbitrário retoma espaço junto com o significante arbitrário e deslizando. A leitura feita por Lacan ultrapassa os obstáculos da insuficiência analítica dos observadores adultos, permitindo uma leitura singular, tal como o fez do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. É interpretação legítima, do ponto de vista da análise clínica? Admito que sim, porque os meios que disponho para avaliá-lo sob esse aspecto são insuficientes.

Umberto Eco²⁷⁷ destaca as possibilidades de leitura de que um texto clássico é objeto na crítica filológica, estética, sociológica ou crítica psicanalítica para apontar diferenças entre cooperação textual e a crítica, mas vai mais além: refere-se à crítica como algo positivo que faz *frutificar as modalidades de cooperação textual* – é a que lhe interessa em sua análise do leitor, do texto e da leitura. De um outro lado, figura a crítica que *usa* o texto livremente, para os seus propósitos, o que entendo como o ato de não apenas colocar nele muito mais do que

²⁷⁶ *O Seminário, Livro 4*, p. 306.

²⁷⁷ U. ECO. *Lector in fabula*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

aquilo que ele quer transmitir, mas descobrir sentidos novos, realçar sua cintilação significante, desvelar associações que estariam ali encobertas e ocultas ao próprio autor original e que só o novo autor com o seu comentário faria despertar, fazendo com que uma obra impregnada de novos sentidos, sem perder sua significação original, pudesse desabrochar.

Lacan produziu essa façanha em sua leitura do texto de Poe – e sua interpretação abre para outras possibilidades de interpretação. Permite, em primeiro lugar, o gozo do significante, da alíngua, o encantamento infantil com as assonâncias, os trocadilhos, os *jeu-de-mots*, que Freud havia definido como *o mergulho do pensamento no inconsciente para ali procurar a antiga pátria de seu primitivo jogo com as palavras*.²⁷⁸ Permite, ainda, a leitura analítica da carta roubada e sua relação com a insistência do sintoma, ou com o automatismo de repetição, que se manifesta no significante. Ilustra, esse significante sem significado – uma carta que não precisa ser lida para que todos conheçam sua importância – de forma adequada o esvaziamento do significante: *um significante representa um sujeito para outro significante*.

No entanto, é preciso lembrar que o componente ideológico nunca está ausente desses textos-comentários, da mesma forma como não está ausente do texto original. Do mesmo modo Freud²⁷⁹ teorizou a castração utilizando a história de Olímpia, a boneca mecânica de Hoffmann. A simbologia mítica dos olhos arrancados, ou cegados, ou adormecidos, nas diversas versões do Homem de Areia, foi capaz de oferecer a Freud uma leitura interessada – e legítima. Seria também possível produzir uma leitura sob um viés totalmente diferente, por exemplo, utilizar os encantos da boneca mecânica sob a ótica de um narcisismo exacerbado, que responde automaticamente às solicitações de um interlocutor hábil na manipulação dos botões adequados: produz-se aqui um muxoxo, ali um olhar lânguido, acolá uma afetação sedutora, e mais adiante todas essas expressões do imaginário que enchem álbuns e espelhos que o ser contempla embevecido, na certeza de que renderiam um livro.

No estudo do pequeno Hans, uma posição ideológica rapidamente perceptível é a construção da diferenciação conceitual entre pai simbólico, pai imaginário e pai real. Se o pai simbólico existe como transcendência, construção mística irrepresentável, “dado irreduzível do mundo

²⁷⁸ S. FREUD. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

²⁷⁹ S. FREUD. *O estranho*. In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XVII. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

do significante”, o pai imaginário, aquele “*com que lidamos o tempo todo*”, é o que remete à dialética da agressividade (o pai assustador), da identificação e da idealização que em última análise permite a identificação ao pai. “Tudo se passa no nível do pai imaginário.” O pai real é inapreensível, ou de difícil apreensão para a criança – e Lacan lembra como é difícil saber com o que se está realmente lidando na análise, com a dificuldade de apreender o real. O que é certo é que o pai real é o que intervém no complexo de castração.

No exame do caso de Hans, a cadeia significante assume uma *simbolização do imaginário* auto-suficiente o bastante para dispensar a influência dos complexos familiares:

Em vez de nos satisfazermos recobrimo o fato com termos que servem para qualquer coisa – complexo disso, complexo daquilo, relação anal, ligação com a mãe –, mais vale tentar ver as funções, os elementos representativos, figurativos, que elas nos trazem, como essas narrativas muito articuladas que são os mitos antigos.²⁸⁰

Ora, se o pai real é o que deve intervir no complexo de castração, se a intervenção do pai de Hans foi totalmente desastrosa na condução do complexo e do processo analítico do filho, se a análise dos complexos passa a ser irrelevante a ponto de ser substituída por interpretações míticas que remetem ao pai simbólico, percebe-se nesse processo uma circularidade em torno de figuras masculinas que estão longe de dar conta do problema que em parte eles mesmos criaram. Como Lacan mesmo admite e a história posterior de Hans o confirma, a “normalidade” da sua situação familiar, a atenção do pai e a ternura da mãe, mas especialmente a inventividade e a agressividade fálica do menino dariam conta de resolver o problema, e a fobia se dissolveria não devido, mas *apesar* da intervenção.

Se ambos os sexos aprendem ou assimilam sentimentos negativos em relação à mãe durante o período edípico, os sentimentos negativos da menina não se manifestam tanto por meio de desprezo ou desvalorização, mas pelo medo e pela hostilidade. Sendo idêntica à mãe, a hostilidade na menina tende a predominar sobre o desprezo. Já o desprezo do menino livra-o da mãe e ao mesmo tempo da feminilidade que traz dentro de si mesmo. Para Freud (e podemos inferir também para Lacan, conforme deixa claro em sua análise do pequeno Hans), o desprezo pela mãe (e pelas mulheres) é dado sobretudo a partir da percepção da mãe como

²⁸⁰ J. LACAN, *O Seminário, Livro 4*, p. 282.

castrada. Segundo eles, não é mediada pela experiência social-familiar, mas dada como uma percepção direta.

No entanto, é possível perceber que a relação de Hans com sua mãe fálica é feita de pressupostos e de subentendidos, tanto quanto de formulações explícitas, pelo próprio pai, carregadas de ideologias e juízos de valor sobre os órgãos genitais.

A análise do “Pequeno Hans”, que apresenta a mais imediata evidência (relatada) que Freud dispunha para a sua suposição, mostra que de fato o pai de Hans criava e perpetuava essas crenças em seu filho – crenças sobre a inferioridade da genitália feminina, negação do papel feminino na gestação e parto, opiniões de que os homens têm alguma coisa e as mulheres nada têm, ao invés de terem algo diferente²⁸¹.

Para Chodorow, a desvalorização e o desprezo pelas mulheres seguramente se assentam nas questões da masculinidade relacionadas ao complexo edípico do menino, uma vez que a depreciação da mãe e da feminilidade por identificação ao pai representa para o menino a saída do Édipo, enquanto que para as meninas, a mesma depreciação e o apelo ao pai não a eximem da identificação com a mãe e a aceitação da sua própria feminilidade, dificultando ou mesmo adiando indefinidamente sua completa resolução.

Freud precisou reformular sua postulação inicial de uma simetria edípica, a partir do momento em que Jeanne Lampl-de Groot descobriu através de achados clínicos o “complexo edípico negativo”, ou seja, que era necessário dar atenção às qualidades peculiares do relacionamento mãe-filha pré-edípico e à sua importância no complexo edípico feminino.

De uma vez que essa fase comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses, talvez pareça que deveríamos retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses.

(...)

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as

²⁸¹ N. CHODOROW. *Psicanálise da Maternidade*, p. 228.

mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão. Na verdade, parece que as analistas femininas – tais como, por exemplo, Jeanne Lampl-de Groot e Helene Deutsch – foram capazes de perceber esses fatos mais fácil e claramente por terem sido auxiliadas, ao lidarem com as que se achavam em tratamento com elas, pela transferência a uma substituta materna adequada.²⁸²

A organização assimétrica no cuidado com as crianças, em nossa estrutura familiar, produz uma diferença de gênero típicas no período pré-edípico. Por serem do mesmo gênero de suas filhas e porque foram meninas, as mães não percebem suas filhas bebês como separadas, como percebem os bebês meninos. O senso de continuidade existe em relação a ambos, mas é mais forte e dura por mais tempo na relação com seus bebês femininos. Pelo fato de as mães maternarem, a fase pré-edípica da menina é mais longa que a do menino, e mais as mulheres se tornam mais abertas e preocupadas com as questões da maternação: *identificação primária, falta de separabilidade ou diferenciação, problemas do ego e limites do ego físico, amor primário isento do tãção do princípio de realidade*.²⁸³ A filha não apenas se identifica e deseja ser semelhante à sua mãe, mas mãe e filha conservam os elementos de um relacionamento primário, *sentem de modo semelhante em aspectos fundamentais*. Para Signe Hammer²⁸⁴, filhas e mães continuam emocionalmente ligadas em uma relação semi-simbiótica, na qual nenhuma se percebe nem percebe a outra como separada, o que é confirmado pelos estudos de Chodorow. Na adolescência das meninas, reaparece sob formas conflituosas essa ligação com a mãe na fase pré-edípica, na forma de ansiedade, apego interno e exclusivo, oralidade e alimento, controle materno do corpo da filha, identificação primária.

Para Horney, o desprezo masculino e a depreciação das mulheres podem ser explicados pelo desenvolvimento interativo. O “pavor das mulheres” diante da onipotência materna é produzido a partir dos primeiros cuidados e pelo fato de a socialização das crianças ser mediada por mulheres. O “pavor do pai é mais real e tangível, menos fantástico em qualidade”²⁸⁵. No entanto, Chodorow aponta que para o menino a mãe é terrível, mas ao mesmo tempo atraente e sedutora e os meninos e homens encontram *mecanismos culturais-ideológicos para contornar seus medos sem rejeitar inteiramente as mulheres*, por meio da

²⁸² S. FREUD. *Sexualidade feminina*, 1969.

²⁸³ CHODOROW, 2002, p. 143.

²⁸⁴ Signe HAMMER, 1975, *Daughters and Mothers: Mothers and Daughters*. New York Quadrangle: New York Times Book Co, apud N. CHODOROW, 2002.

²⁸⁵ N. CHODOROW, 2002, p. 229.

criação de lendas populares, crenças, poemas, fazendo do pavor à mãe algo de realmente ambivalente, que ora glorificam: “Não preciso temer um ser tão maravilhoso, tão belo, tão santo”, ora desvalorizam: *Seria por demais ridículo temer uma criatura que, afinal de contas, não passa de uma ninharia.*

Por outro lado, a autora lamenta que Horney não tenha assinalado as implicações no desenvolvimento feminino do “esmagador poder das mães sobre as meninas”. O pavor que as meninas sentem em relação às mulheres não é generalizável, e não é relacionado com sua afirmação de gênero. Feminina, a menina não se sente de algum modo apavorante. Além do mais, em uma sociedade machista, qualquer forma de medo ou pavor é possível que provenha de alguma influência cultural ou normativa. É nesse aspecto que Chodorow questiona a afirmação implícita de Horney sobre a universalidade do medo e da desvalorização das mulheres e a afirmação da superioridade masculina.

Balint, Brunswick, Lampl-de Groot, e Gayle Rubin sustentam²⁸⁶ que o *amor* pela mãe leva à inveja do pênis, e não à hostilidade, situando no complexo de castração e no amor pela mãe a origem das mais graves dificuldades para a menina. Isso acontece porque ela entende que seus órgãos, semelhantes aos da mãe, não lhe conferem vantagem na obtenção de seu amor e sua preferência, não acentuam um vínculo ou fazem a mãe amá-la mais, como ao pai ou ao irmão com pênis. Para Rubin e Balint, a menina recorre ao pai como uma atitude defensiva, com o ódio de um amante rejeitado, e dele deseja tanto o amor que não pode obter da mãe como o pênis que lhe possibilitaria obtê-lo.

Portanto, quer o pai, como também quer a mãe, no entanto a intensidade e a ambivalência de seus sentimentos é que a fazem rejeitar a mãe. A hostilidade é um esforço para obter seu amor, uma reação à onipotência materna e à identificação primária. O impulso ao pai não implica no desapego à mãe, mas uma duplicidade: na relação com o pai, *a menina olha para trás a fim de ver se a mãe está invejosa, para estar segura de que está realmente separada,*

²⁸⁶ A. BALINT, *Primary Love*. Ruth Mack BRUNSWICK, 1940, *The Preoedipal Phase of the Libido Development*, in Robert Fliess, ed., *The Psychoanalytic Reader: An Anthology of Essential Papers with Critical Introductions*. New York: International Universities Press, pp. 231-253.; Jeanne LAMPL-DE GROOT, 1933, *Problems of Femininity*. *Psychoanalytic Quarterly*, 2, pp. 489-518; _____ 1952, *Re-evaluation of the Role of the Oedipus Complex*, *International Journal of Psycho-Analysis*, 33, pp. 335-342; Gayle RUBIN, 1975, *The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex*, pp. 157-210 in Reyna Reiter, ed., *Towards an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press; apud N. CHODOROW, 2002.

*para ver se desse modo pode conquistar sua mãe, para ver se está realmente independente.*²⁸⁷

Voltar-se ao pai significa portanto, ao mesmo tempo, um *ataque à mãe* e a *expressão do seu amor* por ela.

A maternação exclusiva produz portanto assimetrias incontornáveis, decisivas na maneira diferenciada como meninas e meninos se relacionam. Da retenção do seu apego pré-edípico com a mãe, as meninas crescem e se definem como mais contínuas em seu relacionamento com os outros, ao passo que os meninos crescem mais separados e distintos. Apenas isto já implica em diferentes experiências de limites e diferentes construções e experiências dos mundos objetais internos: menos repressão do mundo objetal interno para as meninas, maior repressão para os meninos. Nos meninos, portanto, se dá com muito mais facilidade a negação da relação e conexão, junto com a negação da feminilidade, uma vez que os problemas relacionais tendem a ser reprimidos, ao passo que nas meninas, persiste a permanência da preocupação com problemas relacionais, como os problemas mãe-filho pré-edípicos e os triângulos edípicos. O fato de que meninos e meninas vivenciam diferentemente os desejos e as fantasias sexuais de seu triângulo edípico produz necessidades sexuais diferentemente construídas, preparando os meninos para a participação em *esferas não relacionais* e potencializando as meninas para a participação nas *esferas relacionais*. Diferentes necessidades e temores relacionais em homens e mulheres são também consequência das relações objetais diferenciadas, constituídas desde o pré-edípico segundo o modelo da maternação exclusiva por mulheres.

A complexidade na resolução edípica das mulheres envolve um outro complicador, à medida que a menina *acrescenta* o pai ao seu mundo de objetos primários, definindo-se em um triângulo relacional, conforme Deutsch. Esse triângulo se superpõe a outro, interno, cujos vértices pontuam a preocupação da menina com sua mãe edípica interna e a mãe pré-edípica interna. O resultado é que *as mulheres, apesar de surgirem da relação edípica como eroticamente heterossexuais, ou seja, orientadas para seus pais e para os homens como objetos eróticos primários, o amor heterossexual e o compromisso emocional tendem a permanecer emocionalmente secundários*²⁸⁸, a depender do relacionamento mãe-filha e da qualidade da interação pai-filha e o relacionamento mãe-pai.

²⁸⁷ N. CHODOROW, 2002, p. 161.

²⁸⁸ N. CHODOROW, p. 211.

Esse dilema não existe para os homens. Como consequência, outra assimetria relacional importante terá que ser apontada. Como resultado da longa duração da relação pré-edípica mãe-filho e do triângulo edípico na vida adulta da mulher, ou por todo o seu desenvolvimento, as relações com um homem se afiguram como uma experiência incompleta. Em razão da relação triangular e da assimetria no cuidado infantil, *o relacionamento da mulher com o homem exige no nível da estrutura psíquica uma terceira pessoa, (250)*, ao passo que a relação de um homem com uma mulher não o exige, uma vez que seu relacionamento original com a mãe transitou da *identidade* para uma *unidade dual* e em seguida para um *relacionamento a dois*, antes do aparecimento do pai. De modo que

A diferente estrutura do triângulo edípico masculino e feminino e o processo da experiência edípica que resulta da maternação das mulheres contribuem ainda mais para a diferenciação da personalidade de gênero e a reprodução da maternação das mulheres. (...) Sua orientação heterossexual é sempre um diálogo interno com questões relacionais mãe-filho edípicas e pré-edípicas. Assim, a heterossexualidade das mulheres é triangular e exige uma terceira pessoa – um filho – para o seu pleno amadurecimento estrutural e emocional. Para os homens, por outro lado, o relacionamento heterossexual por si só recria o primitivo vínculo com a mãe; um filho o interrompe. Os homens, além do mais, não se definem em relacionamento e vieram a suprimir as capacidades relacionais, e reprimem as necessidades relacionais. Isso os predispõe a participar do mundo do trabalho alienado isento de afeto, mas não para satisfazer as necessidades de intimidade e relacionamentos primários das mulheres²⁸⁹.

Vimos neste capítulo como pesquisadoras psicanalíticas avançaram questões que uma visão tradicional, centrada no falo paterno, considera intocáveis. As relações objetais me parecem indissociáveis da compreensão das diferenças sexuais, ao pôr em evidência conceitos como libido, superego, sublimação cujos predicativos são aceitos como definitivos. Desse modo, cabe questionar: por que a libido é masculina? Por que o superego mais fraco das mulheres? Por que a menor capacidade de sublimação? O caráter exclusivo da maternação relativiza essa totalidade discursiva e traz à mesa de discussões o efeito da crença dessas verdades geralmente aceitas pela psicanálise.

²⁸⁹ N. CHODOROW, 2002, p. 257.

Se o século XIX viu nascer mulheres com pretensões literárias,²⁹⁰ é justo pensar que no século XXI esse desejo legítimo se assente sobre bases mais concretas, sob uma visão lúcida e generalizada no próprio espectro muito mais amplo da crítica feminina, apoiada nos inúmeros trabalhos produzidos, inclusive entrelaçando psicanálise e literatura. Como pensar que escritoras ou estudiosas devessem abdicar de seus desejos de criar e de maternar de forma compartilhada, ou pagar eternamente o preço do sentimento de culpa? E como foi possível avançar, chegando tão tarde, encontrando um cânone masculino já consolidado, do qual sua leitura não poderia, nem era desejável que o fizesse, dar conta? Que perspectivas do ponto de vista da cultura – e das promessas da educação – justificariam otimismo?

²⁹⁰ M. LYONS, 2002.

3.5. O livro como fetiche

Encaminhamos aqui para a questão delicada e extremamente complexa, levantada pelas psicanalistas críticas a partir do texto de Freud a respeito da inferioridade das mulheres e do seu desprezo por parte dos homens, quando nos aproximamos de outra zona profundamente obscura, a saber, a da *sublimação*. Freud²⁹¹ escreveu pouco a respeito e Lacan por sua vez também não a abordou exaustivamente. De uma perspectiva cultural abordou-a no Seminário 7 sobre a Ética e no Seminário 16 aponta, ainda que de modo fragmentário e suspensivo, para a estrutura da perversão como o móbil potente das capacidades sublimadoras. É a partir dessa idéia-base e do *crime de pensar* de Laplanche²⁹² que Kristeva²⁹³ pressupõe – utopicamente, talvez, se essa palavra faz sentido psicanaliticamente – uma perversão generalizada a partir do polimorfismo sexual, que impulsionaria a escrita feminina para além da convencionalidade temática e estilística.

Defendo que só poderemos avaliar adequadamente a participação das mulheres na produção da cultura – do ponto de vista estatístico, certamente, relativamente à população intelectualmente produtiva feminina e masculina, mas também do ponto de vista qualitativo, da repercussão e da permanência da produção ficcional/intelectual – se tivermos em conta que essa inserção vem de data muito recente, está implicada na história e nos mecanismos inconscientes que se enraízam nos costumes e que se transformam muito lentamente, assim como na repressão sexual e intelectual que sobre as mulheres se abateu como duas faces de uma mesma moeda. Libertas parcialmente das opressões de uma, permaneceram subjugadas à outra, sob a vigilância permanente do sentimento de culpa.

Grande parte do sentimento de culpa provém da maternação exclusiva, na divisão que as novas tensões sobre a maternidade produziram: mães *inadequadas*, se recorrem a creches; mães *ansiosas* e pouco razoáveis se esperam ajuda dos maridos; mães *preguiçosas*, se desejam recompensas adequadas para ficar em casa com seus filhos.²⁹⁴ Tenho convicção de que o sentimento de culpa e a repressão sexual e intelectual ainda atuantes exercem uma poderosa influência sobre os modos de leitura e de escrita femininos. Eu poderia acrescentar

²⁹¹ S. FREUD. *Sobre o narcisismo: uma introdução*, 1969.

²⁹² J. LAPLANCHE, *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

²⁹³ J. KRISTEVA. *Monstruosa Collette*. In: *Crueldade no Feminino*, 2005.

²⁹⁴ N. CHODOROW, 2002, p. 264.

aqui as mães *escritoras*, o protótipo da dona-de-casa, alvo da ironia de Molière²⁹⁵ no século XVII, da crítica jornalística contemporânea²⁹⁶, e da pequena Ofélia, personagem de Clarice Lispector.²⁹⁷

É esperado que complexos semelhantes se exerçam também sobre homens que lêem e escrevem, e se ocupem de uma parte do cuidado com os filhos. Constituem aparentemente *exceções* ‘femininas’, tanto quanto se possa falar em *exceções* fálicas. No entanto, no caso dos homens, eu disse ‘aparentemente’ porque a relação homem-filhos está liberta das implicações do apego pré-edípico à mãe, da ligação ‘semi-simbiótica’ com a filha, que se prolonga muitas vezes para o resto da vida, e das complexidades pelas quais a relação objetal mãe-filha direciona a menina para escolhas relacionais e o menino para escolhas objetais.

A ‘paternação’, por essa razão, na contramão de todos os preconceitos e reservas do imaginário do senso comum, é muitas vezes exercida de modo muito mais natural do que se pensa. De fato, os homens que ‘maternam’, porque se o fazem de certo modo já contribuíram para abreviar ou subtrair o peso excessivo da ligação da criança com a mãe pré-edípica, agem em relação aos filhos de que cuidam com uma desenvoltura e um desprendimento cuja origem provavelmente esteja no caráter não exclusivo e não simbiótico do cuidado. O desembaraço nos cuidados paternos com a criança não se justificaria apenas pela objetividade com que o pai é capaz de perceber e satisfazer as necessidades de seus filhos, mas também da flexibilidade de um psiquismo sobre o qual a maternação (ou paternação) exclusiva não impôs qualquer forma de sentimento de culpa, seja pela rejeição da criança em nome de tudo o que em benefício da cultura se poderia fazer caso não se precisasse cuidar dela, seja pela renúncia a tudo o mais que se pudesse fazer em benefício da cultura em troca de uma relação exclusiva com a criança.

Tal dilema não é decisivo para o pai, o que é extremamente benéfico para a criança, duplamente reassegurada pelo fato de que a pessoa que cuida dela o faz ao mesmo tempo em que exerce seu domínio sobre o mundo exterior. Melhor e ainda mais iluminante para ela se

²⁹⁵ MOLIÈRE. *As Eruditas*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

²⁹⁶ G. G. FERRAZ. *Após sono reparador, dona de casa produz best-sellers*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 de dez. 2008, Caderno 2.

²⁹⁷ No conto *A legião estrangeira*, a menina de oito anos sucumbe ao desejo irresistível de observar frequentemente sua vizinha adulta, vislumbrando espaços de liberdade ao mesmo tempo angustiantes e enriquecedores. No entanto, a convivência é atravessada por reprimendas contínuas, herdadas e reproduzidas: “eu não criava bem os meninos”, “não era mais hora de estar de robe; sua mãe mudava de roupa logo que saía da cama”, “não era hora ainda de não ter tomado banho”.

sua mãe e seu pai ocupam-se com o mundo externo e nem por isso a negligenciam. Evidentemente as atenções tanto da mãe como do pai se colocam com a mesma responsabilidade e firmeza sobre os poucos intermediários que impulsionam o desenvolvimento da criança em interação. Dessa forma, o *Fort-Da* melhor compartilhado não faria para sempre da *mãe-carretel* a eterna fiandeira de meias, como a Mrs. Ramsey em “To the Lighthouse”²⁹⁸, mas daria ensejo para que outras mulheres como Virginia Woolf pudessem exercer sem culpa e pressa o ofício da escrita, que exige exercício prolongado e sistemático.

A metáfora da escrita como o gesto de tecer é interessante – autores a exploraram com muita justeza. Também as Parcas tinham o poder de tecer e cortar os fios da existência, enquanto se contavam histórias. Mas o manejo concreto da agulha constitui parte especialmente dolorosa na história real das mulheres, feita de doença, isolamento e definhamento que comoveram Michelet²⁹⁹, e se caracteriza por uma interminável espera da qual foge toda ação e na qual o pensamento gira sobre si mesmo, ora opressivo, ora inconseqüente, abafado no esforço da repetição.

Sobre a necessidade de historicizar ou ir às origens no psiquismo, poder-se-ia pensar que é contraproducente, dispensável e até mesmo inconveniente saber sobre a história, de um lado, ou sobre as implicações psíquicas na família tal como é estruturada, de outro. Esse pensamento pode ser produzido por questões ideológicas *negativas*: a suposta desvantagem do homem na redistribuição dos papéis, o empobrecimento da cultura com a feminização, o risco à ciência, tradicionalmente reduto masculino, haja vista o recente resultado da Olimpíada de Matemática; além disso, um desequilíbrio fundamental: as relações amorosas e todo o universo da arte sofrerão prejuízo estético, sob o velho temor de que as mulheres se voltarão para o pensamento e se descuidarão de sua beleza, apanágio por excelência do feminino. A ser assim, a cultura se ressentirá da perda de seu mito mais precioso – de inspiradoras passariam a inspiradas, de musa inconsútil a artesã laboriosa da palavra. No entanto, o modelo cortês exposto por Duby³⁰⁰ desmascarou a falácia do sacrifício do pensamento da mulher ao altar da beleza da dama – ao menos para as mulheres.

²⁹⁸ V. WOOLF. London: Penguin Books, 1996.

²⁹⁹ J. MICHELET. *A Mulher*, 1995.

³⁰⁰ *O modelo cortês*, 1994.

Ou por questões ideológicas “positivas”: é muito melhor para a ordem do mundo e para a auto-estima das mulheres pensar que elas são iguais e até superiores aos homens (veja-se o seu desempenho escolar nos anos iniciais, sua lucidez quando adulta), ou que o serão daqui a algum tempo, quando seus modos de ler e de escrever serão muitas vezes muito mais criativos do que os do homem, uma vez que sua intuição, perspicácia e sensibilidade superam a falacidade ilusória masculina. Além disso, por detrás de sua inanidade aparente, elas é que governam os homens, valendo-se dos truques, da velha astúcia, da sabedoria inata, do seu poder de sedução irresistível. Portanto, a verdade é que, dos bastidores, elas é que governam o mundo. Aliás, algumas até já estão governando seus próprios países de fato. É fácil desmontar tal falácia quando se conhece o efeito de *simbolismo* que o caráter excepcional das mulheres no poder confere à ordem social. Basta pensar que as mulheres no poder, qualquer que seja seu nível, reasseguram-se pelo suporte de um séquito masculino. Não por um sexismo às avessas, mas pela impossibilidade de preencher papéis-chave de forma sexualmente equilibrada. Mulheres qualificadas para o poder político compõem uma dispersão insuficiente para formar um quadro funcional numericamente expressivo.

A questão se impõe, creio eu, não porque eu acredite que o mundo será melhor depois que homens e mulheres produzirem ciência, literatura, cinema e música de modo equilibrado, de modo que suas produções componham um domínio comum indiferenciado, no qual a questão do gênero da autoria desaparecesse, porque terá perdido seu sentido. Esse processo se aproximaria daquilo que Foucault³⁰¹ previa ao diluir o nome do autor em meio a tantos textos que se dizem, se citam, se entrelaçam uns com os outros. Essa estratégia seria reconfortante, mas distorcida.

Minha preocupação é com a percepção que desenvolvi em meu contato prolongado com estudantes do ensino fundamental de uma atitude nitidamente diferenciada entre os sexos em suas escolhas de objeto de leitura. Ao observar formas de leitura intensiva e extensiva, repetição e variação de gêneros, formas de participação oral, escrita, interesse pela ciência, pela tecnologia, pela atualidade, pela política, pelos jogos e pelo desafio, pude observar ao mesmo tempo a atitude intelectual diante do objeto de conhecimento. Esse tema foi objeto de minha dissertação de mestrado³⁰². O que localizei ali, uma inclinação preponderante e

³⁰¹ M. FOUCAULT. *O que é um autor?* 6. ed. Lisboa: Vega Passagens, 2006.

³⁰² M.C.A. CORRÊA. *Preferências de leitura de meninos e meninas implicam a mulher, professora, leitora?* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

intensiva na opção por obras de caráter sentimental por parte das meninas, autorizou o temor de que o mecanismo das antigas divisões ainda esteja fortemente atuante, operando no domínio da leitura sob o mesmo e antigo conjunto de incitações. Minha observação informal posterior em aulas de literatura no ensino médio reforçou o aspecto central daquelas observações.

De fato, porque o mundo não se faz somente de representações escritas – felizmente! – a questão não se coloca absoluta e diretamente do ponto de vista de uma reivindicação de uma escrita feminina, como tampouco de uma reivindicação feminina à escrita – mas de uma escrita implicada na leitura de terceiro nível, no sentido barthesiano³⁰³ de que ler é escrever, à medida que se distancia do lido e se aproxima do escrito, “levantando a cabeça” tantas vezes quanto necessário para que *tema* e *horizonte* se alternem e se atualizem de modo incessante no leitor, na formação sucessiva de sentidos sempre novos. A expressão de Orlandi,³⁰⁴ o “pouso provisório na significação”, fundada na teoria da recepção, é particularmente oportuna para referenciar “momentos” de leitura em qualquer gênero. Ela é coerente com a idéia de que qualquer texto – a mais insípida descrição preciosista de uma paisagem ou o enredo folhetinesco mais rocambolesco – pode ser lido, interpretado, recriado e apreciado a partir de diferentes níveis de leitura, oferecendo a seu modo prazeres e conhecimentos específicos e distintos.³⁰⁵

Essa possibilidade aberta pela leitura é fundamental, porque permite compreender como as mulheres foram capazes de se apropriar *parcialmente* da cultura escrita em tão pouco tempo. Este modalizador se deve aos efeitos de longa duração de uma interdição total, em um primeiro momento, seguida de um controle parcial por meio de uma *tutela*³⁰⁶ que se exerceu sobre suas práticas de leitura, de modo a produzi-la sob uma certa modalidade análoga aos gêneros, temas e estilos em sua escrita.

Chodorow, do ponto de vista psicanalítico, ao lado de outros intérpretes da cultura, ajudou a compreender como a tendência à perpetuação na reprodução da maternação fornece elementos dificilmente removíveis para que uma transformação se opere com rapidez. Em acréscimo, a

³⁰³ R. BARTHES. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

³⁰⁴ E.P. ORLANDI. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

³⁰⁵ U. ECO. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

³⁰⁶ M. LAJOLO; R. ZILBERMANN. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

formação diferenciada do superego, pensada também do ponto de vista sociogenético, impõe padrões variados de comportamento não apenas no tempo, mas especialmente na relação entre homens e mulheres. Nesse aspecto o dilema da dupla moral foi um fator poderoso, que merece ser observado por seus efeitos multiplicadores sobre a indigência intelectual, de que é circularmente causa e produto. A dupla moral na vida social, por sua vez, não está cindida da questão psíquica da perversão, que implica na afirmação psicanalítica de que o culto do fetiche seja masculino: “É sempre o menino que é fetichista, nunca a menina.”, diz Lacan³⁰⁷.

A questão se impõe porque o *fetiche da mercadoria* consignada na leitura e na escrita, de acordo com o gênero, impulsiona de modos diferenciados o *pensamento*, a *ação*, a *paixão* – ou, a *libido de dominação*, a *pulsão de domínio*, na leitura psicanalítica freudiana³⁰⁸. Isto se deve ao modo específico pelo qual se desenvolveu a história das práticas culturais, que compreendeu por um período excessivamente longo a subordinação sexual, material e intelectual das mulheres. Se no século XIX a exacerbação da histeria demandou, mais do que a intervenção médica, o surgimento da psicanálise, isso não significa que momentos de perturbação anteriores, relacionados com o (des)controle do corpo das mulheres, não tenham existido.

Foucault³⁰⁹ mostra por que modos e singularidades específicas os fenômenos de feitiçaria e os de possessão surgiram como efeitos de resistência à Inquisição e ao confessorário, respectivamente, nos séculos XV e XVI e nos séculos XVI e XVII, invadindo o século XVIII. Fenômenos diferentes sob múltiplos aspectos mas sobretudo pela distinção entre o *corpo único* da feitiçeira nas periferias do cristianismo e o *corpo múltiplo* da possuída, no centro do cristianismo e encerrado nos conventos, dividido entre a entrega e a resistência, e cuja marca é a *convulsão*. Corpo múltiplo da possuída no teatro da convulsão, corpo rígido, corpo em arco, sob a mediação do confessor; carne convulsionada a princípio objeto do exame, da confissão exaustiva do poder eclesial; carne convulsionada que o poder eclesial entrega ao registro do discurso médico e psiquiátrico, para purificar o misticismo católico de seus fenômenos incontroláveis. Patologizada a convulsão, exorcizada pelo poder eclesial e desqualificada como protótipo da loucura pelo discurso médico, é o fenômeno ascético da *aparição* sem o

³⁰⁷ J. LACAN. *O Seminário, Livro 4*, p. 156.

³⁰⁸ S. FREUD. *A disposição à neurose obsessiva*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

³⁰⁹ M. FOUCAULT. *Os Anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

corpo-a-corpo da convulsão que a Igreja agora então tolera e estimula. A Virgem aparece, vulto impreciso à distância, não mais íncubos enigmáticos assombrando freiras enclausuradas na calada da noite, mas luz radiosa sobre crianças ao ar livre, incapazes de interpor arroubos que constituam armadilhas para a fé.

É importante resgatar na História esses mecanismos do controle do corpo feminino para compreender como os êxtases místicos foram também socialmente produzidos e domesticados. No caso das místicas, quando novas encíclicas papais alarmadas com o fervor exacerbado determinaram o fim das clausuras, as resoluções eclesiais operariam também sobre diferentes direções de “sublimação” das religiosas, deslocando a pulsão sexual apaziguada no fervor místico para o dom temporal de cuidar dos desassistidos. As freiras ganharam as ruas³¹⁰.

No entanto, essa decisão do poder eclesial não as confinou a esse campo de modo exclusivo e por todo o tempo. As freiras que vão às ruas e fundam escolas para as moças, despertando desejos de saber adormecidos, contribuíram, ainda que de maneira tênue, dado o seu alcance limitado, para abalar as estruturas patriarcais. O impulso decisivo para o enfraquecimento dessa estrutura encontra-se, acredito, conforme encontrei em Freyre³¹¹ na formação dos bacharéis, escritores e pensadores que a formação jesuítica fez voltar-se contra os seus próprios pais – portanto, contra o patriarcalismo.

A alfabetização das moças foi decisiva para que as mulheres se tornassem, ainda que em tese, leitoras, e ainda que leitoras de primeiro nível³¹² desses ensaístas e romancistas “libertários”. Para essas leitoras da intimidade, protegidas em seus lares, deve ter havido um momento de levantar a cabeça e perceber-se vivendo à sombra dos rapazes freqüentadores de escolas e bibliotecas. Diferentemente das moças, mães e avós que dependiam de quem lhes indicasse e levasse livros, aqueles que sabidamente elas apreciariam, os rapazes já estavam constituídos como leitores autônomos a partir de um repertório hierarquizado, sistematizado e organizado em um dispositivo de leitura e recepção pela mediação da instituição escolar.

³¹⁰ M. DE GIORGIO. *O modelo católico*, 1994; M.J. ROSADO NUNES. *Freiras no Brasil*, 1997.

³¹¹ G. FREYRE. *Sobrados e mucambos*. 2º. Tomo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968, p. 67-88.

³¹² U. ECO. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Errática após um longo processo de apropriação que mal começou, a aprendizagem sociogenética da leitura feminina não poderia se dar ao luxo de dispensar o elemento recorrente da peripécia, da mesma forma como a aventura é elemento indispensável no desejo de ler da criança. As peripécias dos romances de cavalaria produzem todo o seu encantamento antes que o prazer leitor descubra as delícias de ler *Don Quixote*. Pela elasticidade poderosa de que o ato de leitura se reveste, é possível supor que os elementos e esquemas narrativos folhetinescos se tenham transfigurado na recepção por suas leitoras em modalidades de percepção diferenciada e progressivamente crítica.

Desse modo, os elementos folhetinescos representativos de uma estratégia conservadora – o rapto, a fuga, o gesto fatal, a renúncia heróica, o enclausuramento, a morte, a violação, o suicídio, a abnegação, a dissimulação, o pudor, a virtude, a defesa da honra – quaisquer que sejam, em um dado momento confrontam-se afinal nos aspectos mesmos em que repousa sua inverossimilhança: as infinitas coincidências, a idealização excessiva de personagens femininas, a repetição de clichês temáticos e estilísticos, enfim, o esgotamento da fórmula excessivamente preenchedora, incapaz de oferecer vazios para a participação da leitora propõe questionamentos capazes de gerar e exigir, em última análise, a prova de realidade no confronto final com esse discurso do Imaginário.

Suponho que essa apropriação leitora feminina tenha-se dado como reação natural da inteligência aos estímulos sensoriais da leitura através dos mecanismos da diferença e da repetição, elaborados bem cedo no esboço do Projeto³¹³ freudiano. Por esse mecanismo, a percepção, no aparelho fisiológico e psíquico, se diferencia da lembrança, que se repete como reprodução psíquica. À medida que a catexia de percepção coincide com a de desejo, a atividade real promove a descarga neurônica, enquanto toda atividade do pensamento cessa. No estágio seguinte, quando a nova catexia perceptiva se diferencia, em um aspecto, da catexia de desejo, uma barreira no nível da realidade será indício de conflito, produzindo um ímpeto para a atividade do pensamento. Prolongando o processo, podemos pensar que cada nova catexia de percepção origina possibilidades de modificação na catexia de desejo, ainda que uma e outra não possam suportar alterações ao mesmo tempo.

³¹³ S. FREUD. *Projeto para uma psicologia científica*. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

O esquema freudiano permite entender a lógica da diferença e da repetição nos fenômenos da leitura de modo geral, mas também permite compreender como a leitura intensiva do gênero sentimental, contra todas as expectativas, pode não ter sido absorvida em toda a sua plenitude, mas, ao contrário, pode ter deixado espaços vazios abertos à interrogação que as próprias contradições discursivas introduziam, fazendo derivar daí novos sentidos. Tais contradições, inverossimilhanças, excessos, falhas, defeitos ao nível do texto e do discurso funcionaram como o negativo a revelar as possibilidades de subversão leitora.

O prazer de ler cederia lugar ao tédio da leitura do mesmo, demandando novos temas, novas abordagens, novas linguagens. O gozo do in-dizível, do inter-dito ainda estava distante, mas a leitura começava a abandonar os seus resíduos ingênuos, nas alegorias do prazer, para aproximar-se do seu desejo, confrontado com as intermitências pulsantes do gozo. Prazer na leitura e gozo na leitura não se confundem, mas também não se opõem, apenas constituem momentos diferentes, na leitura que faço de Barthes³¹⁴. Esses momentos diferentes podem constituir os leitores-modelo de primeiro e segundo nível conforme Eco³¹⁵. Os conceitos de leitura como prazer-gozo e os de leitores-modelo de primeiro e segundo nível, se colocados na perspectiva dos mecanismos psíquicos de diferença e repetição, constituem instrumentos adequados para a compreensão do progresso na leitura das mulheres, tal como ela se fez historicamente. O mesmo processo se aplica, seguindo Iser³¹⁶, com maior agilidade à leitura proficiente.

De um lado, tais mecanismos de leitura explicam como é possível escapar à determinação de Stierle³¹⁷, da recepção quase pragmática de certos textos ficcionais, comparável à recepção nas etapas primárias de leitura da criança, para a qual já de partida a confrontação com a prova da realidade seria cognitivamente impossível. Para o autor, os estereótipos da percepção de coloração emotiva expulsam o leitor do texto, e a tensão se constrói pelo próprio sistema de afirmações constituídas em cadeia. Por ela, se estabilizam progressivamente as ilusões extratextuais, à medida que o leitor ratifica de modo automático a tomada de posição do narrador, a história ratifica-se a si própria por meio da recorrência, e os conceitos ratificam-se

³¹⁴ R. BARTHES. *O Prazer do Texto*. 5. ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1999.

³¹⁵ U. ECO. *Seis passeios pelo bosque da ficção*.

³¹⁶ W. ISER. *O ato de leitura*, 1999.

³¹⁷ K. STIERLE. *Que significa a recepção dos textos ficcionais?* In: H.R. JAUSS et al. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

pela sua não problematização, de modo que a leitura absorva pragmaticamente todos os vazios textuais.

De outro lado, ajudam a explicar a produtividade da leitura feminina, mesmo submetida a todas as formas de controle e tutela. O deslocamento dos horizontes de expectativa para a construção de novos sentidos formulado por Jauss³¹⁸ encontra em Iser a confirmação daquilo de que já era possível suspeitar a partir do mecanismo freudiano de diferença e repetição. Ao referir-se ao importante papel do *vazio* na interrupção da “good continuation” e na colisão provocadas pelas imagens (penso aqui no confronto entre as catexias de desejo e as de percepção no esquema freudiano), Iser afirma:

Não há dúvida que também exercemos esta atividade ideativa no caso daquelas obras, cuja conexão explícita dos esquemas textuais e a “good continuation” assim garantida, não nos incitam constantemente para novas ideações; no entanto, a observação latente destas ideações **prospera menos** do que no caso em que a colisão produz novas e frequentes ideações. Daí a impressão de pobreza, oposta à viva complexidade do outro tipo de texto.³¹⁹ (grifo nosso)

Situo as possibilidades de avanço no horizonte de representações leitoras na apropriação pelas mulheres de um certo modo específico de práticas e de objetos de leitura sob a perspectiva de Jauss e Iser. Há redutos específicos nos quais a leitura não se faz ou é feita sob o modo pragmático apontado por Stierle³²⁰ – significativa é a leitura fragmentária das operárias, observada por Bosi³²¹. Mas sabemos que o universo do leitor e da leitora é de difícil senão impossível aferição. Podemos partir de índices de vendagem nas livrarias e produzir um determinado recorte que possa servir como indício confiável de uma tendência. Por exemplo, dados nacionais de 2005 apontam que as mulheres lêem mais. Nesse ano o Diário de Bridget Jones, de Helen Fielding, vendeu 107.000 exemplares; *Sex and the City* vendeu 25.000 e o Diário da Princesa, por Meg Cabot, vendeu 230 mil exemplares³²². Considerando-se que a tiragem média no Brasil é de 2.000 exemplares, tem-se de fato um número avassalador. Que conseqüências no entanto extrair da exuberância desses números? Repetição em pleno século XXI do *boom* das romancistas inglesas que escreviam por encomenda no século XVIII e

³¹⁸ H.R. JAUSS. *Toward an aesthetic of reception*. Minneapolis: Minnesota Press, 1982.

³¹⁹ W. ISER, 1999, p. 114.

³²⁰ K. STIERLE, 2001.

³²¹ E. BOSI. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

³²² *Na trilha de Carrie*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 ago. 2005.

ganhavam dinheiro com seus livros? Literatura de mulheres para consumo de mulheres? Leitura traduzida para vários idiomas na linguagem universal feminina da peripécia adolescente? Ainda?

Examinando recortes literários dos romances *O Quinze* e *São Bernardo*, veremos no último capítulo como a produção da leitura e da escrita é capaz de refletir os mecanismos de prazer e gozo, pela ótica da perversão em Barthes e Lacan.

3.6. “A irmã de Graciliano Ramos”

Indissociável dos modos mais e menos intensivos da prática leitora feminina e de seus modos específicos – e ao mesmo tempo singulares – de recepção, outro impasse decisivo se coloca à leitura, pelas mulheres, dos textos em que elas são o objeto das escritas produzidas por homens. Este tema tem sido objeto de discussão em estudos importantes³²³ sobre a leitura feminina. Tentam compreender como as meninas e mulheres resolvem psiquicamente a profunda divisão subjetiva que nelas produz a leitura de uma ficção que desde sua origem representa seus heróis masculinos em altíssimo primeiro plano, reservando às mulheres o papel coadjuvante e passivo da dama salva de todos os perigos. A discussão tende a se complicar quando o protagonismo da mulher padece de uma representação no mínimo ambígua nos romances modernos. Perde-se em conjecturas sobre se o romancista A, B ou C glorificaram ou aviltaram a imagem feminina em seus romances, ou retrataram-na de forma neutra.

Não considero particularmente produtiva essa discussão, à medida que defendo que as mulheres ascendam culturalmente de modo a produzir uma instância crítica que possa conviver pacificamente com esses modos de representação. Aquilo que entendemos ou sentimos como obra de arte tem o poder imensurável de que fala Proust: nelas nos colocamos por inteiro para obter as recompensas socialmente necessárias e psiquicamente gratificantes. Por essa liberdade poderosa que a leitura nos permite, é possível compreender o enigma da exclusão feminina e o prodígio de sua superação, à medida que nas obras que amamos colocamos aquilo que somos, que fomos, e que mais ardentemente desejamos. Esse é o ideal do eu que todo um entrelaçamento de discursos pôde produzir.

Do mesmo modo que Freud a partir do estudo dos neuróticos descobriu os fenômenos cotidianos de uma psicopatologia que se aplica a todos, pela via dos lapsos e dos sonhos, é possível que a afirmação de Goulemot sobre a ausência de identificação com os personagens na leitura do erótico se aplique também a qualquer outra leitura ficcional. Tal como na leitura erótica, da qual o leitor faz uso para o seu gozo, abandonando tudo o mais que não interessa

³²³ J. CULLER. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 52-77. E. A. FLYNN; P. P. SHWEICKART. *Gender and reading: essays on readers, texts, and contexts*. 3. ed. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 1992.

na forma de descrições e digressões, é possível pensar que na literatura convencional, e a de mais alta qualidade, também utilizo meus heróis a meu bel-prazer: sou Bovary encerrada no quarto e sou Dom Quixote perambulando mundo afora preso na mesma ordem do imaginário.

Aspecto mais importante a considerar não é como a mulher foi representada – foi divinamente representada demais, isso sim, considerando a miséria de sua condição intelectual, sexual, material. É pensar quais possibilidades se apresentam no horizonte para que a literatura feminina, ou antes, a literatura produzida por mulheres ultrapasse esse limiar de recalçamento e se torne afirmativamente despudorada, intelectualmente madura, desesperadamente humana?

A acepção lacaniana da vertente sublimatória por meio da técnica cortês e de todo o seu legado romântico, como expressão simbólica para a abordagem sexual às mulheres, o objeto feminino, levam em conta a relação historicamente dissimétrica proveniente do sistema de trocas de mulheres e se prolongou nos arranjos matrimoniais na nobreza, nos quais o repúdio era possível, com o apoio mais ou menos silencioso da Igreja. É nesse clima de submissão e abjeção, do qual não podem ser descartados gestos isolados de idolatria e afeição, que os homens começaram a produzir literatura usando mulheres como tema: a dama cruel, a dama inacessível, a dama amorosa. Muito tempo, ao menos cinco séculos, se passaria antes que as mulheres tomassem da pena e antes que os primeiros escritos femininos fossem registrados pela História.

Antes que isso pudesse acontecer, uma transformação profunda nos relacionamentos entre homens e mulheres aconteceu sobretudo no campo do simbólico, graças à intervenção da palavra, e sobretudo da palavra escrita. A pacificação dos costumes foi causa e a poesia cortês o pretexto para que homens de costumes bárbaros refinassem suas maneiras pelo cortejamento. Costumes da nobreza foram imitados pela burguesia, e tanto em um como no outro estrato a lógica da *distinção* que incitava à imitação nos estratos inferiores era a mesma que impulsionava a diferenciação nos superiores, de modo que maneiras cada vez mais exigentes propunham-se como atitudes desejáveis, contribuindo para o surgimento de uma civilização que impunha sobre si mesma exigências cada vez mais coercitivas, criando medidas de autocontrole sempre mais severas.

Severidade maior cercou a família nuclear burguesa, centrando nas mulheres formas especiais de controle – demográfico, sanitário, sexual, econômico, médico, jurídico, na forma de um biopoder apontado por Foucault.³²⁴

A ascensão das mulheres ao papel de protagonistas de romances correspondeu de certo modo à sua ascensão a condições existenciais menos opressivas, ou, pelo menos, a um desejo de reparação imaginária no nível do Simbólico. De qualquer modo, forneceu instrumentos confiáveis que serviram à observação, reflexão e transformação na ética dos relacionamentos. Mas foi inevitável que, sendo escritos por homens, seu imaginário e suas visões de mundo se projetassem de modo a construir à sua maneira os desejos, as expectativas e especialmente os ‘sonhos’ femininos de suas protagonistas – suas leitoras-modelo estavam receptivas a uma projeção imaginária, submetidas de modo complexo a um triplo espelhamento: imagens que tinham de si próprias, imagens oferecidas pelo texto, imagens que construíam a partir da formação compósita de sua própria imagem sobreposta ao imaginário textual. Ali onde foi possível distanciar-se objetivamente no cotejo da leitora em relação a tais imagens, foi possível conter a exacerbação narcísica, que tinha tudo para prosperar a partir das imagens idealizantes da mulher. Mais tarde, quando as imagens realistas-naturalistas centraram as agruras da mulher desviante em direção ao ostracismo, à miséria, à doença e à morte, foi o masoquismo fundado sobre o sentimento de culpa que esteve em pauta na agenda dos romancistas.

Sentimento de culpa que os escritores, desde Tolstoi, sempre souberam utilizar muito bem, por meio da vitimização do filho. O belo romance da década de 50 *Lições de Abismo*³²⁵ o faz por trapaça, no expediente de atrair a mulher para uma armadilha na qual o filho vive uma falsa situação de perigo. Isso parece fazer parte do jogo convencional da literatura que toma por tema ora a mulher idealizada, ora a mulher desviante. A perspectiva sob a qual se observa e representa a mulher é exclusivamente a do espelho que reflete a sua moralidade. Os romances da década de 1930 foram exemplares no sentido de oferecer não mais que dois modelos de figuras femininas: a esposa e a prostituta.

³²⁴ M. FOUCAULT. *História da Sexualidade v. 1*, 2001; _____. *Microfísica do Poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

³²⁵ G. CORÇÃO. *Lições de Abismo*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968.

Nesse aspecto Rachel de Queiroz se mostrou como uma *autora desviante*, ao romper com esse modelo e introduzir pela primeira vez uma personagem feminina com desejos próprios e poder de decisão sobre o seu destino: escolher entre o estudo e o trabalho na cidade grande e o casamento e a maternidade na terra natal, uma vez que a sociedade da época tornava essa escolha obrigatória. Conceição era a normalista-leitora nutrida por leituras libertárias e por ideais de emancipação feminina, cujos desejos tentavam escapar ao modelo imposto da esposa-mãe, de um lado, e da prostituta, de outro. Rachel criou um novo tipo feminino, que excitou o imaginário popular de várias formas, sob a pena maliciosa de outros escritores.

Aí também, em torno da figura da normalista, a necessária perversão da escrita de novo fazia utilizar imagens contrastantes de pureza e devassidão, não mais separadas nas personagens de esposa e mãe, mas confundidas na cândida libertinagem suposta na personagem da normalista. Isso permite constatar os efeitos retardantes que o não-saber sobre o sexual é sempre passível de fazer recair sobre os escritos femininos ditos sérios, como efeito de uma dupla moral sexual. A ruptura promovida por Rachel foi a ruptura possível, não visava e nem poderia atingir as misérias de uma ordem sexual repressora. As duas imagens femininas de Hopper mostradas nas figuras 8 e 9 traçam cenas distintas de efeito profundamente perturbador. Na primeira, uma introspecção leitora protegida, onde natureza e civilização se tornam indistintas, tal como o corpo e o rosto feminino semi-oculto sob tons escuros. É nesse espaço de velamento que encontro Conceição e seu dilema natureza-cultura, na ficção de Rachel de Queiroz. Na outra imagem, o ideal utópico luminoso de uma abertura do espaço, da casa e do corpo sob uma luz quase intolerável incide eroticamente sobre o corpo desejante da mulher.

A representação de heroínas e anti-heroínas contribuiu para elevar perspectivas imaginárias e transcendê-las, ainda que através do romance romântico ou realista. Machado de Assis felizmente já havia aberto um caminho às formas aproximativas de identificação de leitoras (e leitores) em sua obra, cuja multiplicidade e universalidade de tipos femininos marcantes forjavam progressivamente o desprendimento de estereótipos românticos e naturalistas: Helena, Virgínia, Marcela, Sofia, Eugênia, Capitu, Carmo, Fidélia. Não convém esquecer que os próprios romancistas bebiam em outras fontes, além do *grande* romance, incorporando em seu repertório a tragédia e a filosofia grega, os pensadores latinos, Shakespeare,

Schopenhauer...³²⁶. Leitor de Lawrence Sterne, crítico da forma e da temática tradicional do romance, Machado, conscientemente, inovou conteúdos, linguagem e dotou de ambigüidade personagens e situações, sem deixar de cativar o leitor e a leitora, quando seus romances mais maduros tendiam a produzir um leitor muito menos vulnerável às expansões romanescas.

O tema do adultério no século XIX era dos mais delicados e foi abordado de modo diferente por Machado (em 1880), em capítulos de romances-folhetim publicados em jornais. A penalização do adultério feminino pelo artigo 38 do livro V das Ordenações Filipinas, de 1603, que dava ao marido o direito de matar sua mulher adúltera, vigorou até 1830 no Brasil. Enquanto que Tolstoi³²⁷, Eça³²⁸ e Flaubert³²⁹ fizeram morrer suas heroínas, na linha trágica do libretismo romântico das mortas na ópera³³⁰, Machado³³¹ poupou a adúltera para fazê-la chorar a morte do narrador-defunto-autor nas *Memórias Póstumas*. É certo que não a poupou de sarcasmos e censuras, apontando seu desejo de ascensão social e *certa aversão à maternidade*, como apontou Freitas³³².

Essa foi a solução de compromisso encontrada por Machado para deitar água sobre a fervura do machismo truculento patriarcal. A penalização de Machado se faz em meio a “uma piedade irônica e indulgente”³³³, quando punir o adultério com a morte pela moral burguesa vigente era ainda aceitável. Machado, expurgando de sua tinta o colorido naturalista que havia privilegiado o tema, ultrapassou o nível de transgressão de um Schnitzler, inspirador literário da teoria freudiana, fazendo-o de tal modo que a sobriedade de linguagem e imagens passava a impressão de que não transgredia. No entanto, o Bruxo trapaceou com o rigor moral da época ao não poupar sequer a figura da mãe na mulher que traiu Lobo Neves, ou a do filho, colocado na posição de *cúmplice inconsciente*³³⁴ do adultério, na crítica que *Memórias Póstumas* dirige à hipocrisia da ordem moral burguesa.

³²⁶ J. L. JOBIM (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

³²⁷ L. TOLSTOI. *Ana Karenina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

³²⁸ E. QUEIROZ. *O primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

³²⁹ G. FLAUBERT. *Madame Bovary*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

³³⁰ C. CLEMENT. *A ópera ou a derrota das mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

³³¹ J.M. Machado de ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

³³² L.A.P. FREITAS. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

³³³ Ibid.

³³⁴ Ibid.

É compreensível que as leitoras de romances desejassem atravessar a fronteira de sua leitura para a escrita. Norma Telles³³⁵ traça o percurso de romancistas, educadoras e jornalistas brasileiras no século XIX e a ousadia de seu pioneirismo no universo da escrita em que apenas os homens eram até então autores e autoridade. Poucos nomes foram pinçados para dentro de manuais literários, como Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Nísia Floresta. Maria Benedicta Câmara Bormann, sob o pseudônimo Délia, defendia já naqueles tempos em seus romances e ensaios uma sexualidade afirmativa feminina e a educação sexual das moças. Tematizava já em seus escritos em livros e jornais o trabalho, a realização profissional, a repressão sexual, associando a hipocrisia da dupla moral aos sintomas da histeria feminina.

Suportou, junto com outras escritoras, a hostilidade do discurso higienista que apontava os perigos à instituição familiar e social personificado na mulher de letras. Hoje se me afigura ainda mais admirável a coragem dessas mulheres que como Délia permaneceram praticamente desconhecidas, tendo publicado seus romances em folhetins na mesma década³³⁶ de Machado de Assis. Foram precursoras que abriram caminho para o estilo conciso de Rachel de Queiroz no romance *O Quinze*, que mostra o calvário dos retirantes da seca, paralelamente à ação que acompanha a relação impossível entre a normalista Conceição e o vaqueiro Vicente.

O livro de estréia de Rachel de Queiroz foi recebido efusivamente pela crítica (masculina), surpresa com a novidade. Narrativa enxuta, sentenças curtas e carregadas de sentido, higidez na descrição da miséria dos retirantes fugindo à seca. A simplicidade da narrativa não impediu que a autora produzisse uma síntese de assuntos relevantes para a época, focados na ligação com a terra, na costura que fez dos dois planos narrativos. Abordava assim ao mesmo tempo o drama da seca, a condição das mulheres e o processo de urbanização crescente.

Veja-se no trecho seguinte como a autora descreve a luta do menino Josias para saciar a fome, preparando o desenlace por vir:

Ele então foi ficando atrás, entrou na roça, escavacou com um pauzinho no chão, numa cova, onde um tronco de manipeba apontava; dificulosamente, ferindo-se, conseguiu topar com uma raiz, cortada ao meio pela enxada.

³³⁵ N. TELLES. *Escritoras, escritas, escrituras*. In: M. DEL PRIORE (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

³³⁶ Maria Benedicta Câmara Bormann (Delia) publicou *Aurélia* (1883), *Uma Vítima*, *Três Irmãs*, *Magdalena* (1884), *Lésbia* (1890), *Celeste* (1893) e *Angelina* (1894).

Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando pau num dos extremos.

Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangiram na fibra dura.

Atirou ao chão a ponta de raiz, limpou a boca na barra da manga e passou ligeiramente pela abertura da cerca.

Sem esquecer os interesses envolvidos nas lutas no campo literário em que se debateram escritores nortistas e sulistas, a crítica foi bastante favorável à escritora. Schmidt³³⁷ em 1930 deu seu veredito positivo, embora carregado de acusações ao que não havia na obra, mas *poderia haver*: “Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina.” Também Olívio Montenegro³³⁸ acentuará enfaticamente como a autora se afastou do “sentimentalismo do seu sexo”, apontando na obra o traço distintivo “de uma personalidade viril”. A apreciação de Graciliano Ramos (1937)³³⁹ foi mais generosa:

Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (...) ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. (...)

Esse romance “viril” foi o primeiro romance sério escrito por mulher no Brasil, na opinião dos escritores, especialmente de Graciliano Ramos, a quem a escrita feminina deve de certo modo uma primeira entrada para a história da literatura. Mas *O Quinze* também recebeu críticas à sua época e sua leitura hoje faz sorrir de uma torrente de adjetivos no capítulo 12 e de algumas metáforas ingênuas: cap. 25: “E tudo era verde (...) O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança.” (...) cap. 22: “E novembro entrou, mais seco e mais miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês de finados, a imensa foice da morte.” Narrativa linear, dela não ficam ausentes a dimensão piedosa, a assistência aos desvalidos, o desvelo maternal no cuidado de Duquinha. Tampouco a pretensão intelectual que cerra fileiras contra o romance: “Isso não é um romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...”

³³⁷ Augusto Frederico SCHMIDT, *O Quinze: as novidades literárias, artísticas e científicas* (I, 4), p. 1, apud Luís BUENO. *Uma história do romance de trinta*, São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 133.

³³⁸ Olívio MONTENEGRO, *O Romance Brasileiro*, p. 273, apud L. BUENO, 2006.

³³⁹ Graciliano RAMOS. *Caminho de Pedras, linhas tortas*, p. 141 apud L. BUENO, 2006, p. 133.

É justamente essa pedagogia ingênua que impregna a literatura de Rachel, mas não apenas a dela, e não apenas a literatura feminina, mas também a de autores homens solidariamente engajados. Cumpre seu papel em dado momento, como a dos romances proletários em seu tempo. Os textos que deste modo se oferecem à causa permanecem em seu valor de documentos, na mesma medida que se sacrificam como literatura. A literatura de cunho social e psicológico se tornará atemporal e universal se conseguir ultrapassar esteticamente os eventos narrados, por uma reinvenção no nível da linguagem. Graciliano o conseguiu com seu segundo livro, *São Bernardo* (1934). Há uma passagem no livro *O Quinze* (1930) que sugere um diálogo entre as duas obras:

E a moça comparou Dona Inácia àquelas senhoras de *alma azul*, de que fala o Machado de Assis...

Foi então que se lembrou de que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado... Nem nada do que ela lia.

Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado...

(...)

Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava.

Para além da crítica feita ao tempo da obra e daquela que se faça muito depois dela, pela interposição de novos objetos e parâmetros para comparação³⁴⁰, é possível extrair dessa intertextualidade uma ética literária oferecendo modelos para uma nova estética, que privilegia a economia textual a serviço do *dizer*. Do *bem dizer* que se cumpre paradoxalmente pelo maldizer, pela negação, pela negatividade, no sentido que lhe atribui Iser³⁴¹. Negando todo escrúpulo e toda comisseração, a perversão do narrador espelha a perversão da escrita, à medida que abate sob o mesmo golpe do escrito o ranço conservador da piedade e o discurso preciosista de boas palavras que o sustenta.

Um exemplo. A criança em *São Bernardo* não é o pobre anjinho vítima das privações, mas o incômodo ruído estigmatizado narrativamente antes do evento do seu nascimento. A

³⁴⁰ Pela hipótese de trabalho de Bosi para situar os romances a partir de 1930, o romance de Rachel de Queiroz se inscreveria entre aqueles de *tensão mínima*, enquanto que toda a obra de Graciliano se configuraria na *tensão crítica*; aparecem ainda os romances de tensão interiorizada (Cornélio Pena, Lúcio Cardoso, Lígia Fagundes Telles) e finalmente os de *tensão transfigurada*, nas *experiências radicais* de Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

³⁴¹ No sentido que lhe dá Iser. W. ISER. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*, São Paulo: Ed. 34, 1999.

destituição na linguagem – de que a mais curta frase do trecho é a presentificação mais aguda – é o espelho da destituição simbólica da função paterna:

- Maria das Dores, acenda os candeeiros.

O pequeno berrava como bezerro desmamado. Não me contive: voltei e gritei para d. Glória e Madalena:

- Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito? Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo. A criança esgoelando-se.

Madalena tinha tido menino.

Em *O Quinze*, a máscara da renúncia ao casamento e à maternidade em favor das letras e das causas sociais se trai na tentativa de reparação constante de toda forma de desamparo, da criança, das famílias, das mulheres. Ao passo que a renúncia em *São Bernardo* – e aqui invocáramos o *mais-de-gozar* lacaniano – implica renunciar a toda bondade e a qualquer vestígio de filantropia. Mais que isso: assumir o ônus de toda brutalidade de uma ética moral rigorosa, incorruptível à sedação de ações e palavras. Tanto ações como palavras ferem, cortam, desgostam o prazer tradicional da leitura e da escrita e o substituem pela experiência mortal do gozo até o seu limite.

Outro forte indício textual que aproxima o relacionamento entre os sexos e o uso da linguagem é o emprego da metáfora e da metonímia na forma como o narrador feminino e o narrador masculino vêem seus personagens do outro sexo.

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado.

O esforço de confundir a figura de Vicente na paisagem é parcialmente diluído pelo que as metáforas evocam: o porte altaneiro na montaria, a marcha imperturbável, o fogo nos seixos, o espantar os bichos, folhas estalando, enfim, todo um domínio superior sobre a natureza, ainda que madrasta, lembra a força e o retorno do herói. Ainda que estilisticamente neutralizada, a figura de Vicente se destaca ali em sua inteireza.

A aparição de Madalena se faz por metonímia, apenas um indício inicial do adiamento indefinido do aparecimento da personagem inteira. A bem dizer, ela não aparece narrativamente a não ser como obstáculo impertinente aos objetivos de Paulo Honório, e seu apagamento se confunde com o de personagens de caráter semelhante, como D. Glória e o Sr. Ribeiro.

No outro dia, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim elogiando umas pernas e uns peitos. Elevaram a conversa.

- Mulher educada, afirmou João Nogueira. Instruída.

- E sisuda, acrescentou Azevedo Gondim. Padilha não achou qualidade que se comparasse aos peitos e às pernas.

*São Bernardo*³⁴² é a arte que se toma a si mesma por modelo para ir ao encontro de um ideal estético, assumindo o controle do tempo, prolongado na curta narrativa. No entanto, mais do que uma estética, o autor propõe uma ética de escrever, pela qual a escrita se impõe como fruto de trabalho intenso e prolongado (“De repente voltou-me a idéia de construir o livro.”), tanto mais eficaz quanto maior for o distanciamento autor-narrador.

Embora de nada sirva a narrativa, já que lhe escapa o retrato moral de sua própria mulher, o narrador escreve porque não tem alternativa “Sou forçado a escrever”, ainda que não disponha dos instrumentos necessários: “se eu possuísse a metade da instrução de Madalena”, e ainda que suas mãos se sintam mais à vontade com o trabalho pesado e sua cabeça se dê melhor com as ações práticas do cotidiano. De modo tal, que a pena lhe pesa na mão e a falta do hábito de pensar lhe exige um esforço a mais, nas inúmeras tentativas sempre reiniciadas: “Esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar.” Diante das objeções do “pernóstico” jornalista: “É o diabo, Gondim. O mingau virou água. Três tentativas falhadas num mês!” Finalmente põe de lado as tolices do jornalista e o saber de João Nogueira, incerto sobre como fazer: “O pior é que já estraguei diversas folhas e ainda não principiei. (...) Dois capítulos perdidos. Talvez não fosse mau aproveitar os do Gondim, depois de expurgados.”

Paulo Honório recusa o estilo dos sabichões instruídos que não entendem do riscado e complicam e ocultam o que é para tornar simples e evidente. A relação entre os sexos só interessa enquanto discurso sobre a produção escrita, que não é assunto para as moças da

³⁴² G. Ramos. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

escola normal. A contradição do narrador é apenas aparente no elogio à normalista que sabe gramática, pelo uso recorrente da ironia: “talvez aquilo fosse bem feito, pois minha mulher sabia gramática por baixo da água e era fecunda em riscos e entrelinhas” (p.185), “há por aí volumes que cabem em quatro linhas” (p. 105), “professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias” (p. 136) Com tudo isso, a folha da carta levada pelo vento é incompreensível, o que demonstra que suas sintaxes não se afinariam nem na vida nem na morte:

Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. (p. 110) (...) Defronte do escritório descobri no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento. Apanhei-a e corri a vista, sem interesse, pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente, não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhada, muito me dificultava a compreensão³⁴³.

A irmã de Graciliano, diferentemente da alusão de Virginia Woolf a uma possível irmã de Shakespeare, existiu de fato. A ela Graciliano dirigiu uma carta, comentando um conto por ela escrito e publicado, apontando diretamente que ela havia entrado por um *mau caminho*, ao retratar suas personagens femininas *caboclas* como se fossem leitoras de romances e freqüentadoras de colégios. Como penetrar a alma dessas criaturas semi-selvagens sem projetar na escrita os seus próprios sentimentos, sem *bater bilros nem lavar roupa*? Graciliano colocava para si mesmo e para qualquer autor a questão da legitimidade da escrita e seu despudor em falar em nome do outro. De fato, como superar o obstáculo da distância entre o mundo do intelectual, ainda que decadente funcionário público como Luís da Silva, e penetrar o universo aparentemente intocável que habitavam os mendigos?

Tal problema parece ter-se colocado na prática de modo bem mais acentuado para as mulheres, no campo da escrita como um todo e no campo da literatura em particular. Perrot³⁴⁴ aponta os impasses na ação política e nos escritos de Flora Tristan³⁴⁵ ou de Georges Sand³⁴⁶

³⁴³ G. RAMOS. *S. Bernardo*, p. 185.

³⁴⁴ M. PERROT. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

³⁴⁵ _____. *Flora Tristan, pesquisadora* In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 365-380

³⁴⁶ _____. *Sand: uma mulher na política*. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 381-424.

na historiografia e no romance do século XIX. No século XX a situação não havia se modificado sensivelmente para as mulheres que escreviam e o problema da legitimidade que se colocava Graciliano como escritor não era estranho às preocupações de Virginia Woolf, ao examinar o duplo aspecto da questão: o grande drama da escrita feminina dizia respeito a duas instâncias de liberdade que faltavam às mulheres: o espaço interno de liberdade onde não a coagisse a ordem aviltante da necessidade e o espaço externo de liberdade onde fervilhavam todos os acontecimentos essenciais à literatura que deveriam ser experimentados bem de perto. As duas condições preenchidas poderiam provavelmente liberar as mulheres da máscara do messianismo e da filantropia, que de forma ingênua marcaram os escritos das mulheres – George Sand por exemplo desejou ampliar o direito de escrever aos meios populares: serralheiro, pedreiro e costureira eram instados a escrever, expurgando de seus escritos desvios como a volúpia ou a infidelidade.

A psicanálise vê com desconfiança e denuncia os impulsos agressivos ocultos sob as atividades filantrópicas³⁴⁷ – e não há como negar em Sand uma espécie de filantropia intelectual, pela qual a questão de classe encobria totalmente a questão do sexo-gênero. É bem possível que as mulheres tenham se ocupado da escrita amena e superficial de um lado, e da escrita reivindicatória de outro, ambas sob um enfoque sentimental, porque seus impulsos de agressividade foram reprimidos juntamente com a sexualidade – o que se reflete de modo geral no caráter moralista e socialmente reivindicador de seus escritos. Oprimida, escreveu sobre os *homens* oprimidos, muitas vezes esquecendo-se de sua própria condição. E não se dando conta sobretudo das coerções que pesavam sobre sua sexualidade, as heroínas virtuosas que imaginavam em seus escritos ainda eram o horizonte possível, fechado a qualquer forma de transgressão mesmo que imaginária. Penso aqui também em George Sand e nas escritoras do romance social do século XIX, mas também nas romancistas inglesas do século XVIII que escreviam profissionalmente as “silly novels”³⁴⁸ com seus ingredientes romanescos em que o casamento ao final sempre premiava a virtude.

No entanto, o romance social não foi iniciativa das mulheres, mas produto histórico social necessário. Os escritores de condição *menos* privilegiada, e as mulheres – mas justamente as de condição privilegiada – fizeram dele o material de escrita possível, encontraram nele o gênero acessível, quando seu esgotamento no outro extremo do campo exigia o surgimento de

³⁴⁷ J. LACAN. *Escritos*, 1998, p. 110.

³⁴⁸ G. ELIOT. *Silly novels by lady novelists*. In: *Selected Critical Writings*, 2000.

novas formas, anunciando outras vanguardas literárias. A filiação ou desfiliação ao gênero quando este se tornava historicamente um modo desprestigiado a ser substituído por vanguardas estéticas inovadoras se fez segundo o modelo das conhecidas estratégias da distinção, permitindo, desse modo, que as mulheres ocupassem certos espaços da arte onde a ordem masculina não se exercia mais intensamente: a princípio na correspondência privada, em certas áreas do jornalismo, na literatura de viagem, no romance popular. Nas artes pictóricas fixaram-se na paisagem, quando os homens passavam a usar modelos nus³⁴⁹.

Se é possível falar em motivações psíquicas de inibição dos impulsos de agressividade para dificultarem a sublimação, não há como negar que elas tenham sido culturalmente produzidas. A literatura de Clarice Lispector é duplamente exemplar, pelo seu caráter de excepcionalidade literária e seu caráter de exceção feminina. Habita uma androginia literária na qual figura o universo masculino do aprendizado da escrita segundo o modelo de Graciliano e o universo feminino cuja temática central é a angústia, tentando o difícil equilíbrio entre esses dois pólos, daí a estranha dor de existir, expressa em seus textos. Talvez Macabéa e Olímpio constituam imaginariamente o protótipo final dos sexos em sua miséria mais sublime.

Daí não haver riso em Ana, Joana, Macabéa, ou Clarice. Sua arte se desvencilhou com soberano escárnio de qualquer ranço ou cacoete reivindicatório, comum e historicamente necessário na literatura feminina. Mas conservou-se fiel à mulher e sua angústia, cujos enigmas reificou ao nível da obscuridade plurissêmica da linguagem, cuja sintaxe fez em pedaços em benefício de novos sentidos. Sua universalidade é do feminino, do íntimo.

É o que diferencia sua arte da de Guimarães Rosa, não assombrado pela necessidade de divisão subjetiva entre os dois pólos. Sua universalidade do “extimo” provém de embrenhar-se nos enigmas do sertão e da palavra e livre de amarras recriá-los sob as leis de um novo código *semântico* e *sintático*. Isso lhe permitiu duas liberdades, em nível psicológico e estético: sondar os abismos infinitos no drama de Diadorim e gozar das pequenas alegrias do puro jogo significativo. Seja na experiência mesma do Grande Sertão³⁵⁰, seja nas sandices experimentais da zoomorfização do significante em sua forma mais radical, mas

³⁴⁹ Anne HIGONNET. *Mulheres e imagens: aparências, lazer, subsistência*. In: G. DUBY; M. PERROT; G. FRAISSE. *História das mulheres no Ocidente*, v. 4. Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 297-323.

³⁵⁰ João Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

especialmente na sinfonia exuberante do significante nos contos de boiada e de febre nas histórias espantosas de Sagarana.

Se foi possível fazê-lo, foi porque seu *gênio* não o pôs em conflito mas em continuidade com a tradição de inovação, na linhagem transgressora de Machado e Graciliano. No aspecto da inventividade no campo da linguagem, fruto da história da aculturação das mulheres que se fez à parte e do relativamente número pequeno de escritoras canônicas que ela pôde produzir e da ausência de representatividade feminina em escolas literárias, o gênio de Clarice cintila em meio ao silêncio, como um paradoxo a decifrar.

4. Conclusão

Ao longo desta tese, procurei mostrar que o processo tardio de aculturação das mulheres implicou conseqüências de longa duração sobre sua capacidade de sublimação pulsional, em seus modos específicos de leitura e escrita, em sua inserção específica em áreas restritas do poder e da cultura. De modo significativo, os efeitos sobre a produção literária e intelectual foram percebidos no processo de um desenvolvimento histórico que pressupôs sua marginalização em relação a uma tradição de escola literária e de pensamento científico e filosófico.

A inserção que se fez então pelos rodapés da cultura submete-se a um ritmo e dinâmica próprios, de tal modo que as apropriações culturais das mulheres, temporalmente postergadas e espacialmente demarcadas, porque remetem às especificidades de sua origem tardia e sócio-historicamente determinada, tenham que ser socialmente balizadas e se proponham, com raras exceções, a consumir-se sob a inspiração dos modelos culturais masculinos que produziram historicamente o patrimônio científico e cultural, sob a ordem falocêntrica. No entanto, os modos específicos pelos quais essa apropriação se vem fazendo não foram de modo nenhum tranquilos, submetidos que foram às coerções impostas pelas políticas de controle que regeram os dispositivos de aliança e da sexualidade.

Assumindo a visão freudiana de que a civilização não corresponde a dom de liberdade mas a um aumento de suas restrições, idéia presente também em Norbert Elias³⁵¹, entendo que tais coerções, impostas sobre a família a partir do fim do século XVIII, reverteram às mulheres sob uma forma especial de repressão, à medida que nelas se intensificaram os controles e procedimentos médico-higienistas exercidos por meio da pedagogia, da medicina e da economia. Ao mesmo tempo, particularmente em torno delas se desenvolveram as técnicas da *confissão*, que evoluíram da forma religiosa imposta pela direção e o exame de consciência para formas renovadas de intervenção e controle da sexualidade, sob o olhar do médico, para finalmente se canalizarem para as possibilidades de liberação psíquica de um saber sobre o inconsciente sexual, sob a ética psicanalista. Essa abertura promovida pela psicanálise promoveu o surgimento de signos de libertação, permitindo que um desejo de saber sobre o sexual conduzisse ao desejo do saber propriamente dito, de modo que esse duplo aprendizado

³⁵¹ *O Processo Civilizador*, 1994.

histórico das mulheres confirmaria, sociogeneticamente, aquilo que Freud havia descoberto sobre a pulsão de saber potencializada a partir das teorias sexuais das crianças.

De fato, a revolução que significou o inconsciente freudiano – e a asserção de uma repressão sexual particularmente severa sobre as mulheres, na ordem de uma *moral sexual civilizada* – tiveram para elas o efeito de desencadear uma espécie de correção do mito da cegonha, alusão irônica do pensamento perverso, sucessivamente retomado. Tal como as crianças elaboravam suas teorias sexuais infantis como um caminho prévio para o conhecimento, também as mulheres começaram por abrir caminhos ao saber sobre o sexual, retificando suas próprias teorias, a partir dos ensinamentos de Freud. E a partir da literatura, evidentemente. Uma libertação possível começou a operar-se ali.

No entanto, foi sobre mulheres submetidas a um modelo materno cuja função reprodutora era seu apanágio maior, uma vez que viviam sob condições sócio-demográficas de altas taxas de mortalidade infantil e materna que era necessário reequilibrar, que a psicanálise com todo o seu pensamento revolucionário sobre a sexualidade fundou as suas premissas. Era natural que uma ciência psicanalítica se desenvolvesse em seus inícios com a preocupação centrada de modo geral em crianças que nasciam e recebiam os cuidados de mães submetidas a poderosas coerções sexuais. Também é compreensível que a espécie de cuidado que por meio da cura analítica se pensava como necessário oferecer às mães visasse o fortalecimento da masculinidade, símbolo de força, intelectualidade e poder, em seus filhos homens, e se investisse da filosofia positivista da ciência que para melhor se desenvolver exigia de uma sociedade industrial nascente a divisão estrita dos papéis sexuais, e ao mesmo tempo um controle *científico* sobre a família, por meio das instituições médicas, jurídicas, pedagógicas.

Paralelamente à revolução psicanalítica, o questionamento da condição feminina possibilitaria mais tarde os estudos sobre o gênero. As discípulas de Freud muito lhe devem o saber sobre o sexual que as aproximou da psicanálise, mas, provindas dos meios privilegiados, terão que esperar outras décadas para que suas reivindicações sexuais se ampliem para outras esferas, da cultura e do saber, tanto quanto da esfera do trabalho e da criação. Lacan é o intérprete que retifica e ratifica o pensamento freudiano em diferentes pontos da teoria original, um dos quais é a sistematização, sob a lógica do falo e do Nome-do-Pai, da formação triangular do complexo edípico, sobrepondo-o sucessivamente em duas instâncias diferenciadas: o triângulo inicial *falo-mãe-criança* na relação imaginária *mãe-criança* e a relação *criança-*

mãe-pai na triangulação simbólica. Do ponto de vista do feminino, muitos comentadores consideram que Lacan escapou ao determinismo biológico freudiano ao instituir a supremacia fálica não a partir diretamente do *Penis-neid*, mas da lógica da castração a que todo sujeito humano está submetido.

A lógica fálica estabelece a supremacia não mais do pênis, mas do falo simbólico, erigido a significante primordial. As fórmulas de sexuação reduzem as diferenças à esfera discursiva e matematizada, pela qual é possível tanto a mulheres inscrever-se na ordem fálica como masculinas, como a homens inscrever-se como femininos. A dissimetria radical da diferença dá então lugar à radicalidade contemporizada do *diferendo*, deslocando para o nível discursivo aqui e agora as possibilidades que se abrem para o infinito na produção intelectual e da criação, que não se fazem à margem da história, mas para-além dela.

O foco da preocupação psicanalítica foi a *criança masculina* contraposta a uma mãe duplamente faltosa: em um momento, a sua falta e o seu excesso ocuparam os teóricos da psicologia social; em outro, a mãe submetia-se à ordem do falo à medida que faltava seu próprio significante irrepresentável de uma falta fundamental. Uma vez que não possuir o pênis é o correlato na ordem biológica do fato de não possuir o falo na ordem social – o poder é fálico, sabemos todos –, foi preciso que a psicanálise, tendo como parâmetro ou ponto de chegada uma suposta *normalidade* neurótica, e mesmo perversa, considerasse que a dissimetria radical dos sexos fosse a ordem *natural* das coisas, o que a teoria explicita de maneira radical, quando o retorno a Freud abandona a ênfase nas relações de objeto (pai, mãe, cuidadores) para assumir a lógica da *falta* no horizonte da primazia fálica.

Do ponto de vista do sexo-gênero, acredito que seja imprescindível o exame dos efeitos da repressão sexual sobre as mulheres à luz das práticas culturais que historicamente as excluíram, de modo a se compreender, avaliar e pensar transformações no quadro em que se vem inscrevendo a participação das mulheres na cultura, cuja forma específica de apropriação se distingue de maneira radical do modo como essa apropriação aconteceu para os homens.

O *crime* de pensar certamente eu o subtraí à idéia psicanalítica da pulsão de agressividade e às suas funções ativa e passiva, sádica e masoquista, voyeurista e exibicionista, de ver – ser visto. A hipótese de que a pulsão de agressividade é intensamente reprimida nas meninas pode ser inferida dos textos freudianos e da perspectiva chodorowiana da reprodução da

maternação nas mulheres. À medida que a *maternação* não exclusiva se configure uma realidade possível – e as mulheres assumam cada vez mais também as responsabilidades econômicas do cuidado, será possível pensar diferentemente nas formas de identificação paternas e maternas, e a idéia freudiana da bissexualidade poderá ser compreendida em sua real dimensão psíquico-cultural: meninos e meninas se voltarão a seus pais e suas mães como objeto sexual *e* como modelos identificatórios. Não desaparecerão as diferenças, constitutivamente necessárias, mas desaparecerá a razão que justifique a existência de um modelo exclusivo de pregnancy imaginária mãe-filha, ambivalente o bastante para por sua vez também justificar, nos meninos e nos homens, a paradoxal ambigüidade psiquicamente irreconciliável da interminável busca do objeto materno perdido e o desprezo e o desdém pelas meninas e pelas mulheres.

Pois se é ao Pai simbólico como o modelo abstrato ideal de identificação, na figura do ideal do eu, que o sujeito se remete, é à função e à posição de mãe real, mãe devoradora e castradora, que sua filha deseja escapar ao se voltar para o pai real e imaginário. Essa mãe devoradora não produz seus sintomas neuróticos à revelia de sua inserção social e do seu papel subordinado na cultura a partir da política de gêneros. É penoso constatar que os sintomas se substituem com facilidade uns aos outros, na cadeia significante, de certa forma atualizando e reatualizando neuroses, permitindo a um bom número de mulheres possibilidades psíquicas vicárias de satisfação, na “sublimação” das pulsões. Esta conclusão remete à idéia laqueuriana de uma histeria “normal” para o resto da vida da mulher.

A partir daí é possível compreender que o prazer gozoso no consumo do efêmero na literatura e seus derivados se faça como uma compulsão à repetição, estabilizando o sintoma e a pulsão. Tomar o ilusório por real não é o problema maior, como se viu nos efeitos de corte que a literatura erótica se impõe, que cessam quando sua leitura termina. O mesmo não se pode dizer do romance sentimental, que prolonga seus efeitos sobre o Imaginário para muito além do que um Real pode satisfazer. À leitora sentimental não foi dito que o efeito de sua leitura era ainda mais perverso que o da leitura erótica pragmática. Ao evocar frequentemente, a respeito do gozo, a dialética da tumescência e da detumescência fálica, Lacan remete afinal ao efeito cômico da ereção como uma projeção anamórfica. Esse gozo puramente humano não é privilégio de um dos sexos, como não o é o saber. A Verdade e o Gozo, será necessário experimentá-los para desprezá-los. A verdade do gozo é domá-lo, domesticá-lo, jogar com

ele, renunciar a ele se se desejar, ou colocá-lo a seu serviço. A leitura sentimental nada quer saber do gozo, ou da renúncia ao gozo, só do prazer.

O abandono ao que o texto freudiano chamou de *suave narcose* é o que posso entender como prolongamento de gozo no sintoma e não produção de sublimação. As pulsões sexuais desviadas quanto à sua finalidade são submetidas parcialmente ao recalque, produzindo na melhor das hipóteses a neurose histérica (com toda a encenação sexual denegatória) e na pior das hipóteses a paranóia (com os sintomas mais e menos agudos de perseguição). A outra parte da pulsão, “sublimada”, se satisfaz no seu próprio contentamento, no gozo-sintoma da absorção do jogo imaginário. No entanto, a sublimação se faz sem recalque, o que ajuda a compreender que na sublimação feminina a persistência do recalque possa produzir uma tendência restritiva na produção de obras de arte femininas, no que nos interessa mais diretamente, literárias. A partir dessa premissa, o recalque explicaria então o caráter convencional da produção da leitura e da escrita das mulheres. Se o recalque se deve por sua vez à repressão sexual, como o impõe a moral sexual civilizada, concluímos então que a estrutura psíquica se submete à sociogênese da cultura. Por outro lado, uma vez que as estruturas sociais se modificam, podemos acreditar, mesmo do ponto de vista do psiquismo, na possibilidade de transformações.

Uma via apontada é o fim da maternação exclusiva, o compartilhamento de sua responsabilidade com o parceiro paterno e o cuidado atribuído a poucas e mesmas pessoas. O complexo edípico em uma sociedade patriarcal é radicalmente diferente de sua experiência na sociedade contemporânea, embora em muitas delas, como na nossa, a herança patriarcal pese ainda com relativa força. Ainda assim, se o inconsciente é o discurso do Outro, não seria de admirar que estivéssemos testemunhando, ainda que não nos déssemos conta de seu sentido mais profundo, de uma decisiva modificação na estrutura das mentalidades, à medida que se tornam mais freqüentes e corriqueiras cenas impensáveis algumas décadas atrás: imagens afetuosas de pais segurando ao colo seus bebês, cuidando de sua higiene e alimentação, buscando-os nos berçários e acompanhando do ponto de vista médico e psicológico o seu desenvolvimento, tanto quanto a mãe. Na cena familiar de estratos sociais específicos, onde as transformações acontecem primeiro, a figura dominante do homem e a dependência econômico-afetiva da mulher abandonam o primeiro plano, o que faz pensar na necessidade de uma grande revisão teórica nos modos de funcionamento dos complexos familiares. Essa constatação me permite duvidar, não da centralidade do enfoque psicanalítico em suas

concepções gerais, mas da perenidade de alguns de seus pressupostos elaborados em e para uma sociedade patriarcal, o regime no qual o fosso que dividiu homens e mulheres foi o mais profundo.

Apesar disso, as vias de escape às coerções, se não foram muitas, foram no entanto decisivas. Para além do uso eficaz das reinvenções táticas de que se apropriam os grupos subordinados, as próprias vias da coerção infletiram-se em algum momento em mecanismos de libertação. A Igreja Católica, enquanto instituição que silenciou as mulheres, também produziu, por um movimento de deflexão em suas determinações canônicas, uma janela para o social, do mesmo modo como o fez o pietismo protestante, permitindo assim uma sociabilidade organizada das mulheres fora do lar, com objetivos associativos comuns nas obras de caridade, no atendimento a crianças e doentes, na assistência social, na abertura de escolas para moças. O romance social de cunho popular escrito por mulheres surgiu dessa inspiração e dessa possibilidade.

Na mesma lógica, ser enviada para um convento, em um dado momento histórico, poderia significar para a jovem a única possibilidade de aprendizado da leitura e da escrita. A ampliação da educação formal das meninas muito deve também à proliferação das escolas católicas, dos colégios de freiras, que faziam do rigor do *dever* e da obediência para as moças um imperativo equivalente e simultaneamente antitético ao rigor moral da *razão* jesuítica para os meninos, suscitando desejos de modo semelhante, e muitas vezes desejos de desejos de insubmissão.

Se o bovarismo também significou para as mulheres a expressão de um novo sentimento *oceânico* de ilusão narcisicamente auto-gratificado, ele também representou, para o psiquismo feminino, o enquadre fantasmático necessário ao trabalho sobre si mesma na descoberta dos seus sintomas, no pressuposto de que a desmistificação das ilusões é um processo permanente na análise. Do ponto de vista da cultura e do processo dinâmico de interposição de temas e horizontes, na inferência de sentidos por processos cada vez mais complexos, é possível pensar que esse excesso de Imaginário forjou por si mesmo as próprias possibilidades de sua superação. Ler tanto e tão intensivamente foi o modo específico de contato com o escrito possível às mulheres, o que permite pensar que as insígnias femininas dessa aprendizagem tardia e apaixonada permaneçam indelevelmente marcadas na leitura e na escrita femininas. Se um trabalho sobre o gênero poderá contribuir para reduzir seus efeitos reorientando objetos

e práticas de leitura, acredito ainda que transformações significativas somente ocorrerão depois de decorrido o tempo necessário para que uma tradição literária feminina se estabeleça de modo que possa ultrapassar, por deslocamentos sucessivos de seus próprios horizontes de expectativa, os limites psiquicamente inscritos a partir de sua determinação sócio-histórica.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 196 p.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: **Os Pensadores – Aristóteles (II)**. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 45-236. (Coleção Os Pensadores).

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 173 p.

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. New York: Bantam Classic, 2003. 334 p.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 88 p.

_____. **O rumor da língua**. Tradução António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984. 319 p. (Coleção Signos 44).

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução Hortênsia dos Santos. 16. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 2001. 298 p.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004. 440 p.

_____. **Minha mãe**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 149 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, v. 1: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 312 p.

_____. **O segundo sexo**, v. 2: A experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 502 p.

BELINTANE, Claudemir. **Linguagem: Inconsciente e Educação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1997.

_____. **O instante complexo da vacilação na sala de aula**. MELP - Revista De Metodologia Do Ensino De Língua Portuguesa, v. 01, p. 09-21, 2006.

_____. **Subjetividades renitentes entre o oral e o escrito**. In: Rezende, N. L.; Riolfi, C. R.; Semeghini-Siqueira, I. (Org.). *Linguagem e Educação: Implicações Técnicas, Éticas e Estéticas*. 1 ed. São Paulo: Humanitas, 2006, v. 01, p. 73-105.

_____. **Oralidade e desejo**. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino, 1998, Águas de Lindóia. *Anais I Olhando a qualidade de ensino a partir da sala de aula*, 1998. v. 1. p. 582-583.

_____. **Matizes e matrizes do oral no ensino da escrita**. In: Doxa - Revista Paulista de Psicologia e Educação, Araraquara-SP, v. 9, n. 1, p. 23-45, 2005.

_____.; Costa Pinto, G. **Muito além da cegonha**: questões sobre sexualidade e ensino. In: Graziela Costa Pinto. (Org.). *Sexos: a trama da vida*. 1 ed. São Paulo: Duetto, 2008, v. 1, p. 50-55.

_____. **Adivinha: leitura e escritura do desejo**. In: Eduardo Cali. (Org.). *Trilhas da Escrita: autoria, leitura e ensino*. 1 ed. São Paulo-SP: Cortez Editora, 2007, v. , p. 135-158.

_____. **As novas tecnologias: o cybervaluno.** In: Costa Pinto, Manuel. (Org.). "Memórias da Pedagogia: Perspectivas para o novo milênio". 01 ed. Rio de Janeiro: Rulume-Dumar : Ediouro; São Paulo: Segmento-Dueto, 2006, v. 06, p. 85-97.

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DUBY, Georges; FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. **História das mulheres no ocidente, v. III.** Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 408-455.

BERTIN, Célia. **A mulher em Viena nos tempos de Freud.** Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1990. 334 p.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval:** e a invenção do amor romântico ocidental. Tradução Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 280 p.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções.** Tradução Carlos Nejar. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001. 197 p.

_____. **O livro de areia.** Tradução Lúcia Morrone Averbuck. 2. ed. São Paulo: Globo, 2001. 119 p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. 582 p.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias.* 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 192 p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas:** O que falar quer dizer. Tradução Sergio Miceli et al. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. 188 p.

_____. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação.** Tradução Mariza Corrêa. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 224 p.

_____. **As regras da arte.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 431 p.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. 712 p.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos, v. 1. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000. 334 p. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série, vol. 177/178).

_____. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos, v. 2. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000. 383 p. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série, vol. 177/178).

CARROLL, Lewis. **Alice in wonderland.** London: London Pan Books Ltd., 1952. 288 p.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988. 245 p. (Coleção Memória e Sociedade).

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priori. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1999. 111 p. (Coleção Tempos).

_____. (org.) **Práticas da leitura.** Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 266 p.

_____. BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 266 p.

CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo (org.) **História da leitura no mundo ocidental, v. 2**. Tradução Cláudia Cavalcanti et al. São Paulo: Ática, 2002. 248 p. (Coleção Múltiplas Escritas).

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Tradução Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002. 320 p.

CLÉMENT, Catherine. **A ópera ou a derrota das mulheres**. Tradução Rachel Gutiérrez. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 258 p.

CORÇÃO, Gustavo. **Lições de abismo**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1968. 357 p.

CORREIA, Maria Celeste Arantes. **Preferências de leitura de meninos e meninas implicam a mulher, professora, leitora?** 2004. Tese de Mestrado em Educação – FE, Universidade de São Paulo, 2004.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Tradução Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 347 p.

DARNTON, Robert. Leitura, escrita e atividade editorial. In: _____. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no antigo regime. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 168-237.

_____. **O grande massacre dos gatos**, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução Sonia Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 363 p.

_____. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: _____. **O grande massacre de gatos**, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução Sonia Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 277-336.

_____. Sexo dá o que pensar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 jul. 1995. Caderno Mais, p. 4-7.

_____. **O beijo de Lamourette**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 330 p.

DE GIORGIO, Michela. O modelo católico. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges; FRAISSE, Genevieve. **História das mulheres no Ocidente, v. 4**. Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 198-237.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 78-114.

DEL PRIORE, Mary; WALKERDINE, Valerie. Raciocínio em tempos pós-modernos. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul/dez 1995, p 207-226.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle; SCHIMITT-PANTEL, Pauline. **História das mulheres no Ocidente, v. 1**. Lisboa: Afrontamento, 1993.

_____; ZUBER, Christiane Klapisch. **História das mulheres no Ocidente, v. 2**. Lisboa: Afrontamento, 1993.

_____; FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. **História das mulheres no Ocidente, v. 3**. Lisboa: Afrontamento, 1994.

_____.; PERROT, Michelle; FRAISSE, Genevieve. **História das mulheres no Ocidente, v. 4.** Lisboa: Afrontamento, 1994.

_____.; PERROT, Michelle; THEBAUD, Françoise. **História das mulheres no Ocidente, v. 5.** Lisboa: Afrontamento, 1995.

_____. O modelo cortês. In: DUBY, Georges; FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. **História das mulheres no Ocidente, v. II.** Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 330-351.

DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DUBY, Georges; FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. **História das mulheres no Ocidente, v. III.** Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 467-496.

ECO, Umberto. **Lector in fabula.** Tradução Attilio Cancian. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 220 p. (Coleção Estudos).

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 158 p.

_____. **Apocalípticos e integrados.** Tradução Pérola de Carvalho. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção Debates).

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: romances para o povo, pornografia e mercado editorial no Rio de Janeiro de 1870 a 1924.** 2002. Dissertação (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, v. 1:** uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 277 p.

_____. **O processo civilizador, v. 2:** formação do Estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 307 p.

_____. **A sociedade de corte.** Tradução Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 312 p.

ELIOT, George. Silly novels by lady novelists. In: **Selected critical writings.** New York: Oxford University Press Inc., 2000, p. 296-321.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil,** São Paulo: Contexto, 1997, p. 322-361.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura.** Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 201-228.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** Tradução Sérgio Duarte. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 218 p.

FLYNN, Elizabeth A.; SHWEICKART, Patrocínio P. **Gender and reading:** essays on readers, texts, and contexts. 3. ed. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, v 1:** a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. 152 p.

_____. **História da sexualidade, v. 3:** o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. 246 p.

_____. **A microfísica do poder.** Tradução Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002. 295 p.

_____. **História da loucura:** na Idade clássica. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 551 p. (Coleção Estudos).

_____. **O que é um autor?** Tradução Antonio Fernando Cascais. 6. ed. Lisboa: Vega Passagens, 2006. 161 p.

_____. **Os anormais.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 479 p.

_____. **A ordem do discurso.** Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 79 p. (Coleção Leituras Filosóficas).

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis:** uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. 176 p.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente, Vol. VIII (1905).** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 247 p.

_____. **O mal-estar na civilização.** In: Os Pensadores - FREUD, Sigmund. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 129-194. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Carta de Freud a Einstein:** por que a guerra? In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XXII. Tradução José Luís Meurer. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.

_____. **O estranho.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XVII. Tradução Eudoro Augusto Macieira de Souza. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Sexualidade feminina.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XXI. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Sobre o narcisismo:** uma introdução. In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XIV. Tradução Themira de Oliveira Brito et al. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **A disposição à neurose obsessiva.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XII. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Projeto para uma psicologia científica.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. I. Tradução José Luís Meurer. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Conferência XXXIII: Feminilidade.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XXII. Tradução José Luís Meurer. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I).** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XI. Tradução Durval Marcondes et al. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II).** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. XI. Tradução Durval Marcondes et al. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. IX. Tradução Maria Aparecida Moraes Rego. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: SALOMÃO, Jayme; SALOMÃO, Eduardo. Vol. VII. Tradução Vera Ribeiro. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos.** 1º. tomo. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968. 351 p.

_____. **Sobrados e mucambos.** 2º. Tomo. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968, p. 352-758.

GARCIA, Rafael. **O retorno de Lamarck.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 nov. 2007, Caderno Mais, p. 8-9.

GAY, Peter. **Freud – Uma Vida para o nosso Tempo.** Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719 p.

GOIS, Antônio. **Matemática já não é mais especialidade só de menino.** Folha de São Paulo, São Paulo, 04 jan. 2009. Caderno Cotidiano, p. C1.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão:** leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Tradução Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000. 174 p. (Coleção Clássicos & Comentadores).

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis:** o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial; Edusp, 2004. 510 p.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura.** Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 266 p.

HIGONNET, Anne. **Mulheres e imagens: aparências, lazer, subsistência.** In: G. DUBY; M. PERROT; G. FRAISSE. *História das mulheres no Ocidente*, v. 4. Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 297-323.

HOOK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; FRAISSE, Genevieve. **História das mulheres no Ocidente**, v. IV. Lisboa: Afrontamento, 1993, p. 170-197.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura:** uma teoria do efeito estético, vol. 2. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999. 200 p. (Coleção Teoria).

JOBIM, José Luís. (org.). **A Biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001. 393 p.

KRISTEVA, Julia. Monstruosa Colette. In: MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **Crueldade no Feminino.** Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, p. 21-36.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião**, precedido de Discurso aos católicos. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 85 p.

_____. **Escritos.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 937 p. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 4:** a relação de objeto. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. 456 p. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 7:** a ética da psicanálise. Tradução Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 396 p. (Coleção Campo Freudiano do Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 10:** a angústia. Tradução Denise Coutinho et al. 3. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2002. 380 p.

_____. **O Seminário, Livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 201 p. (Coleção Campo Freudiano do Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 16:** De um outro ao outro. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 412 p. (Coleção Campo Freudiano do Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 20:** mais, ainda. Tradução M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 396 p. (Coleção Campo Freudiano do Brasil).

_____. **O Seminário, Livro 22:** RSI (1974-75). Inédito.

_____. **Os complexos familiares.** Tradução Marco Antonio Coutinho Jorge; Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 92 p. (Coleção Campo Freudiano do Brasil).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 374 p. (Série Temas, vol. 58).

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas III:** a sublimação. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 212 p. (Coleção Estante de Psicanálise).

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

L'HERMITE-LECLERCQ, Paulette. "A ordem feudal" In: DUBY, Georges; FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. **História das mulheres no ocidente, v. II.** Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 272-329.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 213 p.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 100 p.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários.* In: R. CHARTIER; G. CAVALLO (org.) *História da leitura no mundo ocidental, v. 2.* Tradução Cláudia Cavalcanti et al. São Paulo: Ática, 2002, p. 165-201.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 405 p.

MARINI, Marcelle. O lugar das mulheres na produção cultural: o exemplo da França. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; THEBAUD, Françoise. **História das mulheres no ocidente, v. V.** Lisboa: Afrontamento, 1994, p. 350-379.

MARTINS JÚNIOR, Carlos. **Mulheres "honestas" e mulheres "impuras":** uma questão de Direito. In: XXIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/CARLOS%20MARTINS%20JUNIOR.pdf. Acessado em 31.01.08.

MEYER, Marlyse. **Folhetim:** uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 478 p.

MICHELET, Jules. **A mulher**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 337 p. (Coleção Clássicos).

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. **Crueldade no feminino**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. 249 p.

MILNER, Jean-Claude. **A obra clara**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 140 p. (Coleção Transmissão da Psicanálise).

MOLIÈRE. *As Eruditas*. Tradução Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2003. 150 p.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 1280 p.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 482-509.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. 276 p.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta. In: _____. Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 167-193.

PAZ, Octavio. **Sóror Juana Inês de la Cruz**: as armadilhas da fé. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Mandarin, 1998. 709 p.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. 160 p. (Coleção Prismas).

_____. As filhas de Karl Marx: cartas inéditas. In: **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 55-87.

PORTO, Maria do Rosário Silveira et al. *Perfil dos candidatos ao curso de pós-graduação da Feusp 1999/2000. Um estudo exploratório*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 322 p.

QUEIROZ, Rachel de. **Três Romances**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957. 356 p.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Publifolha-Ediouro, 1997. 223 p.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Tradução David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003. 945 p. (Coleção Grandes Obras da Cultura Universal, vol. 14).

RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 269 p.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 568 p.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 564 p.

ROUGEMONT, Denis de. **História de amor no ocidente**. Tradução Paulo Brandi; Ethel Brandi Cachapuz. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003. 543 p. (Coleção Clássicos de Ouro Ilustrados).

SANTOS, Tânia Coelho dos. **Quem precisa de análise hoje?** O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 336 p.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias**: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. 1999. 270 f. Tese de Doutorado em História – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SCOLESE, Eduardo. **Apenas 9% das presas têm visita íntima**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 maio 2008. Caderno Cotidiano.

STIERLE, Karlheinz. *Que significa a recepção dos textos ficcionais?* In: H.R. JAUSS et al. *A literatura e o leitor*. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 401-442.

TOLSTOI, Leon. **Ana Karenina**. Tradução Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 534 p.

WOOLF, Virginia. **To the lighthouse**. London: Penguin Books, 1996. 306 p.

_____. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 139 p.